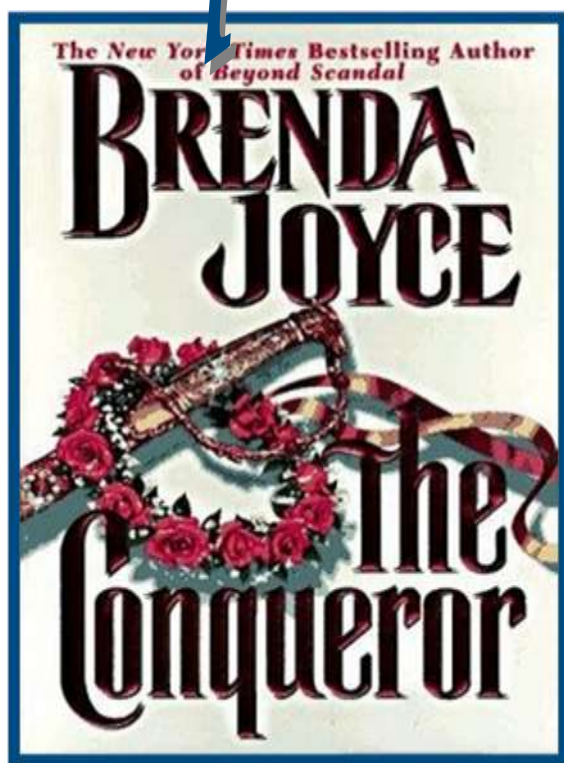


GRH

Brenda Joyce

O Conquistador



Dinastia Warrenne 1

Tradução e Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Sandra Martino

Revisão Final: Ana Paula G.

Formatação: Sandra Martino





Comentário da Revisora Sandra Martino

Este livro é simplesmente sensacional, e tive muito prazer em revisá-lo. A história é empolgante e prende desde o começo. Os personagens são intensos, o enredo é forte.

Mas o que mais emociona é o amor do guerreiro pela bela moça, sua luta por não sucumbir.

Ela se apaixona pelo inimigo e não pode controlar seus sentimentos.

Sinceramente chorei em muitas partes e principalmente no final.

As cenas de sedução são empolgantes e assustadoras, mas o amor que há é que faz com que sejam tão intensas.

Espero que vocês gostem tanto quanto eu.

Comentário da Revisora Ana Paula G.

Estou colocando a revisão final, por colocar... Porque praticamente li este livro. Obrigada, Sandra pela excelente revisão inicial. Dizer que precisou de final seria mentira.

A história deste livro é polêmica... Eu particularmente adorei, mas sei que vão ter meninas que vão achar chocante.

Muito intenso!! Não tem como descrever... Leiam!!

Ou vão amar ou odiar... Mas ninguém vai ficar indiferente!

***O COQUISTADOR CHEGOU PARA DOMINAR E
POSSUIR...***

Como um deus pagão, Rolfe o Implacável cavalgou dentro do castelo Aelfgar para reclamá-lo como seu prêmio e Lady Alice como sua prometida.

***UM HOMEM ENTRE A LEALDADE AO SEU REI E A
LOUCURA DO AMOR...***

Premiado por sua coragem na França, Rolfe era um odiado inimigo na Inglaterra. Uma vez estabelecido em seu novo domínio, Rolfe se determinou a domar a beleza saxã Ceidre, a irmã ilegítima de Alice, cujo espírito e sensualidade o fizeram arriscar-se à traição para tê-la – e não Lady Alice – em sua cama...

***UMA MULHER ENTRE A LEALDADE FAMILIAR E A
LOUCURA DO AMOR...***

Misteriosa e sedutora, Ceidre não era uma dama da nobreza a não ser uma espiã que apóia fielmente a rebelião de seus dois meios irmãos. Recusando-se a dobrar-se ante o novo Conquistador que despertou nela uma paixão proibida, Ceidre se verá envolta em uma relação perigosa atada ao destino da Inglaterra e de seus reis. E ela terá que lutar para não render-se ao Conquistador e para não trair a sua família.



Capítulo 1

York, junho de 1069

— Meu lorde?

— Acorda a todos os aldeões.

Rolfe de Warenne observou inexpressivamente como seu vassalo Guy O Chante manobrava girando seu enorme cavalo, chamando os cavaleiros. Ele ficou sentado imóvel em seu garanhão cinza no meio do caminho. Tirou o elmo; que colocou na curva de seu braço esquerdo. Seu cabelo, claro e ondulado, estava escuro e úmido pelo suor. Sua cota de malha se pegava à extensa estrutura de seu corpo, e sua mão direita descansava relaxadamente no punho de sua espada.

Ele observou seus homens despertando o restante dos aldeões. Só teve que girar sua cabeça ligeiramente à esquerda para ver a dúzia de rebeldes saxões mortos, seus corpos já emanavam esse peculiar fedor de morte com o quente sol de Junho. Seu sangue ainda corria pela batalha recente, seus músculos ainda estavam quentes pela luta. Outro ninho de rebeldes saxões, e, entretanto o rei não estaria satisfeito.

Longe disso.

A guerra nestes climas selvagens do norte parecia ser interminável. Tinham passado quinze dias desde que o punho de ferro do William descendeu o suficientemente forte para sacudir a mesa enquanto estava sentado com seus vassalos em York.

Eles acabavam de derrotar aos invasores de dinamarqueses, e tinham retomado York, e tinham feito que os saxões fugissem às terras galesas. Essa foi a segunda insurreição em muitos anos, e o rei William tinha estado furioso, especialmente porque os lordes saxões Edwin e Morcar tinham escapado. Novamente.

— Nada de clemência, ele rugiu.



— Queimaremos todos os cultivos até que esses bárbaros aprendam quem é o santo rei eleito!

As ordens permaneceram firmes.

Rolfe viu seus homens tocando a uma dúzia de aldeãos, homens e mulheres, longe da aldeia. Como a maioria, estes povoados consistiam em uma dezena de pequenas cabanas de teto de palha, um moinho de água, alguns pastos para as ovelhas, um campo semeado, e terrenos onde cultivavam verdura. Um grito de afronta o fez girar a cabeça.

— Não!

Uma moça sujeitou o braço de Guy enquanto ele levantava sua espada para partir a cabeça de um porco. Ela gritou outra vez; Guy decapitou ao animal facilmente. O sangue salpicou o cavalo, seu vestido e ao Guy.

Rolfe observou com um pouco de interesse. Ele não estava seguro se seu interesse era devido a sua ousadia e idiotice de opor—se a Guy, ou a seu cabelo, a juba mais magnífica e assombrosa que ele jamais tivesse visto. A cor bronze de seu cabelo brilhou com a luz do sol como faíscas de ouro. A trança era tão grossa como a cauda de seu enorme cavalo.

Ela permaneceu em estado de choque, abraçando a si mesma. Guy veio trotando pelo caminho. Por um momento Rolfe não tirou seus olhos dela, sentiu a tensão em seu membro e tomou outra decisão. Guy freou seu cavalo enquanto a moça era levada para o grupo de pálidos aldeãos por uns camponeses. Ele se perguntou como se veria ela de perto, logo descartou a pergunta como desnecessária. Não importava; ela serviria.

— Meu lorde? Guy perguntou.

Dois bois e uma dúzia de ovelhas tinham sido sacrificados, o suficiente para alimentar a seus homens por umas semanas. Ele esperou um momento, até que um dos cavaleiros arrastou ao porco sacrificado a um lado, logo perfurou Guy com seus frios olhos azuis.

— Queima tudo.

— Os cultivos?

A mandíbula de Rolfe se apertou. Sem seu gado e sem seus cultivos, os camponeses sofreriam fome esse inverno. Mas não dariam mais refúgio aos rebeldes.

— Tudo.

Guy deu a volta com um grito. Não era um grito de guerra, mas uma ordem seca de aniquilação. Seus homens não eram saqueadores, não como muitos mercenários que vinham à Inglaterra. Seus homens estavam altamente treinados, constituíam uma força de elite, as tropas pessoais do rei. Eles tinham sido endurecidos por anos de guerra para

estabelecer William no ducado da Normandia, tinham resistido à invasão na França e Anjou, e tinham conquistado e conservado Maine. A batalha de Hastings tinha sido um jogo de meninos em comparação; e três anos mais tarde os saxões provaram que eles não eram uma ameaça no campo de batalha. Só nas colinas, os vales e os bosques de terras das fronteiras, Rolfe pensou, eles realmente eram guerreiros muito peritos.

Ele não teve que olhar para perceber a agitação que vinha dos camponeses, pois seus sentidos eram agudos. Mas olhar foi o que ele fez. Viu uma mulher velha e um homem sujeitando à moça de cabelo cor de mel acobreado, que estava lutando para livrar—se. Ele a observou. Ela se deslizou do aperto deles e, com suas saias levantadas, permitiu—lhe ver seus pés nus e sujos e suas panturrilhas esbeltas e bem formadas, apressou—se indo para ele.

Luxúria, espessa e quente, encheu seu membro, apertando—o, fazendo—o pesar. Ele a observou aproximando—se.

— Meu lorde, por favor, ela rogou, suas mãos apertadas contra seu peito. — Por favor, detenha—os, não é muito tarde!

Por um instante, Rolfe não pôde responder. Ela estava suja, seu rosto manchado de barro, assim como sua túnica e suas mãos. Mas ele mal viu sua sujeira, estava olhando seu rosto perfeitamente ovalado, suas bochechas altas e aristocráticas, seu nariz ligeiramente curvado, e seus grandes olhos violetas.

E essa boca. Muito cheia, sua única imperfeição, uma boca que favorecia o prazer de um homem. Certamente é a amante de algum lorde saxão, ele pensou, e sabendo o que estava por vir, a linha dura de seus lábios se afrouxou. Seus amigos sabiam que ele estava satisfeito.

Ele ignorou seu pedido, é obvio, e girou sua cabeça ligeiramente para observar uma cabana pegando fogo. Foi instantâneo, devido ao teto de palha, seguida por outra. Não sentiu satisfação. Não havia nenhuma satisfação que sentir. Ele era um homem do rei, era um vassalo juramentado, e estava cumprindo com seu dever. Como o cavaleiro mais reconhecido por William, ele sabia da racionalidade de executar essa política. Queimar a vilas saxãs eventualmente ia terminar com a rebelião.

Ela se agarrou a seu pé.

Embaraçado, Rolfe se moveu, enquanto seu cavalo saltava furiosamente e então começou a dar coices. Ela saltou para trás enquanto Rolfe lutava por controlar o garanhão enlouquecido, que era um animal mal—humorado e que provavelmente poderia esmagar a um homem. Quando teve seu cavalo sob controle a perfurou com um olhar que combinava raiva e incredulidade.

— Por favor, não queime os cultivos, ela chorou. Lágrimas rodavam por suas

bochechas sujas. — Por favor, meu lorde, por favor.

Ela passaria fome junto com a gente de sua aldeia, ele pensou, e um músculo se esticou em sua mandíbula. Ele olhou novamente e observou como os campos ardiam. Ouviu seu gemido com um soluço sufocado, logo soube que ela estava indo. Sentiu—se compelido a olhá—la, correndo, tropeçando, passando ao lado dos aldeãos e entrando no bosque.

Observou seus quadris. O peso de seu membro crescia. A fumaça se elevava em cima da aldeia; as mulheres velhas estavam soluçando. Seus cavaleiros terminaram o trabalho, e Rolfe viu dois deles dando a volta e indo em perseguição atrás da moça, sem dúvida com a mesma intenção de deitar—se com ela que ele tinha. Imediatamente a adrenalina invadiu cada fibra de seu ser e ele se inclinou sobre o pescoço de seu garanhão, esporeando—o.

Guy e Beltain iam adiante dele, perseguindo—a num ritmo cômodo, e ouviu Beltain rir. Rolfe sorriu, debaixo dele, seu enorme cavalo começava a galopar. Os dois homens o ouviram e o olharam surpreendidos dando a volta, diante deles Rolfe viu a moça desaparecer. Ela sabia que estava sendo perseguida e seus pés pareciam ter asas. Rolfe alcançou seus homens e ficou entre eles. Estava vagamente consciente que eles tinham suspenso a perseguição, como Rolfe sabia que eles fariam. A moça olhou novamente.

Cada músculo do corpo de Rolfe se endureceu com tensão e expectativa. Ele estava ereto e preparado debaixo de sua túnica. Quase podia sentir o suave corpo da mulher debaixo do dele, o calor pegajoso de sua vagina ao redor de seu pênis.

Ela gritou quando caiu, olhou para trás, e o viu. Em um segundo estava de pé e correndo novamente. Ele ia atrás dela. Ao lado dela. Facilmente Rolfe a tomou em seus braços e elevou colocando—a sobre suas coxas. Ela gritou novamente, agarrando—se, mas sem lutar, enquanto seu enorme cavalo acelerava a um galope, ela soube que uma queda dali seria sua última queda. Ele a colocou sobre seu colo, de barriga para baixo, e sentiu seus seios suaves contra sua coxa, suas costelas contra seu membro duro. Deteve o garanhão imediatamente.

Ela estava se retorcendo grosseiramente, e seu cotovelo quase golpeava seu membro enquanto ela tentava endireitar—se escapar, mas Rolfe era muito mais rápido e muito mais forte. Deslizou fora do cavalo com ela em seus braços, ajoelhou—se no chão, e a colocou de costas.

Por um momento, seus olhos se encontraram. Os dela assustados e furiosos, os seus quentes e brilhantes.

Tinha que possuí—la, e agora. Ele agarrou sua trança pela nuca, e enquanto se inclinava sobre ela para tomar seus lábios suas mãos estavam baixando sua camisa e sua túnica até a cintura. Ela se debatia, mas uma mão dele foi suficiente para contê—la.



Com seus joelhos ele separou suas coxas esbeltas.

— Meus irmãos, ela disse, ofegando. — Meus irmãos querem...

Sua boca foi fechada com a dele, sua língua cavou profundamente no espaço que ela ofereceu quando abriu a boca para falar. Ele passou sua mão por seus seios cheios e luxuriosos. Sua mão não se deteve. Separou sua boca e passou a apertar o montículo feminino entre suas pernas; ela se arqueou com pânico sob seu contato.

— Eles o matarão, ela gritou, seu corpo levantando do chão para tentar escapar de seu contato. Mas ele ainda tinha a nuca e a cabeça dela firmemente agarradas; ela não iria a nenhuma parte. Não até que ele permitisse.

Ela jazia aberta diante dele, e a imagem da carne feminina rosada o empurrou a borda da loucura. Solto seus pulsos, violentamente rasgou o decote da camisa, expondo seus seios e um saquinho que ela carregava pendurado em uma corrente fina. A imagem momentaneamente o congelou. Com um guincho, suas unhas voaram para seu rosto, mas os reflexos de Rolfe eram agudos pelos anos de batalhas, e ele agarrou suas mãos novamente, apertando cruelmente, fazendo—a gritar. Seu membro já estava rígido e grosso, empurrando a calça, pronto para explodir.

Rolfe transferiu suas duas mãos para uma dele, acomodando—as com facilidade em cima de sua cabeça, embora ela ainda resistisse. E então ele tomou um mamilo com sua boca.

Ela começou a se retorcer novamente. Ele descendeu sobre ela, seus braços rodeando—a como grilhões de aço. Rolfe sentiu seu calor feminino contra a dureza de seu membro. Ele se apertou contra ela, grunhindo com prazer. Ela soluçava misturando o pranto com sua respiração tensa. Mas isso não foi o que o deteve. Foi o som de cavalos galopando. Um momento mais e ele estaria enterrado muito profundamente dentro dela. Mas em um segundo ficou de pé, com sua espada na mão preparado para a batalha.

— Rolfe, meu lorde, para!

Guy freou seu cavalo, e Rolfe, parado ali com a espada levantada, esteve a ponto de matar a seu melhor vassalo. Guy sabia disso, pois gritou:

— Ela é a irmã de Mercia! Deus Santo, ela é a irmã de Mercia!

— O que?

— Ela é a irmã, Rolfe, a irmã de Edwin. A irmã de Edwin e Morcar.

Rolfe se voltou, perplexo, olhando à moça que jazia enrolada no chão, a moça que ele tinha estado a ponto de violar. Sua prometida.



Capítulo 2

Ceidre se agachou ofegando e sacudindo a sujeira.

Ela ainda podia ouvir o estrondo dos cascos do enorme cavalo em que o cavaleiro Normando havia a trazido. Ainda podia sentir a respiração quente do cavalo, e seu próprio terror. Ela tinha estado a centímetros de ser pega e morta, ela tinha visto esses normandos atacarem aos desgraçados camponeses antes. Esse cavaleiro, como os outros, provavelmente teriam feito o mesmo a ela só por um sentido pervertido da diversão. Santo Deus!

Ainda podia sentir seus braços ao redor de seu corpo, braços de aço, sujeitando—a contra a terra úmida. E suas mãos em seu sexo, sua boca sobre seu peito, sujando—a. E o calor de seu membro... Mãe de Deus!

Ela entendia o idioma normando bastante bem, mas tinha estado muito agitada para compreender a conversação que agora rapidamente estava ocorrendo. Mas não pôde deixar de notar os nomes de seus irmãos, não pôde deixar de escutar a palavra "Mercia." Ela lutou para aquietar seu tremor, querendo escutar, com seu rosto ainda pego ao chão.

— Por Deus! Rolfe disse, e ela soube que ele a estava olhando. — Ela não pode ser.

Ela podia sentir o calor de seu olhar fixo, sentir seu choque pela notícia que tinha sido dada no silêncio agora sustentado entre ele e seu homem. Virgem Maria como o odiava!

— Ouvi isso dos aldeãos, seu homem disse. — É bem conhecida. E Aelfgar não fica longe daqui.

Ceidre se esticou para ouvir o nome de sua casa. Eles deviam saber quem era ela. Lentamente se sentou, apertando as partes de seu vestido esmigalhado. Ela tratou de arrumá—lo enquanto mantinha um olhar fixo de ódio intenso.

Seu olhar, frio e incrivelmente azul, sustentou o seu. O olhar se obscureceu e lutou

com o seu. Um músculo em sua mandíbula se esticou, e ela pôde sentir sua raiva agora e sabia que essa raiva estava dirigida a ela. Por quê? Por sua insolência de odiá-lo? Porque lhe tinha sido negada a violação de seu corpo? Ou porque ele sabia quem era ela?

Ele se moveu. Vindo para ela rapidamente. Ceidre começou a encolher seu corpo, logo se conteve e se manteve firme, levantando seu queixo em desafio. Podia sentir os batimentos pesados e anormais de seu coração, o terror crescente. Ele podia violá-la e logo golpeá-la antes de matá-la, mas ela não demonstraria medo a esse homem. Mas ele tinha visto sua reação inicial, e isso não o agradava. Sua raiva era uma coisa visível, obscurecendo novamente seus olhos e seu rosto.

E então sua expressão trocou. Ele abruptamente se deteve, olhando—a fixamente.

Ceidre tinha visto muitas pessoas observá-la do mesmo modo, quando notavam pela primeira vez seu olho. Surpresa, normalmente, era a reação inicial, logo confusão, e mais tarde horror. Detrás dele, ela viu Guy retroceder.

— Ouvi—o, mas não acreditei, ele nervosamente sussurrou, incapaz de apartar seu olhar de Ceidre. — É o olho do mal.

Ceidre odiava a defeito físico que a tinha espreitado toda sua vida: seu olho direito às vezes se movia por própria vontade. Não era uma ocorrência freqüente; normalmente só acontecia quando ela estava extremamente cansada, e só era notável a muito curta distância. As pessoas pensavam que ela podia olhar em duas direções oposta ao mesmo tempo, o que não era verdade. Quão estranhos notavam esse defeito se benziavam para seu próprio amparo quando viam o "olho do mal" e se mantinham bem longe dela.

Tinha sido desse modo toda sua vida, desde que era uma menina. Os aldeãos em Aelfgar, sua própria gente, muitos de sua própria família do lado de sua mãe, acostumaram—se a isso, e sabiam que não tinha que ver com a maldade. Mas o fato que ela pudesse curar aos doentes como sua avó fazia só confirmava a convicção de que ela era uma bruxa. Então até sua própria família tomava certa distância dela por temor.

Só seus irmãos, muito acostumados a esse dom, pareciam completamente indiferentes, e Ceidre tinha sido ensinada a rezar para agradecer esse dom. Mas a idéia de bruxaria sempre a rondava. Morcar uma vez lhe tinha pedido que fizesse um feitiço para seduzir a uma moça que não notava sua presença! Agora Ceidre se avermelhou, odiando esse defeito físico que tinha tido toda sua vida, mas odiava ver—se exposta ante esse homem.

Seu frio olhar azul percorreu suas partes uma por uma, voltando finalmente para seu olho. Então ele falou.

— Ela não é uma bruxa. Ela é de carne e osso. Suficiente.

— Meu lorde, Guy protestou nervosamente. — Tome cuidado.

Ele estava de pé ao lado dela, sua espada embainhada, suas mãos fechadas em punhos sobre seus quadris estreitos.

— É lady Alice?

Ela piscou com surpresa. E então entendeu sua idéia errada; ele a estava confundindo com sua meia irmã. Ceidre não era idiota. Alice não era uma bastarda como ela. Alice tinha nascido em um matrimônio de nobres, e por isso era mais importante que Ceidre. Dependendo é obvio, das condições com que este porco normando decidisse estabelecer a guerra. No momento ela aceitaria o engano dele para salvar—se de uma violação segura, ou algo pior. Então Ceidre disse:

— Sim.

Sua resposta pareceu agradá-lo, porque de repente ele sorriu. Ceidre momentaneamente se sentiu perplexa. Não por sua resposta, mas sim pelo fato de que ele realmente podia sorrir. Ela recordou sua expressão quando tinha vindo perseguindo—a em seu enorme cavalo, como um deus pagão dourado. Sua expressão quando ele tinha permanecido sentado em seu cavalo tão impassivelmente enquanto lhe rogava que não queimasse os cultivos. Agora ela notou que ele era devastadoramente bonito com seus pequenos cachos dourados, seus olhos azuis, dente brancos, e sensuais traços cruelmente cinzelados. Ela olhou fixamente seu rosto orgulhosamente esculpido, incapaz de desviar a vista.

— O que pensa Guy? Ele estava sorrindo, sem separar seu olhar dela enquanto fazia a pergunta a seu cavaleiro. Por um momento seu olhar se manteve.

Guy não respondeu. Seu estupor era resposta suficiente.

Ceidre não gostou do modo possessivo em que os olhos do normando estavam acariciando seu corpo, e sua raiva retornou com toda sua força. Raiva e outra coisa, intranqüilidade. Ela começou a levantar—se, e ele já estava ali. Seu contato a enfureceu, e se afastou dele; não necessitava de sua ajuda, nunca a necessitaria.

Mas, por que ele não tinha medo dela agora que sabia a verdade? Pelo contrário, ele estava zangado com sua resposta, mas ele obviamente era um homem de disciplina, pois se manteve cuidadosamente sob controle. Contudo, já estava com um sorriso bonito.

— Minha lady, ele disse rigidamente. — O que está fazendo longe de Aelfgar? Vestida dessa maneira, não é seguro nestes tempos.

Ele estava mostrando preocupação por sua segurança? Era o cúmulo!

— O que faz você aqui? Sou sua prisioneira? Ela exigiu com o queixo em alto e os

olhos relampejando. Por dentro ainda estava tremendo.

Sua própria mandíbula se elevou. Sua boca estava firmemente apertada. Uns segundos passaram antes que ele, Ceidre pensou, confiasse o suficiente em si mesmo para falar com calma.

— Não é minha prisioneira, minha lady. Eu te escoltarei.

— Talvez devêssemos deixá—la ir, Guy disse em voz baixa. — Para que não nos faça uma bruxaria.

O olhar de Rolfe foi como uma lança.

— Talvez ela precise casar—se e ser convertida em uma esposa para que aprenda qual é o verdadeiro lugar de uma mulher.

Momentaneamente distraídos, seus olhos se perderam em alguma fantasia vívida, logo se estreitaram.

— Guy ela está aqui, os rebeldes estavam aqui. Quem melhor que ela para passar uma mensagem? Olhe suas roupas! Acredita que se vestiu assim para curar um porco?

— E dai se for uma espiã? — ela replicou impulsivamente.

— Penso que ela veio disfarçada como uma camponesa para passar uma mensagem a seus irmãos traiçoeiros! Penso que ela é muito ardilosa ao pensar em me enganar admitindo—o tão abertamente.

— Jesus! Guy ofegou enquanto giravam para olhá—la.

Ceidre apressadamente desviou o olhar, fingindo que não entendia. Mas tinha entendido. OH, por que não tinha mantido a boca fechada! Nesses tempos de guerra, como podia haver—se declarado um espião em um momento de raiva? Agora o que fariam eles? Ela já era um refém valioso, e isso a manteria viva enquanto que eles acreditassem que era Alice. Mas se eles pensassem que ela era uma espiã... E o que significava essa referência ao matrimônio e convertê—la em uma verdadeira mulher? Sentiu—se assaltada por um pressentimento.

— Nenhuma esposa minha será uma espiã contra os interesses de meu rei, Rolfe declarou grosseiramente. E lançou a Ceidre um olhar ardente.

Perplexa, Ceidre olhou fixamente em resposta. Não, não podia ser. Ele não podia querer dizer que...

— Não te entendo.

O rosto de Rolfe se obscureceu pela falta de respeito no modo em que ela se dirigia a ele.



— Logo terá que me chamar meu lorde, ele disse. — Você goste ou não.

— Não! Ceidre gritou.

— Oh, sim, Rolfe disse. — Nós temos que nos casar minha lady. Você será minha esposa. E com isso ele sorriu. — Agora vamos voltar para Aelfgar para nos assegurarmos que nenhum dano ocorra a sua pessoa.

— Não necessito escolta, Ceidre conseguiu responder. — Não fica longe, são só seis quilômetros.

— Alguma vez aprendeu a respeitar seus homens?

— Meus homens, sim.

Ele a olhou fixamente.

— Eu a escoltarei a Aelfgar. Mas vamos acampar aqui por esta noite.

— Está—me mantendo prisioneira! Ceidre lhe gritou.

— É minha convidada, ele disse, muito firmemente. — E Guy se ocupará de seu bem—estar. Rolfe deu ao Guy um olhar duro.

— Mas você ainda não respondeu minha pergunta.

Ela era uma prisioneira e sabia, uma prisioneira de seu inimigo mais odiado, talvez até um desses que tinham capturado, ferido ou matado seus irmãos!

— OH! Espiar, ela disse muito docemente. — O que outra coisa estaria fazendo neste campo tão longínquo?

— Não ponha a prova a caridade e piedade de meu espírito, ele disse entre dentes.

— Sou boa com as ervas. Ela o olhou ferozmente, recordando o porco. — Vim para curar o porco.

Ele a olhou fixamente.

— Para curar um porco?

Seu queixo se elevou. Ele era tolo ou surdo? Ambos, é obvio, ele era um porco normando.

— Sim, ela disse com os dentes apertados.

— Depois de tudo sou uma bruxa ou já te esqueceste disso?

Seus lábios poderiam ter se curvado em um breve sorriso.

— Não terá feito um feitiço ao porco? Ele perguntou.

Ceidre apertou os dentes, agora ele se estava rindo dela.



— Esse porco era um animal de boa raça e estava sofrendo de congestão.

Mas claro, isso não já não importava, o animal estava morto.

— Você viajou seis quilômetros para curar um porco?

— Seis e meio para ser exata.

Rolfe se voltou para o Guy.

— É incrível! Pode acreditar nisso? Ele automaticamente falou em francês e logo em inglês.



Capítulo 3

Lady Alice e Aelfgar eram a solidificação de todas suas ambições depois de doze anos servindo ao rei William, e de havê-lo servido bem.

Há menos de duas semanas atrás, William tinha estado caminhando furiosamente em sua tenda quando Rolfe tinha chegado. Como Rolfe, ele ainda estava suado pela batalha recente que tinha liberado York dos saxões e tinha enviado aos dinamarqueses de volta à costa e a seus navios. Seu rosto barbudo tinha uma feroz máscara de frustração, e Rolfe sabia exatamente por que.

— Que notícias há? William exigiu.

— Os saxões foram derrotados, sua majestade.

Seus olhos se encontraram, os do William obscurecidos pelo que não estava sendo dito.

— E esses malditos traidores?

— Não há nenhum sinal de Edwin ou de Morcar, Rolfe informou.

O bispo Odo, irmão de William, e um de seus mais poderosos nobres, Roger de Montgomery, era os únicos outros presentes. Eles estavam sentados relaxados, embora alertas, bebendo algo.

— Espero sua majestade, Odo disse brandamente, que não haverá clemência dessa vez?

Rolfe e Roger se estremeceram ante a referência direta de Odo com respeito ao passado. Edwin e Morcar não se levantaram contra William na batalha de Hastings (felizmente para William, Rolfe reconhecia), porque eles tinham ficado debilitados por um ataque do rei da Noruega ocorrido anos antes. Ambos tinham jurado lealdade a William em sua coroação, e tinham seguido William e sua corte de volta a Normandia quando o sul da Inglaterra era uma zona segura. Edwin tinha recebido o que totalizava um terço das terras da Inglaterra, inclusive a maior parte de suas terras em Mercia, e Morcar tinha recebido Northumbrian. Ele também tinha sido comprometido com a filha de William, a bela Isolda,

como futura esposa. Nenhuma outra prometida normanda teria sido mais valiosa como prêmio, e inclusive Rolfe se havia sentido ciumento da magnitude de poder que isso daria a esse perigoso lorde saxão. Finalmente, William tinha negado essas recompensas, e Edwin e Morcar voltaram para casa furiosos.

Um ano mais tarde eles quase tinham tomado York, e tinham levantado uma rebelião em quase todo o norte contra o rei. Embora Rolfe tivesse participado da batalha pelos York, abruptamente depois disso tinha sido enviado a sufocar as rebeliões em Gales. Edwin e Morcar tinham retirado seu juramento de lealdade, mas esta vez William tinha deixado vassalos leais em seu território para construir guarnições e castelos.

E agora tinha acontecido novamente. Os dois lordes do norte novamente tinham criado uma rebelião, dessa vez com uma simultânea (e coincidente?) invasão feitas pelos dinamarqueses. Essa vez eles tinham escapado, e não haveria nenhum perdão do rei para sua traição. Porque York tinha ficado demolida. E centenas de normandos tinham sido mortos.

— Nunca mais, William estava rugindo. — Esses dois traidores saxões serão pendurados embora seja a última coisa que eu faça nesta vida!

Ele girou abruptamente para Rolfe.

— Seu lugar está aqui, isso é claro, lhe disse.

Rolfe o olhou fixamente, mas não deixou que sua consternação se mostrasse. E sobre suas propriedades em Sussex e Kent, o prêmio prometido para ele depois do valor e da lealdade demonstrados em Hastings? Como o quarto filho menor do Conde de Warenne, Rolfe tinha se convertido em um soldado mercenário, o único recurso que ficava. Seu irmão, primogênito Jean, era o Conde de Warenne. Seu segundo irmão foi feito sacerdote. Seu outro irmão, William, tinha uma pequena propriedade na Normandia, mas logo se trasladou a Inglaterra.

Depois da batalha de Hastings ele tinha sido premiado com a propriedade de Lewes, enquanto que Rolfe tinha sido premiado com Bramber, e Montgomery com Arundel, Odo com as terras de Dover, e William Fitz Osbern com a ilha de Wight. Esse grupo de vassalos poderosos imediatamente tinha assegurado as terras de Sussex e Kent. Rolfe não tinha retornado a Normandia esse ano, para ocupar—se de fortalecer sua posição. Nesse momento, pela primeira vez em seus vinte e oito anos, ele tinha suas próprias terras, uma herança para seu filho por nascer. E soube, como sabiam todos os vassalos que tinham seguido William a Inglaterra, que qualquer que fosse a motivação: lealdade, cobiça ou fome de terras, as possibilidades na Inglaterra eram ilimitadas.

— Darei Bramber a Braose, William continuou vigorosamente.

A expressão do Rolfe tinha trocado. William lhe sorriu.

— Te darei a posse do novo castelo que você construirá em York. A mandíbula de Rolfe se esticou com o sorriso amplo de William. — E a propriedade de Aelfgar.

Roger de Montgomery ofegou.

Rolfe sorriu. Aelfgar era um feudo enorme, e com o castelo em York... Ele seria um dos lordes mais poderosos do norte. Aelfgar tinha sido uma posse valiosa para Edwin. Ele se deu conta que isso significava que os dois rebeldes saxões seriam expropriados. E também sabia que não seria fácil afiançar sua autoridade em seu novo feudo, ainda assim seu prazer por essa enorme recompensa era imenso.

— As fronteiras são inseguras. Pode estendê-las ao norte até onde possa chegar William lhe disse sorrindo. — E para cimentar sua autoridade, também pode ficar com sua irmã, Alice. Depois de tudo ela agora é a herdeira exclusiva.

Rolfe estava sorrindo. As possibilidades eram ilimitadas! Casamento com a irmã para assegurar sua posição!

— Um movimento ardiloso, Odo disse a seu irmão. — Cuidar dessas terras da fronteira não é uma tarefa fácil. Se alguém pode fazê-la, esse é Rolfe.

— Sim, com Rolfe no norte, e Roger nas terras de Gales, William disse. — Tenho grandes esperanças de que estas rebeliões terminarão rapidamente.

Rolfe se fincou sobre um joelho.

— Obrigado, sua majestade.

William sorriu.

— Levante—se Rolfe, o Implacável. Traga—me as cabeças de Edwin e Morcar e eu te darei Durham também.

Isso deixou perplexos a todos, incluindo o Rolfe, que duvidou que o rei realmente tivesse intenção de fazer isso. Pois se isso ocorresse, seu poder rivalizaria com o do rei, e William não era idiota.

Ele estava a caminho para inspecionar Aelfgar e reclamar suas terras e sua futura esposa uns dias mais tarde quando se encontrou com os rebeldes saxões. E agora pareceu que sua prometida podia ser uma espiã saxã e aparentemente era considerada uma bruxa. Ele sorriu. Rolfe não era um homem supersticioso. Supunha que era possível que as bruxas existissem, mas ele nunca tinha conhecido uma, e duvidava que o fizesse. A maioria das mulheres denominadas bruxas ou feiticeiras era fraudes, e enganavam as pessoas para sua própria prosperidade. Uma bruxa? Ela não era uma bruxa, a não ser uma mulher de carne e osso. E embora ela fosse uma bruxa, era basicamente uma mulher. Sua mulher.

Mas ela podia ser uma espiã saxã. Esse mero pensamento o pôs furioso e o preocupou. Ele estava assumindo o comando de seu feudo, era um invasor estrangeiro,

rodeado por inimigos. Morcar e Edwin ainda estavam vivos, até onde se sabia, obviamente estavam escondidos, mas eles não aceitariam conceder a propriedade de Aelfgar a um

normando sem lutar pelo que tinha sido deles. Rolfe sabia disso sem dúvida, da mesma maneira que conhecia os dois rebeldes, sabia que classe de homens eles eram. Seria uma batalha dura, mas Rolfe acreditava que sairia vencedor. Não era por acaso que seu nome era Rolfe, o Implacável. Ele sempre saía vitorioso de suas batalhas, e dessa vez, com Aelfgar e com essa mulher, não seria diferente.

Ela seria uma mulher difícil de amansar, e até que fosse domada, seria um espinho perigoso cravado em seu flanco. Mas não podia evitá—lo, gostava como soava a idéia, gostava de pensar nisso. Domar a sua futura esposa. Rolfe sentiu uma nova quebra de onda de luxúria. Seu lugar era ao seu lado, cuidando dele e de suas necessidades. Seu lugar era em sua casa, em sua cama. Ela aprenderia isso, talvez não rapidamente, mas aprenderia. E é obvio que ela não sabia, até que ele havia dito que o rei a tinha entregue a ele. Recordava claramente seu choque. Ela se recuperaria disto também. Tentou imaginar sua reação quando ela descobrisse que ele agora era o lorde de Aelfgar. Desgraçadamente, ele sabia exatamente como ela reagiria. Seria uma mulher enfurecida.

Sua prometida, uma inimizada.

Ele devia recordar isso e nunca esquecê—lo.



Capítulo 4

Alice ia se casar com o normando.

Ceidre se deu conta que estava caminhando impacientemente dentro dos limites da tenda. O que queria dizer isso? Como tinha acontecido? Ceidre temia o pior. Se William tinha dado Alice ao normando... Pânico, um temor gelado cresceu nela e comprimiu seu estomago. Se houvesse notícias de seus irmãos! Não tinha havido nenhuma palavra deles, da queda dos York, e isso tinha sido semanas atrás. Não ia pensar o pior.

Possivelmente, tinha havido outra conciliação entre o invasor normando e seus irmãos. Tinha acontecido um ano atrás. William tinha recebido Edwin e Morcar, tinha—os perdoado, e eles haviam tornado a lhe jurar lealdade e submissão. Se isso acontecesse novamente, possivelmente Edwin tivesse entregado Alice a esse normando, e talvez uma noiva normanda tivesse sido entregue a ele. Ceidre desesperadamente esperava isso. Pois a outra alternativa era muito insuportável: perda das terras... morte de seus irmãos...

Ceidre imaginou a sua meia irmã e o normando de pé, lado a lado, na igreja da aldeia. Ele tão loiro, tão dourado, tão alto e robusto, e ela tão delicada, miúda e morena. Algo se esticou dentro dela. Desgraçadamente, não havia afeto entre ela e sua irmã menor. Mas Ceidre nunca desejaria que esse normando estivesse na vida de Alice. Estremeceu apenas pensando nisso, e, uma imagem intrusa do normando metendo—se entre suas coxas a assaltou. Ela afastou essa idéia, só para imaginá—lo na mesma posição com sua irmã menor. Seu corpo ficou tão tenso que sentiu que poderia estalar.

Bem, o matrimônio não tinha ocorrido ainda, e embora Alice estivesse desesperada por ter um marido desde que Bill tinha morrido na batalha de Hastings, Ceidre a ajudaria a evitar esse matrimônio. Não havia possibilidade de que ela pudesse deixar que sua irmã menor caminhasse para o altar com essa besta... com seu inimigo jurado!

Ceidre caminhou inquieta. A tenda era muito estreita e tinha um pedaço de couro que atuava como porta, agora fechada. Era suficientemente grande para dar alguns passos em uma ou outra direção e a cama consistia em mantas e um pouco de palha. Era a barraca, ela sabia, da mesma maneira que estava segura que essa era sua cama. Ela nunca se deitaria aí.

Ainda havia luz fora, os dias eram mais compridos no verão, e Ceidre podia ver a sombra debaixo da porta de couro que Guy ainda não tinha aberto.

Seu protetor.

Ceidre quis rir. OH, ela era um prisioneira sem dúvida, embora ele pensasse que ela era sua prometida. De algum jeito tinha que escapar. Voltar para Aelfgar, advertir Alice da situação perigosa em que se encontrava, então talvez as duas pudessem fugir juntas para procurar seus irmãos. Certamente, se Edwin tinha arrumado esse matrimônio também poderia rompê-lo, certamente ele as protegeria. E então, sabendo o enorme peso que seu irmão continuava carregando em seus ombros pela segurança de sua família, de todas as pessoas do feudo, de todo o norte da Inglaterra, as esperanças de Ceidre se desvaneceram. Não podia lhe adicionar mais responsabilidades a Edwin. Teria que solucionar essa situação com a ajuda de Alice. E não havia melhor momento que o presente para começar a solucionar as coisas.

Mais cedo eles haviam lhe trazido comida, fio e agulha para que Ceidre remendasse suas roupas. Agora ela observou o queijo, o pão e a cerveja. Então, com um movimento rápido, ela colocou a mão dentro do decote de seu vestido, para pegar o saquinho que tinha pendurado ali. Não vacilou, e extraiu algumas ervas finamente moídas em um pó que colocou na cerveja. Ela substituiu a cinta de couro que atava seu vestido, alisou seu cabelo, e tranquilamente levantou a ponta da porta da tenda.

Guy O Chante se endireitou e imediatamente girou para ela.

— Minha lady?

Ceidre estava incomodamente consciente da presença de Guy. Ele estava tenso movendo—se inquietamente. Sorriu—lhe.

— Não está cansado estando de guarda aqui depois de montar o dia todo?

Guy se ruborizou. Ele tinha a idade dela, Ceidre suspeitou, uns vinte e dois anos.

— Não, minha lady, estou bem.

— Eu estava para comer, Ceidre disse, tão cortês como qualquer membro da nobreza. — Por favor, una—se a mim para comer e conversar.

Os olhos do Guy se aumentaram.

— Não sei se...

— É só por um pouco de comida e algumas palavras, Ceidre disse. Então seus olhos se obscureceram. — Ou ele é tão ogro que te nega esses direitos tão básicos também?

Guy ficou rígido.

— Meu lorde não é um ogro, minha lady. Ele é o melhor dos homens e um

excelente guerreiro. Ele é o melhor homem do rei, e todo mundo sabe disso.

Ceidre reprimiu uma réplica.

— Tenho permissão, então, para me sentar aqui no ar fresco com você?

— É obvio.

Ceidre foi procurar a cerveja e a comida e se sentou delicadamente ao lado de Guy, que continuava se movendo incomodamente. O resto dos homens do normando estava dispersos, a uma boa distância de sua barraca, para lhe dar privacidade, ela acreditou. Uma grande fogueira estava acesa e um dos cordeiros estava sendo assado, o pão cozinhava em um forno de pedra. Ceidre viu o normando imediatamente, sentado separado do resto com uns documentos na mão. Ele a estava olhando fixamente.

Ceidre se ruborizou e desviou o olhar.

— Por favor, sente—se, ela convidou Guy, com a respiração contida. O olhar do normando era como uma brasa acesa e não gostou disso. Ceidre não era idiota. Ela tinha presenciado atos de luxúria a maior parte de sua vida – e eram para ela tão naturais como o vento e a chuva. Mas nunca havia sentido semelhante intensidade em um homem antes. Isso a enervou.

Ateveu—se a dar outro olhar para onde ele estava. Seu temerário olhar encontrou o seu imediatamente. Ceidre dobrou seus braços sobre seu peito e rapidamente lhe deu as costas. Ela estava tremendo.

Seu pai, antes de morrer, cinco anos atrás, tinha tentado arrumar um matrimônio para ela. Ceidre tinha quinze anos quando ele começou as negociações, e dezessete quando ele morreu. A primeira escolha de seu pai tinha sido o segundo filho de um lorde do norte, John de Landowner. Eles se encontraram uma vez, em um torneio. Ele era moreno, magro e muito bonito, e tinha também uma suavidade em sua expressão que falava de generosidade. Sabendo que seu pai tinha escolhido esse homem para ser seu marido a encheu de uma imensa alegria – e os dias e as noites em Kidder logo se encheram com sonhos de casamento, matrimônio, e uma família repleta de carinho e bebês.

Mas John se recusou.

Nenhuma quantidade de terras ou ouro o dissuadiu. Nenhum dote podia ser suficientemente grande para fazê—lo trocar de idéia. Ele não ia casar se com uma bruxa.

OH, mas seu pai havia dito que ele tinha mudado de idéia, pois esse moço não era suficientemente bom para ela, mas Ceidre ouviu os rumores da verdade que correram por todo o castelo. Ela nunca deixaria que seu pai ou seus irmãos vissem quão ferida estava, mas na privacidade ela tinha chorado quentes lágrimas de tristeza, e finalmente tinha perguntado a Deus por que lhe tinha dado esse defeito físico que fazia que todos pensassem que ela era uma bruxa.

O conde tinha eleito outros candidatos, mas Ceidre, por medo de ser rechaçada, rechaçou a todos com a desculpa que eles não lhe eram atraídos. Ela sabia que seu pai nunca a forçaria a um matrimônio que ela não quisesse. Ceidre não poderia enfrentar outro rechaço novamente. De algum jeito a indiferença que ela fingia ante cada homem que seu pai trazia para sua atenção funcionou como método de rechaço. E ela deixou de sonhar com o matrimônio e os filhos.

Mas ele, ele a olhava com olhos ardentes, com uma luxúria mais que evidente.

Ele a desejava.

Guy estava avermelhado por seu convite para sentar—se para jantar.

— Minha lady...

Ceidre serviu a cerveja em uma jarra e deu a ele. Sentiu uma pontada de culpa.

— Tem permissão para beber?

— Claro, disse Guy. — Obrigado. Ele esvaziou a jarra.

Ela sabia que ele estava se aproximando. Mas não olhou. Ainda assim ela sentiu seu olhar fixo e isso a afetou, pois levantou seus olhos. Seu rosto estava inexpressivo, seus passos eram largos e determinados. Ceidre encontrou seu olhar tão corajosamente como pôde. Não era fácil, embora ela fosse sua prisioneira, nunca devia lhe mostrar seu medo.

— Desfrutando do ar, minha lady? Ele perguntou educadamente, seus olhos azuis percorrendo—a.

Ceidre ficou de pé. Quando fez isso, os homens automaticamente estenderam uma mão para ajudá—la. Ela tomou a de Guy.

— Estava fazendo isso, ela disse friamente. — Mas temo que esteja me resultando opressivo agora. Ela se voltou e entrou na tenda.

Rolfe olhou fixamente a porta de couro, rígido, com suas fossas nasais tremendo. Então olhou para Guy, que imediatamente desviou o olhar a uma árvore distante.

— OH, relaxe, Rolfe disse bruscamente. — Não te vou golpear.

— Ela só me ofereceu um pouco de comida e bebida, disse Guy.

— Percebi, disse Rolfe, girando abruptamente.

Ceidre esperou que a poção fizesse efeito. Uns quinze minutos mais tarde ela espiou pela porta. Guy estava sentado perto da barraca, lutando por manter seus olhos abertos. Outro olhar rápido mostrou a maior parte dos normandos comendo e bebendo; alguém estava tocando um alaúde. Não havia nenhum sinal de seu captor, e isso fez que Ceidre se sentisse agradecida e cautelosa. Onde podia estar ele?

Não importava. Ela teria que aproveitar essa oportunidade.

Ceidre levantou o couro se moveu para o outro lado da barraca. Deitou no chão sobre seu estomago, logo se arrastou sobre a terra e entre as árvores. Ali fez uma pausa, escutando os sons das conversações e as risadas dos normandos, desejando que estivesse mais escuro.

Cautelosamente ficou de pé, e mantendo—se entre as árvores, lançando freqüentes olhares por sobre seu ombro, ela começou a se afastar do acampamento e ir para a aldeia. Uma vez que ela esteve do outro lado do Kesop se sentiria mais segura. Esperava que nenhum dos normandos decidisse ir divertir—se na aldeia, assumindo que alguma das pessoas tivesse ficado lá. E novamente, perguntou—se onde estava ele.

O campo de cultivos, agora grotescamente enegrecido, não oferecia nenhuma proteção, e Ceidre se apressou a procurar refúgio nas cabanas queimadas. Não viu ninguém. Como tinha pensado, os camponeses tinham fugido para o norte de Aelfgar procurando proteção, ou talvez para o este na aldeia vizinha de Latham. Ela começou a saltar entre as paredes ruídas de duas cabanas vizinhas, mas antes que chegasse aos jardins queimados na parte traseira, ela soube que não estava sozinha.

Ouviu um gemido.

A reação de Ceidre foi instintiva. Começou a se apressar. Ela era uma curandeira, alguém estava machucado e necessitava de sua ajuda. Não importava quem era, ou se era um animal. Quando dobrou a esquina, ouviu o gemido novamente, mas já muito tarde para dar—se conta de seu engano. Não era um gemido de dor, mas sim de prazer.

Ela ofegou e se deu conta disso no mesmo momento em que os viu.

Ceidre conhecia a mulher, Beth, uma viúva morena e voluptuosa. Suas coxas brancas e carnudas estavam separadas, suas mãos agarradas grosseiramente aos ombros do homem que estava em cima dela. Ela arqueava seus quadris ritmicamente. E o mesmo fazia ele.

O normando. Ceidre estava hipnotizada, não podia se mover. Ele estava vestido com sua camisa e sua calça, movendo—se como um garanhão, cobrindo à mulher. Ele se retirou de cima ela, Ceidre viu seu enorme membro vermelho e lustroso. Então ele se afundou nela novamente. Beth se agitou violentamente com prazer, gritando novamente. Ele ofegou. Ela podia ver seu rosto claramente, avermelhado pela paixão, pelo êxtase. Ele desmoronou em cima de Beth.

O coração de Ceidre estava golpeando em seus ouvidos. Ela se deu conta que qualquer um deles podia vê—la, certamente a veriam, no momento em que voltassem para a realidade. Ela começou caminhar para trás. Seus olhos ficaram presos ao casal. E então ele girou sua cabeça.

Seus olhares se encontraram.

Ceidre congelou por um momento, então começou a correr.

Ela sabia que ele estava perseguindo—a, novamente. Sua presença atrás dela era tão tangível como um trovão iminente. Ela tinha dado dez passos quando ele a fez girar com força ao chão, ele caiu sobre ela, fazendo—a gritar. Seus braços a envolveram com ferocidade ao redor das costelas, apertando seus peitos. Sua boca estava em seu pescoço, justo debaixo de sua orelha. Sua respiração era morna, embora continuasse agitada por seu acoplamento com Beth.

— Espiando novamente? Ele murmurou.

Ceidre quis gritar, quis chorar. Quis se voltar e arranhá—lo. Furiosa e frustrada, ela começou a lutar. Ele afrouxou seu aperto para deixá—la se virar, mas então ele montou escarranchado dela. Ceidre colocou seus dedos como garras e apontou para seus olhos. Ele agarrou ambas as mãos dela e as empurrou atrás de suas costas, seus quadris a pressionaram contra seu membro quente.

Ceidre imediatamente se retorceu para morder sua mão. Ele se deu conta de sua intenção antes que seus dentes pudessem tocar sua carne, e amaldiçoou, empurrando suas mãos atrás de suas costas e se pressionou mais intimamente contra seu púbis. Ceidre gritou. Sentiu seu membro endurecendo contra seu umbigo. Tentou lhe morder o ombro. Rolfe tomou sua trança e lhe impediu de mover—se. Ela lançou um soluço de frustração.

— Deixa de te retorcer, ele grunhiu, — Ou Por Deus, que tomarei aqui mesmo!

Ceidre se congelou.

Ele estava ofegando.

— Como fez para evitar Guy?

Ceidre encontrou sua respiração.

— Dormiu.

Seus olhos azuis brilharam com suspeita.

— Guy? Guy não dorme quando tem um dever para cumprir.

— Ele dormiu, ela replicou, com os olhos ardentes. Ele olhou fixamente em resposta.

Ceidre o odiava. Então ela observou o movimento de seus olhos indo para sua boca, e ficou rígida.

— Não. Ela recordava vividamente haver sentido sua língua quente e molhada dentro de sua boca.

Seu olhar era irônico.



— E vai me dizer não quando for minha esposa?

— Sempre!

Ele riu, soltou—a e ficou de pé. Parado sobre ela, ele era imensamente alto.

— Não penso que seja assim.

— Pensa o que queira.

— Tem a língua de uma bruxa – ou de uma víbora.

— Minha língua é doce para alguns.

Seus olhos azuis arderam.

— Para quem?

— Para aqueles que respeito e amo.

— Para quem?

Seu queixo se levantou.

— Não é teu assunto!

— Não importa, ele disse depois de um momento. — Pois logo será meu assunto, e então isso será concluído. Seu olhar era inflexível em seu intento. Ceidre decidiu não responder. Mas quando ele rudemente a arrastou para colocá—la de pé, amaldiçoou e lutou.

— É uma víbora, ele murmurou.

— Volta com sua amante, ela disse entre dentes.

— Já não a necessito, disse ele.

Ceidre dobrou seus braços e o olhou de esguelha.

— Não?

Ele sorriu.

— A única que necessito agora, disse, é você. Seu tom, incrivelmente se suavizou. Agora era persuasivo.

— Vêem aqui, Alice.

Ceidre estava incrédula.

— Vamos nos casar, você e eu, e não há nada que possa fazer para trocar isso. Aceita seu destino. Vêem aqui. Ele disse suavemente.

— Não.

— Me mostre sua benevolência. Falou mais suave ainda.



- Não tenho!
- Pensa bem. Sei que não é tola.
- Não tenho!
- Então vais lutar comigo até o final.
- Sim, Ceidre disse obstinada e desesperadamente.
- Veremos se for assim.



Capítulo 5

— **O** que lhe fez?

Ceidre permaneceu atrás de Rolfe enquanto ele se curvava sobre Guy, que estava dormindo profundamente. Rolfe se endireitou e girou, horrorizado e zangado.

— Me responda moça.

Ela deu um passo atrás, seu coração começando a pulsar violentamente. Ele deu um passo para ela.

— Não lhe fiz nada. Ela ofegou.

Ele a agarrou antes que ela pudesse reagir.

— Colocou algo em sua cerveja! O que foi?

Ele era ardiloso, e ela recordaria isso muito bem.

— Só uma poção para fazê-lo dormir, Ceidre gritou. — Ele despertará em pouco tempo!

Rolfe a soltou.

— Tem algum outro efeito?

— Ele estará sonolento durante algum tempo, mas estará bem.

O olhar feroz que Rolfe lhe deu dizia que ela teria muita, muita sorte se verdadeiramente não houvesse prejudicado seu homem.

— Onde conseguiu essa poção?

Seu coração pulsou rapidamente. Ceidre se assustou. Ela deu outro passo atrás. Nesse instante viu que todos seus homens estavam de pé atrás deles observando tensamente. Ela ouviu alguém sussurrar a palavra bruxa e outro disse algo sobre o olho do mal e uma maldição. Seu rubor se intensificou.

— A poção, Alice, Rolfe disse. — Me dê a poção.

— Acabou Ceidre mentiu.

Ele a olhou fixamente, logo tomou seu braço e a levou bruscamente para a tenda. Levantou o tecido de couro. Ceidre sentiu um imenso alívio e correu à segurança do

interior, só querendo colocar tanta distância como fosse possível entre eles. Logo estava dentro quando o ouviu ordenando a seus homens que se dispersassem, e então, de repente, seu corpo enorme pareceu diminuí-la. Rolfe parecia encher todo o espaço da barraca. Ceidre inalou alarmada.

Ele soltou o couro da porta.

— O que está fazendo? Ceidre gritou, retrocedendo horrorizada contra a parede oposta, tão longe dele como era possível. Na verdade, não era muito longe, um pouco mais que a um braço de distância.

Ele não respondeu. Agora estava escuro dentro, e ela não podia distingui-lo bem até que ele acendeu uma tocha. Cuidadosamente a colocou em um suporte no chão, então girou para enfrentá-la.

— Preciso te perguntar novamente?

Se só houvesse algum lugar aonde ela pudesse correr.

— Alice.

Havia uma advertência nessa palavra.

— Menti! Fiz uma maldição. Está—me pressionando muito! Te mandarei uma maldição também!

Ele sorriu então, o primeiro sinal genuíno de diversão que ela tinha visto nele. Não acreditava. Verdadeiramente não acreditava que ela era uma bruxa. Ceidre se sentiu decepcionada e ao mesmo tempo emocionada.

— Possivelmente, ele disse lentamente, seus olhos brilhantes. — Você já me amaldiçoou ou foi uma bênção?

— Não entendo.

— Você me enfeitiçou com este antinatural e pagão desejo que sinto por você?

Ela se moveu contra a parede de couro, vendo seu olhar fazer—se quente.

— Não.

— Não? Você não me fez uma bruxaria?

— Não, juro que não.

— Não acredito em você. Suas mãos se estenderam.

Ela sabia que ele a agarraria, mas ainda assim, ele reagiu muito mais rápido que ela. E embora tivesse podido ser mais rápida, não tinha para onde ir, estava apanhada. Ele se aproximou e ela podia sentir o calor de sua respiração trazendo ardor a seu corpo.

— A poção, ele murmurou. — Me de isso

— Não a tenho, ela sussurrou, suas mãos pousaram em sua cintura, como ferros quentes. Tão grandes, tão fortes. Ela tentou soltar—se, e se dando conta que era inútil, ficou quieta. Tentou afastá—lo pondo suas mãos sobre seu peito. Ele era tão duro como uma pedra, mas morna, viva, debaixo das pontas de seus dedos.

— Sua cintura é tão pequena, Rolfe disse em voz baixa.

Ceidre examinou seus olhos e não pôde desviar seu próprio olhar.

— Meus dedos quase se tocam. Ela não podia respirar.

— É muito bonita para ser mortal, ele disse rouco.

Suas mãos, em sua cintura, apertaram—se. Seu próprio corpo estava fazendo que seu sangue corresse loucamente.

— Deixe—me ir, ela disse fracamente.

— Possivelmente, ele disse, e sua boca foi mais perto, seu lábio inferior era mais cheio que o superior, belamente esculpido, — É uma bruxa.

— Não, ela se ouviu dizer ferozmente. Não sou uma bruxa, ela queria lhe dizer a verdade, queria desesperadamente que ele soubesse disso e que acreditasse.

Uma de suas mãos subiu por suas costelas. Ceidre se estremeceu ante essa carícia tão gentil. Tentou apartar—se, mas não podia. Ele era inflexível. Sua mão fez uma pausa debaixo de seus seios. Certamente ele podia sentir os batimentos de seu coração ao longo de seu corpo. Certamente não se atreveria a tocá—la mais intimamente?

Nenhum homem se atreveu a tocá—la dessa maneira.

Sua mão passava com a delicadeza das asas de um colibri, roçando o contorno de um de seus seios, a palma de sua mão tocou seu mamilo erguido. Um pequeno gemido, meio de choque e meio de prazer, escapou dos lábios de Ceidre. E então sua mão deslizou por suas costas e ele se inclinou mais perto, seus lábios quase em cima dos dela.

Ceidre esqueceu que ele era seu inimigo. Só existia a boca dele sobre a sua, ligeiramente aberta, suave, sedutora. E sua mão acariciando brandamente seu ombro. Então isso era beijar, isso era o prazer da carne, Ceidre descobriu. Quando ele se afastou, ela o olhou ofuscada.

Rolfe a olhava fixamente. Sorriu muito levemente, muito desdenhosamente.

Ela o golpeou.

O golpe foi furioso e reflexo, e toda sua raiva e seu desespero estavam contidos nele. Ele esquivou sua mão, então só lhe roçou a mandíbula. Seu coração estava estalando dentro de seu peito, e ela se congelou com perplexidade.

Por uma fração de segundo, ele também ficou congelado, o choque e a incredulidade estavam escritos em seu rosto. Então seus lábios se apertaram severamente e a mão ofensora foi tomada pela sua, ele a empurrou contra a parede pressionando—a com seu corpo. Sua reação tinha sido instantânea.

— Não!

Seu outro braço a aprisionou e sua boca encontrou a dela, e essa vez não houve nada suave ou sedutor em seu beijo. Ele era vencedor, ela era a vencida. Sua boca esmagou a dela. Seu triunfo era total, sua dominação completa. Ceidre sentiu seus dentes apertarem—se quando ele forçou a sua boca para que se abrisse. Ela lutou como uma raposa selvagem, mas seus movimentos eram totalmente inúteis. Quando ele a soltou ela sufocou o que era um soluço e um ofego para tomar ar, seus seios se levantavam agitadamente.

— Ninguém, o normando disse, seu rosto avermelhado, sua respiração ofegante, — se atreveu ao que você se atreveu.

— Que o diabo leve sua alma! Ceidre gritou com os punhos apertados. — Maldito, vá para o inferno!

Rolfe olhou seus próprios punhos apertados e trementes nos lados.

Ceidre deu um passo atrás e sentiu a parede da barraca. Apanhada. Ela estava apanhada. E embora nunca o demonstrasse, ela tinha medo, oh, muito medo.

Seus olhares se encontraram e lutaram. Ela não desviaria o olhar, sem importar o que acontecesse, apesar de seu terror crescente. Seus lábios pareceram curvar—se nas extremidades.

E então, como raio, sua mão se meteu dentro de seu decote.

— O que é isto? Ele levantou a bolsa de couro. A ira invadiu Ceidre.

— Me devolva isso!

Rolfe tirou o saquinho antes que ela pudesse responder e o deslizou tirando—o por sua cabeça e o colocou em sua própria túnica.

— Bastardo! Nunca em sua vida, ela tinha usado esse nome vil com ninguém. — Apodreça no inferno bastardo!

— Não quero que meus homens terminem envenenados, ele disse severamente.

Ela estava ofegando furiosa.

— Enganou—me!



— Te enganar? Ele sorriu. — Me chame como quiser querida. Sou um homem. E você só uma mulher. Eu tomei o que estava procurando. Preferia que te golpeasse para obtê—lo?

Ela apertou os dentes e fechou seus punhos.

— Não lute comigo, Alice. Como já percebeu, vamos nos dar bem juntos, muito bem. Seu olhar foi para baixo, atrasando—se em seus seios trementes e seus mamilos erguidos.

— Nunca! Ceidre gritou com ênfase.

Ele sorriu amplamente, seus traços desumanos se transformaram em uma imagem de beleza pagã.

— Nega agora, enquanto ainda possa, pois muito em breve não poderá negá—lo.

Rolfe fez uma pausa na porta da tenda.

— Nem poderá se negar para mim.



Capítulo 6

Ela sempre tinha o mesmo sonho quando estava ansiosa ou com medo. E esse sonho veio a atormentá—la essa noite.

Ela era uma menina de sete anos, parada nas escadas da fortaleza, pestanejando pela brilhante luz do sol da manhã. Podia ouvir os sons das risadas infantis, os chiados e os gritos, e Ceidre sorriu ante esses sons alegres, voltava—se para localizar sua fonte. Via um grupo de meninos e meninas, de sua própria idade e até doze anos, todos conhecidos da aldeia com quem ela tinha crescido. Sua meia irmã, Alice, dois anos mais velha que ela, jogava com eles.

Ceidre levantou suas saias e corria para eles. Rapidamente se meteu no jogo. Um menino chamado Redric era o galo de briga cego, e Ceidre queria evitar tocar suas mãos estendidas, em meio dos gritos e as risadas.

No meio da confusão, ela se chocou com Alice e a fez cair ao pasto. Alice gritava, e todos se detinham para reunir—se ao redor dela e ver a ferida em seu joelho.

Ceidre imediatamente se sentia arrependida.

— Sinto Alice, eu não...

— Você me empurrou!

— Eu não quis...

— Ela me empurrou!

— Alice, Redric disse, sendo o maior, de quase treze anos, foi um acidente. Deixe—me te ajudar.

Os olhos da Alice se enchiam de lágrimas.

— Quem te pediu que jogasse?

Ceidre sentiu uma punhalada familiar e retrocedeu um passo.

— Irei procurar vovó, ela se ofereceu, querendo ajudar Alice, desejando com todo seu coração não ter machucado sua irmã, desesperadamente querendo fazer o correto. O único problema era que nunca seria o correto, porque Alice parecia odiá—la.

— Não! Alice gritou. — Minha mamãe diz que ela é uma bruxa, e não aceitarei que essa bruxa me toque!

Aí estava a palavra odiada, e Ceidre se sentia esticar interiormente. Era uma palavra que ela tinha ouvido sussurrar ao redor dela para toda sua vida. Por confusão e por medo, ela sempre tinha fechado seus ouvidos a esse insulto.

— Ela não é uma bruxa, Ceidre conseguiu dizer.

— Minha mamãe diz isso, todos dizem isso, Alice gritou. Os meninos que tinham jogado com elas começaram a mover—se incômodos, e havia um murmúrio de acordo.

— Minha mamãe diz o mesmo, Jocelyn disse rapidamente.

Alice ficou de pé.

— Vai Ceidre. Você não pode jogar conosco.

Ceidre não se movia, mas sentia que um rubor lento subia a seu rosto. Lançava um olhar aos outros.

— Ela pode jogar, Redric disse. — Vamos começar novamente.

Os meninos se dispersavam.

— Eu não jogarei com uma bruxa! Alice gritou.

Ceidre congelou. Ela piscou sobressaltada olhando sua irmã, não entendendo, segura de que tinha ouvido mal. Alice burlava com ela.

— Bruxa!

Ceidre dobrou seus braços sobre seu peito.

— Não sou.

— Bruxa! Todos dizem isso! Bruxa!

Ceidre estava quase chorando. Alice não queria dizer isso. Não era verdade. Ela lutou para reter as lágrimas. Os meninos estavam olhando—a fixamente, alguns com curiosidade, mas Redric e Beth com desconforto. Um grande silêncio desceu no lugar, logo Redric o rompeu.

— Não é verdade, ele decidiu.

Beth, também de doze anos, olhou—o.

— Ouvi isso também. Talvez não devêssemos deixá—la jogar conosco.

Ceidre olhou para o chão.

— Não sou ela conseguiu dizer. Lágrimas quentes ardiam em seus olhos. Mas podia ouvir a palavra repetida por Alice, um eco familiar, tão familiar como para apavorar. Estava

assustada. Ela olhou para cima, secando seus olhos.

E então tinha acontecido.

— Olhe, Alice gritou. — Olhem! Olhem ela é uma bruxa!

Ceidre olhou a seu redor com medo. Os meninos estavam olhando—a com horror.

— É o olho do mal. Beth ofegou. — Eu nunca o tinha visto!

E todos eles estavam olhando—a fixamente, muito fixamente...

Ceidre despertou.

Seu coração estava pulsando violentamente, e sentiu o calor de um rubor intenso. Como sempre, havia lágrimas em seus olhos, lágrimas, ela supôs, pelo primeiro contato de uma menina com uma crua e dolorosa realidade. Pois o sonho não só era um pesadelo, tinha acontecido, exatamente como ela sonhava.

E depois disso, os meninos se afastaram dela. Eles não deixavam que ela se unisse a seus jogos, e se ela o tentava, eles deixavam de jogar e se dispersavam. E então ali estava Alice, sempre lançando esse insulto vil, lançando—lhe à cara.

— Bruxa!

Ceidre se sentou. Ela desejou que seu pai ainda estivesse vivo. Podia recordar—se correndo para ele chorando, e quando ele a tinha elevado embalando—a em seus braços, havia implorado saber a verdade.

— Sou uma bruxa, papai? Verdade que não?

Ele tinha vacilado. Ceidre se agarrando a ele, esperando o pior, de repente sabendo que isso era verdade.

— Não, meu doce, ele havia dito, levantando seu queixo. — Não é uma bruxa, e não deixarei que ninguém te faça pensar o contrário.

Os instintos de uma criança são talvez mais precisos que os de um adulto, sem estar afetados por idéias preconcebidas, e Ceidre tinha pressentido o tumulto emocional de seu pai, sua falta de segurança. Não tinha se acalmado. Não tinha se tranqüilizado. Tinha ficado mais confusa que nunca. Era uma dura realidade para que uma criança enfrentasse, mas todos a consideravam uma bruxa.

Ela não sabia se era verdade ou não. Agarrou—se obstinadamente à negação de seu pai, e começou a evitar as outras crianças, que, rapidamente se submeteram à liderança de Alice, pois eles também temiam ser rotulados cruelmente por ela. Ceidre tinha passado mais tempo com sua avó, ajudando—a no preparo de suas misturas curativas, e tinha passado muito tempo sozinha, no bosque ou nos estábulos, sempre com o Thor, o novo cão de caça favorito de Edwin, que tinha se convertido seu companheiro fiel e constante.

O tempo cura todas as feridas, e Ceidre se adaptou a sua nova condição. A perseguição de seus amigos tinha cessado quando eles se converteram em adultos jovens, quando foram se casando, formando suas famílias, e assumindo as responsabilidades como servos do lorde. Ceidre tinha se convertido em uma perita tão boa como sua avó na arte de curar, e era muito requerida. Era tratada com uma mistura de temor, nervosismo, e familiaridade que era também amigável. E então seu pai tinha decidido que era o momento que ela se casasse, e tinha começado a procurar um marido para ela.

Então a vida lhe tinha dado outro golpe, outra feia realidade para enfrentar. Ceidre tinha sobrevivido a isso também, da mesma maneira que agora sobreviveria a isto. Ela levantou e girou para a porta da barraca, que admitia os primeiros raios de sol do amanhecer. Realizou sua limpeza matinal usando uma fonte com água que lhe tinham deixado, logo saiu.

O homem de guarda imediatamente deu um passo ao lado, dando um olhar apurado em sua direção. Ceidre o ignorou, tendo agüentado esse tipo de comportamento toda sua vida e pelas lembranças frescas de seu sonho. Ela olhou os normandos levantarem o acampamento. E, como um metal atraído por um ímã, se encontrou olhando—o.

O normando estava em uma profunda discussão com Guy, o cavaleiro ao qual tinha dado a poção na noite anterior. Mas seu olhar estava focalizado nela.

Ceidre sentiu a inundação imediata de lembranças. Como ele a tinha aprisionado em seu abraço, com sua força superior provando seu domínio sobre ela, seu castigo, um beijo feroz e quente. Deus Santo, ela tinha reagido infelizmente como uma lebre encurralada e atemorizada. Ceidre se endureceu com a lembrança, raiva e agitação fizeram ferver seu sangue. Se ele se atrevesse a tocá—la novamente, arrancaria seus olhos. E essa vez ela não erraria seu objetivo! Ceidre estremeceu, olhando—o novamente.

Ele não sorriu, mas abruptamente, começou a caminhar com passos largos para ela. Ceidre sentiu que paralisava.

Não queria que ele a abordasse. Não queria conversar com ele, nem sequer vê—lo. Mas não podia mover—se. E agora estava sendo assaltada com preocupações.

Eles estavam perto de Aelfgar, que normalmente era seu santuário. Alice viria saudá—los, e o normando descobriria seu engano. Ceidre sabia que ele era, como qualquer homem, orgulhoso, e não aceitaria de modo fácil ter sido enganado por uma mera mulher. Sentir—se—ia humilhado e zangado por ter feito o papel de idiota. Claro que sabia que sua raiva diminuiria, pois se sentiria aliviado de ter que casar—se com Alice, e não com ela. Mas até que ele se acalmasse, ela estaria em perigo?

E como ela poderia ajudar a sua irmã a evitar o casamento com esse homem?

E o que acontecia com seus irmãos? Esse normando sabia algo? Ceidre se deu conta



que ele conhecia seus irmãos mais que qualquer outro, pois estava muito perto de William o Conquistador, mas como poderia ela ganhar sua benevolência para atrever—se a lhe perguntar e estar segura de receber a verdade como resposta? Ele era tão ardiloso, certamente quando notasse que ela estava desesperada por notícias de seus irmãos, usaria sua posição como um fator de poder sobre ela. E, entretanto tinha que lhe perguntar já que estava morrendo por saber algo, algo de seus irmãos.

Rolfe fez uma pausa diante dela, seus olhos azuis estudaram seu rosto.

— Passou bem a noite, minha lady?

Ela podia sentir suas bochechas se ruborizando.

— Sim...

— Vacila. Talvez... — ele sorriu — não dormiu bem. Talvez seus sonhos estivessem povoados comigo?

Nunca perguntaria nada a esse homem arrogante!

— Dormi muito bem.

Ele a estudou. Seu olhar se moveu para sua boca.

— Então te invejo.

Sua intenção era clara. Ela se ruborizou profundamente.

Rolfe virou—se abruptamente.

— Partiremos em meia hora.

Ela observou suas costas, seus ombros largos, seus estreitos quadris. Não era o que ela tinha pensado, ele não tinha querido dizer o que ela tinha interpretado. Ou sim?



Capítulo 7

Ele a observou enquanto ela cavalgava sobre uma mula a seu lado, tão altiva e orgulhosa como qualquer rainha montado um puro sangue árabe. E tão bonita. Seu perfil lhe cortou a respiração, e uma vez mais Rolfe agradeceu a deusa Fortuna.

Pois era estranho, muito estranho, que um homem quisesse a mulher que estava destinada a ser sua esposa. A noite anterior, depois de ter acompanhado Alice à tenda, ele tinha estado acordado e insone. Inclusive tendo aliviado sua luxúria com a camponesa, sentia—se quente e excitado novamente. Nunca tinha estado louco como tinha feito, mas não pôde refrear—se mais do que podia frear uma tormenta do verão. Que sorte! Aelfgar e sua lady, a mais encantadora, a mulher mais sedutora que ele jamais conheceu. William tinha ordenado que o matrimônio acontecesse o quanto antes possível, e agora Rolfe sorriu, pensando que imediatamente essa mulher estaria ao seu dispor!

Era de manhã cedo, e o pálido sol ainda não eliminava o frio da noite. O terreno era montanhoso e rochoso, bom para a cria de ovelhas, o que não era uma novidade para Rolfe, pois ele já sabia que o ponto forte da prosperidade em Aelfgar era a criação de ovelhas e a produção de lã.

Não pôde evitar voltar a olhar Alice, da mesma maneira que não podia evitar os movimentos do sol. Ela não o olhou, nem uma vez na última hora. Isso o zangava. Ele sabia que ela não era indiferente a ele. Mas ela fingia isso. Ele era um homem de armas, não um poeta, nem um sacerdote, a conversação cortês não vinha facilmente a seus lábios. Mas Rolfe estava resolvido a tentá—lo.

— 'Ainda está fresco. Está suficientemente abrigada, minha lady?

Cautelosamente lhe lançou um olhar.

— Sim. Ela vacilou. — Obrigado.

Imediatamente Rolfe foi consciente, que ela se negava a tratá—lo corretamente. Nenhum homem se atreveria a lhe mostrar semelhante falta de respeito omitindo chamá—lo de "Meu lorde". Mas ela se atrevia. A noite anterior, devido às circunstâncias, ele tinha deixado passar. Hoje era algo incrível e insustentável. Hoje não podia lhe permitir isso. Seus olhos azuis a marcaram com força.

— Diga Alice.

Ela o olhou. — Dizer o que?

— Não se faça de idiota confusa comigo, ele ordenou. — Diga: meu lorde.

Ela ficou rígida.

— Você não é meu lorde.

Rolfe não podia acreditar no que ouvia. Suas mãos, em suas rédeas, ficaram muito brancas. Ela o estava desafiando? Abertamente? Ela, sua prometida, uma lady, uma mulher? Rolfe não sabia qual de todos esses fatos o fazia pior!

Ele voltou seu olhar furioso para ela, a ponto de parar a coluna que avançava. Rolfe viu seus olhos, grandes e violetas, viu o medo ali. Passou por sua mente avançar brandamente, ele que só sabia como esgrimir uma espada. E então uma chuva de flechas descendeu das árvores.

— Emboscada! Rolfe rugiu, girando seu enorme cavalo para colocar—se entre Ceidre e a chuva de flechas. Uma pedra golpeou seu elmo. De relance viu seu agressor, e ele estava movendo seu machado, parado sobre os estribos. O saxão na árvore encontrou seu olhar, viu sua intenção fatal, e abriu sua boca para gritar. A arma de Rolfe o alcançou no tórax, partindo—o e derrubando—o da árvore. Rolfe viu outro arqueiro, com a flecha preparada e o arco em tensão. Ao mesmo tempo se deu conta que a moça estava justo atrás ele, com sua mula assustada apertada contra seu joelho direito.

— Não se afaste de mim, ele rugiu sem tirar os olhos dos saxões. Ele lançou seu machado quando o saxão lançava a seta. A flecha errou seu objetivo, mas Rolfe não.

Rolfe tinha sido um soldado toda sua vida; tinha vivido mil batalhas. Com um olhar rápido viu o combate a seu redor, percebeu que seus homens estavam no controle, soube que havia cinco saxões mortos ou agonizantes, soube que quase equiparavam ao número de homens que estavam fugindo, e alguns outros ainda no processo de serem derrotados. Ele agarrou a rédea da mula. O instinto o fez virar para ver um enorme saxão com sua espada de lâmina larga atacando a pé em direção a ele. Com um grito de guerra, Rolfe levantou sua própria espada, como estava mais alto que o homem e era mais rápido, atirou um golpe que o decapitou.

A batalha tinha terminado. A clareira do bosque estava completamente quieta, exceto pelos ofegos dos cavalos e seus próprios homens. Rolfe imediatamente notou que sete saxões jaziam mortos e que todos seus homens permaneciam sobre seus cavalos. Ele ainda estava sujeitando a rédea da mula, e esquadrinhando a área uma vez mais, virou para a mulher a seu lado.

— Terminou, ele disse secamente. — Está bem?

Seus lindos olhos violeta estavam muito abertos e muito assustados. Ela estava ofegando, sua mão no colo. Rolfe apertou sua mandíbula, furioso. Ele estava enfurecido

porque ela tinha estado em meio desse ataque. Seus exploradores não haviam advertido que algum perigo os esperava mais adiante.

— Alice...

Com um grito, ela desmontou e se inclinou contra uma árvore, tentando não vomitar. Rolfe se viu invadido pelo desejo de ir com ela e de algum jeito ajudá-la, embora não tinha a menor idéia do que deveria fazer, e se sentia envergonhado por seu próprio desejo. Conferindo, Guy se aproximou cavalgando.

— Dois feridos, meu lorde: Pierre Stac e Sir Stacy, mas não estão maus.

— Prisioneiros?

— Nenhum.

— Quantos escaparam?

— Seis acredito, meu lorde.

— Me envie o Charles. Seu tom era detestável.

Rolfe se voltou para Alice, que havia se arrumado e estava enfrentando—o, pálida e agitada, visivelmente incômoda. Rolfe desceu ao chão, limpou sua espada no pasto, e a embainhou. Ele caminhou para ela. Ali vacilou.

— Vem, não nos demoremos aqui.

Ela retrocedeu. Piscou suas lágrimas.

— Não tem nenhum remorso?

Ele a olhou fixamente.

Ceidre sabia o que tinha presenciado. Ela o tinha visto sacrificar rápida e eficazmente três homens. Em sua mente também sabia que ele tinha sido atacado, que ele tinha lutado para defender—se, defender a seus homens, e a ela, embora se negasse a escutar a voz da razão. Ele era o invasor, o inimigo normando.

— Matou a três homens, ela sussurrou. — Não tem nenhum remorso?

— Nenhum, ele disse. — Porque se eu tivesse remorso, Lady Alice, você agora estaria levando uma flecha em seu belo peito. Ele virou abruptamente afastando—se.

— É verdade, mas... Ceidre o perseguiu, agarrando sua manga. — Eles eram gente de meu povo, matou a minha gente. Ela sentiu as lágrimas, e queria chorar, chorar pelos mortos, os servos e os camponeses que ela conhecia, chorar a perda e seu ódio pela guerra.

Rolfe a olhou, mas não disse nada.

Guy se aproximou com outro soldado. Charles tinha o rosto muito pálido e os olhos muito ansiosos. Ele caiu sobre um joelho, sua cabeça, curvada.

— Falhou em seu dever, Rolfe disse. — Falhou na tarefa que te dei, fomos emboscados. Felizmente, só dois de meus homens foram feridos. Levante—se.

Charles ficou de pé.

Rolfe o olhou fixamente e viu que seus olhos estavam vermelhos. Lançou uma olhada a Guy procurando confirmação. Guy assentiu. Rolfe se aproximou.

— Esteve de farra ontem à noite, certa? Sua cobiça de mulheres e vinho te fizeram débil, não é apropriado para ser um de meus soldados. Toma sua espada e vai. Já não está ao meu serviço.

— Mas, Lord... Rolfe! O segui desde a Normandia. Fui fiel, sempre fiel...

— Nenhum homem falha em seu dever para comigo, nem uma vez, nunca. Vai, não me importa aonde. Rolfe se voltou e concluiu o assunto.

Ceidre observou, perplexa e horrorizada. Charles desabou, então orgulhoso, voltou—se. Como ele podia ser tão cruel, com seu próprio homem? Verdadeiramente Rolfe não era humano. Ceidre virou e o achou olhando—a inexpressivamente.

— Não pode mostrar um pouco de clemência? Ela perguntou incapaz de conter—se. Estava muito surpreendida para sentir—se assustada por sua própria audácia.

Ela observou um espasmo no músculo de sua bochecha.

— Você questiona isso?

Ceidre umedeceu seus lábios, mas permaneceu onde estava. O que estava fazendo? Ela nunca teria questionado seu pai ou seus irmãos, mas estava questionado ao normando!

— Ele é seu homem, normando.

— Está me desafiando abertamente, me questionando, me desaprovando?

Ceidre mordeu seu lábio, ofegando levemente, e tentou não vacilar quando ele deu outro passo para ela.

— Lady Alice, ele disse furioso. — Um soldado é só um soldado. E você, só é uma mulher. Ele fez uma pausa para causar um efeito.

Era um bastardo! Ceidre sentiu medo e soube que devia capitular.

— Pelo menos, ela disse, e havia um tremor muito leve em sua voz, — não sou normanda. Um porco normando, ela quis adicionar, mas sabiamente se refreou.

Sua voz era baixa e dura.

— É verdade. Sou um normando, você uma saxã. E... sua voz se elevou — Porque vais ser minha esposa, te explicarei algo. Por pouco que conseguimos escapar desta emboscada, escapamos só porque meus homens são os melhores do mundo. Meus homens

sabem o que se espera deles, e não me falham. Nunca. Se chegarem a falhar, eles não são os melhores. E quando eles não são os melhores, eu deixo de ser o melhor homem do rei William. Se eu falhar a meu rei, falho a mim mesmo. E eu sou Rolfe de Warenne.

Ela o olhou ardendo de raiva.

— Entende?

— Sim.

— Não sou um ogro, ele disse, e seu olhar foi penetrante.

Ela se avermelhou.

— Agora monte, minha lady, ele disse rígido.

Aelfgar.

Rolfe estava sentado muito quieto. Debaixo dele, seu enorme cavalo cinza se movia inquietamente. O sangue pulsava nos ouvidos. Pela primeira vez nesse dia, ele não estava consciente da bela mulher que cavalgava a seu lado. Só estava consciente de uma coisa.

Aelfgar.

Aelfgar propriamente dita era um vasto feudo, e eles vinham cruzando suas terras toda a manhã. Mas agora, estavam no coração da propriedade. Eles fizeram uma pausa em uma colina. Debaixo deles corria um rio largo, um estuário do mar, e cobrindo o terreno montanhoso estava a aldeia e o castelo.

Na verdade não era impressionante, mas para Rolfe não importava. A aldeia se compunha de uma dúzia de cabanas, um moinho, um campo de cultivo, pomares e jardins onde se cultivavam vegetais. As ovelhas estavam nas colinas. A aldeia estava situada a um nível ligeiramente mais baixo que o castelo, que, comparado com uma fortaleza normanda, não era nada mais que uma construção de madeira retangular com um telhado de madeira, exibindo janelas no piso superior, agora abertas para permitir o ingresso da brisa do verão. Não havia nenhuma paliçada. Mas Rolfe via mais, muito mais.

Via uma fortaleza de pedra de três andares, sobre o alto de uma colina, com um fosso rodeando—a. Muros altos, bem defendidos. Mais além, outra linha de defesa, e no meio as casas onde seus homens e suas esposas viveriam. Então, mais à frente do segundo muro, finalmente, a aldeia.

Rolfe sorriu. A construção começaria imediatamente.

E com seu olho perito, ele tomou decisões a respeito de onde colocaria cada estrutura, satisfeito com a disposição natural das terras. Quando tivesse acabado, Aelfgar seria muito mais defensável.

Era o modo dos normandos de invadir e anular aos saxões, destruir suas casas, e

erigir fortalezas ao estilo normando, com fosso e muros. Quando o tempo permitia, as fortificações de madeira eram substituídas por muros de pedra. Rolfe em pessoa tinha fiscalizado esse processo uma dúzia de vezes desde que tinha chegado à Inglaterra quatro anos atrás; e estava seguro que ele veria isso uma dúzia de vezes mais antes de morrer.

Ele persuadiu seu garanhão a avançar. Terminando com seu devaneio mental, virou para sorrir a sua prometida.

— Estamos em casa, ele disse alegremente.

— Esta nunca será sua casa, ela respondeu friamente.

Seu olhar estava carregado de advertências. Ela desviou seu olhar. Nem sequer o desafio dela podia frustrar seu prazer e sua determinação.

Eles entraram na aldeia. Rolfe freou seu cavalo, o grupo se deteve. Os aldeãos fizeram uma pausa em seus trabalhos nos campos e jardins, as crianças, curiosas, aproximaram—se do caminho onde eles estavam.

— Acorda a todos, Guy, Rolfe disse com calma.

— Não! Ceidre gritou, recordando que essas tinham sido suas palavras exatas no dia anterior ao arrasar à vila do Kesop.

Rolfe não a olhou.

— Não pode. Ela agarrou sua manga. — Por favor, meu lorde!

Os homens voltaram dos campos, as mulheres entraram em suas casas, arrastando às crianças. Rolfe estava satisfeito. Eles estavam bem alimentados e saudáveis. Ignorando Ceidre, ele virou para Guy.

— Quero um censo exato para esta tarde. Lista de pessoas por família. Todos os nomes até do bebê mais pequeno.

— Sim, meu lorde.

— E posses, animais e cultivos. Guy sacudiu a cabeça.

— Assim será feito.

— Bem. Rolfe sorriu, logo parou sobre seus estribos.

— Vocês, ouçam, ele disse, levantando a voz. — Em nome do rei William da Normandia, têm diante de vocês seu novo lorde, o lorde de Aelfgar, Rolfe de Warenne.

Um gemido coletivo se ouviu.

— Não! Ceidre gritou. — Não é verdade!

Rolfe se voltou lançando a ela um olhar duro.

— Mantém a boca fechada, ele advertiu.

— Como pode ser? Ceidre gritou histericamente. — Eles estão mortos? Edwin e Morcar estão mortos?

— Seus irmãos estão vivos, ele disse frio. — Aelfgar é meu, da mesma maneira que você é minha. Seus irmãos são traidores, inimigos da coroa. Suas terras foram confiscadas, e eles terão sorte se conservarem suas vidas.

Desapropriados. Ceidre pensou que poderia desmaiar. Edwin e Morcar tinham sido desapropriados de suas terras, e esse homem, esse normando, era o novo lorde de Aelfgar. Ela queria chorar. Queria matar.

— Sou seu lorde e seu amo Alice, Rolfe disse. — E quanto mais cedo se acostumar a isso, melhor será.

— Você nunca será meu lorde e meu amo, nunca!

— Estou cansado de suas tolices. Ele se dirigiu à multidão novamente. — Como podem ver, tenho lady Alice comigo, ela é minha prometida. Não há nada que possam fazer para mudar o que já foi feito. A traição para seu novo lorde será castigada com açoites, inclusive com o enforcamento, não haverá clemência. Rolfe fez gestos a seus homens, e eles avançaram.

Os aldeões murmuraram abertamente, chocados apesar de todos esses anos em guerra.

— Lady Alice? Alguém disse. — É Ceidre! E seu nome foi repetido por outros aldeões.

Rolfe é obvio, ouviu.

— Quem é essa Ceidre da que eles estão falando?

A raiva de Ceidre desapareceu sendo substituída por pânico.

— Não sei!

Ele a olhou fixamente.

Eles chegaram à fortaleza, cinquenta dos homens mais ferozes de William, com cavalos preparados para a guerra. As cotas de malha dos cavaleiros, seus escudos, e suas espadas brilhavam cegando os olhos de todos. Ceidre estava segura que a meia dúzia de soldados deixados por seus irmãos não resistiriam ao impacto das forças normandas. Eles foram saudados na fortaleza por Athelstan, o homem deixado responsável pelos seis soldados por Edwin. Com ele estavam os outros cinco.

Rolfe colocou seu cavalo à frente da coluna e freou o animal. Sua capa negra, forrada em tecido vermelho, voava sobre seus ombros largos.

— Baixem suas armas, saxões. Sou o Lorde de Aelfgar, Rolfe de Warenne, seu novo amo e senhor. Levantar um arco e uma flecha contra mim só significará morrer. Especialmente porque tenho comigo a minha prometida, e nenhum homem levanta suas armas contra Lady Alice.

Ceidre sentiu náuseas.

— Sei, Athelstan disse severamente. — Rolfe o Implacável. Seu nome está escrito nas asas do falcão de seu estandarte. Mas se pensar que pode tomar o patrimônio de Lorde Edwin, está equivocado.

— O tempo dirá. No momento, só estou tomando isso de vocês.

— Já baixamos nossas armas. Athelstan indicou o chão a seus pés, onde estavam seus os arcos e os escudos. — Mas quando Edwin e Morcar voltarem, levantaremos e as usaremos novamente.

— É uma advertência honesta, Rolfe disse e sorriu. — Acredito que é um homem honrado, e eu gosto disso.

— Sou honrado e honesto, então me escute com atenção e com cuidado. O que é essa tolice? Lady Alice? Essa não é Lady Alice.

O sorriso de Rolfe desapareceu.

— Não brinque.

— Isso não é nenhum mistério. Essa certamente não é Lady Alice.

Rolfe virou sua cabeça, furioso, com os olhos ardendo.

— Então, quem é? Ele exigiu. Ceidre rapidamente encontrou as palavras.

— Não sou sua prometida.

Seus olhares se encontraram, o seu forte e enfurecido, o dela assustado.

Detrás de Athelstan, uma mulher miúda, de cabelo escuro avançou.

— Eu sou Lady Alice.

Rolfe olhou desconcertadamente a sua prometida. Ele se recuperou.

— É a filha do velho Lorde? A irmã de Edwin de Aelfgar?

Alice, delicada e esbelta, sacudiu a cabeça assentindo, seus enormes olhos escuros se mostravam cautelosos.

— E você é nosso novo Lorde?

— Sim, Rolfe confirmou rigidamente, e Ceidre realmente podia sentir que sua fúria era assassina.

— Quem, se posso perguntar, é esta mulher?

Alice lhe sorriu.

— OH, ela? Ninguém, meu lorde, só uma das filhas de uma criada.

Ceidre se avermelhou.

— Papai amava Annie e sabe disso.

Alice riu.

— Amor? Vamos, Ceidre, já discutimos isso antes. Era a minha mãe quem ele amava, não essa prostituta que levantava as saias para todos os homens da aldeia!

Alice nunca tinha falado desse modo antes, embora em privado ela sempre tivesse insistido em que Annie era uma prostituta e que sua mãe, Jane tinha sido o amor de seu pai. Ceidre estava furiosa.

— Como te atreve!

— É a verdade. Ela virou para Rolfe.

— Meu lorde, deve estar cansado. Vêem, me deixe te oferecer um banho.

Rolfe se voltou para olhar Ceidre, houve um espasmo em um músculo de sua mandíbula.

— Então é a bastarda do velho Aelfgar?

Ela levantou seu queixo.

— Sim.

— Me ocuparei de você mais tarde, advertiu.

O peito de Ceidre subia e descia pesadamente e ela lutava por conter as lágrimas. Observou Rolfe desmontar, viu o sorriso de Alice e a viu pôr sua mão branca e delicada sobre seu braço.

— Não perca o tempo com ela, meu lorde, Alice disse. — Como disse, ela é só uma das muitas bastardas, nada de muita importância. Diga—me, é verdade? Vamos nos casar? Seu tom era alegre e ansioso.

— Sim.

Eles entraram de braços dados, Ceidre incapaz de desviar o olhar, e perplexa com o entusiasmo de Alice. Quando eles desapareceram de sua vista, Ceidre ouviu sua irmã rir encantadoramente, sedutoramente. Sua mão encontrou o pescoço da mula, e ela começou a aplaudi—lo.



—Sinto muito, Ceidre, disse Athelstan.

— Ocupe—se destes homens, Ceidre disse em voz alta. — Eles necessitam algo fresco. Seus cavalos precisam ser alimentados, e o de cor parda perdeu uma ferradura.

— Sim, ama.

Ceidre desceu da mula e só então as lágrimas começaram a cair por seu rosto. Mas ela não deixaria que ninguém visse. Da mesma maneira que nunca tinha deixado que ninguém visse sua dor e sua decepção, não quando os estranhos a evitavam, nem quando seu pai tinha fracassado em lhe encontrar um marido. Particularmente essa vez ela se escondeu, pois não havia a razão para mostrar—se ferida ou decepcionada.



Capítulo 9

Rolfe estava rígido pela fúria contida.

Essa bruxa tinha mentido. Tinha—o enganado. Ela não era Lady Alice, não era sua prometida. Ela pagaria muito caro por seu engano.

E ele tinha que casar—se com outra.

— Meu lorde? Seu banho está esfriando.

Rolfe estava franzindo o cenho, quase grunhindo, olhando a tina diante da lareira realmente sem vê-la. Ele estava nos aposentos do Lorde, que tinha sido preparado apressadamente para ele. Agora, ante o som da voz vacilante de sua prometida, ele levantou o olhar. Pela primeira vez, estudou—a.

Alice era bonita, mas era um fato difícil de discernir depois de ter estado na presença de sua irmã esse último dia. Ela era muito pálida, sua pele muito branca em contraste com seu escuro e ondulado cabelo. Ela era miúda e delicada, com nenhuma das curvas de Ceidre. Não podia comparar—se a sua irmã, e Rolfe reconheceu profundamente que Alice era uma decepção.

Também sabia que se nunca tivesse conhecido à bruxa, ele estaria satisfeito com Alice. Mas esse não era o caso agora.

Alice sorriu tremula.

— Meu lorde? Está muito calado. Talvez um pouco de cerveja animasse sua alma.

— Por que não pergunta por seus irmãos?

Alice vacilou.

— Sua chegada me nublou completamente a mente. Ela riu nervosamente.

— Resistirá a este matrimônio?

— OH, não! Ela estava claramente agradada com ele como futuro marido.

— Acha—me de seu gosto?

Ela ruborizou.

— Estava necessitando um marido, meu lorde. Meu prometido morreu pouco depois do Hastings, E nos últimos anos, com todas as rebeliões, Edwin não teve tempo para me arrumar outro matrimônio. Estou ficando velha.

Rolfe sacudiu a cabeça, o que ela dizia tinha perfeito sentido.

— É mais jovem que sua irmã.

O rosto da Alice se esticou brevemente, logo essa expressão desapareceu.

— Tenho vinte anos, ela é dois anos mais velha. Seu nariz se elevou no ar. — Por que se preocupa tanto com ela? Ceidre é só uma das incontáveis bastardas que meu pai procriou. Meu pai nem sequer julgou conveniente organizar um matrimônio para ela! E agora... ela sorriu, — ninguém a tomará como esposa, devido a seu “olho do mal”! Ela é uma bruxa, sabe.

A mandíbula de Rolfe se esticou. Ele não era idiota. Alice claramente menosprezava sua irmã, mas considerava difícil de acreditar que ela realmente pensasse que Ceidre era uma bruxa.

— Não haverá mais conversações entre nós sobre sua irmã, ele ordenou. — Ela não é uma bruxa.

Alice mordeu o lábio, logo abaixou a cabeça em sinal de obediência. Rolfe tirou a cota de malha, lançando—a sobre o piso. Alice se apressou em ficar ao seu lado. Ajudou—o a tirar a enorme espada, logo sua camisa. Ela olhou fixamente a pequena bolsa pendurada ao redor de seu pescoço.

— Isso é dela!

— E agora é meu Rolfe replicou tranqüilamente, perfurando—a com um olhar. Ele tirou a pequena bolsa e a colocou cuidadosamente com suas coisas. Alice começou a lhe tirar as calças. Rolfe observou com desprezo o alto de sua cabeça curvada e desejou que fosse Ceidre quem fizesse essa tarefa. Quando esteve nu, deu—lhe as costas e entrou na tina com água fumegante. Alice apressadamente desviou seus olhos de seu corpo duro e poderoso com um tremor.

— Você gostaria que ensaboasse suas costas, meu lorde? Sim, eu gostaria de ser ensaboado, pela bruxa de cabelo cor cobre.

— Sim eu gostaria, ele disse, — e um pouco de vinho. Há vinho nesta fortaleza, minha lady?

— Acredito que sim, Alice disse.

Rolfe grunhiu e ela se afastou rapidamente, deixando—o só no grande aposento. Seus pensamentos ficaram escuros, mais detestáveis que um furacão. Ela o tinha enganado. Para ganhar o que? Tempo e segurança, ele considerou, devido a sua intenção de violá—la.

Maldição com ela. Estava mais que furioso. Ela não podia desafiar sua autoridade, não podia continuar fazendo, mas parece que ela fazia a cada minuto! E isso, esconder sua identidade, o fazer acreditar que ela era sua prometida, isto era muito sério realmente. Mas... Que penitência ou castigo lhe dar?

Estava tão zangado que se forçou a tirar seus pensamentos dela, para lutar com assuntos mais agradáveis. Ele apoiou de costas na tina e começou a planejar sua tarde. Ainda havia muitas horas de claridade para inspecionar o lado leste de sua propriedade até onde chegava a costa. E amanhã, a primeira hora da manhã, a moderna construção de Aelfgar começaria. Ele sorriu com esse pensamento.

Seu prazer estava morto. E o que faria com o matrimônio? Quando seria? Uma quinzena, ele decidiu. Depois de tudo tinha muito que fazer nos dias seguintes, e não seria melhor ter a maior parte da nova construção em marcha antes do casamento?

Rolfe bufou com escárnio. Se tivesse sido Ceidre, teria se casado amanhã e a teria levado a cama amanhã de noite!

Um flash de algo dourado capturou seu olhar. Ele se endireitou, seus olhos foram para a entrada aberta. Ceidre estava ali.

Rolfe sorriu ligeiramente, seus olhos nunca a deixaram. Sentiu—se novamente comovido por sua beleza, suas cores audazes e seu corpo sedutor. Talvez ela seja uma bruxa, ele pensou ligeiramente divertido, porque seu corpo já estava respondendo, com apenas a imagem dela. Ele estava engrossando, inchando...

— Buscava—me Ceidre?

— Imploro que me devolva minhas poções... meu lorde. Rolfe não olhou o baú onde suas ervas estavam sobre suas roupas.

— Elas não estão aqui, ele disse serenamente. Ela se moveu.

— Meu lorde, por favor, eu verdadeiramente as necessito.

— Vêem aqui, Ceidre.

Ante seu tom sensual, ela se congelou.

Seu sorriso predatório cresceu.

— Vêem aqui. Um segundo passou e ela não se moveu.

— Te darei isso.

Ceidre vacilou, logo entrou corajosamente no quarto, e Rolfe observou o balanço de seus quadris. Sua excitação era tão intensa como sua dor. Ela fez uma pausa a um metro de distância da tina, olhando—o cautelosamente, parecia uma pomba caçada.

— Quero—as agora.



— Sim? Primeiro a penitência.

— Penitência?

— Por suas mentiras, seu tom era suave como a seda.

— E o que quer que faça?

— Vêem aqui.

Seu olhar se alargou. Ela só olhava seu rosto.

— Não há ninguém para lavar minhas costas. Suspirou. — Vêem aqui, Ceidre.

Lentamente ela avançou em direção a ele, então em uma explosão de desespero, ela estava atrás dele, inundando o pano na água.

— Quero que me devolva meu amuleto, ela advertiu, tocando muito suavemente suas costas com o pano de banho.

— Isso não é o melhor que pode fazer, ele ronronou. E se inclinou para frente, expondo a comprida extensão de suas costas musculosas do ombro até o quadril.

Ceidre olhou a soberba e brilhante carne. Suas costas eram perfeitas; seu peito tinha uma larga cicatriz em diagonal que corria do quadril até um mamilo, e uma dúzia de cicatrizes menores. O coração de Ceidre, é obvio, estava pulsando grosseiramente em seu peito. Ela tomou uma respiração, e apoiou o pano em sua nuca.

O corpo se endureceu debaixo de sua mão.

— Termina, Rolfe disse.

— Sim, meu lorde, ela murmurou amargamente.

— Mas está seguro que não quer que Lady Alice faça isso? Ela pôs toda sua força na tarefa e começou a esfregar seu ombro.

Rolfe se estremeceu, mas ela não viu.

— Ela não está aqui, ele respondeu tranquilamente. — E você sim.

Ela esfregou com mais força. Esperava arrancar a pele de seu corpo, era o que se merecia!

— Ceidre, advertiu.

Ela estava ofegando por seus esforços. E então Ceidre viu a pequena bolsa na pilha de suas roupas. Em um instante ela estava de pé e no baú com o pacote na mão. Ela deu dois passos para a porta. Mas uma mão grande e poderosa se fechou ao redor de seu pulso, fazendo—a girar para enfrentá—lo, e seu outro braço capturou sua cintura como os metais de uma armadilha. Ela estava capturada e imóvel contra seu corpo molhado e nu.

— Está brincando com fogo, Ceidre.

Ela olhou asperamente seus olhos brilhantes e triunfais. Ceidre podia sentir a umidade de seu corpo. Seu próprio vestido e inclusive sua camisa estavam se molhando. Seus seios estavam esmagados contra a parede de músculos de seu peito. Mas principalmente ela estava consciente de seu membro, pulsando contra seu quadril. Ceidre tentou afastar—se, mas ele a apertou mais contra ele. Ela ofegou.

— Fogo, ele disse severamente. — Agora a penitência. E então ele tomou sua boca com a sua.

Seu beijo foi feroz, intenso, totalmente inflexível, mas não cruel. Ceidre ofegou enquanto suas mãos se elevaram para afastá—lo. Mas foi um engano. Pelo contrário, suas mãos se abriram apoiando—se contra a pele morna e suavemente peluda. Ele grunhiu, com um som animal, advertindo—a. Seus dentes se chocaram. Com um grito, ela lutou afastando—se, só para ser apanhada novamente e pega contra seu corpo.

— Não!

— OH, sim, ele ronronou, a luz em seus olhos brilhantes, momentaneamente nublaram seus sentidos.

Por um momento só houve quietude: ela deveria lutar, mas permanecia grudada nele, então brigou com seu olhar.

— E Alice! Ela gritou desesperada e furiosa. — E sua prometida!

Sua expressão se fez cruel, inclusive feia.

— Você deveria ser minha prometida.

A boca aberta de Ceidre ia protestar, mas ela não fez nada mais que emitir um som sufocado. Pois a palma de Rolfe sujeitou sua cabeça e seus lábios reclamaram os seus, sua língua entrou profundamente em sua boca. Uma de suas mãos se fechou sobre sua nádega e levantou seu púbis contra sua ereção.

Sua boca deixou a dela.

— Não, Ceidre conseguiu dizer, mas foi uma débil mentira, ela estava ardendo, tremendo com uma excitação dolorosamente insuportável que tornava impossível permanecer firme. Sua boca se movia vorazmente contra sua garganta, beliscando, lambendo, beijando sua pele. E então ele se inclinou para morder um mamilo por sobre o tecido de seu vestido.

Ceidre exclamou, agarrando—se a seus ombros largos em uma tentativa débil de apartá—lo. Então, abruptamente, ele a afastou. Ofegando e perplexa, Ceidre tentou recuperar—se. Rolfe estava cobrindo com sua camisa o membro ereto. Ele a perfurou com

um olhar – uma advertência — e então Alice e um criado entraram no quarto com refrescos.

Alice parou em seco, olhando de Rolfe a Ceidre. Ceidre sabia que tudo devia estar visível — seus lábios deviam estar vermelhos e inchados, seu rosto avermelhado, seu vestido molhado, seu cabelo escapando da trança grossa. OH, Deus! Dar—se conta do que acabava de acontecer lhe doeu como uma faca cravada. Ceidre estava horrorizada.

— Obrigado, minha lady, Rolfe estava dizendo. Ainda tinha a camisa pendurada em um braço, cobrindo—o. Com sua outra mão tomou a taça de vinho e logo a bebeu.

Alice lançou a Ceidre um olhar de ódio. Então, angelicalmente, ingenuamente, disse a Rolfe:

— Outra taça, meu lorde?

— Não, é suficiente.

— Já acabaste?

— Sim.

Alice passou a taça ao criado, levantou uma toalha, e começou a secar seus ombros. Ceidre sentiu uma punhalada ante essa imagem, e o odiou. Esqueceu—se das ervas enquanto fugia.

Rolfe não a chamou para que voltasse.



Capítulo 10

Ceidre estava zangada.

Ela pisou no chão, levantando a ponta de suas saias. De vez em quando fazia uma pausa para inspecionar um grupo de flores amarelas e escolher umas minúsculas folhas verdes, colocando-as em sua cesta. Logo grunhiu. Tudo isso era culpa dele. Se tivesse dado seu saquinho de ervas não teria que estar fazendo isso agora, quando se sentia tão cansada, tão faminta, quando tudo o que ela queria fazer era apoiar sua cabeça na cama e dormir sem sonhar.

Pensou em Thor e sombriamente continuou sua busca. Thor era o cão de caça mais velho de Edwin, por isso ele era quase da mesma idade dela. Estava ferido por uma briga de cães que Athelstan disse ter acontecido ontem à noite. A poção para dormir que tinha dado ao Guy, quando mesclada com valeriana, adormecê-lo—ia o suficiente para que ela o curasse e para que ele dormisse. Agora Thor estava sofrendo muito, e sua dor era insuportável para Ceidre, não só porque ele era velho, mas sim porque era seu melhor amigo. Já tinha a quantidade suficiente de ervas, e já estava se aproximando o crepúsculo. Pensou em quantas ervas havia dentro de seu saquinho e amaldiçoou, desejando pelo menos dessa vez ser verdadeiramente uma bruxa. OH, então ela o faria sofrer!

Uma verdadeira penitência!

Por que ela tinha que pagar com um castigo tão baixo só para satisfazer sua luxúria? Ceidre avermelhou com fúria e desalento por apenas recordar. E ele estava para casar—se com Alice. Seu coração se sobressaltou com esse fato. Não queria pensar muito nisso, mas tampouco podia ignorar. Estava ofuscada, mas certamente só era devido à idéia de ter seu pior inimigo no seio de sua própria família e vivendo em sua casa. Ainda conservava uma imagem vívida de Alice secando—o com a toalha. Imaginou—o beijando Alice, do mesmo modo que a tinha beijado. As náuseas foram tão fortes que teve que deter—se para se recompor.

Não estava ciumenta. Odiava o normando e tudo o que ele significava. Ele era o inimigo, o invasor. Ele estava desapropriando seus dois irmãos, a quem ela adorava. Ele era cruel e frio, tinha arrasado Kesop sem nenhum sentimento de culpa. Não estava ciumenta, mas, OH! Destino maldito, finalmente tinha conhecido um homem que não a temia e que a

desejava e tinha que ser um normando a quem ela só podia odiar!

Essa noite ela devia conversar com Alice. Alice verdadeiramente não podia querer esse matrimônio, e Ceidre moveria céus e terra para ajudá—la a evitá—lo, embora isso significasse envenenar a seu prometido.

Não. Ela nunca machucaria a outra alma, nem sequer a uma besta. Teria que enfrentar uma situação muito mais grave antes de resolver usar seus poderes. Esses poderes eram ensinados por sua avó, machucar em vez de curar. Não, certamente devia haver outro modo.

No único salão da fortaleza, Rolfe estava sentado na cabeceira da larga mesa com Alice ao seu lado. Estava vestido com: calça de lã, sapatos, uma camisa e o cinto com a bainha de sua espada. Seus homens estavam sentados em torno da mesa comendo alegremente, os que não tinham conseguido encontrar um assento comiam de pé. Guy estava sentado a sua direita, Athelstan à esquerda de Alice. Sua prometida tocou sua mão com sua pequena mão branca.

— Meu lorde? Você não gosta de nosso vinho?

Na verdade, era asqueroso, embora ele estivesse farto da cerveja saxã.

— É passável.

— Mas não come, Alice insistiu. — A comida não te agrada?

— Agrada—me, ele respondeu automaticamente, embora na verdade não saberia dizer, ainda não tinha provado um bocado. Novamente seu olhar percorreu o salão. Onde estava ela?

Ele não queria chegar tão longe. Tinha estado zangado, ainda estava zangado. Ceidre não podia enganá—lo à vontade. Entretanto ela se atreveu a invadir seu quarto enquanto ele tomava banho, e não tinha podido conter seus baixos instintos, e ensaboá—lo certamente era o castigo mais suave que ela podia ter. Mas quando ela tinha arrebatado a pequena bolsa de couro, ele não tinha respondido com o pensamento racional a não ser com o instinto de um soldado. Tinha—a encurralado. E se Alice não tivesse retornado a teria tomado, aí mesmo, de pé.

Sua necessidade por Ceidre estava fora de controle e ele sabia. Também se dava conta que isso não podia continuar, pois tinha que se casar com a irmã. Muitos lordes não pensariam duas vezes em tomar Ceidre como amante, mesmo estando casado com Alice. Depois de tudo ela pertencia a Aelfgar e era uma bastarda. Embora tivesse direito em fazê—lo, não lhe parecia o correto. Antes tinha sido diferente, pois ele tinha pensado que era apenas uma moça camponesa e tinha tido a intenção de violá—la. Mas agora Ceidre era

a irmã de sua prometida. Rolfe desejou ser um homem diferente, desejou poder se permitir ter uma esposa e uma amante. Mas ele não podia se permitir.

Então teria que se controlar. E isso, ele jurou por Deus, o faria.

Mas, onde estava ela?

— Meu lorde, deveria preparar alguma outra coisa que seja mais de seu gosto?

A preocupação excessiva dela logo se faria insuportável. Rolfe pressentia que se devia ao medo que ela tinha de perder outro prometido, e a que estava desesperada por se casar. Rolfe entendia muito bem sua difícil posição, pois em pouco tempo ela seria muito velha para atrair outros candidatos. Deveria tranquilizá-la, embora não estava de humor.

— Lady Alice, a comida está bem, só que parece que não tenho apetite. Por que sua irmã não está aqui?

Alice ficou rígida.

— Ceidre faz o que quer, ela sempre tem feito. Frequentemente ela come com as criadas na cozinha, como, na verdade, ela deveria. Às vezes ela passa dias longe da fortaleza, só os Santos sabem aonde vai praticando suas bruxarias.

Rolfe estava furioso. Ele se levantou abruptamente.

— Abertamente te atreve a me desafiar?

Alice ofegou, sua mão cobrindo sua boca.

— Sinto muito! Esqueci que me proibiu falar desse assunto! Mas é a verdade!

— Sua língua está envenenada com ciúmes, e isso é muito inapropriado.

Ela se endireitou.

— Eu não tenho ciúmes, ciúmes de uma bastarda filha de uma prostituta...

— Basta, ele disse. — Estou aborrecido.

Alice, branca de fúria, fugiu para o andar de cima. Rolfe girou para Athelstan.

— Por que ela odeia tanto a irmã? Seu tom era baixo, só os que estavam mais próximos podiam ouvi-lo.

— Já notou meu lorde, Athelstan disse. — Ciúme é obvio.

— Esses sentimentos não são sua culpa, foi sua mãe quem os propôs.

— Me conte. Rolfe se sentou novamente.

— Lorde Aelfgar amou muito a sua primeira esposa, lady Maude. Adorou—a duplamente quando lhe deu dois filhos varões sãos. Mas ela foi se debilitando ainda sendo jovem, e não podia relacionar—se com o lorde como uma esposa deveria.

Rolfe encolheu os ombros.

— Não é estranho.

— Mas Aelfgar verdadeiramente a amava. Ele não procurou outras mulheres fora do matrimônio. Nunca.

Rolfe riu com ceticismo.

— Não? E Ceidre como nasceu?

— Depois de muitos anos, pois acima de tudo ele era um ser humano, enredou—se com uma bonita criada, Annie, a mãe de Ceidre. Maude estava morrendo. Aelfgar estava desesperado, e Annie era a beleza, a luz, a risada e a alegria que lhe faltavam. Maude morreu e Annie teve Ceidre. Ela ultrapassava a sua mãe em suas belezas e risadas, e Aelfgar adorou o bebê. Ele ofereceu a mão de Annie ao melhor de seus camponeses, mas ela o amava tanto que se recusou a casar—se. Então Annie ficou aqui, nas cozinhas, e Ceidre cresceu nesta fortaleza. Estava por todos os lados, nas cozinhas, no salão, nos estábulos, no bosque. Todos sabiam que ela era a filha do lorde, embora não tivesse nascido de um berço nobre. Ele permitiu a ela viver livremente e fazer o que queria. Seu pai a amava, seus irmãos a adoravam, e tudo teria estado bem se Aelfgar não se casasse com a mãe de Alice, Lady Jane.

— E então?

— Quando Aelfgar se deu conta que estava apaixonado por Annie, uma serva, determinou—se a corrigir essa situação. Trouxe Jane de uma pequena fortaleza nas fronteiras do norte. Só tinha passado um ano depois do nascimento de Ceidre. Jane era o oposto de Annie, morena, fria, rancorosa, e muito amarga. Não aceitava que seu marido amasse a outra. Finalmente Aelfgar voltou com Annie novamente. E nunca se relacionou com Jane, lhe deu uma filha, Alice, mas ele a tratou com respeito e distância. Jane sabia de sua amante, e a odiava ferozmente, a ela e a sua filha. Alice cresceu alimentando—se com esse ódio venenoso. Ela odiava sua irmã desde o primeiro dia que pôde sentir essa emoção, antes que ela pudesse falar.

— Não houve outras mulheres?

— Aelfgar era um homem pouco comum. Não, para ele só existiu Annie depois que Maude morreu, e Ceidre é sua única bastarda.

— Lady Alice acredita que Ceidre é uma de suas muitas bastardas.

— Possivelmente ela acredite nisso e talvez não.

— É tão sábio como os anos que tem saxão.

— E você é mais sábio que os anos que tem normando.

Rolfe se encontrou sorrindo ligeiramente para si mesmo, e Athelstan finalmente fez o mesmo.

— É verdade que Ceidre desaparece de vez em quando, por dias? Não gostou nada da idéia.

— É estranho. Athelstan o olhou fixamente. — Faz muitas perguntas sobre sua irmã, meu lorde.

Rolfe encontrou seu olhar.

— Ela é uma bela mulher, e eu tinha pensado que ela era minha prometida. O normal, dadas as circunstâncias.

— Não tem medo de seu olho?

Rolfe riu, sem ironia.

— Pensa também que ela é uma bruxa?

— OH, ela é uma bruxa, por certo, Athelstan disse seriamente. — Até seu pai sabia isso. Mas uma bruxa boa.

— Ela é de carne e osso, uma mulher feita para um homem. E seus pensamentos traiçoeiros adicionaram: uma mulher feita para mim. Rolfe se horrorizou, não gostava de sua própria deslealdade.

— Claro, meu lorde. Mas esta noite ela pratica as artes da bruxaria.

— O que quer dizer com isso? Sua voz quase era um rugido, acompanhado por um golpe na mesa, quase rachando a madeira.

— Ela foi ao campo para procurar uma erva especial para o Thor.

— Explique—se, velho.

Athelstan rapidamente lhe contou, e Rolfe ficou furioso e incrédulo ao mesmo tempo.

— Ela sai de noite, sozinha, sem escolta, para ir procurar ervas para curar um cão velho! Rolfe saltou, ordenando a seus homens que se levantassem.

— Devemos pôr fim a essas tolices de uma vez por todas.



Capítulo 11

O rosto de Alice era uma máscara de ira. Raivosa, ela se sentia tensa e feia, mais velha que idade que tinha. Ela escutou o lorde e seus homens enquanto cavalgavam pela noite iluminados pela luz de uma tocha, os cascos seus cavalos soaram como um trovão. E tudo para encontrar Ceidre.

Era impossível, mas a verdade era que seu prometido queria a sua irmã. Ceidre o tinha enfeitado, ela estava segura. Por que outra razão ele a olharia do modo que o fazia, quando nenhum outro homem mortal se atrevia a fazê-lo? Ou ele também era um ser satânico, talvez não fosse de carne e osso, e sim uma criação de Satã? Alice estremeceu.

Não, ele era um homem de carne e osso. Ela tinha visto seu corpo, duro, musculoso, com feias cicatrizes de batalhas. Por alguma razão não ele tinha medo do olho de Ceidre, e desse modo se sentia subjugado por sua beleza antinatural.

Alice odiava tanto a sua irmã que sentia como se estivesse sufocando.

Alice nunca tinha tido medo de sua irmã, seu ódio sempre tinha sido mais forte. E com o transcurso do tempo, tornou-se mais valente, pois Ceidre nunca lhe tinha feito um feitiço. Alice estava segura que era porque elas eram irmãs e porque isso teria enfurecido seu pai. Ou talvez Ceidre não tivesse nenhum poder. Esse pensamento agradou muito Alice.

Agora Rolfe estava cavalgando de noite procurando—a.

Alice desejou poder matar Ceidre. Rolfe, como seu pai, não tinha medo dela e, além disso, estava fascinado por sua incomum cor de cabelo, com sua beleza e com seu corpo. Pensar em seu pai fazia mal a Alice. O modo como ele tinha adorado Ceidre, tinha amado abertamente a essa puta da Annie, enquanto que para sua própria mãe ou para si mesma só havia um tímido sorriso. Seus irmãos sempre tinham mimado e querido Ceidre, sem assustar—se de seu olho defeituoso, encantados seus sorrisos e suas risadas. Todos aqueles que eram significativos na vida de Alice sempre tinham preferido sua irmã a ela. Ceidre não era amada apenas por aqueles que não eram importantes para Alice, como por exemplo, o

jovem cheio de espinhas, Bill, seu prometido.

Alice desejava, embora só fosse uma vez, poder ver Rolfe retroceder horrorizado pela imagem de sua irmã. Ela sabia o quanto o rechaço das pessoas feria Ceidre.

Ceidre não ia arruinar o que era certamente sua última oportunidade de um matrimônio, Alice jurou a si mesma.

E um plano começou a formar—se em sua mente.

Uma hora tinha passado e a lua estava alta, cheia e amarela, iluminando a noite. Rolfe freou seu cavalo, escutando o silêncio. Não havia nenhum som, nem sequer de grilos ou mochos, nem do vento. Ele parou sobre os estribos. Sobre uma colina adjacente podia ver as luzes das tochas que seus homens levavam enquanto rastreavam o campo. Seu corpo estava tão tenso como a corda de arco. Ela nunca mais vagaria sozinha pelos campos!

— Ceidre! Ceidre!

Não houve resposta. Agora estava verdadeiramente preocupado, seguro que algo terrível lhe tinha acontecido; lobos, assaltantes, patrulhas de mercenários. Então ouviu um ruído e girou a cabeça para olhar a seu redor. Soube de seu engano imediatamente, quando viu uma luz aproximando—se, era um de seus homens. Seu coração se sobressaltou quando ouviu:

— Meu lorde! A tenho, encontrei—a!

Sua expressão mudou, sua preocupação se evaporou, e sua boca se fechou em uma linha dura e severa. Esporeou seu cavalo para frente para encontrar Beltain.

— Bem feito, ele disse em voz baixa.

— Desça—me, idiota, Ceidre disse com os dentes apertados, um vulto se torcia no colo de Beltain.

— Meu lorde? Beltain perguntou.

Os dedos do Rolfe arderam com o impulso de lhe açoitar o traseiro até que ela não pudesse sentar—se.

— Desça—a.

Beltain a soltou, e ela deslizou para o chão, ofegando.

— O que quer dizer tudo isto!

Rolfe se abaixou e a elevou.

— Não me ponha a prova, advertiu, Ceidre deixou de protestar.

Ela estava muito quieta, sentada nos arreios entre suas coxas duras.

— Gesticule aos outros, Rolfe disse. E esporeou em cavalo em direção a Aelfgar.

Ceidre apertou sua cesta, sua raiva se desvaneceu com sua presença poderosa. Com a tensão que se criou, seu coração começou a pulsar ferozmente. Ele estava zangado, muito zangado o que não tinha sentido. E por que todos seus homens a estavam procurando? O que ela fazia, não era assunto deles. Não entendia isso. Não gostava de ser tratada como algo de sua propriedade, o que realmente aconteceria se o aceitasse como o novo lorde.

Rolfe não disse nenhuma palavra e o trajeto foi curto. Na fortaleza ele desmontou, arrastando—a bastante rudemente fora dos arreios. Entregou seu enorme cavalo a um dos pajens, o aperto em seu cotovelo a machucava. Ele a arrastou até o salão.

Alice olhou por cima de seu bordado. Estava sentada com sua criada, uma mulher gordinha chamada Mary. Alguns dos homens já tinham retornado e estavam bebendo cerveja e jogando dados. Alice os observava continuamente, mas não dizia nada.

— Todos, saiam do salão, Rolfe disse, soltando Ceidre. Ela deu um passo.

— Não, você não, ele disse.

Ela se congelou.

— Você fica aqui.

Ela girou para olhá—lo. Ele a olhou seriamente, seu olhar era perigoso. Todos partiram.

Ceidre lutou para controlar o ritmo de sua respiração. Nenhum homem a tinha feito sentir uma covarde antes, e ele, esse inimigo normando, o usurpador de Aelfgar, não ia ser o primeiro. Era uma batalha perigosa que ela ganhou corajosamente quando conseguiu dizer,

— Tem outro castigo para mim, meu lorde? Ela abriu suas mãos. — Talvez aqui mesmo, no piso? Depois de tudo estamos a sós, como você pediu.

As fossas nasais do Rolfe se incharam.

— Não ponha a prova meu bom humor.

— Bom humor?

— Está proibida de abandonar a aldeia ou a fortaleza, ele disse rapidamente, seus olhos a perfuravam.

Ceidre ofegou.

— Está entendendo?

— Não pode!

— Claro que posso, e o faço. Eu sou o lorde aqui, esta é minha lei. Você pode me pedir permissão, e eu poderia, generosamente, lhe conceder isso. Mas não haverá mais passeios pelo campo de noite!

— Ainda está zangado, Ceidre gritou desesperada, porque eu te enganei com minha identidade!

— OH, sim, ele disse com calma. Ainda estou muito zangado. Tem sorte de ter escapado da minha ira tão facilmente, Ceidre. Era a primeira vez que ele a tratava por seu nome, e a palavra em sua língua gotejou como mel espesso.

Mas não gostou do tom de sua voz.

— Facilmente? Ela quase sufocou. — Não acredito que esta perseguição seja algo fácil.

— Perseguição. Seu tom era pesado. — Eu não te persigo, Ceidre.

— Não? Então tem um nome melhor para suas ações?

— Como seu lorde posso te castigar.

— Se você não tivesse roubado minhas ervas, eu não teria tido que sair de noite!

— Se você não tivesse envenenado meu homem, eu não teria que reter suas ervas.

— Se eu não tivesse sido sua prisioneira, não teria dado ao Guy essa ervas!

— Se você tivesse se comportado como uma verdadeira dama, não havia necessidade de que Guy te vigiasse.

Ceidre tremeu, certa de que ele se referia a suas origens e a seu olho defeituoso.

— Está me insultando, chamando—me de bastarda ou bruxa? Ela amargamente perguntou.

— Nenhuma das duas coisas, ele disse, movendo—se rapidamente. Sacudiu—a. — Não sou um homem que tenha necessidade de insultar. Entendeu mal ao que me referia, falo de sua natureza que não é submissa, mas tão volátil que é impossível de predizer como uma batalha. E tão excitante.

Suas palavras a comoveram e Ceidre não pôde se mover. Volátil... impossível de predizer... excitante. Ele a soltou, e ela sentiu falta de seu contato. Rolfe olhou sua boca, deu—lhe um olhar prolongado e faminto. Então ele girou muito abruptamente e caminhou para as escadas, deixando—a só e confundida. E sentindo o desesperador desejo de chorar.



Capítulo 12

— **A**corda.

Ceidre tinha dormido antes que pudesse escapar furtivamente para falar com Alice sobre seu casamento iminente. Tinha sido um sono pesado, mas sem imagens, o alívio que ela tanto necessitava.

— Acorda!

Ceidre foi rudemente despertada enquanto Alice lhe puxava impiedosamente o cabelo. Ela ofegou, incorporando—se sobre um cotovelo. Tinha dormido sobre uma manta no piso do salão com todos os outros.

— O que acontece, Alice, o que acontece?

— Levante—se, Alice ordenou. — Vamos conversar você e eu.

Era o meio da noite. Os roncos dos homens do normando e os de Aelfgar as rodeavam. Ceidre ficou de pé, agarrando a manta para cobrir sua camisa longa.

— Não podia ter esperado?

Alice tomou sua mão e a arrastou, até que elas estiveram fora do salão e perto das cozinhas. A luz da lua era suficiente apenas para enxergar, mas Ceidre notou que Alice estava zangada.

— Estou te advertindo, Ceidre, eu vou me casar com ele e nada que possa fazer vai me deter.

Ceidre a olhou fixamente.

— Mantenha—se longe dele com seus truques de prostituta, Alice sussurrou. — Entendeu?

— Não pode querer se casar com ele!

— Sim quero! Ele é meu! Ele pode jogar com você, como nosso pai fazia com sua mãe, mas nunca te fará sua verdadeira esposa!



Doeu. Não deveria ter doído, mas era verdade, e por isso a dor era entristecedora.

— Eu o odeio, disse Ceidre. — Ele é um assassino, o inimigo normando. Está roubando as terras de nossos irmãos. Eu não casaria com ele se fosse você, nem que ele me quisesse.

— Bem.

— Alice, está louca? Como pode pensar em se casar com ele, o inimigo e usurpador do patrimônio de Edwin?

— William agora é o rei, Alice disse. — E não me importa. Nem me importa se Edwin for o lorde ou não. É melhor deste modo, um lorde normando em Aelfgar e eu a lady. Ela sorriu triunfante.

— Eu te ajudaria, Ceidre se ofereceu. — Para escapar. Poderíamos ir juntas, encontrar Edwin. E ele nos protegeria desse normando!

— Não! Não me ouviu? Vou me casar com ele, por minha vontade! Mas você, mantenha—se longe dele. Você ostenta sua beleza profana de bruxa diante de Rolfe e ele anda atrás de você como um cão no cio. Não aceitarei que o leve a sua cama. Não te aceitarei como seu amante, como fez sua mãe com nosso pai. Está advertida, Ceidre!

— Eu nunca seria sua amante, Ceidre replicou.

— Bem. Alice continuou. — Agora, o próximo assunto. Seu lugar aqui.

— O que?

— Sou a lady de Aelfgar. Estou cansada de suas maneiras e sua conduta. Com nosso pai morto e nossos irmãos longe, vai haver mudanças.

— Do que está falando?

— A partir de amanhã estará nas cozinhas, Alice ordenou. — Trabalhará como ajudante do cozinheiro substituindo Jess. E, Ceidre, tomará suas refeições com o resto dos servos.

Ceidre a olhou fixamente. Alice era a lady de Aelfgar e tinha sido desde que sua mãe Jane tornou a se casar o ano passado. Nunca tinha lhe dado ordens desse modo. No passado ela não teria se atrevido, Edwin não teria permitido. Mas ela tinha a autoridade para fazê—lo.

— Certamente está brincando.

— Não. O normando está de acordo, não pode haver gente que se dedique à vadiagem nesta fortaleza.

Um choque a assaltou.

— Ele concorda com isto?



— Sim, é obvio. É sua serva, Ceidre, como qualquer outro servo.

— Eu sou uma mulher livre, Ceidre disse, e sabe isso. Sabe que o pai nos deu, para mim e a minha mãe, nossa liberdade.

Alice sorriu.

— Pode prová—lo?

— Todos sabem.

— Tem os documentos?

— Nunca houve documentos.

— Então não pode prová—lo.

Ela não podia acreditar na má intenção de Alice.

— Todos sabem!

— E quem vai jurar isso sobre a Bíblia ou no tribunal do condado? Você? A bruxa da sua avó? Ou os aldeãos? Athelstan? É uma bastarda, Ceidre, nada mais que isso. E a palavra de quem aceitará o lorde, a tua ou a minha?

— Nossos irmãos sabem a verdade!

— Sim? Mas, Ceidre eles não estão aqui!

— O que está tentando fazer?

— Não importa. Você vive nesta casa, e o lorde de Aelfgar é seu amo, seja serva ou não. Se escapar, farei te perseguir como uma serva fugitiva. Se ficar, fará o que eu te ordenar que faça. Está claro?

Alice sabia que ela nunca deixaria essa casa, estava em seu sangue. Alice tinha convencido ao normando que ela era sua serva?

Ceidre estava perplexa.

— É muito clara, Alice.

— Bom. Alice sorriu.

Enquanto um grupo cortava madeira para a nova paliçada, outro grupo tinha recebido a tarefa de cavar o enorme fosso que rodearia a fortaleza. Havia uma depressão natural que Rolfe aproveitaria para construir o fosso, e ele se sentia muito satisfeito. Desgraçadamente, a aldeia teria que ser arrasada para dar espaço para o muro, mas uma vez reconstruída, estaria muito melhor defendida. Rolfe, uma vez que esteve seguro que todas as tarefas estavam sendo corretamente executadas, tirou a túnica e se uniu aos homens que estavam cavando o fosso. Desfrutava usar seus músculos poderosos e sentir o suor fluindo por seu corpo.

Os aldeãos tinham sido recrutados para o trabalho de construção, e suas tarefas habituais nos campos ficaram postergadas até depois que a fortaleza fosse levantada. Ao meio dia todos paravam para fazer uma refeição, os aldeãos se alimentavam com pão, queijo e cerveja no mesmo lugar da construção, Rolfe e seus homens voltavam para salão para comer. Ele se lavou rapidamente fora e logo tomou seu lugar ao lado de Alice. Imediatamente procurou Ceidre, mas ela não estava à vista. Isso o zangava.

— Por que sua irmã não se une a nós?

Alice sorriu docemente.

— Ela assumiu a tarefa de supervisão das cozinhas, meu lorde. E como pode ver, a comida melhorou muito.

Rolfe não tinha notado, mas estava satisfeito com o fato dela não desafiar sua ordem da noite anterior, e começou a comer a refeição.

Por precaução de possíveis incêndios, as cozinhas estavam fora, em um edifício separado atrás da fortaleza. Os enormes fornos de pedra, suficientemente grandes para que Ceidre entrasse neles, emitiam muito calor, porque estavam constantemente acesos, de dia e de noite. Aqui todo tipo de carnes eram assadas, eram giradas a mão por um jovem servo que virtualmente estava nu e suando. Ao lado dos fornos de gado estavam os fornos para cozinhar pão, pão—doce e aves menores. Em um compartimento anexo às cozinhas, estavam as despensas, onde a manteiga era batida, onde se fabricava e armazenava a cerveja. Ali não havia janelas, só uma porta de entrada. E a fumaça saía por um buraco sem teto.

Todos trabalhavam com roupas leves, e com o cabelo preso devido ao calor. Ceidre não era uma exceção. Enquanto colocava outra remessa de pão em um forno, o calor abrasador avermelhava seu rosto fazendo—o brilhar com transpiração. Desejou poder estar nua como Teddy, que era tão jovem que a ninguém importava sua nudez. Sua camisa, feita da mais fina lã lhe pegava dos ombros até os tornozelos como uma segunda pele. Além do calor havia o problema da fumaça, que circulava dentro da cozinha em enormes nuvens densas.

Pela milésima vez desde a manhã, Ceidre foi assaltada por um ataque de tosse.

Se ao menos chovesse...

Ela fantasiou um aguaceiro repentino. Ela correria fora e se deixaria empapar. Isso seria a glória.

Já não estava zangada com a Alice. Tinha decidido que não podia culpar a sua irmã. Alice se sentia ameaçada, e Ceidre a compreendia. Era verdade que o normando andava atrás dela com intenções libidinosas. Ceidre ainda considerava isso incrível, e estremeceu, com uma mescla de medo e alguma outra coisa não identificável. Ceidre sentiu o choque de

uma emoção poderosa que se negava a compreender. Mas Alice devia ter ficado muito tranqüila quando Ceidre havia dito que não desejava o normando e que não faria nada para seduzi—lo. E embora Ceidre estivesse zangada porque Alice tentava tratá—la como uma serva, Alice era sua irmã. E Ceidre a tinha perdoado.

O normando era outro assunto.

Ceidre não podia tirar sua imagem dourada de sua mente. Ele a angustiava, a fazia zangar—se, e o fato dele a ter confinado à fortaleza e a aldeia a enfurecia. Mas ela não obedeceria. Certamente não lhe pediria permissão, pois, na verdade, ela era uma pessoa livre e podia ir e fazer o que quisesse! E se ele escolhesse açoitá—la, ela agüentaria isso sem nenhuma lágrima, sem nenhum grito. Ele não era seu amo, e nunca o seria. Da mesma maneira que ele nunca seria o lorde de Aelfgar.

Ceidre sabia, é obvio, que o fato que ele tivesse acordado com sua nova posição na cozinha era o castigo pelo engano respeito a sua Este identidade era seu castigo, e ela estava disposta a trabalhar duro nas cozinhas junto com Tildie, Teddy e os outros. Essa era a razão mais forte que ela tinha para trabalhar duro, sem reclamações nem protestos, com a cabeça em alto. E de fato trabalhava mais duro que o resto. Depois de tudo, ela não era melhor que qualquer um deles. Na verdade, Teddy era seu primo. E sua mãe tinha trabalhado ali depois que Ceidre tinha nascido até que ela adoeceu. Não importava que ela tivesse a capacidade de ser a supervisora das cozinhas.

Não, ela trabalharia mais duro que ninguém. Se ele pensava que poderia lhe fazer implorar perdão, implorar clemência, estava muito equivocado. Ela morreria antes de implorar. Demonstraria ao normando que ela era tão implacável como ele. Seu inimigo mais implacável.



Capítulo 13

Fazia muito calor.

Ceidre fez uma pausa, sentindo—se enjoada e fraca. A cozinha estava muito escura pela quantidade de fumaça. Ela agarrou a tigela de batatas—doces cortadas, dando uma respiração profunda, lutando contra o desejo de desmaiar.

— Aprese—se, Tildie gritou. — Não há tempo para vadiagem agora, moça, o lorde já está chegando da aldeia!

A tigela escorregou de sua mão, quebrou, as batatas—doces voaram caindo no piso sujo.

— Imbecil! Tildie gritou. — É uma estúpida! Agora o que colocaremos no bolo?

O mundo se clareou novamente e Ceidre enfocou em Tildie ao mesmo que a mulher lhe dava uma forte bofetada na bochecha. Atônita, Ceidre retrocedeu. Ainda mais perplexa, Tildie dando—se conta do que havia feito, ofegou, sua mão cobriu sua boca, seus olhos se alargaram com horror. As duas mulheres se olharam fixamente uma à outra através da fumaça. O ventre volumoso de Tildie, em seu quinto mês de gravidez, tremeu.

— Está bem. Ceidre falou primeiro. O rosto lhe doía agora. — Sei que não quis fazer isso.

Tildie deu um passo atrás, e as lágrimas alagaram seus olhos.

— Não quis! Ela começou a chorar. — OH, Ceidre, como pôde atirar a comida? E agora o que faremos! Talvez ele açoite a todos, e eu... Com o bebê!

Ceidre pôs seu braço ao redor dos ombros da mulher chorando.

— Shh, Tildie, ele não te machucará. Prometo.

Ceidre estava muito consciente que os sentimentos de Tildie não eram estranhos. Nos últimos dias, desde que tinha estado trabalhando nas cozinhas, tinha notado muito rapidamente que os servos temiam ao novo amo. Ele era tão grande e nunca sorria. Seus olhos eram tão frios. Eles tinham ouvido todas as histórias sobre Rolfe o Implacável. Ele era

o chefe principal de William. Ele era desumano. Em Hastings seus homens tinham sacrificado cem arqueiros saxões antes que pudessem tomar o bosque. Ele tinha sido premiado em Bramber, em Sussex. Uma rebelião tinha sido sufocada antes que começasse, seus líderes tinham sido pendurados publicamente. Recentemente ele tinha ateado fogo em York, cada cabana, cada tenda, cada árvore, e todos os campos, e depois eles finalmente tinham derrotado aos rebeldes saxões. E no caminho para Aelfgar tinha arrasado a aldeia de Kesop. Este era seu novo amo e senhor.

— Faremos mais pão e a comida será suficiente, Ceidre afirmou. — Silêncio agora Tildie. Vai e sente lá fora. Eu farei o pão.

Rolfe estava sorrindo amplamente. O fosso tinha sido completado, a terra tirada e acumulada agora era uma pequena colina no centro do terreno, seria a base para a nova fortaleza. Já tinha sido levantada a metade da paliçada, os muros grossos feitos de madeira eram duas vezes a altura de Rolfe, e ele era muito alto. Em um instante o novo grande salão de Aelfgar seria acabado e o muro de pedra seria começado.

Rolfe só vestia sua túnica e suas calças. A túnica era da lã mais fina, e estava empapada com suor, moldando cada músculo que ele tinha. Seu cabelo dourado escuro estava grudado ao couro de sua cabeça. Secando a transpiração que gotejava sobre seus olhos, e amaldiçoando esse dia de calor incomum, ele montou e cavalgou de volta à fortaleza, aproximando—se pela parte traseira porque esse era o lado onde tinha estado trabalhando.

Diante dele estavam as cozinhas e as despensas. A fumaça saía incessantemente dali. Ele podia cheirar o aroma do guisado de cordeiro, e seu estomago grunhiu. Uma criada estava levando manteiga da despensa, e outras bandejas da cozinha, ambos à fortaleza. Um moço extraía água do poço, logo ele desapareceu. A área ficou momentaneamente deserta, e Rolfe estava passeando pelo jardim. Então outro servo saiu das cozinhas, dirigindo—se para a cervejaria.

O coração do Rolfe alterou seu ritmo.

Inconscientemente ele deteve seu cavalo. Então percebeu de quem se tratava. Era Ceidre.

Não a tinha visto em dias. Isso não significava que não tivesse pensado nela freqüentemente. Tentou seriamente não pensar na moça, mas era impossível. Cada vez que uma mulher entrava em seu campo visual, parecia vê—la. Mas nunca era ela.

Seu humor esses últimos dias estava alterado e inclusive podre. Ele tinha sido rápido para jogar a culpa em seus homens e igualmente rápido para lhes exigir mais esforço. Guy tinha comentado abertamente essa atitude. Mas Rolfe não tinha respondido nada. Guy, tentando não rir, tinha sugerido que aliviasse sua tensão nervosa com Lettie, uma camponesa que seus homens eram muito aficionados. Rolfe o ignorou, embora tivesse

considerado a sugestão. Ele normalmente descarregava sua luxúria à vontade. Mas neste caso sua luxúria não surgia da visão das mulheres que tinha visto aldeia nos últimos dias, conseqüentemente não teve o trabalho de dar uns amassos¹. Mas agora. OH, agora não teria problema!

Ela não o viu. Rolfe não podia respirar, estava tão estrangulado com a necessidade despertada pela imagem dela.

Ceidre estava virtualmente nua. Sua camisa molhada se pegava a seus seios cheios e a seu luxurioso traseiro, deixando pouco para sua imaginação. A camisa era branca. E só podia ver uma sugestão da cor de sua pele de um incomum marfim dourado. Rolfe esqueceu todas suas promessas e esporeou seu cavalo para frente.

Ceidre de repente fez uma pausa no centro do jardim e teve um ataque de tosse, curvou—se até dobrar—se em dois. Rolfe saltou do garanhão e a sustentou até o espasmo passar. Ela estava tremendo, inclinando—se fortemente contra ele. Sua luxúria desapareceu, em seu lugar havia medo.

— Estou bem, ela disse roucamente, permitindo que ele a sustentasse. Ela olhou para cima. Seus olhos se alargaram. E o mesmo fez ele.

Seu rosto estava avermelhado e brilhando pela transpiração. Havia uma contusão em sua mandíbula. Ele podia ver os círculos das olheiras de fadiga debaixo de seus belos olhos. Seu cabelo estava molhado. Ela se afastou como se lhe causasse repulsa. Ele a deixou ir. Ceidre empalideceu e deu um passo inseguro.

Ele a agarrou.

— Está doente!

— Deixe—me ir. Ela ofegou. — Estou bem. Ela estava ofegando pelo esforço de tentar liberar—se de seu aperto. Ela era tão delicada, como um gatinho recém—nascido. Ele manteve seu braço ao redor dela.

— Me deixe te ajudar Ceidre. Deve se sentar.

Seu queixo se elevou.

— É só a fumaça.

— A fumaça?

— De dentro.

Rolfe não acreditou. Estava intimidado por sua condição, mas seguro que ela podia manter—se em pé, ele a deixou no jardim e entrou na cozinha. Havia quatro servos dentro, inclusive um moço nu revolvendo uma panela. O ambiente era muito quente. O calor era

¹ Dar um tombo, transar.

insuportável, a fumaça era tão espessa, que era um milagre que alguém pudesse respirar. Ele retornou com Ceidre.

— É insuportável ali dentro.

Ela encolheu os ombros.

— É como é, e como sempre foi. Onde há fogo há fumaça, qualquer idiota sabe isso. Ela tirou os cabelos úmidos longe de seu rosto.

Rolfe nunca tinha entrado em uma cozinha antes, e se perguntou se as cozinhas nas propriedades que possuía em Sussex estavam tão mal ventiladas como essa.

— A fumaça pode ser diminuída.

Ceidre o observou cautelosamente.

— Com janelas e um teto especial.

— Não há janelas nas cozinhas.

— Agora haverá. Seu olhar a percorreu. Ele notou a farinha em seu nariz, as manchas em seu vestido. E a contusão escura em seu rosto.

— O que te aconteceu no queixo?

— Foi um acidente.

— Parece uma criada das cozinhas.

— E o que esperava? Sou uma criada da cozinha. Trabalho nas cozinhas, depois de tudo, essa foi sua ordem.

Rolfe a olhou fixamente, sua raiva aumentou.

— Não é quem fiscaliza as cozinhas?

— Fiscalizar? Ela riu. — Pareço alguém que está fiscalizando? Ela assinalou seu corpo empapado. Sua mão tremeu ligeiramente.

— Está esgotada.

Lançou—lhe um olhar depreciativo.

— Não estou cansada, e não posso perder tempo aqui com você. Ainda tenho muito que fazer. Deu—lhe as costas abruptamente e começou a se afastar.

Isso era típico dela, deixá—lo antes que ele ordenasse, e essa atitude com um lorde era incrível. Mas era muito menos significante que o tema de seu bem—estar e sua saúde. Ele tomou seu pulso, obrigando—a a parar.

— Não entrará ali. E sou eu quem ordena qual é seu lugar aqui!

— Meu castigo, meu lorde.

— Eu não ordenei uma coisa assim, Rolfe disse furiosamente. — Mas te ordeno isto. Deve descansar o dia de hoje e nunca vai trabalhar nas cozinhas novamente. Entendeu?

Ceidre o olhou fixamente.

— Vejo que entendeu, Rolfe disse. — Então entende isto também. Não volte a me dar as costas, Ceidre. Não é uma nobre para ter esse direito.

Ela mordeu o lábio. Seu rubor aumentou. Rolfe viu o desafio em seus olhos, e um ponto de apreensão antes que ela baixasse a cabeça. Ceidre murmurou um afirmativo.

— Sim.

Rolfe a olhou fixamente. Sua raiva era excitante, ela era excitante. Ela resistiria sem importar seu medo e ele sabia que ela o temia. Rolfe sentiu crescer rapidamente algum tipo de emoção como respeito, mas não podia ser, é obvio, pois ela era somente uma mulher. Também identificou outra emoção, irritação. Não gostava da idéia que lhe temesse. Tocou seu queixo, levantando—o com o dedo indicador. Viu surpresa em seus olhos e sentiu o choque de seu contato da mesma maneira que, ele sabia, ela o havia sentido.

— Meu lorde, recordou com calma.

Seus seios se moviam agitadamente. Ela estava paralisada, incapaz de desviar seu olhar.

— Não pode me vencer, Ceidre, Rolfe advertiu suavemente. Um desafio ardeu nela.

— Sim, meu lorde.

Ele sorriu satisfeito, mas não tirou sua mão. Seu dedo acariciou sua mandíbula.

— Foi tão difícil?

Ela estremeceu e se afastou.

Rolfe amaldiçoou furioso consigo mesmo por ceder a seus instintos, e por haver se esquecido da contusão em seu queixo.

— Vá com sua avó, ele disse severamente. — Peça que ela te faça um cataplasma antes que inche mais.

Ela se foi antes que ele terminasse de falar, levantando a barra de sua saia e afastando—se correndo dele.



Capítulo 14

— Minha lady, quero ter uma palavra com você.

Alice parou entre as duas cadeiras na cabeceira da mesa dentro do grande salão, esperando que Rolfe tomasse assento. Seus homens já tinham entrado, estavam sentados e comendo avidamente. Ela olhou a seu redor para ver quem tinha ouvido esse tom de voz. Seu homem, Guy O Chante, estava observando atentamente cada bocado que comia, mas o velho Athelstan era lento, e insolente, em desviar sua vista. Alice fervia de raiva, mas a escondeu detrás de um bonito sorriso.

— Não pode esperar meu lorde? A comida está quente.

— Não. Ele tomou seu cotovelo rudemente e a empurrou para as escadas.

Alice ia mostrar sua raiva em ser tratada desse modo, como se ela fosse uma camponesa. Ela manteve seus olhos fingidamente baixos. E se refreou ante o medo que ele inspirava.

— Como é isso, Rolfe grunhiu, me disse que Ceidre fiscalizava as cozinhas, quando na verdade ela está reduzida às tarefas de um servo?

As pestanas da Alice voaram para cima.

— Mas ela é uma serva!

— Ela é sua irmã.

— Minha meia irmã, a filha bastarda de uma serva.

— Ela também é a filha do lorde, minha lady, e isso a eleva acima do lugar que você quer lhe dar. Ela não trabalhará como uma serva nas cozinhas.

— Sim, meu lorde. Alice esperava um golpe, até que ele relaxou ligeiramente.

— Meu lorde? Ela tocou sua manga.

— O que é agora? Ele perguntou impacientemente.



— Que tarefas ela deveria fazer, então? Ela é uma boca a mais para ser alimentada. Todo servo de Aelfgar trabalha por sua comida, sabe disso.

— Encontrei outros deveres. Basta com este tema. Ele começou a baixar as escadas.

Alice falou.

— Meu lorde?

Rolfe não fez nenhum esforço por esconder sua irritação.

— O que é agora?

— Você não me disse..., ela tomou uma respiração, quando nos casaremos.

Rolfe franziu o cenho.

— Não disse? Pensei que sim. Em uma quinzena, se estiver bem para você.

O alívio trouxe um sorriso feliz ao rosto de Alice.

— Oh, sim, ela quase gritou. — Está bem pra mim!

Ceidre não apareceu para a refeição do meio—dia, mas Rolfe assumiu que ela estava descansando, e se sentiu satisfeito. Mas no jantar não houve nenhum sinal dela, e ele começou a preocupar—se. Ele sabia que ela não estava bem. A raiva cresceu nele novamente diante do pensamento do ardil feito por sua noiva, pois ele estava seguro que ela tinha abusado de seu poder sobre sua irmã por ciúmes. Perguntou—se, se sempre tinha sido dessa maneira, Alice ordenando a Ceidre tarefas desagradáveis, só porque a moça era bastarda e não tinha nenhuma opção mais que obedecer. Parecia ser a ordem natural das coisas que ela obedecesse, mas isso incomodava a Rolfe e ele nunca na vida se questionou a ordem natural das coisas, nem simpatizava com a causa dos servos.

Não tinha sido consciente do fato que ela era uma serva até que Alice tinha mencionado. Agora se sentia agradado com a idéia de que lhe pertencia. Antes, quando erroneamente tinha assumido que ela era só outro membro da família e do castelo, ela também teria que ter obedecido a sua autoridade, mas esta situação era completamente diferente. Ela não podia viajar sem sua permissão, nem sequer pôr um pé fora de sua terra. Pois fazer isso seria considerado uma séria infração à lei. Ela não podia deixar Aelfgar sem sua permissão, nem residir em outro lugar. Ela não podia casar—se sem sua permissão, e lhe devia certa quantidade de serviços ao ano. Serviços que ele ainda não tinha determinado. Ela estava sob sua completa responsabilidade. Legalmente lhe pertencia.

Talvez a razão pela qual ela não tivesse ido comer com eles era porque estava doente, possivelmente tinha febre. Rolfe tinha perdido o apetite. Sabia que deveria enviar alguém para verificar como ela estava, mas decidiu fazer ele mesmo. Deixou sua prometida tocando harpa e seus homens jogando dados. Sabia que ela freqüentemente passava muito tempo com sua avó, que vivia na aldeia, e acreditou que Ceidre provavelmente estava ali. Mas primeiro perguntaria aos criados.

Pela segunda vez em sua vida, Rolfe entrou nas cozinhas, agora iluminadas com lâmpadas de azeite. Não teria se sentido mais chocada se tivesse visto um fantasma. Ela estava ali, trabalhando. Ceidre sentiu sua presença, e de onde estava limpando, girou pela metade.

Rolfe estava tão perplexo com seu aberto desafio que só abriu a boca.

Ceidre, que já estava vermelha, se ruborizou violentamente.

Ele encontrou sua voz.

— Atreveu—se, ele conseguiu dizer, lívido, — Atreveu—se a me desafiar novamente.

Ela apertou as mãos sobre a mesa.

— Posso explicar...

— Meus homens não me desafiam.

— Verdadeiramente, há uma razão.

— Meus homens temem ser castigados. Ele realmente estava chocada.

— Meu lorde...

— Mas você não me teme? Ele avançou.

Ceidre deu um passo atrás, levantando suas mãos em alto para repeli—lo. Estava muito esgotada para ter uma briga, e tinha esperado que ele não descobrisse que ela continuava nas cozinhas.

— Meu lorde! Tildie começou seu trabalho de parto. Faltavam mais mãos aqui, precisei ajudar!

A raiva foi substituída por confusão.

— Você trabalharia até morrer para substituir a outro?

— Ela está por ter um bebê, meu lorde, Ceidre disse com calma. — Ela é minha amiga.

Ele sacudiu a cabeça.



— Suficiente! Não pode desobedecer minhas ordens, Ceidre. Não posso permitir isso.

— Vai me bater?

Rolfe apertou sua mandíbula.

— Eu gostaria muito de fazer! Esta vez, Ceidre, só esta vez, escapará do castigo. Mas me escute bem. A próxima vez que me desobedeça. O preço que pagará será mais severo.

Sua boca tremeu, e ela endireitou suas costas.

— Basta. Acabou seu trabalho aqui. Se alguma vez algo como isto volta a acontecer, virá para mim, não assumirá que pode decidir, especialmente se se trata de algo que desafia minhas ordens. Agora acompanharei a você...

Ela sentiu alívio e estava zangada por sentir isso.

— Meu... ou para dentro de meu...?

— Está sugerindo o último? Seu tom era zombador.

— Não.

— Só tem que me convidar. Sabe que estou disposto. Seu tom era sedutor agora.

— Bem, eu não!

Rolfe quase sorriu, e seu olhar acariciou seus seios.

— Sua mente talvez, mas seu corpo está mais que disposto.

Ceidre dobrou seus braços sobre o peito.

— Não é verdade.

— Não pense que pode lutar comigo e ganhar, Rolfe disse com calma. — O que você começar, eu sempre vou terminar.

— Te odeio, ela disse. — Normando!

— É o que sou. Onde dorme?

— No salão, Ceidre disse, evitando a oferta de sua mão estendida. Quando, na verdade, não teria querido outra coisa que inclinar—se sobre seu corpo sólido e poderoso. Eles saíram na noite iluminada pelas estrelas e uma lua crescente. Ceidre levantou seu rosto e respirou profundamente. Rolfe não podia tirar seus olhos de seu perfil. Ele estava fascinado. Ela o viu olhando—a fixamente, e se ruborizou.

— Vem, ele disse secamente, segurando seu cotovelo. Ela tremeu, mas o seguiu.

Ceidre estava nesse estranho estado de esgotamento que fazia com que fosse difícil que o sono chegasse. Finalmente tinha conseguido neutralizar as vozes altas quando mãos estranhas despertaram.



— Ceidre, Ceidre, acorda! Deve acordar!

Ceidre piscou e viu Athelstan e outro homem, um servo, inclinando—se sobre ela.

— O que acontece?

Um dos cães de caça começou a ladrar. Os homens começaram a mover—se em suas mantas. Alguém gritou furiosamente pedindo silêncio, e outro cão grunhiu.

— É minha esposa, o servo disse, e Ceidre o reconheceu. — Ela está mau Ceidre! O bebê não vem! É seu quinto filho e todos os outros vieram muito facilmente, mas este não quer nascer! Por favor, ajude—a!

Ceidre estava ficando de pé, sua capa já estava ao redor de seus ombros.

— Claro que irei John, ela disse meigamente. Mas sua mente estava funcionando freneticamente. Ela com certeza ia necessitar das ervas.

— O que significa todo este escândalo?

Ceidre girou sua cabeça diante do som dessa voz. Rolfe estava parado no meio caminho das escadas, só vestido com sua calça de lã, mas segurava uma espada. Athelstan respondeu.

— É sua esposa, Tildie. Ela está parindo um bebê e não está indo bem.

Ceidre já estava abrindo caminho entre os homens para confrontar o normando. Rolfe disse,

— Envie outra pessoa. A moça está exausta.

Ceidre sentiu um ataque de raiva, e fez uma pausa diante das escadas para enfrentá—lo.

— Não há ninguém mais, meu lorde, ela disse muito firmemente. — Necessito meu saquinho de ervas.

Rolfe a olhou fixamente, logo gritou uma ordem para Athelstan. Os saxões correram acima para ir procurar as ervas enquanto Ceidre esperava, encontrando seu olhar inflexível. Se lhe ordenasse permanecer deitada e não atender Tildie, ela desobedeceria, mas ele não disse nada, só a olhou fixamente. Athelstan retornou e lhe entregou a bolsa. Ceidre a agarrou e saiu rapidamente.

Eles estavam na cabana, cinco minutos mais tarde, os gemidos de Tildie chegavam até lá fora. Seus quatro filhos, entre três e dez anos, estavam sentados no único quarto, o de cinco anos chorava.

— Silêncio carinho, Ceidre disse, colocando uma mão sobre a cabeça do menino. — Sua mamãe estará bem. Silêncio agora.

Ela olhou para John.

— Conforte—os.

Tildie estava empapada em suor. A bolsa d'água já havia arrebentado. Ela se movia e gemia, suas contrações eram muito seguidas, mas o bebê não saía. Ceidre viu imediatamente qual era o problema. O bebê estava virado.

— Terei que girar ao bebê, disse a John, sem olhá—lo.

— Fez isso antes? Rolfe perguntou.

Ceidre ofegou, perplexa porque o normando os tinha seguido. Ele estava parado no meio da pequena cabana, enquanto estudava cada centímetro do espaço. Ele pôs sua sinistra capa negra sobre o torso nu. Agora Ceidre entendia por que a cabana se silenciou tão repentinamente. Os meninos estavam boquiabertos. Inclusive John estava perplexo e imóvel.

— Uma vez, ela respondeu, voltando—se para Tildie, ela acariciou seu rosto. — Se for ficar aqui, vá me buscar água fresca, panos limpos e sabão. Tildie desmaiou.

— Eu os trarei, disse John, claramente aliviado de poder fugir.

— Como está ela? Rolfe perguntou, não se movendo de onde estava parado.

— Ela desmaiou. É o melhor para a situação. Agora ela pode descansar um pouco antes que o trabalho real comece. Ceidre se manteve acariciando seu rosto.

O menino começou a chorar novamente, chamando

— Mamãe, mamãe.

Ceidre se ajoelhou ao lado da manta, tratando de acalmar ao pequeno. Ela parou pasma ao ver a enorme mão de Rolfe acariciando os cachos vermelhos do menino. Ela nunca o tinha visto comportar—se gentilmente antes.

— Tudo estará bem pequeno, ele disse, sua voz baixa e reconfortante. — Sabe quem sou?

O menino piscou, olhando—o fixamente.

— Não... não.

— É nosso lorde, disse a maior, uma menina de dez anos.

Rolfe compensou à menina com um sorriso, logo levantou o ruivo em seus braços.

— Ela estará bem, sou seu lorde, Rolfe de Warenne. Sabe onde fica Warenne?

O pequeno sacudiu a cabeça negando, olhava—o aterrorizado.

— Está longe, do outro lado do mar. Você gostaria de saber como cheguei aqui, como cruzei o mar em um grande navio com todos meus homens?

Ele assentiu com a cabeça.

Aliviada, e ainda pasmada, Ceidre voltou com Tildie, escutando Rolfe enquanto ele começava a história, e graças a Deus, omitindo todos os detalhes políticos. Sua voz baixa e rica era sedativa. John entrou e trouxe os artigos que ela tinha solicitado. Ceidre lavou as mãos e começou a secar a fronte de Tildie. A mulher começava a reagir.

— Tildie? Ceidre se inclinou para frente. Sou Ceidre, vou tentar girar o bebê. Ele está mal colocado, e devo fazê—lo.

Tildie abriu seus olhos.

Ceidre sorriu. Ela acariciou sua têmpora novamente. Tildie gritou e se afastou. Ceidre paralisou. Rolfe se deteve, e John e os meninos a olharam.

— Não!

— Tildie...

— Não! Não me toque! Por favor, não o faça! Ela começou a chorar.

Ceidre vacilou só um segundo.

— Ela está exausta. Dar—lhe—ei uma poção.

— Não! Não tomarei bebida preparada por uma bruxa!

Ceidre sentiu como se tivesse sido chutada no estomago. Ela se recuperou com esforço.

— Tildie, sou eu. Ceidre. Sua amiga. Eu...

— Isto é tudo sua culpa, Tildie gritou. — Você jogou uma maldição ao bebê porque te esbofetei, afaste—se! Tira esta bruxa!

Rolfe entregou o menino ruivo a John e se colocou ao lado de Ceidre.

— Escute—me, Tildie. Sou seu lorde.

Tildie o olhou com lágrimas rodando por seu rosto.

— Ela não é uma bruxa. Ela vai te ajudar com uma poção, logo vai girar ao bebê. Essa é minha ordem.

Tildie começou a chorar.

— Sinto muito. Ela soluçou. — Desculpa é só que tenho tanto medo...

— de a poção, Rolfe disse secamente, seu olhar fixo no rosto de Ceidre. Sua expressão perplexa e de desgosto. Ele desejava poder açoitar essa moça por fazer isso a Ceidre, quando ela só procurava ajudá—la.

Ceidre se recuperou e murmurando palavras de consolo, conseguiu lhe dar a poção. Tildie logo estava em um estado de letargia. Rolfe admirou sua eficiência, apesar de que Ceidre estava claramente ofuscada. Corajosamente colocou a mão no corpo da mulher, seus movimentos eram suaves. Tildie ofegou de dor. Ceidre começou a girar o bebê, uma capa de transpiração cobriu sua frente. Rolfe a admirou nesse momento por sua imensa coragem. Ele estirou a mão para secar uma gota de suor em sua frente antes que caísse sobre seus olhos.

— Aí está Ceidre gritou aliviada. — O bebê está girado, não deveria demorar muito em nascer agora.

— Bem feito, Rolfe disse com calma.

Lançou—lhe um olhar. O olhar dele era tenro. Ceidre se avermelhou e se concentrou na tarefa que estava por vir. As contrações de Tildie agora eram suficientemente fortes para empurrar ao bebê fora facilmente. Ceidre agarrou à criatura e soube imediatamente que estava morto.

Estrangulado no útero materno, o cordão umbilical estava enrolado ao redor de seu pescoço. Ceidre piscou para conter as lágrimas e embalou ao bebê. Rolfe se aproximou e o tirou dela.

— Eu o enterrarei, John disse resignado. Considerava—se afortunado para ter quatro criaturas sãs.

Tildie abriu os olhos.

— Meu bebê?

Ceidre vacilou. Rolfe se aproximou.

— O bebê não pôde sobreviver. Ele morreu dentro do útero.

— Não!

— Sinto muito, mas é jovem e forte. Deus te premiou com quatro crianças saudáveis, e se for sua vontade, ele te dará mais filhos.

— Não!

Os ombros duros de Rolfe tocaram Ceidre.

— É hora de ir, não há nada mais que possa fazer. Ela deve chorar a sós.

— Dar—lhe—ei uma poção para dormir.

— Não! Tildie gritou de algum jeito conseguiu levantar—se para se sentar. — Não! Quero meu bebê! Dê—me meu bebê!



Ceidre tomou as mãos de Tildie enquanto chorava.

— Sinto muito. Oh, Tildie, tentei... Ela se deteve bruscamente, incapaz de continuar, pensando que se ela tivesse vindo mais cedo talvez tivesse podido salvo ao bebê. Seu coração se condoia por sua amiga.

— Oh, meu bebê. Tildie gemeu.

John se aproximou de sua esposa e Ceidre ficou de pé, secando as lágrimas. Realmente não podia ver, tudo estava nublado. OH Deus! Tinha tentado... Se só tivesse revisado Tildie essa tarde, se tivesse vindo mais cedo. Ela escapou da escuridão da cabana úmida e tomou o ar da noite fresca. Deu—se conta que estava correndo. Mas não lhe importou.



Capítulo 15

— Ceidre, pare!

Ele! Ele era a última pessoa neste mundo que desejava ver. Ceidre continuou correndo. Tropeçou várias vezes no terreno irregular, mas não caiu. Ouviu seu chamando novamente. Ceidre alcançou o outro extremo do campo de feno e fez uma pausa, ofegando. Na escuridão, viu a entrada ao bosque. Ele nunca a deixaria em paz?

Apoiou um ombro contra o áspero tronco de um velho algarrobo, e caiu de joelhos. Enterrou os dedos na terra e afogou um soluço. O mundo dava voltas a seu redor, sua respiração ainda era agitada e irregular.

— Ceidre.

Ela girou a cabeça ligeiramente e viu seu pé. Forçou—se a se sentar.

— Deixe—me em paz. Para seu desalento, sua voz saiu rouca e chorosa.

Rolfe ficou de pé, tenso e incerto. Essa situação lhe doía como se ele mesmo tivesse sido ferido. Queria tocá—la, limpar a sujeira de seu rosto, acariciar seu cabelo. Maldição com essa moça!

— Vem, ele disse, sua voz soou áspera até para seus próprios ouvidos, e a ajudou a se levantar.

Ela se afastou.

— Me deixe em paz! Ela chiou. — Não quero sua preocupação!

Suas mãos caíram aos lados.

— Mas a tem, queira ou não. Todos os que vivem em Aelfgar são minha preocupação.

Ela desviou seu rosto, desejando que ele se fosse, olhando fixamente suas próprias mãos brancas contra a terra negra.

Rolfe nunca sugeria nada a ninguém, mas agora, desajeitado, ele disse,

— Voltemos.

— Vai. Deixe—me sozinha.

Ele podia lhe ordenar, é obvio, mas por alguma razão não quis fazer isso.

— Desejas passar a noite aqui? Era um comentário idiota, mas ele não sabia o que dizer.

— Não, ela replicou, — Não desejo passar a noite aqui. OH! Por Deus! Ela começou a chorar.

Pela primeira vez em sua vida Rolfe se sentiu impotente. Ceidre chorava a seus pés. Seu desejo de tocá—la era forte, mas ele nunca havia tocado uma mulher somente para confortá—la, só para satisfazer sua luxúria, e não sabia como fazê—lo. Rolfe apertou seus punhos e só ficou de pé ali, inseguro, sentindo—se o mais fraco entre os fracos.

Ela parou abruptamente, e o empurrou para passar. Rolfe sentiu muito alívio. Ele a seguiu. Mas não falaram nenhuma palavra. Ela se mantinha orgulhosa e caminhava erguida, quando ele sabia que estava completamente exausta. Ela tinha mais coragem e determinação que a maioria dos homens. Na porta da fortaleza, ela sacudiu a cabeça rigidamente, mas sem encontrar seu olhar. Rolfe não disse nada, indo para as escadas. Mas ali ele girou, seu olhar automaticamente a buscou. Viu—a tirar a capa, e logo sua regata branca e etérea. Ceidre se desmoronou sobre sua manta de dormir. Rolfe vacilou, pensando que ela passaria frio, mas não se moveu para ir até ela.

E então uma figura apareceu perto de Ceidre. O olhar de Rolfe era assassino. Athelstan o olhou diretamente. Rolfe observou o velho colocar uma manta sobre ela, murmurando algo suave e ininteligível. Rolfe teve um ataque de ciúmes e só se tratava do velho Athelstan.

Alice correu da janela do quarto de Rolfe ao quarto do outro lado do corredor onde ela dormia. Apenas se afundou em sua própria cama quando viu sua sombra passando pela entrada e logo o viu entrando em seu quarto. Estava rígida, fervendo de ira. Ela já sabia, ou não? Ela sabia que ele iria encontrar—se com essa puta quando tinha saído mais cedo. Vendo—os retornar juntos tinha confirmado. Alice nunca tinha odiado mais Ceidre, ou a Rolfe.

Ela ia pagar. Alice estava segura disso. Mas primeiro, o mais importante, de algum jeito tinha que manter Ceidre fora de seu caminho – e fora da cama do lorde até depois do matrimônio. Uma vez que estivesse casada, encontraria um modo de lutar com Ceidre para afastá—la da luxúria de Rolfe. Embora isso implicasse casá—la com algum servo que vivesse em uma aldeia no outro extremo das fronteiras de Aelfgar. Melhor ainda – fazê—la ser seqüestrada por escoceses! Desse modo eles nunca mais veriam um cabelo de Ceidre!

Alice, acalmada por essas fantasias, caiu profundamente no sono.

— Quinze dias? Ceidre repetiu.

— Sim. Já se publicaram os proclamas, Athelstan disse.

Ceidre virou—se. Sua mente corria freneticamente. Não podia permitir que essa víbora aninhasse ali! Não podia! Mas, como deter o matrimônio quando sua irmã estava disposta a casar—se? E questionou—se, se fazer isso era justo, quando Alice queria desesperadamente casar—se? Ah, mas certamente havia outros homens com quem poderia casar—se, não tinha que casar—se com o normando. Não com o normando!

— Devemos detê—los, ela murmurou para si mesma.

— Você não vai deter isso, Athelstan disse. — Não o chamam de o Implacável por nada. O que ele quer, tem. Isso é bem sabido, Ceidre. E ele quer ser o Lorde de Aelfgar.

— Sim, Ceidre disse amargamente. Ela não podia evitar isso, recordou o brilho em seus olhos e sua voz quando, depois que ela tinha girado o bebê, ele havia dito "Bem feito." Logo recordou a sensação de sua boca sobre a sua em seus aposentos, seu corpo molhado pelo banho, pego ao seu. Algo a estremeceu. Ele estaria tão disposto para deitar—se com Alice? Por que esse pensamento a zangava? Não correspondia a ela preocupar—se com tais coisas, só podia sentir lástima por sua irmã.

Ceidre não recebeu nenhuma tarefa como dever. Com determinação, foi ver Tildie. Os eventos da noite anterior ainda estavam frescos, muito frescos em sua mente. Sua amiga tinha revelado seus sentimentos mais verdadeiros e mais profundos. Ela sentia tanta repulsa pelo “olho do mal” de Ceidre?

Ceidre sabia que Tildie tinha estado histérica, mas ainda assim lhe doía, machucou, doía—lhe muito. E também estava sua própria sensação de fracasso. Por cima de tudo, Ceidre queria ajudar sua amiga a atravessar o duelo pelo bebê morto.

Tildie obviamente não estava nas cozinhas. De acordo com os criados, ela tinha recebido um dia de descanso por ordem do Lorde. Assombrada por essa desconhecida bondade, Ceidre caminhou para a aldeia. O sol estava alto e morno, derramando sua força e afastando longe as nuvens. Havia uma brisa suave que trazia o familiar aroma de ovelhas, pão assado e jacintos. Em algum lugar só um periquito cantou, e um pássaro respondeu.

A paliçada da nova fortaleza seria terminada hoje, Ceidre pensou enquanto se aproximava. O piso inferior da torre também tinha sido terminado. Uma ponte levadiça estava sendo construída. Um grupo de homens estava ali, trabalhando no portão de grade. Ceidre viu o normando.

Ele estava nu salvo por suas calças, seu torso marrom dourado refletia a luz do sol. Seus cachos dourados e indomáveis se levantavam com a brisa.

Ele deu volta para olhá—la.

Ceidre se deu conta que tinha feito uma pausa para estudá—lo e se avermelhou. Como podia ter feito isso abertamente, diante da metade do povo de Aelfgar! Rolfe não sorriu, mas secou suas mãos em suas coxas musculosas e a abordou. Ceidre desejou não te se detido, mas era muito tarde. Levantou seu queixo, tensamente.

— Bom dia, ele disse.

Ela não pôde evitá—lo — uma sensação feroz a invadiu. Ele estava perto e quase nu diante dela, seu corpo tão bem formado, seu peito largo, com pêlo escuro, sua cintura estreita, seus quadris magros. Suas coxas musculosas. Sua calça estava úmida, grudada em sua pele e marcando claramente seu sexo. Ceidre se forçou a encontrar seu olhar.

— Não me olhe esse modo, Ceidre, ele disse em voz baixa. É uma provocação.

Ela sabia que estava se ruborizando novamente.

— Você ostenta e exhibe seu corpo, e sabe muito bem que qualquer moça que passe te vai olhar.

— Eu me exibio? Ele estava sorrindo agora, a transformação em sua cara era surpreendente. — Acredita que todas as moças me olham?

Ceidre olhou o portão de grade para não ter que olhá—lo.

— Sabe que sim.

— Então sou muito bonito?

Ela tomou uma respiração.

— Não, somente diferente.

— Diferente?

— Algo exótico, estranho, diferente! Ela replicou. Mais alto que uma árvore, mais largo que uma montanha, com cabelo amarelo, é uma imagem estranha!

Rolfe riu. Era a primeira vez que ela ouvia sua risada, e se sentiu perplexa pela riqueza e o calor desse som.

— Nem todos têm que ser morenos, baixos e saxões, ele disse com olhos brilhantes.

— Isso é mau.

— Não, não é. Ele estendeu uma mão, e seu dedo indicador tocou seu queixo, levantando—o. Eu gosto que não seja baixa e morena, Ceidre.

— Como Alice?

— Como Alice.

— Seus gostos não significam nada para mim, ela ofegou. Devo ir.



— Aonde vai? A propósito ordenei que tivesse o dia livre. Precisa descansar.

Ceidre o observou cautelosamente, reticente a responder.

— E por que te interessa meu bem—estar?

Seus olhos brilharam.

— Tudo sobre você interessa, Ceidre.

Ela inalou profundamente.

— Você me pertence, ele disse. E eu cuido bem do que me pertence.

Ceidre entendeu a referência a sua condição de serva. Então Alice já tinha espalhado a mentira, e por que ele teria que duvidar disso?

— Não sou uma serva.

— Nega que nasceu de sua mãe?

— Claro que não!

— Então pertence a Aelfgar e desse modo me pertence. Repito—te a pergunta, aonde vai agora?

Ela apertou seus punhos, controlando sua frustração e seu intenso desejo de lhe fazer compreender a verdade. Mas, por que deveria lhe importar que lhe acreditasse? Não lhe importava o que ele pensasse dela, pois ela não tinha intenção de partir. E ele não permaneceria como lorde desse lugar, disso ela estava segura. Seus irmãos morreriam antes de renunciar a Aelfgar e entregar—lo a um normando. Não, ela seria paciente.

— Vou visitar Tildie. Talvez ela me necessite.

— Depois de ontem à noite? De suas acusações? Tem a bondade de ir a ela novamente? Rolfe estava incrédulo.

— Ela estava exausta e morta de dor. Sempre é mais fácil culpar a alguém mais que a gente mesmo ou a Deus.

— Seu coração é muito grande e generoso.

— Você deteria isso?

— Não. Vai. Mas não deixe que nada do que ela diga te ofusque, Ceidre. Havia uma advertência em seu tom. Nós dois sabemos a verdade, você e eu. E isso é suficiente.

— E está tão seguro da verdade? Ceidre se ouviu perguntar.

Rolfe sorriu. Seus olhos azuis foram para sua boca, atrasando—se ali.

— O único poder que tem, moça, é o poder de sedução, não o poder de uma bruxa. Seu poder é tão velho como o mundo, o poder de mulher sobre um homem.



Ceidre não podia desviar seu olhar, fascinada pela nota baixa e sensual de seu tom de voz. Algo estranhamente estimulante como êxtase a invadiu dos pés a cabeça. Finalmente ela encontrou sua voz.

— Eu não sou uma sedutora.

— Não? Ele riu. Então é uma bruxa, pois me enfeitiçaste.

Ela dobrou seus braços.

— Não, gritou. Não! Você é um escravo de suas próprias luxúrias e te recordo que vais casar—se com minha irmã!

Seu sorriso se debilitou. Seus olhos se fizeram duros.

— Se eu fosse escravo de minhas próprias luxúrias, tomaria agora, aqui mesmo no chão, como a uma camponesa, à vista de todos.

Ceidre se avermelhou.

— Mas me vou casar com sua irmã em menos de quinze dias.

— Nunca! Ceidre rugiu. Sua vista obscureceu.

— Não pense que pode me deter, ele disse. Seus poderes não são tão fortes.

Lágrimas de raiva e de dor, encheram seus olhos.

— Eu te deterei normando! Mas não do modo que você sugere, com os poderes de minha sedução. Equivoca—te se pensar que eu te quero para mim! É Aelfgar o que quero proteger de você! E morreria feliz antes que ver o dia em que você verdadeiramente seja o lorde aqui!

— Mas você está viva, Ceidre, ele disse friamente. E eu verdadeiramente sou o lorde aqui. Então tire qualquer idéia de traição da cabeça. Advirto—te isso aqui e agora.

— Tenho permissão para ir, meu lorde? Ela perguntou, piscando furiosamente, arruinando seu efeito de sarcasmo.

Ele estava reprimindo sua raiva.

— Vai, antes de me fazer atuar como um adolescente, e não um homem, e ceda à tentação. Mas recorda minhas palavras.

Ceidre reprimiu uma réplica e apertou suas mãos aos lados, afastando—se. Ele a olhou partir por um comprido tempo.



Capítulo 16

— **C**omo se sente Tildie?

Tildie fez uma pausa e deixou de atirar grãos às três galinhas e a um galo. As duas mulheres se olharam.

— Sinto muito, Tildie. Tentei, Ceidre disse hesitantemente.

Lágrimas encheram os olhos de Tildie.

— Sei. Sinto muito por haver dito as barbaridades que te disse. Não era minha intenção, Ceidre, não era.

Não queria dizer isso, Ceidre pensou, mas disse. Como pôde me dizer algo assim? Mas ela não verbalizou esses pensamentos, só lhe sorriu. Tinha havido um tempo em que as duas mulheres teriam se abraçado em um gesto de desculpa, mas agora havia uma parede invisível entre elas.

— Como se sente? Ceidre perguntou.

— Um pouco cansada isso é tudo.

Elas trocaram mais algumas palavras. O que tinha acontecido tinha criado uma tensão entre elas que nunca antes tinha existido. Então Ceidre lhe disse adeus e partiu. Caminhou sem rumo, tentando não pensar.

— Ceidre?

Ante o som da voz de Alvin, o homem mais confiável de Edwin, Ceidre quase desmaiou. Virou-se, seus olhos aumentaram com a imagem dele. Ele estava vestido como um simples servo simples, e não como o filho de um conselheiro. Ceidre conteve o impulso de saltar em seus braços.

— Alvin! Tem notícias? Sua voz era baixa e urgente.

— Vamos caminhar, Alvin sugeriu. Ele tinha sua idade, tinha sido enviado a treinar como cavaleiro em Aelfgar quando tinha seis anos. Eles tinham crescido juntos e — ele era virtualmente um irmão.

Ceidre tocava nervosamente seu cinto enquanto passeavam na horta de maçãs.

— Eles estão bem?

— Sim. Edwin recebeu uma flecha na coxa, mas se está curando bem.

O alívio a invadiu, e dor por não ter estado lá para atender sua ferida.

— Está seguro que não há infecção?

— Conhece Ed. É forte como um boi.

Ceidre sorriu, sentindo saudades de seus dois irmãos. Edwin era tão forte como um boi, de estatura média, com feições aquilinas e o cabelo negro. Morcar era mais alto e mais magro, seu cabelo castanho era indomável e possuía belos olhos azuis. Mas seu sorriso rápido escondia uma vontade feroz e uma inteligência similar a de Edwin. Os irmãos pareciam opostos, um silencioso e feroz, e o outro falante e dado às risadas, mas ambos realmente pareciam do mesmo material. E eram leais um com o outro.

— Onde estão eles? Ela olhou a seu redor novamente, mas eles estavam sozinhos, os aldeãos continuavam com sua atividade normal, os normandos estavam trabalhando na ponte levadiça, a um quilômetro de distância.

— Morcar virá tão rápido como possa. Edwin não vai permitir esta desapropriação. Deve observar tudo o que Rolfe de Warenne faz. E escutar também. Se existir algo de importância que veja ou ouça deve comunicar.

— Entendo, Ceidre disse. O normando tem cinqüenta homens, todos cavaleiros. Vi-os em uma batalha. Ela estremeceu, recordando como o normando e seus homens tinham matado aos saxões em Kesop. Pode ter mais homens.

— Claro que sim, mas os deixou em York. Ele é o novo lorde lá, sabia?

— Não, não sabia.

— William, o Bastardo, ainda está em York, com tropas reais, vigiando a reconstrução do castelo. Rolfe devia estar mantendo correspondência com ele. Ceidre, precisamos saber seus planos. Se eles escreverem mensagens, deve encontrá-las, e deve tentar escutar suas conversações... Alvin a olhou.

Ceidre pensou no preço da traição: açoitamento público e o calabouço, ou até o enforcamento.

— Tentarei, Alvin, mas não será fácil. O normando é muito hábil.

— Faça o melhor que puder.

— Sabe que ele vai se casar com Alice?

— Não, não sabia. Darei a notícia a seus irmãos. Quando será o matrimônio?

— Em duas semanas. O tempo voa, Alvin.

— É, não é bom. Morcar virá antes, estou seguro. Até então, observa e escuta. É melhor que vá agora.

Ceidre tomou sua mão.

— Deus te proteja, Alvin. Tenho tanto medo.

— Seus irmãos são quase imortais. Alvin sorriu.

— Não brinque com essas coisas, ninguém exceto Deus é imortal, Ceidre disse severamente. Ele encolheu os ombros, e ela o observou afastar—se correndo para o bosque. Um olhar para o lugar da construção lhe disse que o normando e seus homens ainda estavam trabalhando. Esse facilmente era um momento tão bom como qualquer outro para procurar as mensagens reais. Ela começou a voltar para a fortaleza.

Alice estava nas cozinhas, dando ordens para a refeição do meio—dia. Ceidre se deslizou pela porta aberta sem ser vista e entrou na fortaleza pela porta da frente. Neste momento do dia não havia ninguém no salão, salvo um servo limpando a mesa larga. Ceidre se apressou para as escadas.

Sentiu uma pontada de apreensão enquanto abria a grande porta de cedro do aposento principal. Entrou, logo pensou que seria melhor fechar a porta, mas deixou—a ligeiramente entreaberta para que não fosse tão suspeito se fosse apanhada. Olhou a seu redor.

O quarto ostentava uma grande cama, a cama onde seu pai tinha dormido, a cama que tinha sido de Edwin — e que agora era do normando. Havia várias arcas encostadas nas paredes, onde as coisas do normando estavam guardadas, e também como assentos. Não eram arcas que pertencessem a Aelfgar, ele as havia trazido. Esse parecia um lugar tão bom como qualquer outro para começar as busca.

Ocorreu—lhe que ele poderia não saber ler, como a maioria dos homens. Não tinha considerado isso antes, porque ele era tão ardiloso que lhe pareceu improvável que não soubesse ler. Então lhe ocorreu, que um homem ardiloso como o normando destruiria qualquer mensagem escrita — e que a comunicação com William podia ser verbal. Mas igualmente devia procurar as mensagens. E, embora ele não soubesse ler, havia o sacerdote da aldeia para fazer a tarefa. Ceidre quase sorriu. O pai Green estava bêbado a maior parte do tempo e de farra o resto do tempo. Supôs que poderia mandar procurar um monge. Ou ele poderia pedir a ela mesma que lhe lesse a mensagem.

Seu coração se acelerou. Devia descobrir se ele podia ou não ler. Se não lia, devia lhe fazer saber de sua utilidade para ele. A situação seria ideal!

O primeiro baú continha túnicas, calças, capas e sapatos. Outra continha belas sedas do Oriente, em cores que Ceidre jamais tinha visto, ricos veludos e uma capa forrada com pele. Mas nenhuma mensagem. O último baú continha tapeçarias e tapetes e uma velha espada, com jóias incrustadas em seu punho. O normando havia trazido suas mais valiosas

posses, ela pensou amargamente, mas o que ele não sabia era que não ficaria em Aelfgar. Aelfgar pertencia a Edwin.

Não havia outro lugar onde as mensagens podiam ser guardadas, a menos que elas estivessem verdadeiramente escondidas.

— O que está fazendo aqui?

Ceidre girou ante o som da voz severa de Alice, imensamente aliviada de ter terminado sua busca e fechou as arcas.

— Estava procurando minhas ervas, ela respondeu suavemente. Isso era uma mentira; ela tinha recuperado as ervas na outra noite quando tinha ajudado a Tildie.

— Ele sabe que está aqui? Alice exigiu. Ele te deu permissão?

— Não, Ceidre disse cuidadosamente. Alice, ele se zangaria muito se soubesse que estava procurando por minhas ervas.

— Sim, verdade? Alice riu. Disse a ele que não era uma serva, verdade?

— Ele não me acreditou.

Alice sorriu triunfante.

— Por que deveria te acreditar? Depois de tudo é filha de uma serva prostituta. Encontrou suas poções de bruxa?

— Não.

— O que fez ontem à noite, Ceidre?

Ela sabe, Ceidre pensou. Ela sabe que estive com Tildie e que tinha as ervas comigo. Ceidre procurou em sua mente uma resposta.

— Puta! Alice gritou, e a esbofeteou.

Ceidre retrocedeu emocionada.

— Vi—o escapar, ia atrás de você, Alice rugiu. Abriu suas coxas para ele, verdade? É como sua mãe, Ceidre, uma puta de pés a cabeça!

Ceidre soube que era melhor fazer com que Alice acreditasse que ela tinha estado com Rolfe do que lhe fazer saber que tinha usado as ervas com Tildie a noite anterior. Pois Ceidre não queria que Alice soubesse que ela estava espiando, e não procurando as ervas. Mas, não podia permitir que Alice pensasse o pior se podia evitá—lo.

— Só fui dar um passeio, ela disse ruborizando. É verdade.

— Ele te seguiu!

— Sim. Ele pensou que estava escapando, Ceidre apressadamente mentiu. Proibiu—me de deixar Aelfgar. Mas Alice, ele não me tocou, juro—lhe isso. Não tem direito a me



insultar. Não sou uma puta nem minha mãe era uma prostituta. Ela amou a seu pai tanto como o chorou depois que ele morreu e sabe que isso é verdade! Por que tem que repetir essas mentiras sujas?

— Sua mãe era uma amante, Ceidre, o que a converte em uma prostituta. Claro que ela amou a meu pai, ele era seu lorde. Mas ele só a queria em sua cama! Que fez Rolfe quando te seguiu?

— Ele me perguntou onde estava indo.

— Mentirosa! Esteve fora duas horas, os dois estiveram juntos! Ceidre lamentará isto, Prometo—lhe isso! Farei sua vida insuportável se estiver com ele.

Ceidre sabia que isso era verdade.

— Eu o odeio, Ceidre insistiu. Verdadeiramente o odeio, e não estive com ele!

— Só recorda, Alice disse com um grunhido. Tudo o que pode chegar a ser é sua prostituta. Mas eu, vou ser sua esposa.

Ceidre sentiu uma punhalada de dor no coração.

— Alice, pela última vez te peço, não dê as costas a sua família. Eu a ajudarei a evitar esse matrimônio e encontrar outro marido.

— Vou me casar com o normando, Alice replicou. E quando eu for sua senhorita, ocupar—me—ei de você, não tenha nenhuma dúvida disso. Pois eu não vou ser uma estúpida cornuda como minha mãe.



Capítulo 17

— **M**eu lorde, mais vinho? Alice perguntou alegremente.

Rolfe, no ato de cortar uma pata de cordeiro, negou com a cabeça secamente. O joelho de sua prometida tocava o seu. Também seu braço. Ela verdadeiramente pensava seduzi—lo? Ele estava muito irritado. Ela se comportou muito atentamente ao longo do jantar.

Alice servia vinho, sabendo que o homem não lhe agradeceria, ele era um bruto. Mas ela poderia sobreviver sem suas maneiras. Lançou—lhe outro sorriso encantador, batendo suas pestanas, mas ele fez como se não a estivesse olhando. Seu olhar estava no extremo de uma das mesas debaixo do assoalho. Em Ceidre. Alice sentiu vontade de virar a mesa e derrubar todo o conteúdo sobre sua maldita irmã bastarda.

Rolfe observou Ceidre comendo, com verdadeiro apetite, mas conservando um comportamento feminino. Estava deleitado de vê—la na mesa do salão. Era um sinal inequívoco de que ela era parte da casa e da família, e esse pensamento era realmente provocador.

Ela vestia uma singela túnica de lã cor de ferro oxidado, em cima de uma camisa azul profundo. As duas cores eram perfeitas para ela, harmonizando belamente com seu cabelo bronze, e seus olhos violetas. Ela mordeu um pedaço de carne. Estava muito longe para que ele visse a brancura de seus dentes, mas ver seus lábios luxuriosos sobre a carne era fascinante. Não podia deixar de olhar, não queria olhá—la; na verdade, ele queria muito mais que olhá—la. Já estava excitado. Moveu—se no assento para aliviar a tensão de sua calça.

— Meu lorde, Alice disse docemente, pois era mais difícil ganhar sua atenção.

Rolfe suspirou, sem olhá—la tomou o vinho. Ela, é obvio, sempre obediente, prontamente voltou a encher sua taça.

— Meu lord, encontrei—a em seu quarto hoje.

Rolfe lhe deu toda sua atenção.

— Ceidre?

Alice soube que agora tinha sua atenção completa, mas o tema era sua odiosa irmã.

— Sim.

— O que tem que para me dizer, Alice?

— Ela estava em seus aposentos, procurando sua bolsa de ervas, Alice disse, observando—o de perto.

Rolfe lançou um olhar duro a Ceidre. O que planejava essa moça agora? Ele sabia muito bem que ela estava em posse de suas ervas. Ela é seu inimigo, ele se recordou: já não é sua prometida, é sua inimizada. Não esqueça isso.

— Vai castigá—la? Alice perguntou.

— Eu não castigo levemente, ele disse, agarrando um pedaço de pão. O tema estava terminado. Alice se agarrou à mesa com força.

Ceidre estava tentando ignorar o olhar quente e impertinente de Rolfe. Mas estava ruborizada, agitada e incômoda. Não havia uma só pessoa no salão, ela estava segura, que não estivesse vendo o modo luxurioso em que o normando a observava, enquanto tinha sua noiva sentada a seu lado. Ceidre não ia olhá—los. Já tinha suportado suficiente. Tinha escutado a voz amável da Alice toda a noite, e ainda agora a escutava. Rolfe ouvia cortesmente as palavras que ela continuava falando – e por uma vez quase lhe sorriu. E Alice, Ceidre tinha visto sua paquera muitas vezes, e essa noite ela tinha chegado a roçar seu peito contra o braço dele. Ceidre sentiu náuseas, e desejou que fosse pela comida. Mas sabia que não era.

Disse a si mesma que era pelo matrimônio que se aproximava — porque ele estava cimentando sua posição de poder em Aelfgar em detrimento de seus irmãos. Não por nenhuma outra razão.

Mas essa lógica estava começando a soar débil, até para ela mesma. Ceidre desejou poder escapar da mesa. Claro que não podia, não até que o "lorde" e a lady se retirassem primeiro. Deus! Preferia as sufocantes cozinhas a essa situação!

De fora se ouviu o som de um corno, a advertência da chegada de um estranho. Outra explosão soou, indicando que não havia um chamado a tomar as armas. Homens de Rolfe, que estavam de guarda, entraram seguidos por um mensageiro do rei. Ceidre ficou tensa.

O mensageiro obviamente era enviado por William, pois ele usava as cores do Conquistador. Mas estava coberto de pó, mostrando que tinha tido uma viagem comprida e

difícil. Ele se fincou em um joelho diante de Rolfe, que impacientemente fez gestos com uma mão para que as pessoas deixassem o salão em meio da refeição. O coração de Ceidre se afundou. Como poderia descobrir o que estava acontecendo se tinha que retirar—se?

Moveu—se lentamente para sair, deixando todos esvaziarem o salão antes que ela. Um olhar por sobre seu ombro mostrou Rolfe segurando uma mensagem fechada em sua mão, mas não fazendo nenhum movimento para abri—la. Então ele recebia mensagens escritas! OH, ele podia lê—las ou não? Se ela pudesse ler para ele! Seu olhar percorreu a sala impacientemente e se cravou nela. Ceidre rapidamente girou e partiu.

Ceidre estava fora, sentindo—se inquieta, sabendo que não havia modo de descobrir o que estava acontecendo dentro da fortaleza. Rolfe podia estar lendo o documento, ou podia estar escutando um relato verbal. Qualquer que fosse a mensagem era breve, porque logo permitiu às pessoas voltarem para o salão. Rolfe estava novamente sentado em sua cadeira, bebendo o vinho e olhando fixamente a lareira. O mensageiro estava sentado na ponta da mesa de Ceidre, em frente dela. Ceidre já não tinha fome, mas não podia deixar passar essa situação. Sorriu—lhe. Ele era loiro como o normando. Ele a olhou surpreso.

— Parece cansado, ela disse. Eu não gostaria de ter que montar em uma viagem tão longa.

— Não é fácil, ele disse, sentindo—se lisonjeado por seu interesse. Cortou um pedaço de cordeiro e começou a comer. Mas sou jovem e forte, e o mais confiável dos mensageiros do rei, ele ostentou.

— É verdade? Ceidre perguntou, mostrando assombro em seu tom.

— A pura verdade, ele disse, sorrindo. Qual é seu nome, moça? Nunca tinha visto uma dama tão bela, nem em toda França nem na Inglaterra.

— Eu sou Ceidre. E você?

— Paul. Ele bebeu uma taça de vinho. Possivelmente você gostaria de caminhar comigo depois de que jante?

Ceidre só tinha um segundo para dar sua resposta, e pensando apenas em seu objetivo, ela disse,

— Sim, seria bom. Lutaria com o problema das expectativas do moço mais tarde, ela decidiu.

Rolfe observou este intercâmbio de palavras com irritação crescente. Quando Ceidre, primeiro deu de presente ao rapaz seu sorriso, ele imediatamente se viu invadido por uma emoção suspeitosamente parecida com os ciúmes — algo que nunca tinha tido em toda sua vida. A desconfiança surgiu também — o que planejava essa pequena bruxa paquerando dessa maneira? Então, quando seu diálogo continuou, o mensageiro se

mostrou tão orgulhoso como um galo diante de uma galinha, Ceidre se mostrava admirando—o timidamente, e sua irritação se converteu em uma grande irritação. A moça pensou estava provocando—o? Ou ela era tão parva para pensar que podia inteirar—se dos assuntos do rei de uma fonte de primeira mão? Ou verdadeiramente gostava desse moço, que logo que era um adolescente?

Foi como se Alice lesse seus pensamentos. Sua voz mostrava seu prazer dissimulado e seu despeito.

— Vê, meu lorde, como ela paquera com o homem do rei? É repugnante. Vê por que ela não é diferente de sua mãe!

Suas palavras lhe queimaram, alimentando seus ciúmes. Ela era como sua mãe, que tinha sido a amante do velho lorde? Ela provocava aos outros homens também? Seu tom foi severo na resposta.

— Não me importa o que pensa, minha lady. Se quisesse sua opinião a pediria. Caso contrário, mantém sua malícia para você mesma.

Alice se ruborizou. Rolfe se levantou abruptamente, sua cadeira caiu ao chão, e muito zangado caminhou pelo salão. Imediatamente seus homens ficaram de pé. O coração de Ceidre estava pulsando de emoção e ansiedade. Agora ela devia seduzir esse mensageiro para que revelasse o que sabia!

Todos se tinham retirado exceto o normando e Alice, ele estava fervendo de fúria enquanto ela estava sentada à mesa. O mensageiro estava sorrindo, sentado confortavelmente, suas costas apoiadas contra a parede. Seu olhar era lascivo.

Ceidre sentiu que seu coração se sobressaltava. Como ela ia fazer isso? O desespero cresceu em seu peito. Ela se inclinou para frente e lhe sorriu provocativamente.

— O rouxinol canta, pode ouvi—lo?

Seu sorriso se alargou.

— Então não devemos perder essa melodia. Ele ficou de pé, esperando que ela o seguisse.

A cadeira da Alice fez um ruído quando ela se levantou, e logo passou ao lado de sua irmã com um olhar odioso e triunfante.

— Parece que adquiriste um gosto pela carne normanda, verdade Ceidre? Isso foi ontem à noite ou hoje é o princípio?

Ceidre quis golpeá—la, mas se refreou por seu objetivo, e o mensageiro que a esperava não tinha ouvido o sussurro de Alice. Sombriamente ela estendeu sua mão. Para seu choque, ele a puxou abruptamente contra seu corpo e começou a beijá—la, acariciando

seus peitos. Por reflexo Ceidre tentou livrar—se, mas só teve êxito em colocar suas costas contra a mesa — e ele a empurrou e se recostou sobre ela.

— Para! Ceidre gritou furiosamente, todos seus pensamentos sobre a espionagem desapareceram. Ele tinha subido suas saias até os joelhos enquanto a tinha aprisionado contra a mesa, sua boca lambia seu pescoço, e uma mão acariciava seu peito. Ceidre lutou para baixar seu vestido, tirar sua mão de seu peito, e levantar—se da mesa, tudo ao mesmo tempo. O pânico começou a crescer quando se deu conta que ele era muito mais forte que ela e já não era uma mera provocação, mas realmente a estava violando.

O som da voz de Guy foi algo mais que bem—vindo quando Ceidre a ouviu.

— Ouça, ouça! O que é isto?

O mensageiro deixou de lutar com ela, voltando—se com irritação, embora sem soltá—la completamente. Ceidre o apartou e escapou de seus braços como se estivesse saltando sobre carvões quentes.

— Sir Guy!

— Rolfe te quer Ceidre, Guy disse: Homem, dando um olhar duro ao mensageiro. É assim que abusa da hospitalidade de Lorde Rolfe?

Ceidre nunca tinha pensado que agradeceria um requerimento do normando, mas o fez nesse momento. Fugiu para as escadas, deixando o mensageiro defendendo calorosamente suas ações e culpando—a por provocá—lo em primeiro lugar. Uma vez diante da porta do normando, fez uma pausa para acomodar seu cabelo e alisar seu vestido. Estava suada pelo encontro vigoroso, avermelhada e até sem fôlego. Mas antes de poder recuperar a compostura, a porta se abriu e o normando estava ali, franzindo o cenho.

Seu olhar a percorreu e o alívio de Ceidre ficou esquecido e substituído por uma nova ansiedade. Seu tom foi abrupto.

— Quero uma poção.

Ceidre sabia que parecia desiludida e furiosa ao mesmo tempo. Ele realmente acreditava que tinha estado fornicando?

Rolfe sorriu com desagrado.

— Parece que tenho os cascos do cavalo do diabo golpeando aqui mesmo. Ele disse tocando a têmpora.

Ele tinha uma enxaqueca? Tinha chamado por uma enxaqueca? Sua suspeita cresceu.

— Acredito, ela disse, sarcasticamente, mas vinho te aliviará o sofrimento.

— Está ofuscada, Ceidre? Seu tom era tão sarcástico como o dela. Transtornada? Perturbei—te? Interrompi algo?

— É meu amo e senhor, ela disse, muito docemente. Como poderia me perturbar?

— Tem razão, ele disse, inclinando—se mais perto, seu olhar fixo em sua boca torcida e machucada. Seu amo e senhor. Ele sorriu novamente, e Ceidre sentiu algo como medo. Não quero mais vinho. Quero uma poção. Uma beberagem de uma bruxa. Para minha cabeça.

A beberagem de uma bruxa. Suas palavras lhe doeram, imediatamente ela se voltou ativamente. Ele foi tão rápido que ela não pôde dar nem um passo, pois sua mão agarrou seu braço e a fez girar para enfrentá—lo.

— E nada de atrasar—se, Ceidre, ele replicou. "Nada de fazer armadilhas.

Seus olhos se alargaram com compreensão e surpresa. Estava—lhe dizendo com palavras vagas algo a respeito de seu encontro com o mensageiro! Algo quente percorreu suas veias, como emoção. Ela se achou sorrindo.

— Não me demorarei nem farei armadilha, meu lorde.

Seu mau humor aumentou.

— Bem! Vai então!

Ceidre partiu em busca da poção no piso superior – nas escadas ouviu a porta golpeando—se como um trovão.



Capítulo 18

— **E**le ordenou que a aldeia fosse destruída!

Ceidre olhou fixamente seu primo Teddy.

— Certamente está brincando!

— Não, é verdade, toda a aldeia, Ceidre, será queimada!

Dois dias atrás Ceidre tinha dado a Rolfe a poção que ele tinha solicitado e prontamente tinha sido despachada. Rolfe levou um grupo de homens e tinha desaparecido na manhã seguinte e não tinha retornado até tarde a noite anterior. Não havia modo de Ceidre descobrir onde ele tinha estado, nem com que propósito. Uma vez mais ela tinha estado livre para fazer o que quisesse. Tinha decidido permanecer fora do caminho de Alice, e tinha passado um tempo com sua avó, juntando ervas, moendo e misturando para preparar poções para aliviar a dor, para curar urticária, para induzir o sono, e para estimular fertilidade e a potência. Era cedo pela manhã.

Teddy vestia uma túnica e calça de lã, e a agarrou pela mão.

— Não pode fazer—lhe uma maldição? Implorou.

— Sei que é uma bruxa boa, Ceidre, mas não pode, por uma vez, fazer que ele morra? Ele está destruindo todas as nossas casas!

O normando não tem nenhuma gota de sangue humano em todo seu corpo, Ceidre pensou furiosamente. Caminhou afastando—se da fortaleza, contemplando—a, de três pisos de altura, quadrada e feia, com apenas umas minúsculas aberturas como janelas, localizada na colina sobre a aldeia. Um enorme e profundo fosso tinha sido cavado ao redor de todo seu perímetro, isolando a horta, o campo de feno e de cultivos. Então viu uma cabana incendiando—se.

Ceidre levantou sua saia e começou a correr. Era um momento terrível: um *Dejavu*. O normando estava sentado e observando sobre seu garanhão, rodeado por três de seus homens. Ouvindo o som de seus passos rápidos, ele moveu seu cavalo e a observou.

— Deve parar isto imediatamente!

Uma sugestão de sorriso apareceu em suas feições duras. Ceidre estava ofegando. Seu olhar vagou por seu rosto e desceu até seus seios. Faminto como um lobo no inverno.

— Ouviu—me? Ceidre gritou.

— Não interfira, ele disse, afastando—se dela. Outra cabana foi incendiada. O som dos prantos das mulheres chegou até eles.

— Não tem alma, Ceidre espetou. Nem coração. Quanto lamento por você! Seus olhos se encheram de lágrimas. Seus homens estavam incendiando as cabanas, e agora a metade da aldeia estava ardendo.

Lançou—lhe um olhar escuro.

— A aldeia devia ser movimentada.

— Por quê? São suas casas. Suas vidas. Seu sustento!

— Tudo será reconstruído, Ceidre, ele disse, havia uma advertência em seu tom. Não interfira no que não entende.

Ela ignorou sua ameaça.

— Sente um prazer perverso, verdade? Usando seu poder desse modo, assustando as pessoas ignorantes, Normando?

— Ceidre, basta.

— Aterroriza às mulheres, criaturas e servos impotentes. Sim, isso te faz sentir muito valente. Surpreende—me que não te chamem Rolfe o valente, por toda a coragem que demonstra!

Ele se avermelhou. Montado perto de Guy O Chante estava incrédulo, e também avermelhado. Os outros dois homens fingiram não ter ouvido. Ceidre não se importou, estava frenética e furiosa, mais à frente do medo que sentia.

— Sim, de agora em diante, esse é seu nome, Rolfe o valente!

Aconteceu tão rápido que ela não pôde reagir. As palavras não estavam fora de sua boca antes que ele a subisse bruscamente sobre seu cavalo, colocando—a de barriga para baixo sobre suas coxas. E o garanhão partiu a galope, quase simultaneamente. Ceidre não poderia ter—se movido se tivesse querido — mas não quis. Só podia ver duas coisas — seus pés no estribo e as patas do cavalo que voavam sobre o chão. Ela estava aterrorizada de cair desse enorme cavalo e ser esmagada por seus cascos.

E aterrorizada pelo que lhe ia fazer. OH, por que não podia manter sua boca fechada?

A besta se deteve. Ela foi baixada ao mesmo tempo em que ele desmontava. Foi carregada como um saco de grãos pendurando de seu braço. Ela começou a se retorcer. Por

um breve momento seu nariz quase tocou o chão. Então, ao sentir suas saias sendo erguidas, cobrindo sua cabeça, ela gritou, tentando livrar—se.

— Esteve me provocando uma e outra vez, ele disse com os dentes apertados enquanto observava suas nádegas brancas. Ele estava tão determinado que a imagem não o intimidou. Uma criatura merece o castigo de uma criatura.

— Se me golpear...! Ceidre gritou furiosa, sem acreditar que ele se atreveria a golpeá—la.

— O que me vai fazer? Ele provocou, esbofeteando com força suas nádegas.

Doeu. Isso a imobilizou – mas não por muito tempo.

— Como se atreve! Ela estava enfurecida.

Rolfe a sujeitava facilmente embora ela lutasse por se livrar com todas suas forças.

— Atrevo—me àquilo que me agrada. Ele a golpeou novamente, mais duramente.

— Que valente é! Ela ofegou, retorcendo—se sobre seu colo.

Uma terceira bofetada se seguiu.

— Ninguém, homem ou mulher, me fala do modo que você faz, ele disse severamente, olhando fixamente sua carne branca. Ela estava incrivelmente bem formada. Suas pernas eram longas e com curvas, suas nádegas, altas, arredondadas e luxuriosas.

— Nunca te perdoarei. Ceidre disse sufocada, mais humilhada que machucada.

— Não necessito seu perdão, mas você precisa entrar em razão, ele disse rouco, incapaz de desviar seus olhos de seu traseiro. Sua mão se apoiou por iniciativa própria em uma nádega firme.

Ceidre se moveu como se a tivesse queimado. Sua mão se fechou sobre a nádega, apertando—a. Sua respiração estava apanhada em sua garganta e ela não podia respirar. Nem podia se mover.

— Põe a prova meus votos, ele disse severamente, deslizando sua mão embaixo, na parte traseira de sua coxa. Seus dedos se meteram intimamente entre suas pernas, tocando o pêlo úmido de seu sexo.

Um fogo líquido percorreu o corpo dela. Sua mão se moveu ligeiramente, o suficiente para apertar os cachos suaves que rodeavam sua feminilidade. E contra seu quadril, seu membro empurrava ardentemente.

— Não faça, Ceidre conseguiu dizer com voz rouca. Por favor.

De repente Rolfe a empurrou sobre seus joelhos, suas mãos sujeitando seus quadris com força.

— Não me importam meus votos, ele disse, ofegando, sua voz tinha um tom estrangulado. Ele gemeu masculinamente. — Deus, Ceidre, não posso... seu membro estava apertado contra suas nádegas, e ela sentiu sua boca sobre seu pescoço. Mais um minuto e sua virgindade teria sido perdida.

Então ele a soltou.

Com um grito, Ceidre se afastou arrastando—se sobre suas mãos e seus joelhos, logo girou, apoiando suas costas contra uma árvore. Ela estava ofegando, seu olhar cravado nele. Seu coração pulsava ferozmente em seus ouvidos.

Rolfe estava de joelhos, olhando fixamente o chão, havia um suor visível em seu rosto. Ela sentiu e viu a batalha que ele estava liberando em sua mente contra sua luxúria. A paixão e a excitação obscureceram suas feições. Seu corpo parecia como se fosse estalar. Ceidre choramingou, por medo ou por necessidade? Rolfe levantou a cabeça e lhe cravou seus olhos azuis.

Ceidre retrocedeu horrorizada.

— Não te machucarei, ele disse sombriamente.

— Te odeio!

Ele ficou de pé lentamente.

— Não te machucarei. Lágrimas, quentes e amargas subiram a seus olhos.

— Não o fará..., ela riu, com um pouco de histeria. Golpeia—me e tenta me violar e me diz que não vai me machucar?

Sua mandíbula se esticou.

— Não te golpee, não te violei. Você provoca isso, Ceidre.

— Me culpa! Me Culpa quando é você quem está em falta!

Seus olhos azuis se obscureceram.

Ceidre sufocou um soluço e se amaldiçoou por sua língua venenosa. Lentamente ficou em pé, suas costas apertadas contra o tronco da árvore. Ele a observou. Ela o observou.

— Se não fosse irmã de Alice, ele disse cravando seu olhar, se fosse qualquer moça, tomaria. Seria minha amante até que eu pudesse te exorcizar de minha alma e de meu sangue. Pois sou só um homem, Ceidre, e você me tenta além de minhas convicções.

— Não é minha culpa!

— OH, é sua culpa, ele disse, serenamente agora. Sua beleza desafia qualquer coisa que eu tenha visto. E você, me desafia a cada segundo, levando minhas emoções ao

extremo. Não pensa que meu membro não se excita também, com a tormenta que você cria em mim?

— Eu deveria observar como queimas as casas de minha família e não dizer nada?

Essa lembrança trouxe escuridão a seus olhos azuis.

— E você me provoca diante de meus homens! Advirto—te novamente, Ceidre não me provoque. Se o faz, se encontrará deitada de costas comigo em cima!

— Violaria a irmã de sua prometida!

— Quando estiver debaixo de mim, acredita que pensarei em quem é? Só seria Ceidre, uma bela bruxa de cabelo cor de bronze e com olhos violeta.

Ela sabia que ele não queria usar essa palavra, entretanto se avermelhou. Sentindo desespero, ela se aferrou ao tema de importância.

— O que acontecerá com os aldeãos?

— Estamos reconstruindo, ele disse. A aldeia está sendo movida, Ceidre, e não é um capricho. Sou um líder, e vi mais guerras do que pode imaginar. A aldeia estará mais bem defendida dentro dos muros. Isso será bom para todos, não só para mim mesmo. Até seria bom para seu irmão, se ele estivesse aqui.

Ela se tinha equivocado? Tinha atuado Impetuosamente?

— Vem, Ceidre, ele disse. Te levarei de volta.

— Não me peça que vá com você, ela rugiu. Caminharei.

Agora seu rosto era inexpressivo, seus olhos azuis se fecharam.

— Vem. Não te deixarei.

— Por que não? Ela gritou.

— Porque não farei, ele disse duramente.

Eles se olharam fixamente um ao outro. E Ceidre soube que não podia ganhar. Sentiu uma quebra de onda súbita de lágrimas subindo, e sua derrota foi amarga. Ela avançou tropeçando. Ele estendeu sua mão para ajudá—la a levantar—se, e agora confusão e uma estranha ternura cruzaram sua expressão. Ele afrouxou sua mão. Ela encontrou seu olhar, e antes que ele pudesse desviá—lo, ela viu confusão e algo que se parecia com a piedade – ou à compaixão. Mas certamente estava alucinando!

— Se deseja caminhar por pode fazê—lo, ele disse abruptamente.

Imediatamente ela se deteve e cruzou os braços firmemente. Ele assentiu com a cabeça, girou o cavalo, e se afastou a trote. Ceidre o observou ir. Olhou—o fixamente por um tempo muito longo.



Capítulo 19

A mensagem foi entregue a ela antes da refeição do meio—dia, por Teddy. Ceidre quis saltar de alegria. Morcar tinha voltado para casa, e estava esperando—a no bosque, perto da horta.

Tinha chegado no momento certo — pois o normando ia casar se com Alice no dia seguinte.

Ela tinha que aparecer na refeição, para não despertar as suspeitas do normando. Além disso, ele poderia pensar que ela estava zangada ou se escondendo. De fato, ela estava zangada pelo modo que a tinha tratado, embora estivesse aliviada que ele não a tivesse tomado como quase tinha feito. Ela teria que se dirigir cuidadosamente no futuro. Ela não se deu conta que quando despertava sua ira também despertava seu desejo; assegurar—se—ia de não fazer isso de agora em diante.

A refeição resultou interminável, mas Ceidre não se moveu. Recusou—se a olhar para Rolfe, sentado junto a sua prometida, embora ela soubesse que ele a observava freqüentemente. Quando ele e seus homens tinham voltado a trabalhar, Ceidre escapou para a horta, com a cesta na mão, cuidando de não ser seguida. O normando, ela tinha visto, estava tão absorvido em sua tarefa que nem sequer a observou quando ela partia.

O corpo alto de Morcar apareceu na clareira do bosque à medida que ela se aproximava gritando de alegria. Ele sorriu, seus olhos azuis brilharam, e a elevou em um abraço forte.

— Está bem? Ela perguntou, sujeitando seu rosto entre suas mãos, quando ele a soltou.

— Eu? Ele riu, tirando suas mãos e as apertando entre as suas. Seu sorriso se debilitou. Ceidre como está?

— Estou bem.

— Não lhe danificaram esses porcos?

Ela sentiu o rubor subir a seu rosto.

— Não.



Seu aperto se fez mais estreito, suas feições bonitas se obscureceram. O que aconteceu? Tocaram—te?

Ela estava fervendo de vergonha, e sabia do caráter impulsivo do Morcar.

— Está tudo bem, ela quase gritou. Verdadeiramente! Isso foi antes que ele soubesse quem era – mas ele descobriu a tempo e não me danificou.

— Quem?

— O normando.

— Rolfe de Warenne? O Implacável? Diante do movimento de cabeça assentindo, ele franziu o cenho. — Te explique rapidamente.

— Não há nada que explicar. Eu estava em Kesop, curando um porco. Ele pensou que era uma camponesa. Seus homens acabavam de matar um grupo de saxões, e ele me perseguiu com seu cavalo. Mas seus homens revelaram minha identidade antes que ele pudesse... – antes que pudesse fazer o que queria. Na verdade... eu... De repente ela sorriu. Ele acreditou que eu era Alice, e desse modo me salvei.

Morcar insultou grosseiramente.

— Desejava ter estado lá, ele replicou, seus olhos azuis brilhavam enquanto caminhava inquieto. O teria matado só pelo descaramento de sua luxúria!

— Isso já terminou Morcar, ela mentiu. Como está Ed?

— Quase curado. Não deixaremos passar isto, Ceidre, ele disse duramente. Nós estamos curando nossas feridas agora, e quando estivermos fortes, perseguiremos os normandos expulsando—os pelo mar e mais à frente.

— Veio um mensageiro real faz quatro dias atrás. Não pude descobrir o que disse. No dia seguinte, ao amanhecer, o normando e um grupo de homens cavalgaram para algum lugar. Eles voltaram dois dias depois. Não sei aonde foram.

— William o Bastardo teve uma escaramuça no norte com os escoceses. Morcar encolheu os ombros. Sabemos que ele procurou Rolfe para reprimi—los. Ele é muito confiável e muito capaz. Morcar franziu o cenho ferozmente. Muito capaz!

Ceidre tocou seu braço.

— Veio sozinho?

— Deixei dois homens a uns quilômetros, Ceidre. Não quero me encontrar com o normando agora. Quais são as notícias sobre o matrimônio da Alice com ele?

— Ocorrerá amanhã, Morcar.

— Alice está disposta?

— Sim. Ante seu cenho franzido, Ceidre se encontrou defendendo a sua irmã. Tenta entender, Morcar. Ela tem medo de envelhecer sendo uma solteirona. E ele é muito bonito. Ceidre se deu conta do que havia dito, e seus olhos aumentaram. Ela visualizou seu corpo poderoso como Adonis, e soube que não mentia.

— Desejaria que houvesse um modo de impedir este matrimônio. Se Alice se recusasse, ou se adoecesse no dia do casamento!

— Teria que seqüestrá—la para impedir que se case com ele, Ceidre disse.

— Fá—lo—ia, Morcar disse com um grunhido, se tivesse os homens necessários e pensasse que posso fazer sem arriscar uma só vida. Mas sei que fazê—lo nestas condições seria um suicídio.

— Não faça, Ceidre disse. Possivelmente as maneiras de Alice o manterão tranqüilo em sua cama, e eles não estarão casados de verdade ante os olhos de Deus. Ceidre franziu o cenho, pois era muito improvável que um homem assim estivesse tranqüilo ao lado de qualquer mulher!

— Ceidre, tiver uma idéia, Morcar exclamou. Não podia dar a ele uma poção que o adoeca gravemente?

— Quer que o mate? Ela ofegou intimidada.

— Claro que não, ele disse. Não sou um assassino — nem você. Quero dizer..., ele disse impacientemente, poderia lhe dar uma poção para adoecê—lo de forma que o matrimônio seja adiado.

— Morcar pretende que o adoeca a partir de agora até o dia que você e Edwin saiam vitoriosos de tudo isto?

— Maldição! Ele disse. Provavelmente essa poção o mataria, verdade?

— Muito provavelmente, não é correto. Não posso fazê—lo. Eu nunca machuquei a ninguém.

Morcar tomou seu rosto entre suas mãos meigamente, seu tom era urgente.

— Ceidre, uma poção que o fizesse impotente? Se o matrimônio não estiver consumado quando nós voltarmos para Aelfgar pode ser anulado, e ele teria menos legitimidade como lorde aqui. Uma simples poção para a impotência, não pode, Ceidre?

— OH, Morcar, ela disse reticente, mas... a quem podia prejudicar fazendo isso? O homem tinha mais potencia que um garanhão, certamente não poderia danificá—lo! Um pouco, tão simples, diminuir seu desejo.... diminuir seu desejo por Alice.

Morcar viu sua rendição, e riu, elevando—a em seus braços.

— Te amo, Ceidre, ele disse. Tem mais lealdade em seu dedo mindinho que toda a lealdade que tem Alice em seu coração.

Ainda insegura, sentindo—se estranhamente orgulhosa pela idéia de poder manter o normando longe de sua irmã, Ceidre abraçou ferozmente Morcar, enterrando seu rosto em seu peito.

Rolfe tinha seus olhos postos em Ceidre enquanto ela carregava a cesta, dirigindo—se para a horta, de vez em quando ela olhava por sobre o ombro. Estava planejando algo, mas, o que? Embora estivesse ocupado nas fases finais da destruição da aldeia, ele manteve um olho nela – e a observou desaparecer no bosque. Ele teve uma sensação de desconfiança, e não gostou da idéia que ela vagasse sozinha.

Ceidre era uma moça muito atrativa para qualquer estranho ou mercenário que aparecesse no bosque. Rolfe esporeou seu cavalo e foi atrás dela.

De longe, observou seu encontro com um homem alto e moreno. Era um reencontro, isso podia ver muito claramente. Rolfe se sentiu perplexo quando ela saltou nos braços de seu amante, perplexo, e furioso. Felizmente o abraço foi curto, pois Rolfe teria matado ao homem nesse mesmo momento. Mas eles falaram rapidamente, seriamente e urgentemente. Sua raiva ferveu e ele aproximou seu cavalo tão perto como se atreveu, mas não conseguiu ouvi—los. E então o homem riu e a elevou em um abraço novamente, e essa vez Ceidre se aferrou a ele, enterrando seu rosto nas lapelas de sua capa...

Rolfe extraiu sua espada e, com um grito de guerra, galopou dentro da clareira do bosque.

Ceidre gritou quando Morcar a soltou a um lado, extraindo sua espada para encontrar a de seu atacante. Ele tinha reflexos rápidos, mas quase não pôde tirar sua espada antes que Rolfe desse o primeiro golpe com sua arma. Porém, Morcar não soltou sua espada. Ele foi derrubado ao chão pela carga da força de Rolfe, mas ágil como um gato, ficou de pé de um salto e estava preparado para lutar.

Rolfe freou seu cavalo e saltou ao chão, com sua arma segura ao alto. Seus olhos se alargaram.

— Morcar!

Morcar sorriu.

— Vou desfrutar disto, normando, ele disse. Sonhei com este dia!

— Detenham—se! Ceidre gritou freneticamente, sabendo que dois homens tão poderosos não poderiam sobreviver a este encontro mortal. — Parem, por favor, por Deus, parem!

— Vem a mim, saxão, Rolfe disse com calma.

Morcar investiu; Rolfe se afastou. As duas lâminas chocaram. A espada de Rolfe fez um corte na manga da túnica de Morcar, e em seu antebraço, tirando sangue. Morcar

produziu um corte na parte superior do olho direito de Rolfe. Eles dançaram um ao redor do outro, suas espadas soando. Rolfe marcou a coxa de Morcar. Morcar respondeu com uma investida maligna que forçou Rolfe a retroceder, até que o normando, fingindo ter—se cansado, inverteu o processo, atacando implacavelmente seu inimigo, obrigando—o a ir para trás.

Os minutos se estenderam. A clareira do bosque estava em silêncio exceto pelos sons de suas respirações ofegantes. O suor empapava aos dois homens, fazendo que suas túnicas grudassem em seus corpos. O sangue gotejava sobre o olho de Rolfe, mas ele não o secava. Seus movimentos se fizeram mais lentos, como em um sonho. Pelo menos longos quinze minutos tinham passado, e era aparente que os dois homens estavam muito parecidos em suas forças.

Ceidre observou, hipnotizada e aterrorizada. Ela não podia ajudar, pois isso seria o fim de Morcar. Seu irmão tinha que ganhar para poder escapar. Mas então a força do normando resultou ser superior.

Morcar tropeçou com uma raiz. Quando perdeu o equilíbrio, o normando apontou seu coração. Ceidre gritou. Morcar, com um joelho no chão, ficou congelado, a lâmina de Rolfe contra seu peito. Mas o normando não rasgou sua carne.

— Por que vacila normando? Morcar ofegou. Ele ainda estava segurando sua espada, mas em um ângulo impossível de ser levantada para defender—se. Não tenho medo da morte.

— Solta sua espada, saxão, Rolfe disse, ofegando. Solta agora, está nos portões do inferno.

— Não, não faça, Ceidre chorou, correndo para ele. Por favor, meu lorde, não o mate.

Rolfe a ignorou.

— Solta agora, se deseja viver. Se não, te mandarei para o inferno.

Morcar olhou corajosamente para Rolfe, sem medo e sem vacilar.

— Por favor, solte—a, Ceidre gritou. Por favor, Morcar, por favor!

Morcar soltou a espada.

Rolfe, sem tirar sua própria espada do coração de seu inimigo, chutou—a longe. Então, aumentando a pressão, forçou Morcar a ficar sobre ambos os joelhos. Em nome do rei William, ele disse, é meu prisioneiro.

Ceidre estava parada atrás de Rolfe. Não pensou duas vezes. Levantou a pedra mais pesada que pôde achar. Ia golpeá—lo na cabeça.



Rolfe girou e agarrou seu pulso, quase o quebrando. A pedra caiu de sua mão, e ele a empurrou fazendo—a cair ao chão. Morcar estava de pé, mas antes que pudesse levantar sua espada, Rolfe cravou sua arma em seu estomago. Os dois homens se olharam fixamente. E nesse exato momento, Guy e cinco cavaleiros chegaram ao bosque, alertados pelos gritos de Ceidre.

Rolfe sorriu friamente, seus olhos nunca deixaram os do Morcar. Ponha—o no calabouço, Guy, ele disse. E sem olhar Ceidre, ele adicionou, Me ocuparei dele mais tarde.



Capítulo 20

Ceidre foi escoltada por Guy de volta à fortaleza e ao salão. Ele não a deixou sozinha. Alice, que brincava com seus dois cães, olhou—a assombrada. Guy girou para Ceidre.

— Espera aqui.

Ceidre desviou o olhar, o desespero a invadia. Morcar estava nesse mesmo momento sendo arrastado aos calabouços, debaixo da fortaleza – e estava sendo machucado. Ele deveria ser atendido de sua ferida, e devia de algum jeito, escapar.

Alice, pôs sua mão branca sobre o terrier, e perguntou,

— O que acontece? Por que meu lorde deseja que o aguarde aqui?

— Morcar voltou Alice, Ceidre disse. E o normando o fez prisioneiro.

Alice ofegou.

— E Edwin?

Ceidre lançou a Guy um olhar escuro.

— Neste mesmo momento, Edwin cavalga com cem homens para jogar os normandos ao mar!

As esporas de Rolfe soaram quando ele entrou e caminhou para ela. Seu rosto estava tenso, e seus olhos ardiam.

— Conte—me mais, ele disse com calma.

Ceidre girou, tomada de surpresa.

— Ouviu bem!

— É verdade? Alice chorou apertando suas mãos firmemente.

Ceidre girou para ela.

— Adoece—me! Tem medo que o retorno de nossos irmãos arruíne seu casamento! Não pode pensar em alguém mais que você mesma?

— Em quem devo pensar, Ceidre? Em Você? Você que quer ser a amante de meu prometido? Pensa que não sei? É você quem quer deter este matrimônio! Por você, não por Edwin!

— Basta, Rolfe disse com um grunhido. Lady Alice, nos deixe a sós. E você também, Guy.

Alice avermelhou de raiva, logo, estalou seus dedos aos cães e partiu. Guy saiu mais graciosamente. O coração de Ceidre pulsou freneticamente, ela se perguntou o que faria agora o normando.

Seu olhar estava congelado.

— Meus exploradores não viram um grupo de saxões, Ceidre. Quero a verdade!

Ceidre tragou um nó de medo.

— Eles estão escondidos, não sei aonde.

Ele não disse nada. As mãos de Ceidre estavam tremendo. Ela tentou esconde—las na saia de seu vestido.

— Deveria ter medo, Rolfe disse severamente. Muito medo.

Ela deveria implorar por sua clemência, até se isso significasse ficar de joelhos. Mas ela não faria — não podia. Então o observou, com enormes olhos violeta assustados.

— Tenho medo de você, Rolfe disse finalmente, que sua presença aqui sempre será como a da serpente no paraíso.

Ceidre não respondeu, não podia responder.

— Compreende..., Rolfe disse severamente,... qual é o castigo por uma traição?

Seu coração se sobressaltou. Ele a açoitaria? Ou a penduraria? Ceidre umedeceu seus lábios. De algum jeito conseguiu falar, sua voz era tremente.

— Sim.

Rolfe começou a caminhar inquietamente. Era como um leão enjaulado, quando contido. O silêncio e a antecipação se estenderam eternamente, torturando—a. Ele finalmente virou, perfurando—a com seu olhar.

— Não é traição encontrar inesperadamente e por acaso a seu irmão no bosque.

Alívio, muito alívio, a invadiu.

— Ceidre.

— Sim, meu lorde?

— Você certamente me enfeitiçou, mas te advirto, não ponha a prova minha clemência novamente. Se cometer uma traição, sofrerá o mesmo castigo que corresponde a qualquer um, entende?

Ela podia ouvir os batimentos de seu próprio coração. Tragou em seco. Disse a palavra sim, mas foi tão baixo que foi inaudível.

— Entende? Ele repetiu severamente. Uma veia pulsava em sua têmpora.

— Sim, ela sussurrou.

— Então desaparece da minha frente, antes que volte à razão.

Ceidre apertou suas mãos contra o peito.

— Meu lorde?

Seus olhos eram uma fúria azul.

— Ceidre...

— Por favor, posso atender a meu irmão?

— Não! Agora vai!

Ceidre virou, deu um passo, logo correu atravessando o salão. Uma vez fora, no ar fresco, apoiou—se contra uma parede, tremendo. Ela tinha estado muito perto de receber um castigo severo, mas de algum jeito estava agradecida a Deus por tê—lo evitado. Mas ainda havia uma realidade terrível que enfrentar: Morcar era prisioneiro do normando.

E agora devia fazer algo sobre isso.

Imediatamente Ceidre começou a planejar a fuga de Morcar.

Poria uma poção na comida do guarda. Quando ele estivesse adormecido, ela mesma abriria o calabouço e liberaria Morcar. Ela teria um cavalo preparado e esperando. E logo tudo dependeria dele.

E não pensaria sobre a ameaça do normando.

Mas quando ela deixou a fortaleza para juntar mais ervas, surpreendeu—se de encontrar Guy a seu lado. Ele a olhou de esguelha, mas quando ela se deteve, ele também o fez E.

— Cavaleiro, Ceidre disse, seu espírito afundando—se, por que está brincando de ser minha sombra?

— Lorde Rolfe me ordenou ser sua escolta, Guy disse.

Ceidre desviou seu rosto antes que ele pudesse ver sua consternação. Então ela continuou caminhando. Juntaria as ervas que necessitava, e se preocuparia mais tarde sobre como se livrar de Guy para liberar a seu irmão. Mas essa noite, para seu absoluto

desespero, Guy colocou uma manta e se deitou ao lado dela. Ceidre não podia acreditar que tivesse que ser perseguida de dia e de noite. Com a bolsa de ervas ao redor de seu pescoço, ela se levantou. E Guy a seguiu.

— Um chamado da natureza, ela grunhiu furiosamente.

— Sinto muito, ele disse, mas aonde vá, eu também vou.

Ela o poria a prova. Ela saiu, ele a estava seguindo em seus calcanhares. Não a deixaria procurar um pouco de privacidade, mas que lhe daria as costas educadamente por uns segundo. Ceidre voltou furiosa à fortaleza, e sem importar a hora – que passava da meia—noite — ela foi para as escadas e golpeou com seu punho fechado a porta do normando.

Imediatamente foi aberta. O normando estava ali, totalmente nu, seu estado de alerta se desvaneceu e foi substituído por uma faísca de diversão. Ceidre se ruborizou e olhou por sobre seu ombro. Viu o Guy tossindo.

Rolfe sorriu, e logo riu.

— É minha noite de sorte, ele disse. A mulher de meus sonhos está me procurando justo quando mais a necessitava.

Isso não era gracioso. Ceidre levantou seu olhar para ele.

— Não tem vergonha? Ou agora está paquerando comigo?

Rolfe lançou para trás sua cabeça e riu.

— Eu alegremente paqueraria com você, Ceidre, em qualquer momento e em qualquer lugar.

Seu tom era tão sedutor que seu coração se sobressaltou.

Rolfe sorriu para Guy.

— Aguarda no piso de abaixo.

— Não, fique! Ceidre gritou. Porém, Guy não vacilou, e já estava se afastando. Ceidre olhou Rolfe, e conseguiu ver uma porção agradável de carne nua – e para seu desalento, notou que ele estava se excitando.

— Não pode se vestir?

— Mas você estava procurando isso, ele a provocou.

— Não pela razão que pensa, ela conseguiu dizer, olhando seus ombros novamente.

Ele deu um último olhar e virou para procurar sua calça. Ceidre não pôde evitar, estudou suas costas marcadas com músculos, e seu traseiro, alto e duro. Deu—se conta que quase tinha esquecido por que tinha vindo ao seu quarto.

Rolfe se virou para ela, colocando uma camisa. Fez—lhe gestos para a lareira. Ceidre entrou no quarto, mas se deteve perto da porta, por uma questão de segurança. Agora que tinha voltado à razão, ela se deu conta que ele estava de um estranho bom humor, e vendo a odre de vinho vazia, perguntou—se se essa era a causa. Ele notou a direção de seu olhar e sorriu.

— Um pouco de vinho, Ceidre?

— Odeio as uvas normandas, ela disse altivamente. Ele sorriu.

— Sim? Verdadeiramente?

— Sim.

— Mas as frutas normandas deixam mais potente, não sabia?

— Não jogue com as palavras.

Seus olhos azuis faiscaram.

— Penso que há uma fruta normanda que você gostaria muito.

Ela se ruborizou profundamente.

— Está bêbado!

— Tenho uma boa causa para celebrar.

— OH, sim, ela disse amargamente. Agora pode entregar a cabeça de meu irmão a seu rei bastardo!

Seu bom humor desapareceu.

— É certo.

— Exijo que libere Guy da tarefa de me vigiar.

— Exige Ceidre? Suas sobrancelhas se levantaram. Ele estava divertido, realmente de um estranho humor.

— Solicito isso, ela corrigiu ruborizando—se.

Ele se inclinou contra a lareira indolentemente, mas a aura que o rodeava era inequivocamente sensual. Fez—lhe um gesto com um dedo.

— Pode exigir o que quiser.

Ela piscou.

— Vem aqui e me peça isso Ceidre, o que queira. Estou mais acessível esta noite. Ele sorriu novamente.

Ceidre se deu conta que seu coração estava tremendo loucamente e que seus membros estavam tensos.



— Não fala a sério.

— OH, ele disse com calma, Digo muito a sério. Não sabe que pode conseguir qualquer coisa que deseje de mim?

Ela o olhou fixamente.

— Especialmente— suas fossas nasais se incharam — quando está vestida em um vestido tão fino, com os olhos tão escuros de raiva, sua boca ligeiramente aberta...

Ceidre tremeu.

— Solte o cabelo, ele disse com toda calma.

— O que?

— Nunca o vi solto. Desejo vê—lo agora. Seu tom ainda era risonho. Agrade—me, Ceidre.

— Eu não vim aqui para te agradecer, Ceidre conseguiu dizer. Vim exigir — pedir — que seu homem me deixe em paz. Nem sequer posso procurar um lugar privado para atender as necessidades de meu corpo sem que um soldado esteja me seguindo. É muito injusto.

— Deu—lhe um sorriso bonito, seu olhar a percorreu novamente, lentamente, com um prazer lânguido.

— Não confio em você, ele disse.

Ceidre avermelhou.

— Solte o cabelo, ele insistiu, seu tom era claramente sensual. Por favor.

Surpreendida, ela se deu conta que ele estava pedindo, não ordenando. A palavra, "por favor" era como mel em sua língua, embora ela estivesse segura que ele raramente a usava. É obvio que ela não faria o que lhe pedia.

Rolfe sorriu, e antes que ela pudesse reagir, ele estava diante dela, suas mãos tocando seu cabelo, liberando—o. Ceidre não podia se mover, nem sequer podia respirar, enquanto seus dedos soltavam uma nuvem de cabelos cor de bronze que caíram ao redor dos ombros, dos seus seios, e pelas costas, indo além de seus quadris.

Ceidre não podia desviar seu olhar e Rolfe a olhou fixamente emitindo um som breve, muito parecido a um gemido. Ceidre soube que devia retroceder, agora, enquanto ainda podia. Suas costas encontraram a porta; ele se aproximou. Suas mãos novamente se enterraram em seu cabelo.

— Estou além de toda esperança, ele murmurou baixo, tão baixo que Ceidre não estava segura de ter ouvido corretamente. Você me deixa fraco, Ceidre.

Na verdade, Ceidre pensava que ele a deixava fraca também. Suas mãos eram tão suaves, tão grandes. Perguntou—se se ele a beijaria. Seu olhar encontrou seus lábios, mais perto agora. Ela queria que ele a beijasse. E em um perverso segundo, ela pensou em duas pessoas ao mesmo tempo, Alice no quarto do outro lado do corredor, e em Morcar, nos calabouços. Ela girou a cabeça.

— Me deixe em paz, por favor!

— Um beijo, ele ofegou. Só um Ceidre. Só um.

Ele era o homem mais forte que ela conheceu, e usava sua força agora, para encerrá—la, abandoná—la. Na verdade, Ceidre não queria resistir, só era um beijo. Ele ignorou a debilidade de sua resistência e reivindicou seus lábios com um gemido gutural. Em sua bebedeira, ele foi feroz e exigente, sua boca quente, era insistente e frenética. Ceidre estava apanhada e flexível debaixo dele. Sua resistência se converteu em complacência.

Seus lábios encontraram seu pescoço, e ela se arqueou contra ele. Rolfe mordiscou e a estimulou com sua língua, emitindo sons suaves de prazer. Sua boca encontrou sua orelha.

— Te desejo Ceidre, ele sussurrou com urgência. Esta noite, é como um sonho. Seus braços se apertaram ao redor dela e ele a empurrou contra a parede. Seu corpo se moveu até que apertou seu membro contra a virilha feminina. Diga—me que sim, ele insistiu, beijando seu pescoço. Esta noite é nossa noite, querida Ceidre. Esta noite nos pertence. Ele a levantou em seus braços.

Ela estava enjoada de prazer quando ele a levou para cama. Ela nunca tinha sido desejada e implorada desse modo. Sempre tinha sido ameaçada, tomada sem pedir permissão. Agora ele estava sendo um amante gentil, e ela estava sucumbindo a sua sedução. Ceidre sabia isso; e queria isso.

E sendo um guerreiro com instintos certos, ele também sabia disso. Rolfe a colocou no colchão suavemente.

—

— Por favor, ele disse rouco, aninhando seus seios, seu corpo cobrindo o seu.

Mas novamente uma idéia perversa apareceu em sua cabeça. Uma imagem de Morcar. Ele era um prisioneiro, e certamente seria pendurado por esse normando. A racionalidade retornou e, com isso, sua própria vontade. Sentia—se tão fraca, desesperada. Ceidre o empurrou protestando.

— Não! Não, nunca! Te odeio porque quer me usar, normando! Meu irmão apodrece lá abaixo, minha irmã dorme aqui perto. Amanhã vai se casar e deitar com ela. Em quantos dias enforcará Morcar? E espera que eu te agrade por vontade própria?

Rolfe não a soltou, mas deteve seu avanço.

— Vem aqui me tentar, logo me rechaça. Estava zangado. É um jogo muito perigoso, Ceidre. Estava a um segundo de te tomar. Moveu sua ereção contra ela.

Ceidre ficou quieta, todo o prazer se foi.

— Alice poderia nos escutar.

— Ela está adormecida.

— Duvido. Eu gritarei. Sua prometida não terá muito prazer em saber que seu futuro marido viola a sua irmã.

— Um momento atrás não teria sido violação.

Ceidre se sentiu amargurada porque era a cruel verdade.

— Perdi a cabeça, não acontecerá novamente. Ela falava sério. Deixe—me!

— Põe a prova minha paciência, ele gritou, com verdadeiro desespero, bêbado ou não. Ele apertou seu rosto contra seu pescoço. É uma tortura, ele grunhiu. Uma verdadeira tortura.

Ceidre ficou muito quieta, para não continuar provocando—o. Agora que recuperou a razão, estava segura que sua irmã esteve espiando esse interlúdio amoroso, pois a porta do quarto estava aberta e Alice estava a uns passos de distância. Ceidre sentiu um completo desalento. Tudo isto estava além dela. Se só pudesse permanecer forte e usar a luxúria do normando contra ele! Mas ela não era perita em temas sexuais, realmente era muito ignorante.

O corpo dele estava rígido sobre o seu, e ela ainda estava apanhada em seus braços. Sentiu—o relaxar, sentiu seu abraço afrouxar. Ceidre tentou rodar e se livrar dele; imediatamente seu aperto se fez mais forte, ele não a deixaria ir. Ceidre apertou os dentes com desespero, e ficou imóvel, com medo de se mover. Esperou seu próximo ataque.

Não veio. Ele a sujeitou ferozmente e suspirou, sua respiração se fez profunda e Ceidre ficou surpreendida. Ele estaria dormindo? Quanto tinha bebido? Na verdade, os homens pareciam ter uma propensão a poder dormir sem importar as circunstâncias, e ele tinha consumido um odre de vinho. Deveria ter sabido, o normando não ia provocá—la e seduzi—la a menos que estivesse bêbado, esse não era o estilo de sua personalidade. Mas sentiu algo parecido à alegria, pois ele quase podia ser agradável. Então determina Ceidre reprimiu esses pensamentos traiçoeiros. Os normandos eram detestáveis, e ela não esqueceria isso.

Então recordou sua missão...

O normando estava adormecido, Guy estava no piso de baixo, e ela estava livre para fazer o que precisava fazer. Seu coração se apertou. Fecharia a porta. Guy assumiria que ela



estava com Rolfe. Ela usaria uma corda feita com savanas para escapar pela janela. Drogaria aos guardas, conseguiria um cavalo e Morcar estaria livre...

Ceidre se moveu cuidadosamente para não despertar o normando. Uma vez de pé, foi rapidamente em direção à porta, fechando—a. Se Alice estava acordada, tinha—os ouvido e agora pensava o pior. Mas ela deixaria assim. A liberdade de Morcar era mais importante.



Capítulo 21

Em seu quarto Alice caminhava furiosamente.

Ele a enganava com sua própria irmã inclusive quando ela estava dormindo no quarto em frente! Alice queria gritar, queria gritar e chorar. Encantar—se—ia em matar Ceidre, se pudesse. Estava fazendo o papel da cornuda idiota diante de todo mundo e não podia tolerar.

Caminhou determinada para o corredor, logo fez uma pausa, perdendo a coragem. Desesperadamente queria casar—se com Rolfe na manhã seguinte. Atrever—se—ia a lhe exigir que deixe de enganá—la? E se ele se zangava tanto que decidia suspender o casamento? OH, se ela tivesse mais poder!

Ele se casa com você por Aelfgar, Alice recordou a si mesma. Tem poder, somente que não te anima a usá—lo. Se não o põe a prova, nunca saberá a verdadeira extensão de seu poder.

Determinada, Alice olhou a porta fechada. Não havia nenhum som vindo de dentro, nem grunhidos ou gemidos. Outro pensamento lhe ocorreu repentinamente — e se sua irmã tinha matado seu prometido?

Agitada, Alice empurrou a porta de Rolfe. Para seu choque, um ronco a saudou.

Ceidre ofegou, dando a volta de um baú aberto.

— O que está fazendo? Alice exigiu, olhando novamente Rolfe, completamente vestido, com camisa e calça, esparramado na cama. Eles não tinham fornicado como animais. Quase se sentiu decepcionada. Um pensamento lhe ocorreu.

— Envenenou—o?

— Não, claro que não, Ceidre disse, tranquilamente fechando o baú. Ele está bêbado e dormiu. Eu somente procurava outra manta para ele.

— Puta mentirosa! Quero você fora daqui neste momento! Sei por que veio. Alice estava muito zangada e lágrimas apareceram em seus olhos. Para seduzi—lo, para seduzi—lo e para que ele libere o Morcar!

— Isso não é verdade, Ceidre disse em voz baixa. Vim exigir que liberasse Guy da tarefa de me vigiar. Alice... sua voz baixou. Devemos ajudar Morcar.



— É uma idiota, Alice gritou, e então correu para a porta. Guy! Ela gritou. Guy, vem rapidamente, esta bruxa envenenou nosso lorde!

Ceidre se congelou perplexa.

Guy apareceu imediatamente, com um olhar assassino. Atrás dele estavam Beltain, outros dois normandos, e Athelstan. Eles foram até a cama.

— Eu não o fiz! Ceidre exclamou. Ele está bêbado!

Guy tomou os ombros de Rolfe e o sacudiu.

— Ela o envenenou com suas ervas daninhas de bruxa, Alice disse. Guy, te ordeno, ponha— a nos calabouços com seu irmão, ela cometeu uma traição.

Guy a sacudiu Rolfe com mais força até que ele gemeu e se sentou com muita dificuldade.

— O que acontece aqui? ele murmurou arrastando as palavras.

— Meu lorde, está bem? Guy perguntou com preocupação. Não foi envenenado?

Rolfe enfocou seu olhar, logo sorriu e riu.

— Não, não fui envenenado, ele murmurou, recostando—se nos travesseiros. Enfeitiçado, talvez, Guy.... agora, me deixe.

— Penso que ele está bêbado, Guy disse confundido. Nunca o vi desse modo antes.

— Ele bebeu dois quartos de vinho com o jantar, Athelstan disse. E vi a criada lhe trazer um odre atrás de outro. Deixa—o dormir a bebedeira.

Alice se ruborizou ante o olhar de Athelstan.

— Eu só procurava proteger meu lorde, ela disse. O que devia pensar, quando o encontrei atirado na cama e ela em seu quarto, revolvendo suas arcas.

Guy olhou fixamente Ceidre.

— O que procurava?

— Uma manta. Ela encolheu os ombros. Olha, está deitado sobre as mantas, e faz frio de noite, estamos perto do mar.

— Eu me ocuparei dele, Alice anunciou. Saia, disse a Ceidre. E fique fora daqui.

Ceidre se recuperou e só teve um pensamento: Todos os seus planos estavam arruinados.

Por essa noite.

A luz do sol o despertou, cegando—o.

Rolfe gemeu. Quando o sono se dissipou, sentiu uma enxaqueca intensa, como se uma pedra estivesse golpeando repetidamente seu crânio. Em vez de ceder ao desejo de ficar deitado, forçou—se a sentar, a noite anterior tinha bebido muito.

E hoje era o dia de seu casamento.

Rolfe gemeu novamente, e agarrou sua cabeça entre suas mãos. Podia recordar tudo – ou quase tudo.

Ontem à noite no jantar tinha começado a beber para celebrar a própria captura de Morcar. O vinho o tocou fortemente depois de seu longo duelo. Não podia entender por que seu humor era tão sombrio, tão escuro, quando deveria sentir—se regozijado. Recordava a promessa de William, que se apanhasse Edwin e Morcar seria recompensado com o feudo de Durham.

O rei tinha falado a sério?

Morcar era um formidável inimigo, ele tinha brindado bebendo outra taça de vinho. Rolfe havia sentido um respeito imediato por ambos os irmãos quando os tinha conhecido brevemente depois de Hastings. Suas reputações como líderes fortes os precediam. Rolfe podia julgar um homem por si mesmo, e muito bem, ele pensava. E no momento em que tinha visto a ambos tinha sabido que eles eram fortes, peritos, dedicados, e valentes. Mas não confiou neles.

Morcar era um oponente muito digno no manejo da espada. Seus pensamentos se fizeram mais escuros — ainda podia ouvir os gritos de Ceidre quando ele tinha apertado a lâmina contra o coração do saxão. Agora, apesar do vinho, da conduta tumultuosa daqueles que comiam em sua mesa, Rolfe teve uma imagem terrível dela, com os olhos muito abertos, frenética, desesperada. Ela amava a seu irmão.

Ela tinha jogado com a traição.

Ela me subestima, ele pensou sombriamente. Ele não era um idiota. Ela tinha sido chamada para se encontrar com seu irmão, um traidor, e ela o tinha desafiado, sabendo muito bem qual era o castigo para seu ato. Mas ele não a tinha castigado. Pelo contrário, tinha—a protegido. E protegendo—a, não a castigando, ocultando essa traição de seu rei, ele também se convertia em culpado. Seus padrões de conduta eram altos e rígidos. Pela primeira vez que em sua vida tinha violado seu próprio código de ética. Se não fosse cuidadoso, Aelfgar se tornaria um ninho de traidores que iriam contra ele — ou pior, falharia a seu rei.

E tudo por uma mulher.

Não aconteceria novamente. Manteria Ceidre firmemente vigiada, embora tivesse que tê-la mansa como uma ovelha. Mas ela não o desafiaria e cometeria uma traição novamente, e ele não teria que castigá-la. Pois se ela cometesse outro ato de traição, ele não a deixaria livre de castigo — não poderia fazê-lo.

Seus pensamentos não podiam ser mais sombrios. Alice tinha sido novamente, excessivamente atenta. Tinha continuamente enchido sua taça. E sua mão roçava a sua. Ela ria falsamente em seu ouvido. Apertava seu seio contra seu braço. Ele se mostrava indiferente – ou pior, zangado. Ceidre, é obvio, não o olhava de seu lugar no extremo da mesa. Ele esperava que ela se desse conta do quão afortunada tinha sido por escapar ao castigo. Maldição! Ele estava perdendo sua autoridade. Essa bruxa que estava protegendo quando ela estava tentando destruir tudo o que lhe pertencia.

Sua prometida sussurrou algo suave e doce, mas Rolfe não a escutou. Olhou fixamente à mulher de cabelo cor de bronze e não pôde evitar compará-la com sua prometida. Por Deus, devia ser Ceidre a se casar com ele, não essa moça rancorosa!

Não havia nada que pudesse ser feito, mas ele não podia afastar esses desejos de sua mente.

E então, horas mais tarde, estando a sós, quando tinha decidido tentar dormir, quando tinha se despido, ela tinha aparecido em sua porta, fazendo realidade seus desejos mais básicos. E de repente a noite já não tinha sido horrenda. A escuridão se converteu em luz. Ela tinha respondido suas preces silenciosas, ela tinha vindo para aliviar sua mente e seu corpo torturado.

Mas aqui, a memória de Rolfe da noite anterior começava a ficar nebulosa.

Eles tinham se beijado. Ele a tinha beijado, e ela tinha respondido ardentemente. E depois o que? Não podia recordar outra coisa salvo que tinha estado nos braços de Ceidre. Não tinha se deitado com a moça, verdade? Não, certamente recordaria uma ocasião tão especial!

Houve um golpe na porta de seu quarto. Rolfe voltou para o presente. Grunhiu uma resposta, e Athelstan apareceu, estava bastante tranqüilo. Rolfe franziu o cenho ante o aroma de papa de aveia que flutuou em direção a ele.

— Tire isso daqui, ele exigiu. Já!

— Bom dia, meu lorde, Athelstan disse alegremente. É um dia muito bonito, verdade?

Rolfe o observou cautelosamente.

— Não sei.

— Mas é o dia de seu matrimônio, Athelstan disse, colocando a tigela sobre um baú. E ficou adormecido. Deve estar vestido e na capela em uma hora, meu lorde.

Rolfe manteve seu rosto entre suas mãos e gemeu.

— Em uma hora? É impossível. Sua enxaqueca se fez mais forte.



Capítulo 22

Tinha sido muito fácil.

As preparações para o banquete de casamento tinham estado em marcha desde o dia anterior. As cozinhas eram uma loucura, todos os servos correndo de um lado para outro. Um matrimônio era uma celebração não só para os nobres, mas também para toda a aldeia. E esse matrimônio era ainda mais um evento especial, pois se tratava do novo lorde, e ninguém queria incomodá-lo, todos temiam seu desgosto.

O coração de Ceidre estava na garganta, e havia sentido náuseas desde que se levantou. Estava nervosa pelo que teria que fazer. Inteirou—se de um rumor que dizia que o normando tinha intenção de transportar Morcar para York pouco depois do casamento. Então era agora ou nunca, questão de vida ou morte. Mas o momento era verdadeiramente perfeito. Em meio desse caos poderia ter êxito. Realmente, tinha que ter êxito.

E tampouco pensaria no castigo que poderia enfrentar. Depois de tudo ele não tinha mostrado sua indulgência uma vez? Mas um estremecimento leve a invadiu, pois ele a tinha advertido.

E tampouco pensaria sobre o casamento.

Teddy veio correndo das cozinhas, com uma bandeja e uma taça na mão, rumo à parte traseira da fortaleza e dirigindo—se aos calabouços. Ceidre correu até ele.

— É para o guarda?

Teddy parou ofegante e suando.

— Sim, e vão me açoitar o traseiro se não voltar a tempo para girar as galinhas que estão assando!

— Me dê isto, Ceidre disse, agarrando sua mão.

Teddy ofegou e seus olhos brilharam com astúcia. Então o breve olhar de compreensão desapareceu. Ele encolheu os ombros.

— Agradeço Ceidre. Deu—lhe as coisas e já estava correndo de volta à cozinha.

Ele sabia. Ceidre estava segura, da mesma maneira que sabia que se sua ação fosse descoberta, ele alegaria ignorância — e ela aceitaria toda a culpa. Seu peito estava muito oprimido. Ceidre desejou que não tivesse que entregar a comida ela mesma, mas não podia dar essa terrível tarefa a um inocente. A bandeja tinha pão, queijo, e cerveja. O mesmo truque não funcionaria, e Ceidre estava preparada. Ela tirou tudo da bandeja, rapidamente abriu uma cesta pequena que estava carregando. Dentro havia um queijo de cabra marinado com ervas. Ela colocou algumas fatias generosas entre o pão, sentiu um ponto de culpa, mas juntou tudo e continuou seu caminho escada abaixo.

Uma vez que comesse o queijo, o guarda não poderia controlar seus intestinos. Tinha colocado um laxante muito eficaz.

Os calabouços eram escuros e sujos. Ceidre se aventurou dentro uma vez, quando era muito garota — e nunca se esqueceria desse lugar. Mal havia ar para respirar, e nenhuma luz. Os ratos corriam na escuridão, e o barro se metia entre os dedos dos pés descalços. Seus irmãos a tinham incentivado para que ela descesse e explorasse o lugar, e Ceidre nunca tinha pensado em fazer nada disso. Mas uma vez ali dentro, o encerramento opressivo começou a aterrorizá-la, e se sentiu muito encalorada e afogada pela falta de ar.

— Vamos fechar a porta para que possa ver como realmente é, Morcar lhe havia dito.

— Não! Ceidre tinha gritado, mas era muito tarde, a porta se fechou com um golpe, e ela ficou envolta em uma densa negritude

Algo tinha acontecido. Ceidre não podia respirar, e pensou que seus pulmões estourariam pela falta de ar. As paredes pareciam mais próximas, quase desmoronando sobre ela. Ceidre tinha gritado. Tinha gritado e chorado, arranhando as paredes, enlouquecida, sabendo que ia morrer, que ia ser enterrada viva....

Instantaneamente Ed tinha aberto a porta, tinha descido e a levantado em seus braços. Ceidre estava tremendo e chorando incontrolavelmente, e não foi até que saiu à luz do dia que se deu conta quão estúpida tinha sido. Agora ela sabia por que sempre tinha evitado explorar cavernas com seus irmãos, e desde esse dia nunca se aventurou a estar em um espaço fechado novamente.

Era uma brincadeira de mau gosto. Morcar, o segundo filho do lorde, um prisioneiro em sua própria fortaleza. Mas não por muito tempo, ela pensou determinada.

O guarda, um homem grandalhão, olhou—a severamente. Ceidre não sorriu. Ela apoiou a bandeja, lhe dando a taça na mão.



— Não quero poções de uma bruxa, o guarda disse.

— Bem, Ceidre disse brevemente, levantando a bandeja, e girando para sair.

— Não está envenenado? Ele perguntou.

— Acredita que sou estúpida? Da última vez tive muita sorte, meu lorde me tratou com clemência. Não me atreveria a usar esse truque novamente. Olhe, eu darei uma mordida a tudo primeiro para te tranquilizar.

— Faça—o, ele disse.

Ceidre o fez, sem se alterar. Um pedaço de queijo não a danificaria. O guarda observou e se mostrou muito aliviado. Ela o deixou comendo alegremente.

Ceidre estava atrasada. A procissão para a capela estaria começando, e sua ausência seria notada. Agilmente Ceidre levantou sua saia e acelerou seus passos. Pela cerimônia ela estava vestida de negro, pois estava de luto por essa ocasião. Os aldeões e o normando já saíam da fortaleza para a igreja, que estava no outro extremo da aldeia. O lugar de Ceidre era à frente da procissão, e ela permaneceu ao lado de Athelstan. Seu olhar era intenso e não gostou disso. Ceidre estudou o chão, ao redor dela se ouviam as risadas e os bate—papos felizes das pessoas de Aelfgar, todos contentes pela festa por vir. O céu estava incrivelmente azul, e o sol era morno. Os meninos saltavam e corriam e os cães ladravam. Ceidre começou a retorcer nervosamente seu cinto.

— Ai vem eles! Alguém gritou.

Ceidre olhou.

Alice, delicada e elegante sobre um cavalo branco, vinha primeiro, levada por Guy e Beltain. Ela tinha um vestido magnífico, branco virginal, adornado com mil pérolas, Ceidre sabia, pois ela e suas criadas as tinham costurado desde a chegada dos normandos. Um véu de encaixe escondia seu rosto. Mas não podia esconder seu amplo sorriso. Seu cabelo escuro estava solto e chegava até a cintura, em uma cascata de cachos. Cada centímetro dela era o de uma noiva virginal. Ela era a verdadeira lady de Aelfgar. Ceidre quase se sentiu chateada.

E então o viu.

Para falar a verdade, ele lhe cortou a respiração.

Estava sentado sobre o garanhão cinza como se tivesse nascido para estar nessa sela. O enorme cavalo levava todos os ornamentos, inclusive uma capa azul com guarnição dourada.

A túnica de Rolfe era do mesmo azul intenso. Parecia um Deus. De fato, sua aparição foi saudada com o mais absoluto silêncio de reverência e temor. Realmente, ele era muito bonito para ser um mortal. Sua capa, de veludo vermelho forrada em dourado,

flutuava detrás dele. A bainha de sua espada tinha incrustações de rubis e safiras. Uma de suas mãos estava apoiada casualmente no punho, e um anel de selo brilhou com a luz do sol..

Rolfe não sorria. Ceidre se encontrou olhando—o fixamente, e pensou o quanto o odiava. O detestava por tudo — por usurpar Aelfgar, por esse matrimônio com sua irmã, por sua cobiça, e por sua beleza profana. A amargura fez subir sua bÍlis. Ele estava passando a seu lado agora, e seus olhos de repente se dirigiram a ela. Ceidre esperava que ele pudesse ver quanto o menosprezava.

Se só seu coração não se estivesse rompendo nesse instante.

A cerimônia foi, como sempre, breve. Foi realizada fora, para que todos pudessem ser testemunhas, e poucos minutos depois terminou. Rolfe, sustentando a mão de Alice na sua, girou para enfrentar à multidão. Todos rugiram sua aprovação e lançaram arroz. Ele era alto e dourado, ela miúda e morena. E agora eles eram marido e mulher, o lorde e a lady de Aelfgar.



Capítulo 23

O guarda correu freneticamente para os arbustos.

Ceidre deixou, sem ser notada no banquete tumultuado. Ela se agachou e esperou sua oportunidade. Uma égua estava selada e atada em um conjunto de árvores além dela. Quando o guarda correu, Ceidre foi para a porta.

Não havia ninguém ali, pois toda a aldeia estava na celebração do matrimônio. Ceidre correu a tranca e entrou nos calabouços.

— Morcar! Morcar!

Ela o viu ficar de pé.

— É você, Ceidre?

Ela lançou a cordas dentro do buraco.

— Agarre—se! Se apresse!

Ele só tinha estado encerrado dois dias, e subiu rapidamente. Mas, uma vez fora piscou, ofuscado pela luz.

— Não posso ver.

Ceidre tomou—o pelo braço e eles começaram a correr.

— Passará, ela sussurrou. Ceidre notou sua perna mancando e a bandagem.

Entre as árvores eles se detiveram. Morcar tomou seus ombros.

— Deus te abençoe, ele sussurrou.

— Sua perna, como vai?

— Estou bem. O normando enviou uma moça para me atender, ele disse, desatando a égua.

Ceidre viu que sua coxa e seu braço estavam bem enfaixados, e se sentiu perplexa pelo normando ter permitido isso. Morcar saltou sobre a potranca. Ceidre se afastou.

— Deus te acompanhe, ela gritou.



— A você também Ceidre, ele disse, seus olhos azuis brilharam. Apesar de sua palidez, ele era Morcar, o Morcar que ela conhecia e amava, orgulhoso e bonito.

— Voltarei, ele disse.

Ele desapareceu no bosque. Ceidre o observou afastar—se, e só então se agachou trêmula. Não pôde evitar e começou a soltar algumas lágrimas bem merecidas.

Rolfe não sorria.

Estava sentado ao lado de sua esposa debaixo de uma árvore enquanto seus homens e os aldeãos bebiam, comiam e dançavam ao redor deles. Ele não bebeu nem comeu. Sua enxaqueca não diminuiu, e ele ainda se sentia muito mal. Na verdade, estava um pouco zangado. Não podia acreditar que isto tivesse acontecido. Finalmente estava casado. Olhou a sua esposa.

Seu rosto estava avermelhado. Ela estava mordiscando delicadamente, e sentindo seu olhar, girou para olhá—lo, e sorriu.

Rolfe não sorriu em resposta. Deu a volta, só querendo sair para galopar, tomar ar fresco — talvez isso melhorasse seu humor. Salvo por essa necessidade, ele estava preparado para ir para cama. Estava muito cansado, entorpecido. Não tinha dormido suficiente a noite anterior? Os efeitos posteriores do vinho eram piores do que tinha imaginado, e agora entendia o que a maioria dos homens sofria de vez em quando.

— Não tem fome, meu lorde? Alice perguntou, pela terceira vez.

— Não.

— O banquete não te agrada?

— Agrada, ele disse, desejando que ela não se incomodasse em fazê—lo o centro da conversa. Não estava de humor para isso.

— Talvez um pouco de vinho? Ela levantou a odre.

Rolfe levantou uma mão.

— Não, minha lady, por favor, dói—me a cabeça e estou muito cansado. Come e me deixe descansar.

Alice apoiou a odre e se freou para não franzir o cenho.

Rolfe cruzou os braços e olhou para o vazio, cego e ofuscado.

E assim continuou a celebração.

Tinha passado uma eternidade, mas agora finalmente estava terminando.

Rolfe caminhou para a fortaleza, esperando que avisassem quando poderia entrar no quarto onde sua esposa estava se preparando. Nunca tinha estado tão cansado, cada uma de suas articulações doía. Não era tarde, mas queria deitar—se e abraçar o consolo do

sono. Embora essa fosse sua noite de núpcias. Seria muito afortunado, Rolfe pensou, se pudesse achar algum desejo por sua esposa. Na verdade, não só estava muito cansado para deitar—se com ela, estava muito cansado para lutar com toda essa nova situação do casamento.

Alice estava tremendo. Não podia evitar. Finalmente tinha alcançado o desejo de seu coração, ser a esposa do normando. Mas agora, agora que estava vestida com sua melhor camisola e o aguardava na cama, devia pagar o preço desse desejo e temia a isso.

Recordava muito claramente seu corpo enorme. Ele era repulsivo. Pelo menos seu antigo prometido, Bill, tinha sido mais agradável à vista. Ele era alto, esbelto e gracioso, nada assustador. E tampouco era uma pessoa rude! OH, Deus, como desejava que pudesse fechar os olhos e dormir durante a odisséia que teria que acontecer. Mas não podia. Nem podia chorar ou gritar. Ceidre desfrutava dos abraços de seu marido, então ela teria que mostrar—se igualmente receptiva. Devia agüentar isso, e fingir estar muito satisfeita. Alice estremeceu.

Ele entrou.

Alice apertou as mantas e eles se olharam fixamente. Como sempre, ele tinha se mostrado rude e isolado durante todo o dia, e agora, não era diferente. Nem sequer tinha dado um olhar! Seu marido começou a se despir, sem nenhuma vergonha, diante dela. Alice conseguiu ver seu peito largo, suas laterais finas e imediatamente desviou o rosto. Não ia olhar se não tinha a obrigação de fazê—lo.

A cama rangeu sob seu peso quando ele se sentou do outro lado. Alice congelou, incapaz de respirar. Ele gemeu e suspirou. Ela esperava, suando agora. Ele não a tocou. De fato, ele estava absolutamente quieto. Lentamente, cuidadosamente, Alice moveu a cabeça.

Ele estava deitado de costas, uma mão cobrindo seus olhos, profundamente adormecido.

Alice o observou em choque.

Sua primeira reação de alívio desapareceu. Seguiu—se a descrença — porque ele não a desejava — e logo a raiva. Ele perfurava sua irmã com seus olhares quentes e seu grande membro, mas ignorava a ela! E ela era sua esposa, e até que não se deitasse com ele, eles não estariam verdadeiramente casados, não ante os olhos de Deus ou da igreja. Alice fervia de raiva.

Rolfe despertou gradualmente, saindo lentamente do sonho profundo. Estava consciente do calor que emanava do outro lado da cama, e, procurando na escuridão, sua mão tocou a carne suave de outra pessoa, de uma mulher.

Seu primeiro pensamento foi: Ceidre. Ela estava aqui, em sua cama, aguardando seu prazer. Então a decepção e a lembrança chegaram ao mesmo tempo.

Não era Ceidre.

Só teve que girar sua cabeça para ver sua esposa. Lady Alice.

Rolfe suspirou, completamente acordado agora. Como sempre nas manhãs, seu membro estava ereto. Recordava muito bem que a noite anterior não tinha consumado o matrimônio, pois tinha estado incrivelmente cansado. E agora, consciente da identidade da mulher que jazia a seu lado, que ela era sua esposa, seu sangue estava começando a diminuir sua velocidade e seu ardor, a ceder. Consumaria esse matrimônio agora, rapidamente, antes que perdesse o desejo.

Devia ser Ceidre que estivesse ali, ele pensou sombrio, agarrando a sua esposa.

Ela ofegou quando ele a trouxe mais perto e se colocou em cima dela. Com seus joelhos separou suas pernas, tirando a camisola do caminho. Ele manteve seus olhos fechados. Sua mente se enfocou na outra — na bruxa de cabelo cor de bronze que o atormentava dia e noite. Sua necessidade aumentou.

Alice deixou escapar um soluço quando ele quis afundar—se em sua carne sem lubrificar.

Ouviu—se o som um corno dando o alarme.

Em cima de Alice, mas ainda sem penetrá—la, Rolfe congelou, toda sua determinação de consumir o matrimônio desapareceu, e então ficou de pé e procurou sua espada. O som do alarme se ouviu outra vez. Rolfe colocou a túnica. Ouviu alguém subindo as escadas. Tinha as calças na mão quando Guy golpeou a porta.

— Entre, Rolfe rugiu enquanto o corno soava novamente.

— Meu lorde! Guy gritou, ofegando. — Sinto muito.

— O que acontece? Rolfe exigiu.

— O saxão escapou!

Rolfe ficou congelado.

— Morcar escapou, Guy repetiu. — Se foi!



Capítulo 24

— **O** que aconteceu? Rolfe exigiu.

— Foi descoberto quando um servo levou seu café da manhã, meu lorde. Louis abriu a porta para passar a comida — mas o prisioneiro já não estava ali.

Rolfe já se dirigia à porta.

— Meu lorde, Alice gritou, apertando os lençóis sobre seu pescoço.

Rolfe fez uma pausa.

— Agora não, minha lady.

— Sabe quem participou disso, Alice disse triunfalmente. — Sabe bem que só pôde ser minha irmã!

Rolfe lançou um olhar feroz e correu para o andar de baixo, seguido por Guy.

— Divida os homens em grupos e saiam procurar rastros. Quando começou Louis o turno de guarda?

— Ontem à noite, a meia—noite.

— O prisioneiro estava lá então?

— Ele não sabe, Guy disse severamente.

— E era Jean quem esteve de guarda durante o dia?

— Sim. Ambos o estão aguardando, Guy disse enquanto entravam no salão. — Como pode ver. Os dois homens estavam parados esperando apreensivamente.

— Quem viu pela última vez o prisioneiro? Rolfe exigiu.

Jean avermelhou e avançou um passo.

— Eu, meu lorde.

— Quando?

— Quando entrei de guarda, ontem pela manhã.



— E viu se o prisioneiro estava ali quando deixou seu posto?

Jean inclinou sua cabeça.

— Era tarde. Pensei que ele dormia.

— E você — Rolfe se voltou para Louis — Não verificou se o prisioneiro estava ali?

— Não, meu lorde, Louis disse. Pensei que ele estava dormido. Mas...

— Mas, O que?

— Ele não poderia ter escapado durante meu turno. Eu não preguei o olho, nem me afastei de meu posto. Juro, se estiver mentindo que Deus me fulmine neste mesmo instante.

Rolfe acreditou, e virou para Jean, que agora estava quase roxo. — O que tem para me dizer?

— Fui eu, ele gaguejou. — Sentia—me muito mal, meu lorde. De repente tive uma grande dor. Não podia conter meus intestinos.

Rolfe o olhou fixamente.

— Abandonou seu posto.

— Estava doente, tão decomposto que não podia me conter.

O rosto de Rolfe estava rígido, mas conteve sua ira. Só seus olhos mostravam suas emoções. Os olhos lançavam fogo.

— A que hora esteve doente?

— Pouco depois de comer, meu lorde, durante o banquete de bodas.

— Tire sua espada, Rolfe disse para Guy. Então olhou para Jean.

— Está dispensado de seu dever até que considere seu caso.

Guy girou para Rolfe.

— Pensa...?

— Estou quase seguro... Ele foi envenenado. Há alguma outra notícia desta enfermidade estranha?

— Não.

Jean reagiu.

— Meu lorde?

— O que?

— Ela me trouxe a comida.

— Quem? E ele sabia a resposta.

— A irmã de minha lady, Ceidre.

Por um momento Rolfe não respirou, não se moveu. Logo seu coração pulsou rapidamente. Seu rosto perdeu toda expressão e emoção.

— E você não desconfiou depois que ela intoxicou Guy em Kesop?

— Sim, suspeitei. Mas ela tomou um bocado da comida, meu lorde, para me provar que não estava envenenada. Mas agora que penso, ela comeu um bocado muito pequeno, meu lorde, muito pequeno.

As fossas nasais de Rolfe se incharam. Em sua mente havia muita raiva. Ela entendia muito bem o que tinha feito, e as conseqüências, mas o tinha feito de qualquer modo.

Traição.

E em seu corpo houve uma náusea profunda, alcançando seu coração e sua alma.

— Eu sabia, Alice gritou atrás deles. Ela me perguntou na outra noite, meu lorde, se eu ia ajudar a planejar a fuga de Morcar. É obvio que lhe disse que era uma idiota.

Rolfe estava por dizer a Alice que se calasse, mas agora estava muito atento ao que dizia.

— E por que não me informou?

— Você estava dormido sob os efeitos do vinho, meu lorde, Alice disse com um leve sorriso. Seus olhos ardiam. — Eu ordenei a Guy que a pusesse nos calabouços por traição, mas ele não o fez!

Rolfe olhou para Guy.

Guy se moveu.

— Lady Alice pensou que ela tinha envenenado a você, meu lorde, e por isso acusou a sua irmã de traição. Eu determinei que você estava bêbado, e por isso não encerrei à moça. Se me comportei incorretamente, aceitarei seu justo castigo.

— Você fez o correto. Rolfe levantou uma mão, tomando uma respiração, entre seus lábios apertados. — Não há necessidade de perseguir Morcar se fizer tanto tempo que escapou.

Guy assentiu.

— Encontra Ceidre, Rolfe disse. — E a prenda nos estábulos, com um guarda.

— Sim, meu lorde, Guy disse.

Rolfe deu a volta e caminhou para a grande mesa, dando as costas às pessoas. Ficou sem se mover, e logo levantou um braço. Seu punho se estatelou na mesa. Toda sua força estava nesse golpe. O ruído foi ensurdecedor; a mesa rachou.

Ceidre se moveu e tentou achar uma posição mais confortável na palha. Seus pulsos estavam atados em suas costas e amarrados com uma corda a um poste no estábulo. O guarda estava sentado em um fardo de feno, a dez metros dela, com os braços dobrados, observando a quem passava. E muitas pessoas passaram.

Ela já não ruborizava de vergonha, pois, com um pretexto ou outro, os aldeãos passavam para olhá-la estupidamente. Ela esteve sentada ali por meio—dia. Estava acostumada a ver as expressões boquiabertas e a piedade. Todos deviam ver a nova atração, e a palavra traição era sussurrada abundantemente.

Alice também tinha vindo.

— Agora a pagar, bruxa, Alice grunhiu. Pagar!

Sua irmã tinha esticado seus nervos já destroçados como ninguém mais o tinha feito. Por sorte, ela não fez uma pausa para ficar e seguir provocando, mas sim se apressou a ir embora. Ceidre reprimiu as lágrimas tremulamente. Sua própria irmã a odiava o suficiente para regozijar—se. E Alice tinha razão, agora ela pagaria. Ceidre conhecia bem o preço, tinha sido advertida do preço.

OH, Virgem Maria, o que faria ele?

Ceidre tinha medo.

Tinha sabido no momento em que viu Guy se aproximando pela manhã que ele vinha buscá-la. Não teria sentido sair correndo – aonde poderia ir? Ela o tinha esperado, perto do poço da aldeia, enfrentando—o corajosamente, com a cabeça em alto. Tinha estado muito segura que Guy a levaria com o normando. Mas apesar de sua aparência externa, havia um grande temor dentro dela. Seu coração tinha asas e tremia como um pássaro cativo. Não devia demonstrar medo. Não devia tremer como uma folha solta no inverno. Mas ela tinha sido escoltada aos estábulos e tinha sido presa. E ali tinha estado toda a manhã e toda à tarde. Sem comida, nem sequer uma manta aonde sentar—se. Não era que pudesse comer, certamente vomitaria se tentasse. Uma hora passou e lhe trouxeram um copo de água para umedecer sua garganta seca, e finalmente permitiram responder às necessidades de seu corpo.

Quando viria ele?

O medo oprimiu seu peito novamente. Era um grande nó na garganta que não lhe permitia tragar. Com o passar do tempo o medo cresceu, aumentando incontrolavelmente. A ira de Rolfe estaria além de algo que ela jamais tivesse visto antes. Se só viesse e a confrontação terminasse de uma vez! Esta espera era uma tortura do pior tipo, e ela não podia tolerá-la um minuto mais! A transpiração lhe tinha juntado nas axilas, entre seus

peitos e em sua frente. Sabia com certeza que ele a mantinha esperando de propósito, para alimentar seu medo. E estava tendo êxito.

E seus piores medos começaram a aparecer nas horas mais escuras da noite.

Ele a penduraria?

Ceidre rezou por clemência.

Ceidre não imploraria por informação ao guarda, embora quisesse saber desesperadamente. Não imploraria por uma audiência, ou por saber sobre seu destino. Embora lhe ocorreu que se implorasse ao normando, se chorasse e se rebaixasse diante dele, talvez ele mostrasse um pouco de clemência. Ela o imaginou de pé ali, com seu rosto de pedra, enquanto ela tentava agarrar sua túnica, mendigando sua indulgência. Sabia positivamente que ele não a salvaria desta vez. Sua mente seguiu funcionando rapidamente. E se tentasse usar truques femininos para ganhar sua clemência? Não! Não podia fazer isso! Não podia chorar, implorar, ou seduzir! Não, suportaria corajosamente qualquer coisa que devesse tolerar, embora fosse sua própria morte.

Seria pendurada. Tinha cometido uma traição, sua vida era o preço.

Não podia dormir. Nem sequer chorar. Então ficou sentada e congelada, sua mente criando as piores imagens de si mesma – pendurada de uma corda.



Capítulo 25

Os olhos de Rolfe estavam injetados de sangue, e eles refletiam sua frustração. Estava sentado sozinho no salão, como tinha estado durante toda a noite, depois de ter despachado a todos. Tinha adormecido. Mas seus sonhos tinham sido pesadelos do pior tipo. Ceidre gritando, suas costas nuas e ensangüentadas, enquanto um de seus homens a açoitava. Rolfe gritava que se detivesse, mas o açoite sanguíneo continuava. Deu—se conta quando gritou novamente, que estava abrindo a boca, gritando com todas suas forças — mas nenhum som era emitido. E então ele despertou, suando e tremendo, para encontrar—se sentado na mesa do salão onde havia passado toda a noite.

Não podia fazer isso.

Mas tinha.

Rolfe esfregou o rosto e os olhos. Ele era o chefe. Sua palavra era lei. Ele controlava os seus homens e os territórios ocupados com base na ameaça de punição para a traição contra o rei. Seu punho era de ferro; tinha que sê—lo. Nunca mostrava clemência. Seus homens nunca desobedeciam. Os traidores eram açoitados, fossem crianças ou mulheres; os adultos eram pendurados. Os castigos mais severos se davam nos territórios mais difíceis, para prevenir rebeliões mais sérias. Em Kesop, a aldeia tinha sido arrasada por causa dos aldeãos que tinham dado refúgio a uma dúzia de arqueiros saxões. Era a política declarada. Se uma política era declarada, devia ser lei, sem exceções. Ou logo, muito em breve, haveria caos e anarquia.

— Meu lorde?

Rolfe não tinha ouvido Guy entrar. Fez gestos para que se sentasse.

— Não posso fazer isso.

Guy, sempre tinha sido seu homem mais próximo e compreensivo.

— Ela o encantou desde o começo, meu lorde.

— Sim, isso é verdade.

— Meu lorde, Guy disse com urgência, — Não há uma alma na aldeia que não saiba o que fez.

— Sei.

— Todos esperam para ver o que fará. Rolfe sorriu. — Deve castigá—la.

— Se ela fosse minha esposa, Rolfe disse, poderia enclausurá—la e jogar a chave ao rio e ninguém me contestaria.

— Ela não é sua esposa, Guy disse.

Rolfe riu. Pensou em sua esposa, dormindo no andar de cima, a quem ele não tinha visto desde a manhã de ontem quando a notícia da traição tinha sido revelada.

— Acredite—me, ele disse ferozmente, — Sei muito bem qual dama é minha esposa e qual não.

Ele ficou de pé.

— Traga—a ao pátio ao meio dia.

Guy também ficou de pé.

— Sim, meu lorde. Havia uma pergunta em seus olhos.

— Será feito, Rolfe disse severamente.

Ceidre se inteirou da ordem imediatamente. A aldeia fervia com excitação, ela devia ser levada a pátio ao meio dia para receber o castigo do lorde. Ceidre estava doente e decomposta. Os rumores e a especulação abundavam. Ela seria açoitada, ou pendurada? Talvez o lorde, que olhava com luxúria à bruxa, não faria nada disso, mas sim a deixaria nos calabouços por um dia ou dois. Isso era um grande evento para Aelfgar, a primeira exigência, em que o novo lorde exercia seu poder em disciplina, e este caso se tratava da ofensa mais séria que existia, a traição. Todos estavam ansiosos, perguntando—se o que faria ele. A maioria pensava que seria o pior castigo, pois o lorde se mostrava frio e duro. Ceidre sabia que eles tinham razão. Ela estava perdendo o pouco controle que ficava sobre suas emoções.

Estava tremendo e a ponto de chorar. Era um ser humano morto de medo. Ela o tinha posto a prova muitas vezes, e agora a penduraria. Ceidre rezou. Rezou para Jesus, rezou a todos os Santos. Até rezou a alguns antigos deuses pagãos para os quais nunca tinha rezado antes. Rezou para ter força para agüentar seu destino, para ser valente e morrer como uma mártir, não como uma covarde. Temia terrivelmente ficar chorando e implorando por clemência.

Faltavam muitas horas até o meio—dia, e o tempo era impiedoso, cruel, seu passo era lento e malicioso. Ceidre observou o sol, não podia suportar vê—lo subir lenta e implacavelmente. E então uma sombra caiu sobre a palha a seus pés, e Ceidre olhou para cima, surpreendida, pois ninguém se atreveu a vir em todo o dia.

Era Alice.

Alice sorriu maldosamente.

— Ele está enfurecido, Ceidre. Você custou um prisioneiro muito valioso, e ele não mostrará clemência.

Ceidre fechou os olhos. Por Deus, não precisava ouvir isso! Não agora!

Alice se agachou.

— Vai morrer. Ceidre abriu seus olhos, seu rosto estava incrivelmente sereno.

— Suportarei o que tiver que suportar.

Alice riu.

— Como se tivesse alternativa!

Por sorte, Alice girou e partiu. Uma vez que ela saiu, Ceidre se inclinou, com vontade de vomitar. Então era verdade, ia ser pendurada, desde o começo ela tinha se apegado a débil esperança de que lhe perdoaria a vida.

E então algo milagroso começou a acontecer.

Ceidre pôde sentir seu coração assustado começar a diminuir sua velocidade. As terríveis contrações de seu intestino se acalmaram. Todo mundo se serenou, os balidos das ovelhas, as risadas dos aldeãos, o gemido da roda de um carro que passava. Ela já não tremia. Seu corpo parecia pesado e letárgico; relaxou completamente, como se tivessem lhe dado uma poção para diminuir seus sentidos. Estava quase em um estado de calma. O sol já não estava quente, mas morno. O chão não estava frio, mas fresco. O canto dos pássaros se suavizou, os latidos dos cães amorteceram. Só sua visão permanecia aguda, de fato, o mundo estava mais brilhante, mais focalizado. Já não pensava no que aconteceria. Nenhuma imagem a espreitava. Pelo contrário, estava sentada novamente, sua respiração em um ritmo fixo, e esperando que eles viessem. E havia paz.

Ao meio dia Rolfe saiu da fortaleza. Não ficou surpreso de que toda a aldeia estivesse ali, esperava isso. De fato, acabava de enviar Beltain e Louis para trazer qualquer um que não tivesse vindo. Todos em Aelfgar seriam testemunhas do preço que se pagava pela traição.

Sua boca estava fechada em uma linha dura. Seus olhos estavam opacos e não demonstravam nada. Seu rosto era inexpressivo, exceto pela rigidez extrema. Permaneceu imóvel nos degraus da fortaleza. Tentou separar—se de qualquer emoção, uma façanha que sempre tinha obtido com êxito. Até agora, tudo ia bem. Não podia ignorar o tremor de seu coração, mas estava no controle de si mesmo.

Lady Alice estava parada ao lado dele, com a cabeça em alto e sua mão sobre seu braço.

Os aldeãos começaram a sussurrar excitadamente, alguém gritou

— Lá vêm eles!

Seu estomago deu um nó. Rolfe fechou com mais força sua mandíbula e observou Guy e Ceidre aproximando—se. Suas mãos ainda estavam atadas nas costas. Seu vestido estava sujo e cheio de palha. Sua trança grossa estava desarrumada, muitas mechas escapando penduravam sobre um peito. Sua cabeça estava alta, seus ombros erguidos. Seu queixo no ar. Quando ela se aproximou, Rolfe viu a máscara de sua expressão, de tranquilidade e dignidade. Seu coração se sacudiu com uma emoção tão forte que ele não estava seguro se era orgulho ou algo mais.

Guy a trouxe diante dele. Ela dirigiu seus olhos violetas a ele, seu queixo não se baixou. Rolfe viu a absoluta tranquilidade e confiança em seu olhar. Seu próprio coração saltou dentro do peito, e sentiu uma gota de transpiração começar a descer por sua têmpora. Guy se deteve com Ceidre diante dele.

Rolfe olhou fixamente seus olhos. Ceidre estava orgulhosa e serena quando estava a beira do desastre. Não podia achar medo em seu olhar, só aceitação. Ela era mais valente que a maioria dos homens, e ele a admirou nesse momento. Ela não decepcionaria a sua gente com prantos e súplicas; ela não demonstraria debilidade.

— Ceidre, ele disse em voz baixa. Seu tom era severo e cheio de dor, embora íntimo. Ele não queria se expressar dessa maneira.

Ela sorriu serenamente, e então ele viu uma fina camada de lágrimas.

— Estou preparada, ela disse simplesmente.

Rolfe queria tomá—la em seus braços e protegê—la.

— Cometeu uma traição, Rolfe disse com calma. — Dez açoites.

Ela piscou furiosamente. Dez açoites! Essa puta lhe tinha mentido! Não seria pendurada, não morreria, e OH... era tão afortunada de poder sobreviver a todo isso!

Rolfe viu seu choque e seu alívio. Assim mesmo estava perplexo, sabendo que ela estava pronta para aceitar a morte de um mártir, ela tinha pensado que seu destino era a força. Rolfe ouviu o suspiro de alívio que percorreu a multidão. A seu lado, Alice ofegou. Não lhe importou. Não podia acreditar que Ceidre tinha sido tão valente, da mesma maneira que não podia acreditar que ela o tivesse considerado tão vil para pensar que a condenaria a morte. Rolfe queria rir. E queria chorar pelo que estava por vir, embora ele nunca em sua vida tivesse derramado uma lágrima.

— Dez açoites, ele repetiu, sua voz rouca e severa. Como todos que já tinham sofrido açoites, sabia que dez açoites eram suficientes para danificar a pele delicada de uma mulher. Por isso seu coração agora estava pulsando freneticamente. Devia usar toda sua força, toda sua autodisciplina, todas as suas reservas, ou não passaria por essa odisséia. Estava a um segundo de reverter sua decisão, e sabia. Rolfe sacudiu a cabeça para Guy.

Ceidre foi levada a um poste e girada para enfrentá-lo, suas costas estavam viradas para o povo. Guy rasgou seu vestido do ombro até a cintura. Suas costas eram largas e elegantes, sua pele, ligeiramente dourada. Rolfe se deu conta que tinha deixado de respirar.

— Louis, ele gritou, fazendo que o homem que sujeitava o látego girasse.

— Não rasgue sua pele, Rolfe ordenou severamente.

Louis empalideceu.

Rolfe estava suando. Viu Ceidre se esticar com tensão.

— Começa, ele disse.

O látego serpenteou no ar e caiu sobre as costas de Ceidre. Ela lutou e não gritou. Sua pele não se rasgou, mas uma grossa marca vermelha apareceu. Rolfe apertou seus punhos. A seu lado, Alice fez um som, algo que soou como uma risada de escárnio. Rolfe lhe lançou um olhar rápido e viu que ela estava sorrindo. Furioso, ele grunhiu,

— Contenha seu prazer, minha lady!

Novamente, Ceidre se retorceu sob o açoite, e Rolfe tremeu também. Nunca tinha tremido ante um castigo físico antes. O látego caiu novamente. Até o sexto açoite ela não emitiu nenhum som, então lançou um pequeno grito de angustia. Rolfe deu um passo nos degraus. O sétimo e oitavo açoites caíram, e um risco de sangue apareceu. Ceidre ofegou e gemeu, puxando com força as cordas que a sujeitavam. Rolfe se agarrou a um poste próximo com todas as suas forças. Não podia tirar seus olhos de Ceidre, embora estivesse consciente do prazer de sua esposa ao ver a dor de sua irmã. O açoite finalmente parou. Ceidre caiu, tremendo contra o poste. Rolfe se moveu.

Estava ao seu lado, liberando as cordas antes que Louis enrolasse seu látego. Rolfe ignorou o ofego da multidão. Os últimos três açoites tinham aberto sua pele delicada, fazendo-o se sentir mais doente do que já estava. Tinha comido durante o dia e logo estaria vomitando.

— Ceidre, ele conseguiu dizer, sustentando-a, com seu braço ao redor de sua cintura.

— Não me toque, ela murmurou ofegando, mas não resistiu.

Muito delicadamente ele a levantou em seus braços.

— Lamento, ele sussurrou.

Ela soluçou e se agarrou firmemente, enterrando o rosto em seu pescoço.



Capítulo 26

Rolfe carregou—a para dentro da fortaleza e pelas escadas. Sua intenção era levá—la a seu quarto, mas sua razão retornou a tempo, e ele a levou ao quarto e a cama que tinham sido de Alice antes que ela se convertesse em sua esposa. Muito suavemente, colocou—a sobre seu estômago.

Alice tinha—os seguido.

— O que está fazendo? Ela gritou. — Ela deveria ser posta nos calabouços! Já foi muito indulgente...

Rolfe virou enfurecido.

— Sua conduta é pouco educada.

Alice congelou.

— Vá a nossos aposentos e pense em como deve se comportar a lady desta fortaleza.

Os olhos da Alice se alargaram.

— Vai me trancar em nossos aposentos?

— Vai agora, Rolfe rugiu. — Até que eu solicite sua presença!

Respirando profundamente, Alice se virou e saiu com raiva.

Rolfe fechou momentaneamente os olhos, assombrado pela imagem de sua esposa quando Ceidre se debateu com dor. Alice tinha desfrutado do castigo de sua irmã, e essa lembrança era horrorosa. Rolfe se moveu, fincando—se sobre um joelho. Suas mãos ansiavam tocá—la, mas Ceidre levantou sua cabeça para olhá—lo, havia ódio e dor em seu olhar.

— Afaste—se de mim, ela disse entre dentes.

Ao menos, Rolfe queria tirar as mechas soltas longe de seu rosto. Seu tom de ódio o deteve; seus braços caíram para os lados. Ele se levantou.

— Será atendida, disse ele, seu tom foi rouco. — E ficará reclusa neste quarto. Ele a queria perto e confortável, até que se curasse. E não questionaria seus próprios motivos para fazer isso.

— Que? Ceidre foi sarcástica. — Não escutou a sua esposa, minha irmã? Não me lança aos calabouços? Agora, quando é muito tarde, mostra clemência? Para seu horror, uma lágrima grossa rodou lentamente por sua bochecha.

Rolfe odiava a si mesmo, então podia entender como ela se sentia. Observou o trajeto da lágrima, desejando ter a coragem de detê-la e secá-la, nunca tinha necessitado de coragem antes. Seu olhar se moveu para suas costas, inchadas e marcadas, e as três longas escoriações onde, finalmente, o látigo tinha rompido sua pele. Cicatrizaria.

Seu nome estava em seus lábios e não pôde se prevenir que escapasse, urgente e agônico.

— Ceidre...

Ela o olhou com desprezo e virou seu rosto para a parede.

Rolfe a estudou. Não havia nada mais que fazer, apenas partir, mas não queria fazê-lo.

Só quando fechou a porta atrás de si Ceidre começou a chorar.

— Vamos, vamos, sua avó a acalmou. — Sei que dói, mas mantenha-se quieta.

Ceidre tentou fazer o que ela pedia, enquanto sua avó limpava as feridas para prevenir uma infecção. Com cada pequeno toque, suas costas ardiam insuportavelmente. E mais lágrimas caíam de seus olhos, lágrimas de dor e de compaixão por si mesma.

— É forte moça, sua avó disse em um murmúrio baixo. Ela era tão velha como as montanhas, uma mulher gordinha com os mesmos olhos violeta escuros de Ceidre e cabelo branco. — Se curará rapidamente.

— Não vai me desafiar?

— Conheço você Ceidre, fez o que pensou ser correto. Uma alma justa não pode fazer outra coisa.

— Devo ajudar meus irmãos.

— Shh, não se preocupe.

Ceidre se deitou enquanto a velha colocava uma pomada em suas feridas.

— Eu verdadeiramente o odeio, ela murmurou. — Ele não tem coração.

— Não? Sua avó perguntou. — É por isso que correu para você, te desatou e trouxe aqui te carregando em seus próprios braços, com todo o povo de Aelfgar observando-o.

Ceidre ruborizou.

— Possivelmente foi por culpa, mas isso seria uma verdadeira surpresa. Embora ela tenha visto seus olhos quando ele observava o açoitamento, olhos escuros, cansados, turbulentos. E tinha podido ouvir sua voz, rouca e exigente.

— Cumpriu com seu dever, como você cumpriu o seu, sua avó disse. — Isto é um drama, ele casado com Alice, mas com olhos só para você. E agora isto.

— Ele sente somente luxúria, como um animal, Ceidre replicou. — Ele se encanta com qualquer moça que passe diante dele e desperte sua fantasia. Eu sou quem mais o seduz agora, mas como eu sou a irmã de sua esposa, se comporta suficientemente decente e me deixa em paz.

— Ahh, refletiu sua avó. — Foi por luxúria que ele a carregou para seu leito de doente.

Ceidre estava zangada e bufou. Então a porta se abriu. Ceidre encontrou seu olhar fixo com olhos quentes.

— Como está ela? Rolfe perguntou, e caminhou para o lado da cama.

— Ela estará bem, é seu sangue camponês que a faz forte.

Rolfe não sorriu. Ceidre virou a cabeça, mas estava consciente de Rolfe olhando suas costas nuas. Seu vestido rasgado tinha sido tirado. Dos quadris para baixo ela estava coberta com uma manta fina, e se sentia muito vulnerável revelando dessa maneira seu corpo.

— Vai ficar cicatriz? Rolfe perguntou.

— Sim, mas não muito feia se a pomada for aplicada freqüentemente. Com o tempo, quem sabe, talvez as marcas se enfraqueçam para ser apenas visíveis.

— Com tempo, Rolfe repetiu olhando—a fixamente.

— Não há nada mais que eu possa fazer, a avó disse.

Rolfe deu um último olhar a Ceidre, com sua cabeça virada, logo caminhou com a anciã para a porta.

— Obrigado, disse.

A avó o olhou com um sorriso.

— Não tem por que me agradecer, meu lorde.

Rolfe a olhou para ela.

— Obrigado, ele afirmou novamente e saiu.

Alice o ouviu chegar.

Ela estava caminhando impaciente como um leão enjaulado, descarregando sua ira com cada passo comprido, e nas linhas tensas de seu rosto. Ficou congelada diante do som dos passos fortes de Rolfe nas escadas, então lutou para ficar com uma cara agradável. Não era algo fácil de fazer.

Era tarde, muito depois do jantar. Ele não a tinha chamado para o jantar, mas um servo havia trazido a comida e ela tinha permanecido trancada em seu quarto. Todos em Aelfgar sabiam, Alice estava segura, que ela estava sendo castigada e que tudo se devia a essa bruxa de Ceidre.

A humilhação e a fúria competiam dentro dela, mas o mais forte de tudo era o ódio. Odiava seu marido, e odiava essa puta ainda mais.

Mas tinha que conseguir dominar suas emoções. Ele não a havia tocado desde a manhã do matrimônio, quando tinha tentado se deitar com ela. Agora desejava que ele o tivesse feito, que a consumação do matrimônio já tivesse acontecido. Mas ele não a tinha tomado. Contudo, essa noite não havia nenhuma razão para que ele não cumprisse com seus deveres matrimoniais.

Rolfe entrou, apenas lançando—lhe um olhar. Alice já tinha se trocado para dormir. Fez uma pausa perto da lareira vestida com uma camisola, seus olhos enormes o olharam. Ela tratou de ficar equilibrada, esperando poder controlar seu humor e suas ações. Ele suspirou e começou a tirar a túnica.

— Parece cansado, meu lorde. Por favor, me deixe te ajudar, Alice disse, indo para ele.

Ele sacudiu a cabeça, sem agradecer, e permitiu que ela tirasse a túnica, e depois o resto da roupa. Alice tentou não tocar sua pele, mas falhou e estremeceu. Ele não notou.

Rolfe se inclinou para tirar as meias, e Alice correu fazer isso por ele. Ele a deixou, e enquanto ela as tirava, ele afrouxou suas calças. Alice fingiu ser muito cuidadosa ao dobrar seus objetos para não ter que olhar sua nudez flagrante. O homem não tinha pudor nem vergonha. Alice recordou como havia sentido seu órgão, tocando—a, e sentiu a tensão subindo. Lutou consigo mesma e conseguiu manter algo semelhante à calma.

Ele já estava na cama, um braço cobrindo os olhos fechados. Ela se aproximou. Ele não parecia um marido vigoroso, parecia um homem esgotado a ponto de dormir. Alice se deslizou a seu lado e, uma vez debaixo da manta, tirou a camisola. Ele não se moveu. Uma realidade terrível se impôs em sua mente, ele ia dormir! Não ia tocá—la!

Uma parte dela se alegrou. Mas outra parte mais conhecedora, ambiciosa e fria de sua pessoa sabia que isso não podia acontecer. Alice moveu seu corpo de forma que seu joelho tocou o dele. Não houve resposta.

Ela não era uma sedutora como sua irmã. Como ia conseguir sua atenção? E por que ele estava se comportando como um monge? Ele sabia qual era seu dever! Alice tocou seu braço.

— Meu lorde?

Ele não estava dormindo, pois seus olhos se abriram imediatamente, e a olhou lucidamente.

A boca de Alice tremeu.

— Sinto tanto, ela sussurrou, seus cílios tremeram, não queria te desagradar. Pode me perdoar?

— Já está esquecido, ele disse com um grunhido. Agora, vá dormir. Ele virou de lado, se afastando dela.

Alice queria pegar essa oportunidade e fugir de seus cuidados, mas não lhe convinha.

— Meu lorde? Poderia falar com você?

Rolfe se voltou e sentou.

— Que deseja Alice? Seu tom era cortante e rude.

— Não deseja consumir este matrimônio?

Seus olhos se estreitaram.

— Não, não quero.

Ela piscou atônita, não tinha esperado essa resposta. Por um momento Alice esteve perplexa.

— Não quer consumir este matrimônio? Ela repetiu.

— Não.

Alice se encolheu atrás, contra a parede.

— Não entendo. Sou sua esposa.

Os olhos de Rolfe eram chamas azuis carregadas de violência, ele saiu da cama, afastando—se impacientemente dela. Quando virou, ela viu que ele estava muito zangado. Mas era impossível que ele alimentasse semelhante ira para ela!

— Então explicarei, Rolfe disse sombrio. — Seu comportamento de hoje me adoeceu. Não quero te tocar. Não sinto desejo como pode ver. Ele assinalou rudemente seu próprio corpo.

Alice empalideceu, logo avermelhou. Um longo silêncio prevaleceu no ambiente. Finalmente Alice o rompeu.



- Não desejava estar casado comigo?
- É minha esposa, Rolfe disse. Estamos casados.
- Não verdadeiramente. Não ante os olhos de Deus.

Seu olhar era frio.

— Talvez, quando meu humor melhore, retificarei isso. Mas não hoje. Não esta noite.

Alice cobriu seu peito tremente com uma mão. Não podia acreditar isso. Ele poderia consumir o matrimônio algum dia, se seu "humor" melhorasse. E ela o que devia fazer? Gritar sua humilhação ao mundo? Não, ela nunca poderia manter a cabeça em alto novamente, se todos soubessem que ele não a tinha tomado como era seu dever, quando todos sabiam que ele desejava abertamente a sua irmã. Rolfe devia saber que ela nunca diria nada. As lágrimas encheram seus olhos.

— Não quer ter filhos? Posso te dar muitos herdeiros, meu lorde. Sou jovem e sou saudável.

Rolfe sorriu.

— Já tenho filhos, uma meia dúzia dispersa desde a Normandia até Anjou. Tenho dois bastardos a mais em Sussex. Acredite—me, minha lady, não necessito herdeiros.

— Então este será um matrimônio somente em nome, Alice disse amargamente e logo foi assaltada por outro pensamento. Ela odiava a mera idéia dele tocá—la e, entretanto queria ser sua esposa, e, por obrigação, queria a consumação. Mas agora ela era sua esposa, e se ninguém soubesse a verdade, ela poderia seguir sendo sua esposa sem ter que suportar seu contato....

— Quando a feia lembrança do prazer doente que sentiu pela dor de sua irmã desapareça, certamente exercerei meus direitos conjugais, Rolfe estava dizendo. — Mas não será esta noite, então pode descansar tranqüila, sua virgindade ainda está intacta. Boa noite, Lady Alice, ele concluiu firmemente, e caminhou de volta à cama.

Como o detestava! Quanta sorte tinha!

Teria que assegurar—se que todos em Aelfgar presumissem que seu matrimônio estava verdadeiramente consumado. Mas isso seria uma tarefa simples, realmente simples.



Capítulo 27

Apesar do esgotamento, seu sono não foi profundo, a não ser intranquilo e problemático.

No dia seguinte ele tinha planejado levar Morcar perante o rei. Um mensageiro tinha sido enviado com a captura do saxão, para dar as boas notícias a William. Rolfe se moveu inquieto, imaginando a reação do rei quando se inteirasse da fuga de Morcar. Sua ira seria terrível. Ele ia quer saber todos os detalhes. E é obvio, algum tipo de castigo recairia sobre Rolfe.

Rolfe não questionava seus impulsos, só sabia que devia proteger Ceidre. Não revelaria sua identidade a William. Ela tinha sido castigada. Era uma serva. Só declararia que um servo, uma mulher, tinha cometido o ato de traição e que tinha sido castigado. Mas não era tão simples. Porque era apenas uma verdade parcial, e isso era equivalente a uma mentira.

Ceidre não era uma serva qualquer, mas a meia irmã de Morcar. Essa informação era importante, e o rei queria conhecer. Se William já tinha descoberto que esta informação tinha sido retida, ele estaria furioso. E essa omissão de Rolfe de fato era uma traição.

Estava traindo seu rei para protegê-la.

Certamente tinha sido enfeitado no sentido mais literal da palavra.

Não podia fazer isso. Não podia trair seu rei. Como o comandante mais importante de William, conhecia seu dever, entendia o conceito de honra e lealdade. Tinha passado os últimos dez anos servindo ao rei, e servindo—o bem. Trair seu rei era como trair a si mesmo. Mas como poderia manter—se leal a William e proteger Ceidre ao mesmo tempo?

Revelar a identidade dela era arriscar um castigo mais severo para ela, talvez até a morte.

Sentia—se dividido. Esse dilema ocupava completamente sua mente, e pressentia um desastre espreitando em um futuro próximo. Pois se continuasse protegendo—a, se continuasse sendo um traidor, onde terminaria tudo isso? Como riscar a linha entre os atos de traição de Ceidre e os seus próprios?

Seu próprio castigo era algo que entrava em sua mente.

Sua esposa permanecia adormecida ao seu lado. Sentiu alívio quando ela aceitou suas condições e sua não intenção de consumir o matrimônio. Rolfe quase grunhiu. Um mês atrás teria consumado esse matrimônio se sua esposa quisesse ou não. Mas agora era ele quem a rechaçava cada vez que pensava em seu prazer triunfal ante a dor de Ceidre. Estava enfurecido. Estava permitindo que sua luxúria não satisfeita o dominasse. Devia parar com isso.

Rolfe tinha prometido que não tocaria Ceidre, e reafirmou essa promessa agora. Mas se não a tocava, devia pôr um fim a sua necessidade sexual. Mas, como? Certamente era mais fácil dizer que fazer.

Maldição com essa mulher, Rolfe pensou. Ela não se dava conta que sua cabeça pendia de um fio? Não se dava conta que estava interferindo em assuntos do rei, e que se William decidisse pendurá-la, não havia nada que ele pudesse fazer para salvar seu bonito pescoço? Ou melhor, ela acreditava que ele trairia seu próprio rei para salvá-la, e por isso atuava tão indiferentemente e tão estupidamente?

E pela primeira vez em sua vida, enquanto Rolfe permanecia acordado na escuridão, sentiu medo. Nunca em sua vida questionou a ordem natural das coisas, nunca em sua vida tinha lhe importado uma mulher, se ela se sentia ferida ou satisfeita, e nunca em sua vida tinha posto em dúvida sua própria lealdade para seu rei. Ele era um homem do rei. E se esse fato de sua existência deixasse de ser, então quem diabos era ele?

É Rolfe de Warenne, disse—se a si mesmo firmemente, Rolfe, o Implacável, lorde de Aelfgar e o comandante mais valioso do rei William. E, entretanto não pôde dormir.

Ou talvez adormeceu. A princípio, pensou que era sua esposa que despertou com um lamento. Mas seus sentidos eram agudos, deu—se conta antes de abrir os olhos que Alice estava profundamente adormecida. O pranto de uma criança assustada ou ferida soou novamente. Um segundo mais tarde Rolfe soube que não era de uma criatura, mas sim de uma mulher, a bruxa de seus sonhos. Ele estava fora da cama em um segundo.

Ela gritou novamente, seguido por um soluço.

Rolfe estava na porta, seu corpo, tenso, sua mente cheia de predições negativas, ela sentia dor, tinha febre, e tudo por sua culpa. Na porta se deteve por um momento. Ceidre estava gemendo. Podia vê-la em seu quarto, estava se movendo agitadamente no meio de um sonho. Estava seguro que ela estava sendo assombrada pela mesma imagem que o atormentava, a imagem dela sendo açoitada.

Rolfe virou e grosseiramente sacudiu Alice,

— Acorda, ele disse. — Alice, Acorda.

Alice piscou.

— Meu lorde... o que está acontecendo?

— Vai com sua irmã.

Ela se sentou.

— O que?

— Vai com sua irmã. Desperte—a, está sonhando, verifique se ela sente dor. Agora mesmo.

As feições de Alice se esticaram em uma máscara de raiva, mas serenamente pisou no chão, fechando sua camisola. Rolfe a seguiu depois de acender uma lamparina de azeite, mas fez uma pausa na soleira do quarto, recusando—se a avançar mais à frente.

Alice sacudiu Ceidre com tanta agressividade que ele interveio.

— Suavemente, Rolfe lhe disse. — Ela está machucada.

Alice mordeu o lábio, mas diminuiu a força de seus movimentos.

— Ceidre, acorda.

Ceidre ouviu Alice rindo enquanto ela recebia outra chicotada. Com uma dor insuportável. Não podia tolerar, ela ia gritar, ia mostrar—se fraca diante do normando, e o fez. Sabia que estava chorando. Doía tanto. Ela continuava vendo—o, orgulhoso, bonito e dourado, e seu coração era um traidor, rogava—lhe que viesse para ela, que a acalmasse, que a levasse longe da dor. Não, alguém em seu sonho gritou. Ele é o inimigo, ele está te machucando! Ceidre se recusou a escutar. Nesse estranho pesadelo, ele era seu salvador. E já sabia o final da história, sabia que ele viria por ela, elevá—la—ia, levaria longe e deteria a dor. Necessitava que ele se apressasse a fazer isso agora.

— Rolfe, por favor, ela gritou. — Rolfe, por favor.

— Acorda, Ceidre, Alice lhe ordenou.

Rolfe paralisou depois do primeiro grito. Nunca tinha ouvido seu nome nos lábios dela antes. Seu corpo, já tenso, ficou mais tenso. E então Ceidre gritou seu nome novamente. Rolfe se moveu veloz como uma pantera; em um segundo estava na porta, e no seguinte ao lado de sua cama. Disse a si mesmo que era a escuridão, a hora da noite, seu próprio esgotamento, que estava fazendo que suas mãos se apoiassem levemente sobre seus ombros. Ele gemeu e ignorou Alice. Ela saltou a um lado quando ele se sentou na cama ao lado de Ceidre.

— Acorda, ele disse com voz rouca. — Ceidre.

Ela estava choramingando e soluçando. Não estava seguro se ela estava adormecida ou acordada, mas ela se apertou contra ele enquanto ele deslizava um braço para sustentá—la.

— Acorda, ele murmurou. As palavras — minha querida — estavam na ponta de sua língua. O desejo de roçar seus lábios contra sua testa, e logo secar suas lágrimas com sua

língua, era intenso. Mas Rolfe estava muito consciente da presença de sua esposa de pé a uns metros dele. Maldita Alice.

O peito dele estava nu. A pequena mão de Ceidre se deslizou sobre seus contornos e finalmente se deteve em seu ombro. Seu rosto apertado no espaço entre seus mamilos, molhando sua pele com suas lágrimas. Rolfe tomou sua nuca e a sujeitou mais perto. Sentiu um prazer tão profundo como nunca tinha experiente antes.

Esqueceu—se de Alice. Segurou—a mais apertada. Ceidre se agarrou com mais força.

— Me perdoe, ele disse com voz rouca, e se surpreendeu. Rolfe de Warene, o lorde, não deveria pedir perdão a ela, nem a ninguém mais. Rolfe ignorou essa voz. Na escuridão dessa noite, as regras não importavam: qualquer coisa era possível.

Ceidre ainda estava em seus braços, seus cílios tremiam contra a pele de seus músculos peitorais como as asas de uma mariposa. Rolfe, antecipando o que estava por vir estreitou seu aperto. Ele deixou de respirar. Rolfe se sentiu torpe e tolo, mas completamente reticente a soltá—la, e sentiu sua excitação crescer rapidamente, como uma vitória porque ela não resistia. Não podia acreditar em sua boa sorte. Ele a embalou ligeiramente, dando—se conta que não havia necessidade de palavras, de explicações. E então sentiu sua respiração regular e de repente se deu conta que Ceidre não estava acordada, como ele tinha pensado, ela estava dormindo.

— Isso é obsceno, Alice disse entre dentes.

Ela esteve adormecida desde o começo? Rolfe pensou. O que lhe importava? Ele estava sendo reduzido a comportar—se como um parvo? Por um momento, tinha pensado que ela se entregava sem resistir a seus braços, e isso tinha sido tão embriagador como um vinho potente. Suavemente a deitou sobre o colchão. Logo virou para olhar Alice.

Antes que ela pudesse falar, lhe disse friamente,

— Se você a tivesse confortado como uma irmã deveria, eu não teria que fazê—lo.

Os olhos de Alice se encheram de lágrimas de irritação.

— Envergonha—me diante de todo meu povo!

— Eu não te envergonho.

— Toma a minha irmã como sua amante e não me envergonha?

— Ela não é minha amante, Alice, Rolfe advertiu. Tomou seu braço e a levou fora do quarto. Não a soltou.

— Vou deixar algo muito claro. É minha esposa. E será tratada como tal. Mas se alguma vez voltar a questionar minha relação com uma mulher novamente, te fecharei. Sou um homem e tenho meus direitos. Não pode questioná—los. Tomarei a qualquer mulher

que me agrade. E quando eu te digo que Ceidre não é minha amante, não me chamará de mentiroso. Nunca. Ficou claro?

— Sim. Alice disse com o queixo levantado. — Posso falar?

Rolfe a soltou e sacudiu a cabeça, seus pensamentos fugiram de volta para o quarto que estava do outro lado do corredor.

— Não tenho inveja de suas amantes, Alice disse. — Agrada—me que tenha amantes, sabe que sou uma dama e que as damas preferem não ter as atenções masculinas. Não quis te chamar de mentiroso. Só vejo o modo em que ela se mostra...

— Basta! Este tema me cansa. Vou para cama. Pode fazer o que desejar.

Rolfe lhe deu as costas e caminhou para sua cama. Muitos minutos passaram antes que Alice o seguisse.



Capítulo 28

— Onde está indo, meu lorde?

— Para York.

Alice estava surpreendida e não tentou escondê-lo. Era de amanhã e eles ainda estavam no quarto. Observou Rolfe enquanto dava instruções a Guy, que estava de pé, ele ficaria a cargo dos homens e da fortaleza. Guy assentiu com a cabeça e partiu. Rolfe rapidamente empacotou uma muda de roupa, túnica, camisa, calças e meias. Ele adicionou uma capa de veludo de cor ferrugem e forrada com pele. A capa que agora vestia era negra e vermelha com rebites dourados. Era primeira hora do dia e ainda estava gelado.

— Quanto tempo estará viajando? Alice perguntou, antecipando sua ausência com grande prazer. Não teria que se preocupar sobre o fato que ele estivesse "de humor" para consumir o matrimônio; nem ia ter que lutar com sua arrogância e suas maneiras insuportáveis. Liberdade. Queria cantar e dançar de alegria.

— Não mais que o necessário, ele disse. — Quinze dias no máximo. Se algo acontecer e eu me demorar, mandar—te—ei avisar.

Alice assentiu. Sabia que não devia seguir perguntando sobre sua missão. Se ele queria informá-la, faria.

Observou-o caminhar para a porta, recordou a seu pai e seus irmãos fortes, elegantes, orgulhosos, guerreiros. Não estava segura se isso a agradava ou desgostava. Supunha que ambas as coisas. Mais a segunda porque isso a punha em uma posição de impotência contínua; nunca teria poder porque ele monopolizava tudo para si, como tinham feito os homens de sua família. Algum dia, pelo menos, seus filhos receberiam essa herança. Isso lembrou a Alice que devia lhe dar um herdeiro legítimo, embora só fosse sustentar sua própria posição em Aelfgar.

Rolfe fez uma pausa na entrada, olhando pelo corredor. Alice sentiu ódio por ele e por sua irmã. Tinha estado torturada pela imagem de seu marido sustentando sua irmã a noite anterior, sua suavidade ao tratá-la tinha sido incrível. E com essa lembrança, seus instintos começaram a lhe gritar advertências renovadas. Ceidre era uma ameaça sem importar o que Rolfe dissesse. Ela sentia. Sabia.

Rolfe deu um prolongado olhar ao quarto de Ceidre. Alice podia ver que Ceidre estava adormecida e também podia ver que o lorde estava sustentando uma batalha interna – que finalmente ele ganhou. Rolfe caminhou decididamente pelo corredor e por um momento Alice ficou quieta, escutando o som de seus passos pesados nas escadas. Lançou a sua irmã adormecida um olhar feroz, logo se apressou atrás de seu marido para despedir—se dele.

Uma dúzia de homens já se encontrava montados no pátio. Todos estavam armados com espadas, lanças, tochas, e escudos. Estandartes flutuavam com a brisa das pontas de suas lanças. Seus cavalos se moviam inquietamente, soprando. Todos os soldados vestiam armadura de couro, cotas de malhas e capacetes. Alice estremeceu. Era uma imagem atemorizante, e Ceidre e seus irmãos eram uns idiotas ao pensar que os saxões podiam ter alguma esperança de vencer a esses soldados montados.

O cavalo de Rolfe esperava, sujeito por um de seus homens. Rolfe fez uma pausa nos degraus.

— Meu lorde, há algo que eu gostaria de te perguntar, Alice disse com calma.

Sua impaciência se mostrou, mas ele assentiu com a cabeça.

— Considero que é tempo que Ceidre se case, talvez com um dos aldeãos, ou dos vassalos.

Rolfe permaneceu inexpressivo. Alice se apressou a colocar uma mão sobre seu braço.

— Verdadeiramente seria o melhor, meu lorde, para todos nós.

— Pensarei no caso, ele disse brevemente.

— Deus te abençoe, meu lorde, Alice disse educadamente.

— E a você também, Rolfe lhe disse. Girou abruptamente e montou o garanhão. Rolfe afagou o pescoço do animal com sua mão aberta, e o animal se tranqüilizou. A coluna de homens começou a se mover.

Alice levantou a barra de seu vestido e literalmente correu escada acima. Como esperava nenhuma criada ainda tinha vindo ao seu quarto. Procurou a faca de comer e não pensou duas vezes, produziu um corte no dedo. Gotejou o sangue sobre os lençóis. E sorriu satisfeita.

Então se manchou com sangue entre as coxas e solicitou um banho.

Era impossível não ver os lençóis manchados, mas seria melhor ainda se a criada que a ajudasse a tomar o banho e espalhasse a notícia como um fogo selvagem. O matrimônio tinha sido consumado.

Ceidre despertou com um sentimento estranho de remorso. Recordava o sonho como se fosse real, tão real que quase podia sentir seu corpo morno e duro enquanto ele a sujeitava muito meigamente, acalmando sua angústia. Não queria despertar. Queria que o sonho continuasse.

Mas já não estava adormecida no abraço apertado de uma noite mágica. Estava acordada. A luz do sol entrava pela janela, e com ela chegava a feia realidade. Ceidre se deitou de lado, estremecendo enquanto sentia as crostas de suas feridas, evidência dessa horrível realidade. É uma estúpida, ela se disse a si mesma. Ele nunca seria assim. Ele é um ogro, sim, o inimigo e sonhar com ele era uma loucura.

Tinha calor. Deu—se conta que estava suando ligeiramente e soube que a febre baixava. Teria que agradecer recordou a si mesma.

Uma criada estava cantando no quarto principal enquanto fazia suas tarefas ali. Ceidre suspirou e se sentou na cama, agarrando o copo com água. Estava vazio. Estava tão sedenta, tão dolorida, tão calorosa, e tão cansada. Recostou—se sobre seu estomago tentando afundar—se no sono novamente.

Ouviu alguém subindo as escadas, mas não prestou muita atenção. Estava a ponto de dormir novamente, perguntando—se quando viria sua avó, perguntando—se, bobamente, se ele viria novamente. Como se atreve a mostrar seu rosto aqui, ela pensou, enquanto duas criadas conversavam e riam do outro lado do corredor. Um delas mencionava o normando, soltando uma gargalhada novamente, e Ceidre se encontrou escutando apesar de si mesma.

— É vigoroso, ouvi muitas histórias sobre ele, Mary disse.

— Se for tão vigoroso e potente, como é que ele não solicitou a nenhuma de nós desde que chegou? Queixou—se Beth.

— Virgem Maria aquele dia em Kesop, nunca vou me esquecer, ele esteve tão bruto, tão potente, nunca vou me esquecer isso...

Ceidre tinha uma lembrança gráfica do ato sexual, do normando penetrando Beth, seu rosto escuro e cansado, seu membro, vermelho e ereto.

— Isso seria insultar Lady Alice, Mary disse. É por isso que ele não toca a nenhuma de nós agora. Mas com o tempo, o fará.

— Para mim, foi um grande insulto que ele não tomasse em sua noite de núpcias, Beth disse. Se eu fosse sua esposa, ele não teria dormido até o amanhecer!

Ceidre se sentou na cama. Não deveria estar escutando. Mas estava. Não podia acreditar no que estava ouvindo, não podia ser verdade. E se fosse verdade, por que seu coração estava pulsando tão rapidamente? Por que se sentia mais leve?

— Beth, Mary, venham aqui, ela chamou.

As duas criadas entraram no quarto, Mary segurando uma pilha de lençóis em seus braços.

— Sobre o que estavam conversando?

Eles olharam o chão.

— Nada, Beth mentiu ruborizando.

— Digam a verdade, pode ser importante para Aelfgar. Ele não se deitou com Alice?

Beth olhou para cima.

— Ele não se deitou com ela até ontem à noite, ela disse, olhando a pilha de lençóis.

Ceidre realmente não a ouviu. Sentiu desalento e alguma outra coisa, algo pior, algo mais repugnante. Olhou fixamente os lençóis. Enquanto ela estava nesse sonho estúpido, ele tinha estado com Alice. Mary interpretou seu olhar fixo como uma pergunta, e abriu a trouxa para lhe mostrar mancha de sangue. Ceidre a olhou. Por que lhe doía quando isso não tinha que lhe importar? Quando tinha acreditado que esse ato tinha sido feito dias atrás, na noite de bodas? Não tinha nenhum direito a sentir—se ferida! Nenhum!

— Por favor, me traga água, ela disse, deitando—se de volta. Era a febre, estava segura, porque, que outra razão teria para resistir a essas malditas lágrimas?

— E a avó?

— Dispensadas, Alice disse da entrada. — Retirem—se. Ela observou as criadas afastar—se correndo, logo fez uma pausa — Não parece estar bem, Ceidre.

— Vai Alice, Ceidre disse cansadamente.

— Agora sei por que abriu as pernas para ele, Ceidre, Alice ronronou. Não é bom ter uma coisa tão grande dentro de si? Ele é como um touro! Eu pensava que eu não gostaria disso, mas descobri que o adoro.

Ceidre imaginou—o sobre Alice, com seu membro volumoso e erguido, e reprimiu a imagem. Ceidre olhou o chão.

— Alice, não me sinto bem. Tenho febre. Por favor, me envie a minha avó e um pouco de água?

— Não terei essa bruxa em minha casa, Alice respondeu de forma enérgica. — Mas te mandarei água. Ela virou e saiu subitamente.

Ceidre queria gritar e lhe dizer que ela necessitava dos cataplasmas de sua avó ou as feridas infectariam, mas não tinha força. Tudo o que podia fazer era derramar algumas lágrimas a sós. E era de noite quando o copo de água chegou ao quarto.



Capítulo 29

A pedra de York brilhou com distintos reflexos brancos. William não ia correr nenhum risco dessa vez, o castelo seria construído em pedra e seria impenetrável. A paliçada de madeira rodeando a velha fortaleza de madeira tinha sido substituída com um muro de pedras brancas de York. E já estava completamente terminada.

Rolfe e seus homens cavalgaram passando pelo lugar da construção. Os aldeãos de York tinham sido chamados para essa tarefa. Tinha usado cordas e roldanas para mover os grandes blocos de pedra no lugar, mas era a força humana que tinha colocado cada bloco em seu preciso lugar. Os carros puxados por bois transportavam as pedra da pedreira. A atividade era intensa e constante, carrinhos de mão que iam e vinham com pedras e outros materiais, servos trabalhando com as roldanas, homens dobrados sob o peso dos blocos de pedra, vendedores oferecendo pães, guisado de cordeiro e cerveja. Os meninos que eram demasiado jovens para ser alistados na construção corriam descalços, perseguindo—se uns aos outros. A planta baixa e o primeiro piso de nova torre também estavam quase terminados.

Eles não perdiam tempo, e fazia três dias que tinham deixado Aelfgar. Cavalgaram pela cidade, porque York era um centro comercial dos dias dos dinamarqueses. Imediatamente sua chegada começou a ser comentada pelas mulheres, os mercados, os mendigos, por vendedores e trombadinhas que circulavam pela rua principal de York. Rolfe ouviu seu próprio nome nos lábios de alguém, seguido por um silêncio de temor, em mais de uma ocasião.

William residia dentro dos muros. Eles atravessaram a ponte levadiça e o muro interno.

Rolfe deu ordens a seus homens e cavalgou diretamente para a tenda de William. Um pajem tomou seu garanhão, e outro o anunciou. William estava com Odo, seu meio irmão e um de seus mais poderosos nobres, agora que Odo possuía Dover, e o arcebispado de York.

William estava vestido, como sempre com uma larga túnica e uma capa de veludo violeta. Teve muito prazer em ver Rolfe.

— Levante—se homem, ele gritou quando Rolfe imediatamente se agachou sobre um joelho. —Levante—se e entre sem mais cerimônias. Onde está ele? Desejo cuspir na cara desse traidor!

Rolfe ficou de pé. Seu olhar não vacilou. Nenhum mensageiro podia ter chegado mais rápido que ele, e na verdade, ele não queria que um de seus homens fosse vítima da ira de William. Não quando o acontecido era sua culpa.

— Morcar escapou sua majestade.

William o olhou fixamente por um momento, e então gritou amaldiçoando. Virou uma mesa descarregando sua fúria. Odo e Ealdred ficaram de pé. William gritou a eles.

— Fora, fora! Seus olhos estavam inchados.

— Não, você fica, rugiu para Odo quando ele virou para partir. Ealdred o esquivou apressadamente e saiu.

William girou para Rolfe.

— Explique—se.

— Ele escapou durante o banquete de núpcias. No momento em que foi descoberto, era muito tarde. Ele se foi. Eu estou a sua disposição. Rolfe inexpressivo, novamente se agachou sobre um joelho.

William gritou, amaldiçoou, e caminhou como um louco. Odo permaneceu em um silêncio profundo. Finalmente William se deteve diante de Rolfe, olhando fixamente sua cabeça inclinada.

— Não posso acreditar nisto, ele disse em voz baixa. — É meu chefe mais confiável. Como pôde acontecer isto? Foi uma traição? Seu guarda foi subornado?

Os intestinos de Rolfe se apertaram. Ele permaneceu sobre um joelho, com a cabeça abaixada.

— Meu guarda adoeceu. Deixou seu posto pela enfermidade, agora está relevado de seus deveres. Considerei que um castigo adicional era desnecessário.

— Levante—se para que possa te olhar na cara, William disse, e quando Rolfe o fez, ele continuou. — Ele foi envenenado?

— Sim.

— Maldição! William golpeou o punho sobre sua mão aberta. — Estes saxões são um ninho de víboras, mas eu os quebrarei, se o farei! Ele perfurou Rolfe com um olhar escuro. Presumo que o autor desta traição foi encontrado?



O coração do Rolfe se sobressaltou.

— Sim, sua majestade.

— Quero os detalhes, William disse.

— Foi um servo. Uma mulher. Deu a meu homem o veneno, então Morcar foi liberado. Já me ocupei dela.

— Te ocupar? Quer dizer que já foi pendurada!

Rolfe encontrou seu olhar. Sentiu—se invadido por algo que não podia definir, algo que parecia com o medo. E não era medo por si mesmo. O momento tinha chegado e não podia mentir a seu rei.

— Ela foi açoitada, sua majestade. Ela não cometerá uma traição novamente.

William piscou perplexo.

— Você enlouqueceu! Essa serva me custou o líder da última rebelião, e ela foi apenas açoitada? O que quer dizer isto, Rolfe?

Esse era o momento em que devia revelar a identidade de Ceidre a seu rei. Rolfe olhou fixamente a William. Não havia expressão em seu olhar, ou em seu tom de voz quando falou.

— Meu lorde, ela é uma serva, minha serva. Nunca tiveste motivo para me questionar antes. Eu já a castiguei. Ela está em minha fortaleza, sob custódia. No meu entender um enforcamento teria incitado os habitantes a cometer mais traições. Também teria incitado a vingança dos irmãos, uma vingança pessoal adicionada à rebelião política. Acredito que atuei sabiamente. Em última instância sei que a fuga de Morcar é minha responsabilidade. Tolerarei qualquer castigo que considere justo para meu fracasso. Rolfe manteve seu olhar em William e novamente se abaixou sobre um joelho; então abaixou a cabeça.

William olhou sua cabeça inclinada e se afastou. Finalmente se voltou.

— Seus deveres como lorde de York estão suspensos. Minha sentença é leve — porque confio em você mais que em meu próprio braço direito. Mas entenda bem, Rolfe, se fosse qualquer outro, despojar—te—ia aqui e agora de todas suas posses. Pode ir.

Rolfe se levantou graciosamente. Supunha que tinha sido barato, mas estava zangado e usando sua disciplina de ferro para não deixar que se notasse. Mal podia acreditar no que tinha acontecido — que tinha sido despojado de York — e com isso, da metade de seu poder. Esperava um castigo, mas nada dessa magnitude. E tudo por essa bruxa, pensou furiosamente.

Tudo por essa bruxa.

Porque, de fato, tinha traído seu rei. E também traiu a si mesmo?

— Rolfe. A voz neutra de William o deteve antes que ele saísse da tenda. — Me traga sua cabeça e ficará redimido de seu castigo.

Edwin caminhou inquieto.

Morcar, normalmente de caráter mais volátil, estava agachado perto da fogueira do acampamento, empurrando as brasas com uma vara. Não estava prestando atenção ao que estava fazendo; estava olhando seu irmão. Os passos de Edwin eram largos, lentos, e deliberados. Estava profundamente imerso em seus pensamentos. Alvin estava de pé nas sombras do bosque, observando ambos os irmãos.

Era uma noite estrelada e estavam nas selvagens regiões fronteiriças entre a Inglaterra e Gales. Duas dúzias de homens ocupavam o acampamento. Muitos estavam dormindo, seus roncos cortavam o silêncio da noite. Alguém tocava uma flauta, com uma melodia nostálgica e melancólica. Alguma risada ocasionalmente interrompia o zumbido da conversação sussurrada.

Morcar ficou de pé, envolvendo—se em sua capa. Fazia frio de noite. Chutou um ramo. Edwin girou para ele.

— Vou, Morcar, ele disse em voz baixa.

— Não pode! É muito perigoso. Por Deus, homem, olhe o que me aconteceu! Minha cabeça quase estava servida em uma bandeja de prata para William, o Bastardo!

— Vou. Só havia autoridade e determinação na voz de Edwin, e outra coisa, algo que Morcar nunca tinha ouvido nele, um tom que odiava e temia. Resignação.

— Dos dois você é o pensador lógico. De todos nós, você é o que sabe que isto é uma loucura! Morcar protestou, seus olhos azuis brilharam. Queria dizer cada palavra com paixão.

— Não posso ficar, Edwin disse cansado. — É de meu coração que estou separado.

Um silêncio se seguiu. Edwin deu a volta, contemplando as estrelas. Morcar observou seu irmão por um longo momento antes de falar novamente.

— Espera alguns dias mais, Ed. Ainda está mancando. Se formos, deveria estar em condições físicas.

Edwin quase sorriu.

— Vamos? Não, querido irmão, eu vou apenas com Alvin.

— Não, Morcar disse, havia uma advertência em sua voz. — não devemos nos separar, nada me deterá para que te siga, juro. Os normandos são mortalmente perigosos Ed, mas nós dois juntos podemos prevalecer e vencer.



— Não tenho intenção de me enfrentar com Rolfe, o Implacável, Edwin disse. Uma sombra escura cruzou seu rosto. — Não ainda.

— Não pode vencê—lo, Morcar disse abruptamente. — Eu sou melhor que você com a espada, admita, e ele me venceu.

— Vencê—lo—ei, Edwin disse lentamente, seu olhar era escuro. — Quando for o momento. De qualquer maneira... — ele suspirou — Desta vez vou espiar.

— Vamos espiar.

Edwin cedeu com um encolhimento de ombros.

— Deve ser feito. Devo saber por mim mesmo o que acontece, e se os rumores são verdadeiros. Por Deus! Acredita que ele mudou a aldeia? A voz de Edwin se elevou. — Ele mudou minha aldeia?

— É o costume normando, vimos isso uma e outra vez, Alvin interveio das sombras das árvores.

— Mas quando se trata de sua própria casa, seu patrimônio... Edwin disse.

— O que mais diz nossa rede de espiões, Alvin? Morcar perguntou avidamente enquanto o jovem entrava no círculo de luz do fogo. Suas calças e sua capa estavam manchadas com barro seco, sinal de sua cavalgada e sua chegada recente ao acampamento.

— O matrimônio foi consumado, Alvin disse vacilando. — E ele construiu novas fortificações ao estilo normando.

Morcar amaldiçoou, Edwin se horrorizou.

— Maldição com Alice! Morcar disse frenético. — Ela não pensa em outra coisa além de nos trair!

— Como está Ceidre? Edwin interveio na conversação.

— Meu lorde, há um rumor terrível... Alvin respondeu.

— Diga, Edwin exigiu.

— Ela está ferida? Morcar ofegou.

— Há um rumor de que ela foi castigada por sua fuga Morcar. Açoitaram—na.

Morcar gritou por frustração e afronta, Edwin apertou seus punhos.

— É só um rumor, e sabe como uma história pode ser deformada pelas palavras de dezenas de línguas diferentes. Talvez não seja verdade.

— Por que não a trouxe comigo? Morcar gritou com angústia. — Não o pensei, nunca penso!



— Não se culpe, não sabemos se é verdade, Edwin disse, com uma mão apoiada nas costas de seu irmão. Mas seus lábios estavam apertados em uma linha severa. Precisamos saber onde está Ceidre.

— Há outro rumor, Alvin seguiu. — Mas não é melhor. O olhar de Edwin o fez continuar. — Dizem que o normando se mostra abertamente interessado em Ceidre, seus olhares são tão quentes que só de observar se é queimado. Alvin encolheu os ombros.

— Então talvez não a açoitou.

— Se ele a toca! Morcar gritou enfurecido. Edwin se conteve, absorvendo essa informação antes de continuar.

— Há notícias de Hereward?

— Hereward, o rebelde, está planejando uma rebelião contra Roger Montgomery. Perto de Shrewsbury ou não, não sei.

— Bem, Edwin disse. — Iremos a Aelfgar, e depois, nos encontraremos com Hereward, o rebelde.

— O que está pensando? Morcar exigiu.

Pela primeira vez Edwin sorriu. A severidade de seu rosto foi aliviada, revelando feições atrativas e dente brancos.

— Estou pensando, irmão, que em setembro vamos entrar em guerra. Você, eu, e Hereward, o rebelde.



Capítulo 30

— **E**la morrerá? Alice perguntou.

A criada, Mary, estava perto dela no quarto enquanto olhavam ao empapado e tremendo corpo de Ceidre na cama.

— Não sei, Mary sussurrou.

Alice apertou seu cinto como se fosse um rosário. Tinha negado a Ceidre a presença de sua avó, apesar de tudo, ela era uma bruxa, e Alice não ia tolerar ter outra bruxa em sua casa. Desfrutando de seu imenso e recém descoberto poder, também tinha negado qualquer outro cuidado adicional. Uma semana tinha passado. Ninguém tinha tido permissão para entrar no quarto, exceto Alice, nem sequer Mary, que poderia espalhar rumores sobre o que acontecia. Ceidre tinha estado tremendo de febre diante de Alice, debilitando—se dia a dia. Tinha perdido sua beleza sedutora. Agora era virtualmente um esqueleto.

— Pensa que morrerá? Alice perguntou novamente, impaciente.

Mary se moveu nervosa.

— Acredito que sim, ela gaguejou. Nunca tinha sido questionada por sua ama para dar sua opinião sobre algo antes e tinha medo de dá—la.

Alice tinha esperado que Ceidre morresse. A princípio, uma semana atrás, quando tinha isolado Ceidre com um mínimo de água e nada mais, havia sentido uma sensação de triunfo. A bruxa aprenderia qual era seu lugar e sofreria. Quando Alice se deu conta, um dia mais tarde, que sua irmã estava doente, só tinha esperado que se morresse. Mas agora não tinha uma sensação de triunfo, só ansiedade.

Se Ceidre morresse, ela seria culpada?

Alice pensou no normando e tentou imaginar o que ele faria. Sua ansiedade a fez querer vomitar. Sem dúvida ele a prenderia em um lugar e lançaria a chave para não vê—la nunca mais. Depois de açoitá—la, é claro. Alice se imaginou claramente debaixo do látigo, até podia sentir a dor excruciante enquanto sua pele delicada se rasgava. Estremeceu. As

lágrimas subiram a seus olhos. Não era justo. Ceidre morreria se não fosse atendida, e era o que ela merecia. Mas Alice pagaria um preço que não podia pagar e temia enfrentar. Então teria que tentar salvar a sua miserável irmã. Mas, e se ela morresse de qualquer maneira?

— Manda buscar essa velha bruxa, Mary, agora mesmo. Não. Alice a agarrou pelo braço. — Traz você mesma, diga a ela que Ceidre está morrendo, faça com que traga todas suas poções. Rápido. Vai! Alice a empurrou para a porta.

Alice avançou e parou ao lado de sua febril e tremente irmã. Desejou que o normando pudesse vê-la agora. Não sentiria nenhuma luxúria, só repulsão. Era uma fantasia maravilhosa, mas uma crua realidade perturbou sua fantasia. Lorde Rolfe castigaria a ela, Alice, se visse Ceidre nesse momento, então Alice se deu conta que seria melhor rezar para que Ceidre se recuperasse rapidamente antes que ele retornasse. Havia outros modos de livrar—se de sua irmã bastarda. Seu marido não havia dito que consideraria a idéia de casá-la? Talvez ele a casasse com um escocês para assegurar fronteiras do norte, e esse seria o fim de Ceidre. Que idéia perfeita!

Alice decidiu ir à capela. Toda a aldeia saberia que ela estava rezando pela saúde de sua irmã. E ela rezaria todo o dia.

Ceidre viu a morte.

A morte não era um homem velho e grotesco. Nem era a personificação do diabo. Pelo contrário, a morte era doce, bela e sedutora, uma mulher encantadora que lhe oferecia paz. A mulher flutuava sobre ela, ao redor dela, sua carne fantasmagórica doce e perfumada, seus cabelos, compridos e cor de mel. Era uma mulher muito bonita. Sorriu, e com seu dedo lhe fez um gesto.

Sim, pensou Ceidre, irei. Devo ir, não posso ficar outro minuto neste inferno.

Sentia dor. Todo seu corpo estava em agonia, como se estivesse esmagada debaixo de milhares de pedras. Estava ardendo. Pulsando. Necessitava de água, mas não havia. Uma idéia lhe ocorreu — talvez já tivesse morrido — talvez já estivesse no inferno. Então ela ouviu a voz de sua irmã, perguntando se ela morreria, e Ceidre soube que ela ainda estava viva.

Pensou no normando, e sua raiva cresceu. A morte continuava lhe fazendo gestos, sorrindo serenamente.

— Não, Ceidre tentou gritar. — Não posso ir ainda. Vai—te!

Mas a morte se aproximou ainda sorridente, Ceidre se perguntou se ela seria uma bruxa. Depois ela ofegou em choque. Deu—se conta que a mulher lhe fazendo gestos, flutuando muito perto, a Morte, tinha seu próprio rosto.

Ceidre estendeu sua mão para tocar a mulher enquanto ela sobrevoava muito perto. Seu outro eu, ou a Morte, ou quem quer que fosse, agarrou sua mão aberta, seus

dedos estendidos. Com horror, Ceidre percebeu que a morte queria tocá—la, tomar sua mão e tirá—la da Terra. Confundida, perguntou—se se ela estaria olhando sua própria alma partindo desta vida.

— Venha, a morte sussurrou, sua voz era doce e suave. — Vem comigo agora.

Ceidre estava ofegando de medo. Se sua alma partisse, então estaria morta de verdade. Uma imagem do normando apareceu diante dela, seus olhos quentes e brilhantes, seu rosto duro e inflexível.

— Não, ela gritou, soltando sua mão, já não estava tentada a tocar essa aparição fantasmagórica. —Vai—te, não irei. Não ainda. É muito cedo.

A morte se aproximou.

Ceidre se encolheu na cama. Mas não havia para aonde ir, e a imagem da mulher se aproximou. Ceidre soube que estava perdida, e chorou. Quando a morte pôs seu rosto sobre o seu, Ceidre fechou os olhos. Nada aconteceu. Quando os abriu, essa imagem, o reflexo de si mesma havia ido.

E sua avó lhe sorria detrás das lágrimas.

— Não chore agora querida, estará bem. Voltou Ceidre, voltou.

Ceidre se apoiou contra os travesseiros, exausta. Fechou seus olhos, mas agarrando a mão de sua avó, recusando—se a abandoná—la. Tinha sido um sonho? Ou tinha visto sua própria alma?

Cumprindo sua palavra, Rolfe retornou a Aelfgar quinze dias depois de sua partida.

As últimas duas semanas, desde que tinha enfrentado a ira de William, apenas o tinham serenado. Não podia esquecer que por culpa de Ceidre tinha perdido York, por culpa de Ceidre tinha mentido a seu rei e o tinha traído. Isso duplicou sua ira reprimida. Não aconteceria novamente. Embora tivesse que ser mantida sob custódia permanente, tirando recursos humanos, que tanto necessitava para a construção, seria feito.

Estava determinado a recuperar suas perdas. Ia trazer Morcar para William, vivo ou morto. E fazendo isso, ele apagaria sua própria traição a seu lorde. Retificaria esse grande engano que tinha cometido.

A imagem de seu feudo levantou seu espírito e lhe causou alegria. O trabalho continuava nas novas fortificações. A torre estava acabada, a aldeia reconstruída, os muros já que começaram. Em mais duas semanas suas fortificações estariam completas e a transição para as construções de pedra poderiam ser começadas. Não queria perder um minuto.

E se essa bruxa sabia onde estavam seus irmãos, ele descobriria.

Não podia evitar; pensava nela freqüentemente, muito freqüentemente. Não levava muito tempo para fazer que seu membro se erguesse endurecido. Dizia a si mesmo que era porque não tinha se deitado com uma mulher por um longo tempo, desde que tinha estado com a camponesa em Kesop. Isso ia mudar também. Sua falta de desejo por outras mulheres era ridícula e inoportuna; se tivesse que forçar isso a si mesmo, faria.

Lady Alice estava esperando para saudá-lo no pátio, piorando seu humor rapidamente. Rolfe desmontou, dirigindo-se para Guy.

— Houve algum problema?

— Não, meu lorde, como pode ver tudo andou bem.

— Bem feito, Rolfe disse, colocando sua mão sobre ombro de Guy. O homem mais jovem não pôde conter um sorriso. Rolfe virou para Alice.

— Minha lady, está bem?

Ela fez uma reverência.

— Sim, meu lorde. Já ordenei um banho e vinho. Está cansado? Seu olhar procurou seu rosto.

— Não, mas necessito desesperadamente um banho. Ele se perguntou onde estava a bruxa.

Rolfe seguiu Alice para dentro, olhando a seu redor. Nenhum sinal de Ceidre. Bem, seria melhor que ela ficasse fora de sua vista. Em seu quarto Rolfe se despiu com a ajuda de sua esposa. Um golpe na porta não chamou sua atenção. Alice tinha ordenado a uma criada que trouxesse queijo, pão e vinho.

Rolfe olhou à criada. Tinha—a visto por aí antes, é obvio, e vagamente recordava que tinha deitado com ela em Kesop, mas realmente nunca tinha prestado atenção. Ela era morena, gordinha, com grandes peitos, e bastante atrativa. Rolfe observou seus quadris voluptuosos. Lançou-lhe um olhar apreciativo. Rolfe a ignorou. Então ela estava disposta.

— Este pão está velho, Alice disse. —Irei procurar mais. Ela olhou Beth, que estava juntando a roupa suja de Rolfe. — Lave essas coisas imediatamente.

Beth murmurou uma afirmação e Alice saiu do quarto. Rolfe estava consciente de sua partida precipitada, perguntando-se por que ela novamente sentia medo dele. Podia perceber seu desconforto, e a desculpa para partir era muito pobre. A criada lentamente juntava suas coisas. Rolfe observou suas nádegas quando se inclinou a recolher sua calça, grandes nádegas, carnudas e arredondadas.

— Vem aqui, ele disse.

Ela se endireitou e girou. Estava sorrindo.



Rolfe estava recostado na tina, esperando. Não teve que pedir duas vezes, aproximou—se meneando seus quadris, ainda levando sua roupa. Rolfe olhou a roupa em seus braços e olhou o piso. Ela entendeu e soltou os objetos. Deu—lhe uma esponja. Ela se ajoelhou ao lado dele, lançou um olhar breve, e começou a ensaboar seus ombros.

O olhar de Rolfe era inexpressivo, mas contemplou seus peitos generosos.

— Está dando de mamar?

— Sim, ela ofegou.

Casualmente ele estendeu a mão para tomar um peito, sua carne dura e pesada com leite para seu bebê. Ela ficou quieta. Rolfe se inclinou para frente e tomou seu mamilo por sobre a túnica. Começou a chupar.

Beth ofegou. Apertou seus ombros molhados, impulsionando seu peito contra sua cara. Rolfe a empurrou ligeiramente, decepcionando—a. Estava levemente excitado, seu membro meio ereto, incapaz de realizar uma penetração ainda. A mulher cheirava a ácido, isso era tão pouco atrativo. Recusou—se a compará—la com outra mulher que cheirava a violetas.

— Esta noite toma um banho como eu estou fazendo. Encontre—me no estábulo depois do jantar. Beth sorriu, seu rosto estava avermelhado, seu vestido, molhado, e seus mamilos erguidos.

— Sim, meu lorde, com gosto, ela murmurou. — devo terminar seu banho? Ele a despachou.



Capítulo 31

Algo dentro dele se acelerou quando desceu para jantar, mas se negou a prestar atenção. Certamente não sentia ansiedade nem expectativa. Mas sabia perfeitamente bem que ela estaria na mesa, e fez uma pausa na entrada ao salão, seu olhar percorreu cada um de seus ocupantes.

Ceidre já estava acomodada no extremo da mesa, onde normalmente jantava. Estava de costas para ele. Sua carne respondeu à presença dela, e Rolfe se zangou com sua resposta. De todas as respostas tinha que ser uma ereção, a ereção completa que não tinha tido mais cedo com a criada. Caminhou para seu lugar, com Alice seguindo—o, resolveu ignorá—la, e tomar assento.

Todos começaram a comer ao mesmo tempo. Rolfe estava faminto, mas agora mal podia engolir a comida. Descobriu que não podia controlar a si mesmo; olhou ao extremo da mesa. Mesmo a essa distância notou sua palidez. De fato, lhe pareceu que ela estava mais miúda, indefesa e vulnerável que nuca. Ceidre não o olhou. Nem uma vez.

É obvio, Rolfe pensou, sentindo—se desprezado, como um cão mordido. Antes o odiava, pois ele somente era o inimigo normando, agora ela o odiava ainda mais pelo castigo que tinha infligido. Rolfe atacou sua comida. Quando esteve satisfeito, Alice colocou uma mão sobre seu braço.

Rolfe lançou—lhe um olhar brusco e Alice rapidamente retirou sua mão para deslizá—la debaixo da mesa.

— Sinto muito, ela disse.

— Não é você, ele conseguiu dizer secamente. Jurou a si mesmo que essa noite, de uma vez por todas, tiraria Ceidre de seu corpo, de sua mente e fora de sua vida.

— Meu lorde?

Rolfe grunhiu, esvaziando uma taça de vinho.

— Pensou no assunto que discutimos?

Lançou um osso aos cães.

— Que assunto?

— Casar minha irmã, Alice disse com uma voz hesitante.

A idéia piorou seu humor.

— Não. Ele fechou o assunto com um tom brusco. Na verdade, não tinha pensado nisso, nem uma vez. Mas agora, a idéia o provocava. Era desagradável, repugnante. Era uma solução.

Não faria isso e ponto. A decisão estava tomada, sentiu—se melhor, mais aliviado. Exorcizaria sua luxúria do modo habitual, deitando—se com a criada, ou com qualquer moça que lhe resultasse atrativa. Mas não a casaria com outro. Além disso, Ceidre era perigosa, precisava ser mantida sob controle. Essa última idéia lhe causou satisfação.

Rolfe se levantou abruptamente.

— Envie—me Ceidre, disse a Alice.

Seus olhos se aumentaram.

— Tem algo que discutir com ela?

Rolfe pensou em seus irmãos e sorriu.

— Sim. Ele caminhou para a lareira e contemplou fixamente as chamas.

Sentiu que ela se aproximava. Sua presença era palpável. Doce. Excitante. Rolfe estava suando. Pelo calor do fogo, disse a si mesmo, e riu. Seu membro já se erguia. Ele virou para enfrentá—la.

Rolfe ofegou.

Por um momento pensou que não era ela, mas alguma parenta mais velha. E então se deu conta que era Ceidre.

Ela se ruborizou ante seu olhar de horror. Suas mãos, magras e quase translúcidas, apertaram as dobras de seu vestido.

Rolfe se recuperou. Tocou seu queixo suavemente, com medo que essa sombra de mulher pudesse evaporar—se. Ela tinha perdido uns dez quilos. Seu rosto estava sombrio e magro, havia enormes olheiras debaixo de seus olhos violetas. Rolfe examinou suas profundidades e se sentiu comovido, pois era um quadro vivo da dor e sofrimento. E ainda seguia sendo muito bonita. Estava mais magra, mais pálida, até seu cabelo tinha perdido seu brilho, mas Ceidre ainda era bonita, e isso o pasmou.

— O que te aconteceu? Ele conseguiu dizer. Sua voz soou crua.

— Estive doente.

Uma culpa horrorosa, invadiu—o. Não tinha que perguntar, mas o fez.

— Pelos açoites?



Ela o olhou, desafiante, orgulhosa e segura de si mesma.

— Sim.

— Como está agora?

— Bem. Sei que não pareço, mas estou. Seu queixo se elevou. Desafiando—o a que dissesse o contrário. Mas Rolfe podia ver que ela estava tremendo.

— Tem febre?

Ela negou com a cabeça.

— Está tremendo, ele disse, tocando seu ombro.

Ceidre se afastou de seu contato, e ele ouviu o som de sua respiração suspensa.

— Estou bem.

Tinha medo, ou, pelo menos, estava tão cautelosa e apreensiva como um cachorrinho que tinha sido chutado. Por que deveria ser diferente? Rolfe estava horrorizado. Cheio de ódio de si mesmo.

— Quero que descanse. Quero que coma. Quero que coma seis vezes por dia. Quero que recupere o peso.

— Essa é uma ordem? Apesar do sarcasmo, sua voz gaguejou.

— Sim, em duas semanas espero que pareça como era antes que eu partisse. Está claro?

— Possivelmente é melhor que fique como estou agora, Ceidre disse francamente.
— Você não me perseguirá, e eu não terei que correr.

Rolfe sorriu ligeiramente.

— Quer que ponhamos a prova essa teoria?

Ceidre cruzou os braços sobre o peito e retrocedeu.

— Sente luxúria por uma mulher doente?

Seu sorriso era mais amplo agora.

— Você disse que não estava doente.

— Pode ver com seus próprios olhos que menti.

— Então adicionamos o título de mentirosa ao de traidora?

— Por que não? Os maridos também são adúlteros.

— Está insinuando algo?

— Eu? Eu só digo a verdade.



— Quando te convém, diz a verdade; e quando não, mente. Não é constante, Ceidre, Rolfe ronronou.

— E quando convém a você, deita—se com sua esposa, e quando não, persegue—me! Ceidre replicou, suas bochechas se coloriram. Os olhos dele se aumentaram ante sua audácia e sua coragem.

Rolfe fechou sua mão sobre seu braço, pois sua coragem o emocionava.

— Está exausta. Poderia adoecer novamente.

— Te importa? Ela replicou.

Sua mandíbula se apertou. Por um longo momento Rolfe não respondeu. Então, disse abruptamente:

— A saúde e o bem—estar de todos os servos de Aelfgar são minha responsabilidade. Onde está dormindo?

— Lady Alice deixou—me mudar com minha avó.

— Quero você debaixo deste teto.

— Para me perseguir melhor?

Seu olhar se cravou nela, e Ceidre se encolheu.

— É melhor te vigiar, Ceidre. É uma traidora, e é minha responsabilidade. Não confio em você, nem um pouco. E Rolfe pensou na perda de York e em sua traição ao rei.

O salão estava vazio, exceto por Guy, como ele tinha ordenado. Pela porta dianteira aberta Rolfe podia ver as idas e as vindas de seus homens e de seus servos. Era um dia glorioso, quente e luminoso, em primeiro de julho. Não havia uma nuvem no céu e uma camada fina de suor cobria sua pele.

Rolfe informou a Guy sobre sua reunião com William e o castigo que tinha recebido pela fuga de Morcar.

— É injusto, ele gritou. — Não tem por que ser tratado como qualquer outro comandante. É seu padrinho de núpcias e ele sabe isso!

— William nunca foi que se apegar muito a seus favoritos, Rolfe disse, desviando sua vista da porta. Estava esperando Ceidre, a quem tinha mandado a chamar. A noite anterior, devido a sua angústia, tinha perdido toda intenção de interrogá—la sobre o paradeiro de seus irmãos. Mas isso devia ser retificado.

— Quero—a absolutamente vigiada agora que ela está de pé, ele disse.

Guy não necessitava que lhe dissessem quem era "ela". Ele vacilou.

— Diga o que pensa, Rolfe disse.



— Meu lorde, eu não confio nela. Talvez devesse ser mantida confinada.

A idéia era francamente desagradável.

— Ela não me trairá novamente, ele disse com uma confiança que não sentia.

— Além, eu preciso dela. Ele sorriu ante a confusão de Guy. — Se alguém será o contato com os bastardos traidores de seus irmãos, essa será Ceidre.

Os olhos de Guy se iluminaram com compreensão.

Ceidre apareceu na entrada, o sol estava atrás dela, criando um halo que obscurecia sua figura. Rolfe fez gestos para que entrasse, e ela avançou cautelosamente. Seu peito se apertou novamente ante a mera visão dela, e sua resposta física lhe recordou outra coisa — como tinha falhado em exorcizar sua luxúria a noite anterior. Em sua agitação se esqueceu completamente de seu encontro com a criada. Agora ela considerará que sou um marido fiel, ele pensou não muito divertido.

Guy se moveu para partir.

— Fique Rolfe ordenou, e sorriu para Ceidre. Seus olhos se aumentaram. Ele assinalou a cadeira de Alice.

— Sente—se.

Ela avançou, apreensiva agora, e se sentou, ele imponente estava de pé.

— Onde estão seus irmãos, Ceidre?

Ela piscou.

— Não sei.

— Não minta. Sou seu lorde, e estou exigindo essa informação. Onde estão eles?

— Não sei, ela disse com os lábios apertados.

Ele estendeu a mão e tocou sua bochecha.

— Devido a sua deslealdade perdi York. E você ajudará a recuperá—la. Nada me deterá para achar Morcar e entregá—lo ao rei. Entende?

Ela estava zangada, seus olhos eram quase negros.

— Se pensa que eu te ajudarei, está equivocado!

— Estou considerando um matrimônio para você, Rolfe disse frio.

Ceidre ofegou.

Era uma mentira, mas sabia que ela apreciava sua independência, e ia mentir para conseguir o que estava procurando.



— Se me agradar, eu poderia reconsiderar a idéia. Se não me agradar, escolherei um marido para você hoje mesmo. E ele não será contrário a te golpear para obter a verdade, como eu sou. Provavelmente será um homem comum, ávido por agradar seu novo lorde, e não deixará que sua esposa o desafie. Entende?

— Não o faria.

— OH, sim faria, ele disse com calma.

Ceidre olhou suas mãos apoiadas no colo.

— Sinceramente não sei onde eles estão, salvo que estão escondidos no bosque, ela disse finalmente, olhando para cima. Lágrimas brilhavam em seus cílios.

Rolfe soube que ela dizia a verdade; podia ver isso em seus olhos. Sentiu remorso para sua extorsão.

— Muito bem, ele disse. Ela não havia dito nada que ele não soubesse.

— Por favor, meu lorde, Ceidre disse.

Rolfe esperou.

— Não me faça casar.

— Pensarei, ele disse secamente. Dirigindo—se a Guy, ele girou e saiu do salão.



Capítulo 32

Ceidre observou o mensageiro real.

Uma semana tinha se passado desde entrevista abrupta com Rolfe. Todas as manhãs, Ceidre despertava com o medo que Rolfe a chamaria novamente, e essa vez para fazer conhecer a identidade de seu marido. Se ele resolvesse casá-la, não haveria nada que ela pudesse fazer para impedi-lo. Ceidre tinha medo.

Mas o chamado não vinha. Pelo contrário, sua vida se desenvolvia preguiçosamente sem grandes acontecimentos. A maior parte dos habitantes da fortaleza foi mudada à nova fortaleza, incluindo Ceidre. A velha fortaleza, agora contida dentro do muro, servia como outro lugar onde os homens e os abundantes criados de Rolfe podiam dormir. A torre do normando estava quente e opressiva, e Ceidre a odiava. O piso inferior era usado para armazenamento, o primeiro andar como salão geral. No andar superior estavam os quartos do Lorde e da lady, assim como um solar e ante camara. Ceidre dormia no grande salão, debaixo de Rolfe e Alice, e com Guy presente muito perto.

Não tinha recebido tarefas para fazer desde o retorno de Rolfe. Passava a maior parte do tempo com sua avó, na aldeia, longe dele e de seu novo e monstruoso edifício. Tinha recuperado todo o peso perdido, talvez um quilo a mais. Sentia-se forte novamente, e seu encontro com a morte quase estava reduzido em sua memória a um mau sonho.

Ceidre acabava de entrar no grande salão para procurar uma camisa limpa entre seus pertences acomodados cuidadosamente em um canto distante. O salão estava escuro e cavernoso, mais escuro e quieto nos cantos, e Ceidre ficou congelada quando Rolfe e outro homem, vestido para viajar, entraram. Piscando na escuridão, levou só um segundo para se dar conta que era um mensageiro real.

Ceidre o observou atentamente.

Rolfe gritou para que lhe trouxessem vinho e refrescos e os dois homens se sentaram informalmente em uma mesa, Rolfe se inclinou para trás em sua cadeira, sem saber de sua presença, enquanto Mary entrava trazendo pão, queijo, bolos, cerveja, e vinho. O mensageiro começou a comer vorazmente, esvaziando o primeiro copo de vinho, e logo outro.

Ceidre se inclinou mais perto.

— Não há nenhuma pressa, Rolfe disse. — Não há necessidade de comer como um lobo faminto.

— Cavalguei muito tempo sem parar, meu lorde, o mensageiro respondeu, com a boca cheia. — As ordens do rei. Com uma mão engordurada o mensageiro extraiu um cilindro de pergaminho e o deu a Rolfe.

Rolfe pegou, mas não abriu. Brincou com a fita sem desatá-la.

— Que notícias têm de York?

— Dois navios dinamarqueses foram vistos na costa, o mensageiro murmurou. — Outra invasão é temida. Embora os navios passaram ao largo. Foi muito estranho.

Rolfe não disse nada.

— O rei está satisfeito com a reconstrução do castelo e nomeou Jean, o filho bastardo de Odo, como administrador do castelo. Os escoceses invadiram Lareby e queimaram totalmente a aldeia. Odo partiu com tropas e os repeliu, perseguindo—os até o interior de Cumbria é tudo, o mensageiro terminou, agarrando um bolo.

O coração de Ceidre estava pulsando pesadamente. A mensagem, a mensagem, ela rezava. Por Deus, que falassem disso. Tinha medo de se mover. Fazia muito tempo que estava espiando; agora era muito tarde para se fazer ver. Se fosse apanhada agora, estaria em perigo.

— Onde estão os dinamarqueses agora? Rolfe perguntou.

— Indo para o sul.

Prazerosamente Rolfe se serviu de uma taça de vinho e o sorveu lentamente.

— OH, William declarou que planeja esmagar aos rebeldes neste inverno. Não passará o Natal em York, planeja ir a Westminster.

Rolfe sorriu ligeiramente, uma mera curva de sua boca.

Nesse preciso momento, algo peludo e vivo roçou o pé descalço de Ceidre. Não tinha medo dos ratos, só que era cautelosa, por suas mordidas. Mas ela estava escutando tão atentamente que foi tomada por surpresa ofegou.

Rolfe estava de pé, perfurando—a com o olhar. Ruborizando—se, Ceidre ficou de pé, apertando sua camisa limpa. Não podia olhá-lo. Agora ele verdadeiramente sorria.

— Vem aqui, Ceidre, ele disse bastante amigável.

— Vim buscar uma camisa, ela murmurou apressada. — Não... não queria te incomodar.

Ainda estava sorridente.

— Vem, Ceidre. Seu gesto era um convite.

Ceidre avançou saindo do canto escuro, até que esteve perto dele. Seu coração pulsava selvagem, ele estava absolutamente calmo.

— Sente—se, ele disse.

Os olhos dela se arregalaram. Ele retirou a cadeira de Alice, e com uma mão em seu ombro, ela se encontrou sentando—se a seu lado. O mensageiro terminou seu bolo, esfregou as mãos e a saudou.

— Minha lady, ele disse.

— Ela não é minha lady, Rolfe replicou. — Ela é a irmã de lady Alice. Então ele prosseguiu falando com o mensageiro sobre sua viagem, sobre as aldeias pelas quais tinha passado, sobre a atitude dos aldeãos, o estado da colheita e as condições do caminho. Ceidre olhou fixamente o pergaminho tão perto da mão de Rolfe. Eles falaram por um tempo. Falaram de tudo exceto da mensagem real.

Ceidre estava sentada muito quieta, para não atrair a atenção sobre si mesma, perguntando—se o que estava fazendo Rolfe. Ceidre tentava não olhar o pergaminho. Seu olhar se mantinha errante, mas voltava uma e outra vez ao pergaminho, a mão de Rolfe apoiada na mesa; há centímetros da mensagem.

— Não invejo Hugh Bramber, Rolfe disse finalmente. — Ele é um bom homem, e manterá o feudo bem seguro.

— Sim, meu lorde, o mensageiro disse amavelmente.

Rolfe agarrou o pergaminho. Finalmente lançou um olhar a Ceidre, que se ruborizou. Então olhou o mensageiro e lhe disse,

— Pode ir.

O homem fez uma reverência e saiu. O efeito de elegância ficou arruinado quando ele lançou um gás ruidosamente. Rolfe brincou com o pergaminho, e Ceidre afastou seu olhar do cilindro com dificuldade crescente. Ela estava suando. Levantou os olhos para os dele. Havia uma sugestão de diversão em seu frio olhar azul?

— Sabe ler, Ceidre?

Não podia acreditar em sua boa sorte e quase se sufocou ao responder.

— Sim... Sim.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente.

— É uma capacidade muito incomum para um homem, muito menos freqüente em uma mulher.

— Sim.

— Mas você não é uma mulher comum, verdade?

Ela o olhou fixamente. Ele estava se referindo ao olho defeituoso? Disso falava?

Rolfe sorriu e começou a desenrolar o pergaminho. Seu coração se afundou quando ele o segurou como se fosse lê-lo. Então o baixou.

— Eu não leio. Leia para mim.

Seu coração se deteve, logo começou a correr novamente. Suas mãos tremeram quando pegou o pergaminho. Não se atreveu a olhá-lo.

— Primeiro, Ceidre disse com voz rouca, e tossiu para esclarecer sua garganta, — há saudações de parte William. Diz que... e seu coração se afundou... — que um espião foi apanhado, um espião de meus irmãos.

— Contínua.

— Outra rebelião está sendo planejada, mas o espião não sabia nem quando nem onde. Talvez seja logo. Esta mensagem é um alerta. Ela enrolou o pergaminho, nervosa. Sua mente estava funcionando rapidamente. Quem tinha sido apanhado? Edwin estava planejando outra insurreição — e seria logo? Não era o momento oportuno! Agora os normandos estavam alertas e esperando. Tinha que advertir seus irmãos!

Ceidre se deu conta que ele a estava observando atentamente. Ela se ruborizou novamente, entregando a mensagem. Rolfe tomou e a aproximou da chama de uma vela, queimando-a. Segurou o pergaminho no alto, estudando-o à medida que se queimava. Seu rosto era impassível. Mas sua mente, não.

Tinha plantado a semente; a armadilha estava colocada.

Feldric, o pai de Teddy era seu tio, irmão de sua mãe. Era doze anos mais velho que Ceidre, e era viúvo. Teddy era seu filho menor com quatorze anos. Tinham passado alguns minutos, e Ceidre já não fingia indiferença, como tinha feito quando passeava pela aldeia com um dos homens de Rolfe seguindo-a. Feldric estava empilhando pranchas de madeira.

— Não posso, ele disse.

— OH, deve fazê-lo, lhe imploro! Pensa em Annie! Ceidre quase chorou referindo-se a sua mãe.

— Não é justo, Feldric disse, fazendo uma pausa e passando a mão por seu cabelo cinza.

— O que aconteceu a meus irmãos não é justo, ela replicou. — Feldric, devemos adverti-los que os normandos já sabem de seus planos! Temos que fazer! Sei que você pode encontrá-los. Ela disse com urgência. — Eu iria se pudesse, mas esse bruto me pôs



guardas que me perseguem todo o tempo. Hoje de noite pode escapar Feldric. Uma vez que esteja no bosque os encontrará imediatamente. Por favor.

Ele suspirou.

— Bem, ele disse. — Farei o que puder. Mas se não puder encontrá—los em uma semana, voltarei, e isso é tudo.

— Obrigado, Ceidre disse. Agradeço.

Essa noite Feldric partiu, a pé. Seguido por Beltain.



Capítulo 33

Ceidre despertou na manhã seguinte com um estranho sentimento de antecipação misturado com preocupação, pelo que tinha descoberto no dia anterior e pela emoção de ter enviado seu próprio mensageiro para achar seus irmãos. Finalmente estava fazendo algo para ajudar Edwin e Morcar, e o sabor dessa atividade ilícita era doce. Também estava exaltada por uma vitória pessoal: tinha enganado o normando. Realmente tinha tido êxito em enganá-lo!

Seus olhos a acariciaram prazerosamente durante a refeição do meio—dia. Ceidre sentia como se sua culpa aparecesse, como se ele pudesse ver isso — e ela não pôde encontrar seu olhar. Então Ceidre desafiou a si mesma, pois não havia culpa que sentir — seu dever era socorrer seus irmãos, seu dever era lutar contra os normandos. Mas era culpa que sentia, ou algo parecido.

Beth quase soltou uma bandeja em seu colo, no processo de sussurrar no ouvido de Ceidre que a encontrasse nas cozinhas logo que pudesse. Ceidre ficou surpreendida, mas ocultou. Conhecia Beth, é obvio, mas ela não era exatamente uma amiga. O fato que Beth fosse entregar uma mensagem despertou sua curiosidade e suas esperanças.

Buscou—a depois do almoço, quando o normando e seus homens partiram a caça. Ceidre sempre era seguida por um dos normandos cujo nome nem sequer conhecia. O guarda se entreteve olhando Beth e sorrindo—lhe.

— Do que se trata?

O rosto de Beth estava avermelhado com excitação.

— Vi Morcar, ela sussurrou, olhando apressada ao seu redor.

O coração de Ceidre se deteve, então se acelerou. Agora entendia o rubor de Beth, pois Beth, como todas as mulheres, estava meio apaixonada por ele.

— Onde?

— Na casa de sua avó.

Ceidre não podia acreditar nisso. Ficou boquiaberta. Então virou para ir, só para se dar conta que o guarda a aguardava.

— Maldição!

— Eu me ocuparei dele, Beth lhe assegurou. — OH, Ceidre, se eles pudessem expulsar esse normando!

Ceidre tinha pensado que Beth se sentia atraída pelo lorde. Ela caminhou inquieta na cozinha enquanto Beth seduzia ao homem, aparentemente chamado Roger. Roger não era idiota, mas tampouco podia resistir às táticas injustas usadas por Beth. De repente ela colocou a mão na virilha de sua calça. Ele ofegou. Quando Ceidre se apressou a passar, Beth abaixou a cabeça para o membro cheio, nu.

Devo—lhe um favor, Ceidre pensou, olhando a seu redor, tentando parecer casual. Queria correr, queria gritar de alegria e de raiva. Ele é um idiota, ela pensou furiosamente. Só Morcar se atreveria a entrar na aldeia, bem em frente aos narizes dos normandos! Ceidre ensaiou um sermão veemente e abriu a porta de sua avó. A anciã estava sentada na mesa não com um homem, mas com dois.

Ceidre fechou a porta e olhou fixamente.

Edwin ficou de pé com um sorriso leve.

Era tão bonito. Tão forte, lágrimas de alegria vieram a seus olhos. Ele abriu seus braços, e Ceidre se apressou para eles. Ele a segurou por um momento e logo a soltou. Desde que seu pai tinha morrido, Edwin tinha ocupado seu lugar, sim era possível, porque era a imagem exata do Lorde de Aelfgar.

— Não posso acreditar que tenha vindo à aldeia!

— Silêncio, ele disse, pondo um dedo em seus lábios. — Não saúda seu irmão selvagem?

Ceidre sorriu e virou para abraçar Morcar.

— Está bem? É verdade? Ouvi que...

Um gesto de Edwin interrompeu suas perguntas.

— Não temos tempo. Ele olhou Ceidre. — Na verdade, não planejava chegar tão longe, mas quando os normandos cavalgaram para o bosque com a metade de seus homens, não pude resistir à tentação.

— Ele está caçando. Não voltará até a tarde de hoje, talvez até a noite.

Edwin a olhou preocupado.

— Está segura, Ceidre?

— Sim. Ela de repente recordou tudo. — Ed, acabo de enviar Feldric para que te encontrasse! E rapidamente lhe relatou o conteúdo da mensagem do rei.

Edwin caminhou pensativo, Morcar se irritou.

— Deve ser John, ele disse. — Ele não foi visto por umas semanas.

Ceidre falou mais alto.

— Possivelmente eu deveria saber onde estão vocês, para poder...

— Não, Edwin disse secamente. Fez o correto. Um verdadeiro saxão pode nos encontrar, da mesma maneira que os normandos não podem fazê—lo. Não quero que você se arrisque Ceidre.

Ela sacudiu a cabeça, pensando sobre a ameaça do normando de lhe buscar um marido embora a desagradasse.

— Vão adiar algo que estavam planejando?

Edwin a olhou e sacudiu a cabeça.

— OH, Ed, Por favor! É muito perigoso!

— Nós não temos medo, Morcar replicou.

— É o tempo adequado Ceidre, Edwin disse. — Confia em mim. Ele sorriu. — Como confiou em nosso pai.

— Confio, ela disse com calma.

Morcar, como sempre, estava impaciente.

— Ceidre, foi machucada depois que escapei? É verdade que o normando anda te buscando?

Ceidre se avermelhou ante essa última pergunta.

— Eu estou bem.

— Essa é uma resposta? Edwin perguntou.

Não podia mentir. Não aos seus irmãos.

— Ele mandou me açoitar. Mas isso terminou agora.

— Maldito! Morcar furiosamente gritou. — O matarei!

— É muito valente Edwin disse com calma, observando—a.

As lágrimas subiram a seus olhos.

— Teria ficado orgulhoso de mim. Não implorei por clemência, não gritei.

— Estou orgulhoso, Edwin disse. — Me ajudará Ceidre? Até te pondo em grande risco?

— Sabe que o farei.

— Bem. Ele sorriu. — Contínua espiando, agora que estou planejando uma nova rebelião, necessito informação...

Ceidre esperava poder cumprir.

— Ele te tocou Ceidre?

Levou um segundo entender essa mudança abrupta de tema, e quando o fez, avermelhou—se.

— Já vejo que tem feito, Edwin disse. Morcar insultou, jurando castrá—lo. Edwin lhe disse que ficasse quieto. Levantou seu queixo, olhando em seus olhos. — Ainda é uma donzela Ceidre?

Ela se ruborizou violentamente.

— Sim.

— O rumor é que te deseja intensamente.

Era uma pergunta.

— É o que acredito.

Soltou seu queixo para caminhar inquieto, então voltou.

— Ele é muito atrativo.

Os olhos de Ceidre arregalaram. Houve um silêncio tenso.

— Ceidre, tem poder sobre ele, se souber dirigir cuidadosa e corretamente. O poder que uma mulher tem sobre um homem.

Morcar ofegou, Ceidre o olhou fixamente.

A voz de Edwin era baixa e neutra.

— Não lhe peço isso obrigatoriamente. Se não puder tolerar seu contato, ou não quer, entendo. Mas pensa bem, Ceidre. O que pode valer uma virgindade no curso desta guerra?

Ceidre estava perplexa, Estava devastada. Lágrimas subiram a seus olhos. Estava—lhe pedindo que se entregasse ao normando, que fizesse um sacrifício. Edwin, seu irmão, OH Deus.

— Se te convertesse em sua amante, Ceidre, poderia ter acesso a seus segredos mais íntimos.

— Não posso acreditar que esta pedindo isso, Morcar disse furioso.

Quando Edwin o olhou, foi com resignação e com algo mais, algo que torturava sua alma.

— Eu não ordeno... Sua voz se perdeu. Logo sua voz se fez forte. — Eu por Aelfgar sacrificaria meu corpo.

Edwin estava pedindo que se entregasse ao normando. Que deixasse que ele usasse seu corpo, que se convertesse em sua amante. Ceidre tentou não chorar. Por que se sentia



tão amargurada? Isso era a guerra. Sua vida, sua virgindade, não significavam nada. O que importava era Aelfgar, o patrimônio de seu irmão, a liberação de Mercia e a derrota dos normandos. OH, Deus, ela não tinha nenhuma opção.

— Farei Ed.

Ele não sorriu.

— Sabia que faria.

Sua boca tremeu, as lágrimas se acumularam em seus cílios inferiores.

— Mas, Ed, ela disse, e se ele realmente não me deseja?

— Então não perderá nada, ele disse.



Capítulo 34

Por onde começar uma sedução de seu inimigo?

Ceidre estava deitada em sua manta, sem poder dormir, debatendo esse tema, quando Rolfe e seus homens voltaram da partida de caça. De vez em quando seus olhos se enchiam de lágrimas e ardiam e seu coração se inchava com dor. Confiava em Edwin, sempre o tinha feito. Queria ajudá-lo. Estava sendo uma boba por reagir a sua sugestão desse modo.

Sentia—se traída.

E nada faria com que esse sentimento amargo desaparecesse.

Os homens de Rolfe eram um grupo ruidoso, mas Ceidre tentou ignorá-los quando entraram, exigindo comida e vinho. A própria voz de Rolfe podia ser ouvida, e soava muito satisfeita. Ceidre virou de lado para enfrentar o grupo, tentando achar o objetivo de suas novas ambições. Ele estava se esquentando perto da lareira. Ed tinha razão — ele era bonito. Seu cabelo dourado brilhava com a luz do fogo. Alice lhe deu uma taça de vinho, que ele rapidamente bebeu. Então lhe disse algo, e Rolfe sorriu, com um de seus incomuns sorrisos. Era como um raio de sol. E ele virou para olhá-la diretamente.

Não podia começar nesse momento, era muito cedo. Ceidre se voltou e deitou sobre seu outro lado, de costas para ele. O desespero a invadiu novamente. Desespero e dor.

Ela não era uma sedutora. Nem sequer sabia por onde começar. Não tinha falhado miseravelmente com a sedução do primeiro mensageiro real? Até antes da proposta de Edwin, ela sabia que o normando a desejava, mas agora estava cheia de dúvidas e de medo. E se fosse só um jogo? E se a luxúria e o desejo do normando fosse apenas uma invenção de sua imaginação? E se, no último instante, ele se sentisse repelido por seu olho disforme como acontecia com a maioria dos outros homens? E se ele a rechaçasse?

E teve o horrível pensamento de que se seus planos tivessem êxito, se ele a levasse a sua cama e a tomasse, ela choraria enquanto ele usava seu corpo, traindo desse modo seus irmãos.

Seu sono foi inquieto.

Ela era a sedutora. Ela usava uma fina camisola. Eles estavam em um prado, seu olhar ardia. Ceidre se sentia poderosa; ria e dançava para ele. Girando e girando, levantando a saia para exhibir suas pernas. E ele a observava....

Ela tirou a roupa. Totalmente nua, caminhou para ele. Rolfe a esperava com seu olhar quente. Ceidre não sentia medo, e não sentia amargura. Sentia alegria.

Ela chegou muito perto quando ele começou a rir.

Ele ria, e ria — Ceidre congelou confundida. Então entendeu que ele estava rindo dela. Ele não a desejava, e ela fazia o papel de idiota. Nenhum homem a desejava. Alice aparecia, também rindo.

— Bruxa, ela gritava. Bruxa! Ele é meu! Alice abraçava Rolfe; que ainda estava rindo. Ceidre queria desaparecer, morrer. Isso não podia estar ocorrendo....

— As bruxas são açoitadas, Rolfe disse.

— Cem açoites, Alice disse, zombando.

Ceidre tentou implorar clemência, mas descobriu, para seu horror, que não tinha voz. E então sentiu os açoites, a dor brutal do látigo, e gritou. Chorou. Ouvia os insultos de Alice. Rolfe ainda estava rindo, porque pensava que a situação era engraçada.

Então alguém a segurava, acalmando—a, os açoites tinham terminado. Era incoerente, não tinha sentido, mas ela sabia que era Rolfe.

— Shh, ele dizia, como um pai com um bebê. Shh.

Ceidre despertou, seu rosto ainda molhado com lágrimas. Todos os homens estavam acordados e os cães ladravam. Ficou muito quieta, seu coração pulsando ferozmente. Podia recordar cada detalhe vívido do sonho. Era pior que seu pior pesadelo. Estremeceu. Era uma idiota. Foi apenas um sonho. Mas tinha sido tão real.

Foi só um sonho, disse a si mesma severa. E sabe que ele te deseja. E se não desejar, se ele te rechaçar, já sofreu rechaços antes, não será muito pior que as outras vezes.

Não podia adiar o que era inevitável.

Ceidre sabia que deveria ser sutil, talvez até resistir um pouco. Devia ser forte e valente. Levantou—se e foi para fora lavar o rosto, os braços e o pescoço. Ocorreu—lhe uma idéia, devido à presença de seu guarda, nesse caso um moço muito jovem, chamado Wilfred.

Normalmente, quando era livre para fazer o que queria, Ceidre se lavava em uma curva do riacho que estava fora da aldeia e protegido pelo bosque. Isso não tinha sido possível desde que o normando se apossou de Aelfgar, pois tinha medo de seus homens. Poderia implorar a Rolfe que a deixasse tomar banho sem o guarda. E, é obvio, ia se recusar e ela, muito sutilmente poderia sugerir que ele a acompanhasse. Ceidre sentiu um ponto de temor e de excitação. Ordenar—lhe—ia que ficasse de costas, logo se despiria completamente. Em um instante, ela estava segura, se converteria em seu amante. Era melhor terminar com isso de uma vez, disse a si mesma. Seu coração pulsando com violência. Passaria um tempo antes que ele confiasse nela o suficiente para começar a lhe dar informações.

A única coisa que a preocupava era se seu plano necessitava de sutileza. Bem, logo descobriria.

Mas quanto antes teria que ser mais tarde, Ceidre descobriu enquanto se aproximava da fortaleza, pois o normando já estava montando com um punhado de seus homens. Rapidamente se voltou, e Ceidre se deu conta que ela o estava olhando fixamente. Corajosa manteve o olhar.

Seus olhos aumentaram, e a surpresa cruzou seu rosto. Ceidre mantinha seu olhar e observou um brilho de surpresa que logo se converteu em ardor. Não estou sendo sutil, ela conseguiu pensar, e desviou seu olhar.

Ela estava ruborizando, e pensou em escapar para dentro da fortaleza. Quase estava alcançando os degraus de entrada quando ele se aproximou cavalcando. Ceidre se sobressaltou e se afastou nervosamente, mas ele moveu o garanhão mais perto. Rolfe se inclinou para baixo, sorrindo cruelmente, com seus ardentes olhos azuis.

— Um convite assim tem que ser respondido, ele murmurou.

O coração dela subiu à garganta.

— Não foi um convite, ela gritou, mas muito tarde se deu conta que deveria estar pensando, planejando e seduzindo, e definitivamente não negando suas palavras.

— Não? Ele sorriu. Seu joelho quase tocava seu peito. — Tome cuidado com essas olhadas, Ceidre. O que há entre nós não é nenhum jogo.

— Eu... eu somente estava... sua voz se perdeu.

— Sim? Rolfe sorriu abertamente, aparentemente divertindo—se. — Talvez estivesse admirando meu corpo, ele sugeriu.

Ceidre viu sua oportunidade e pegou.

— Sabe, ela replicou, sentindo—se no controle agora, — que as mulheres o olham muito. E você gosta disso.

— Eu gosto quando você me olha, ele a corrigiu com prazer. Seu joelho acariciou seu seio. Seus mamilos estavam duros e tensos. Ceidre sentiu a cor subindo a suas bochechas.

— Sou um ser humano, recorda, ela murmurou, não uma bruxa, só uma mulher de carne e osso.

— Não tem que me recordar isso ele disse com calma, inclinando—se mais abaixo. Seu dedo tocou suas bochechas, deslizou para sua garganta. Seu olhar foi mais abaixo, avaliando abertamente seus seios. Ceidre quase se sentia estrangulada com uma sensação sem nome, ou uma sensação que ela se negava a definir. Sabia perfeitamente bem como era sentir suas mãos sobre seus seios, e se perguntou se ele a tocaria ali e agora. Ela o desejava.

Claro que ele não ia fazer isso, estavam em público, rodeados por seus homens. Rolfe moveu seu cavalo para trás, pondo distância entre eles. Seu sorriso era frustrado agora, como o de um cão quando lhe negam um osso. Seu olhar era insolente. Virou abruptamente em seu cavalo e com um braço levantado, ordenou a seus homens que o seguissem. Todos cruzaram a ponte para o portão de grade levantado.

Ceidre cruzou seus braços sobre o peito. Lentamente, como a neblina que se levanta, o pensamento racional retornou. Ele a desejava, isso era claro e evidente. Poderia levar adiante a sedução facilmente, muito facilmente. Por que, então, sentia esse sufoco no coração?

Virou—se para subir os degraus para a fortaleza. Foi então que viu Alice, no degrau superior, olhando—a fixamente. Seu rosto estava avermelhado e tenso. Alice. Um fator que não tinha considerado. De fato, esqueceu—se completamente dela.



Capítulo 35

Que jogo era esse? Rolfe meditou.

Rolfe se inclinou em sua sela, seu estomago repleto com o almoço, olhando à moça de cabelo cor de bronze. Durante a refeição ela tinha atirado vários olhares. Se não estivesse tão quente por ela a situação seria divertida. Mas estava quente. Incomodamente excitado, seu membro torcido e grosso, preso em suas calças. Acomodou a calça várias vezes. Por que, agora, depois de tanto medo, remorso e raiva, Ceidre estava tentando ser tão atrevida?

O que ela queria?

Deveria colocá-la a prova, ver até onde ela chegava?

Ou ele estava equivocado? Talvez não fosse um jogo. Sabia que Ceidre lutava contra a atração que sentia por ele. Talvez finalmente, havia sucumbindo à tentação. Possivelmente agora, com o passar do tempo, tinha perdoado todas as suas transgressões e simplesmente o via como um homem. Rolfe lutou para não ceder à emoção que o invadia. Tinha que ser cauteloso, precavido e cínico. Mas era impossível não sentir—se emocionado.

Não se esquecia de sua promessa. Se ela continuasse provocando com seus olhares meio tímidos, meio audazes, ele estaria perdido. Abandonaria sua promessa e entraria em uma relação quase incestuosa. Rolfe apertou sua boca severamente.

Desviou seu olhar dela, e para distrair—se deu atenção à conversa entre Guy e Athelstan. Eles estavam falando sobre os escoceses, sempre um problema nessas longínquas terras do norte. William poderia ter jogado ao clã dos Campbells na Cumbria, mas havia relatos de invasões dos escoceses em suas próprias terras, perto da aldeia de Eoshire na costa. Os Campbells novamente, Rolfe pensou.

— Umas poucas ovelhas hoje, uma dúzia, amanhã, Guy disse veemente. — Mas eles não conhecem meu lorde. Ele os jogará ao mar!

Athelstan sorriu ante a paixão das palavras de Guy.

— Os escoceses são manhosos, e os Campbells mais que todos. O melhor é fazer uma aliança. Embora eles não possam ser confiados para que mantenham a paz por muito tempo, pelo menos seria uma trégua.

A voz da Alice surpreendeu a todos, inclusive a Rolfe.

— Possivelmente..., ela disse lentamente, — se fosse a aliança certa, o acordo não seria desfeito tão rapidamente.

Rolfe estava divertido.

— O que sabe dessas coisas, minha lady?

Ela o contemplou lentamente, seus inocentes olhos marrons se abriram enormemente.

— Vivi nestas duras terras toda minha vida. Sabe que meu pai, o antigo Lorde, realmente considerou a idéia de me casar com um deles? Com um escocês? Seu tom era mais alto. — Pela paz. Mas eu lhe implorei para que reconsiderasse a idéia, e ele o fez.

— O matrimônio é o melhor e mais adequado modo de fortalecer relações, Guy disse com entusiasmo.

Rolfe riu.

— O que sabe de matrimônios, Guy?

O jovem se ruborizou.

— Conheço os fatos, meu lorde. Não acredita que se William não tivesse trocado de idéia e tivesse casado sua filha Isolda com Edwin de Mercia não haveria relações harmoniosas entre saxões e normandos agora?

— William teria sido um completo estúpido em dar a esse homem tanto poder, Rolfe respondeu. — Embora, segundo me lembro, Isolda se atreveu a implorar que não mudasse de idéia.

— Bem, Alice disse, — Neste caso os participantes estão muito perto de nossa casa. Sabe que o escocês com quem meu pai negociou me rechaçou?

Rolfe a olhou, perguntando—se o que estava preparando sua esposa, sem dúvida ela estava apontando com precisão para algum objetivo. Caso contrário ela não mencionaria um rechaço, e ela nunca antes tinha demonstrado o menor interesse na política ou na guerra. Rolfe levantou uma sobrancelha, mostrando interesse.

Alice sorriu, olhando—o diretamente nos olhos, apesar da mentira que estava dizendo.

— Ele queria Ceidre. Alice não pôde manter a amargura fora de seu tom de voz. — Meu pai nem sequer considerou.

Rolfe sorriu; agora compreendia.

— Pensa, minha lady, que ele ainda poderia querer a sua irmã? Seu tom era impassível.

— Sim, Alice respondeu muito rapidamente.

— Meu lorde, Guy disse, com permissão, mas seria um grande passo para nossa causa!

Uma raiva furiosa o invadiu. Mas tudo o que disse foi

— Talvez.

E pensou, sou um idiota. Deveria casá—la com um escocês, assegurar a paz na fronteiras de minhas terras, e nunca mais por meus olhos nessa bruxa novamente. Imaginou um gigante escocês ruivo tomando Ceidre, e soube que não faria isso.

Alice se sentou novamente, baixando seu rosto para esconder seu sorriso. Rolfe a viu. De repente levantou de sua cadeira e atravessou o salão. Uma mão suave sobre seu cotovelo o deteve.

— Meu lorde? Ceidre perguntou.

Rolfe estava perplexo porque ela o tocava. Ceidre apertava suas mãos agora, as retorcendo nervosamente, tentando encontrar seu olhar e falhando. Ouviu a nota de nervosismo em sua voz.

— Desejas falar comigo? Ele perguntou, tentando conter—se.

— Por favor, sim. Corajosamente lançou um olhar.

Isso era um jogo ou não? Rolfe se perguntou, e ele, que normalmente era tão determinado, não pôde decidir, fez um gesto para que caminhasse com ele, e saíram.

— E Bem?

Ceidre lançou um olhar para trás. Rolfe se deu conta que ela estava incômoda com a presença de Wilfred, seu guarda. Começava a entender; de fato, de repente soube por que ela se comportou tão audazmente todo o dia. Ceidre queria que ele suspendesse a vigilância constante. Rolfe sorriu.

— Meu lorde, imploro um benefício, ela disse, confirmando suas suspeitas.

Rolfe cruzou os braços e esperou.

— Desde que era uma menina, Ceidre disse, — há um lugar onde estou acostumada a ir.... ela espiou sobre seu ombro,... para tomar banho.

Rolfe não disse nada, confundido, mas imensamente paciente, esperando que ela revelasse suas intenções.

— No riacho, ela continuou. — Em um lugar escondido. Desde que você chegou, tenho medo de fazer isso, por causa de seus homens. Mas estou muito suja. Quero ir lá, mas como posso fazer isso com este homem me seguindo dia e noite? Por favor, me libere dele por uma hora. Que mal posso fazer em uma hora?

Rolfe a imaginou nua, com a água do riacho até os quadris e seus seios molhados.

— É uma traidora, Ceidre, ele disse com calma. — Tem o que merece.

Ela engoliu em seco.

— Se for com ele — ela assinalou Wilfred — Ele me violará!

— Vem aqui, Will, Rolfe disse. Quando o jovem se aproximou, ele disse, — Ceidre vai tomar um banho no riacho. Deve vigiá—la como sempre, mas dará as costas para não olhá—la. Ela tem dez minutos para se banhar. Se tocá—la, o castigo é a morte por minha própria espada. Rolfe olhou Ceidre. — Não tem nada que temer.

O rosto de Ceidre empalideceu.

— Está seguro? Ela perguntou.

— Muito seguro, ele disse friamente, — pode ordenar um banho no quarto de cima, se assim desejar.

Suas fossas nasais incharam, seus olhos violeta se obscureceram.

— Quero tomar um banho no riacho, ela disse furiosamente. — quero nadar e me divertir.

Então agora queria nadar, o que era algo completamente diferente de se banhar.

— Dez minutos, Rolfe disse.

Fez—se um silêncio. Ela estava ofuscada, e ele podia vê—lo. Por quê?

Duvidou que se tratasse de nadar ou se banhar no riacho. Ela planejava algo mais perigoso, ou o estava pondo a prova, Rolfe não estava seguro qual das duas coisas. Tinha deixado que ela enviasse Feldric com seus irmãos, porque queria ser guiado até seu esconderijo, localizá—los e poder capturá—los. Mas estava determinado a prevenir que ela cometesse um ato de traição novamente, a qualquer custo. Pois, que castigo teria que administrar dessa vez? Portanto o guarda permaneceria. Ceidre planejava ir ao riacho para encontrar—se com algum saxão traidor? Ou ela pensou atraí—lo e seduzi—lo com esse suposto banho? Era um ardil para conseguir que ele entrasse em uma armadilha?

— Eu não confio nele, Ceidre disse finalmente, referindo—se a Wilfred.

Até onde chegaria ela? Se verdadeiramente queria tomar um banho, desistiria.

— Então não nade, nem tome um banho, ou qualquer das coisas que queira fazer.

Surpreendentemente, seus olhos se umedeceram.



— Você, você... não, não... quer...

— Não quero o que?

Realmente havia lágrimas em seus olhos. Desejou secá—las com a ponta de seu dedo.

— Em você... confiaria, ela disse, tão baixo que Rolfe pensou que tinha escutado mal.

— O que?

— Em você confiaria. Ela não o estava olhando, contemplava suas mãos, preocupando—se com as dobras de seu vestido.

Ceidre queria que ele fosse com ela ao riacho onde tomaria banho. Seus ouvidos realmente estavam escutando. Sedução ou armadilha?

— Quer que eu te vigie enquanto tira a roupa e toma um banho nua?

— N.. Não..., quero dizer... sim.

Rolfe tomou seu queixo em sua mão calosa, levantando—o.

— Que jogo é este? Ele exigiu, inclusive quando sabia que deveria seguir com esse jogo até o final. Deveria segui—la para ao riacho. Suas têmporas pulsavam visivelmente. Ceidre se atreveria a cometer uma traição novamente?

— Nenhum jogo, ela choramingou encolhendo—se.

Rolfe a estava ferindo porque não queria ir com ela, não queria observá—la nua, não queria tomá—la....

— Pensa me seduzir? Ele grunhiu, aliviando seu aperto.

— Não.. não.

— Você me deseja Ceidre? Ele ronronou perigosamente.

— Não! Sim! Basta! As lágrimas correram por suas bochechas.

— O que é isto?

— Me deixe sozinha, me deixe em paz! Ela gritou.

Rolfe a soltou. Seu coração estava pulsando com violência. Ceidre estava planejando algo, duvidava que ela simplesmente o desejasse, sabia que não podia ser tão afortunado. Rolfe estava furioso. Enfurecido por seu convite e por sua provável motivação.

— Vai, ele disse sufocando. — Vai agora mesmo. Will será seu guarda. Tome seu banho ou não, não me importa.

Ele se afastou, mais tarde descobriria o que Ceidre andava aprontando. Não a seguiria para meter—se em uma armadilha e cair em uma nova traição.

Ceidre tentou não chorar, porque Will estava só a uns metros atrás dela. Debaixo da sombra de uma macieira na horta, recuperou sua compostura. O plano tinha sido terrivelmente mau, e ela era a pior sedutora do mundo. Estava humilhada. Estava ferida. E... se ele a desejava de verdade, por que não tinha aceitado ir com ela?

Era um dia quente e opressivo. Ceidre olhou o sol. Uma bola de fogo. Odiava o normando. Odiava Edwin. Tinha falhado e se odiava por isso.

Iria nadar, decidiu de repente. Tinha calor e estava zangada. Agora que não precisava que seduzir, poderia desfrutar, e se o guarda se atrevesse a olhá-la, matá-lo—ia com a maior pedra que pudesse encontrar. Ceidre se levantou e partiu atravessando a horta. Deteve—se repentinamente e virou para ele.

— Estou indo nadar, gritou. — E não por dez minutos, mas por todo o maldito dia. Se tentar me tocar, amaldiçoarei a você, a sua mãe, seu pai e seus irmãos, te mandarei a varíola e morrerá!

O guarda retrocedeu empalidecendo.

Era bom gritar, mas agora tinha vergonha de ter desforrado sua raiva com um pobre soldado. Ceidre caminhou ignorando-o. Fingiria que não estava presente. Ele não ia arruinar seu dia e ia fingir que era verdadeiramente livre.

E não pensaria em como tinha falhado.



Capítulo 36

Tinha que saber nessa noite. Durante o jantar procurou Wilfred enquanto todos comiam.

— Ela foi ao riacho?

— Sim, Will respondeu ficando pálido. — Eu não a toquei, meu lorde.

— Não duvido disso, ele disse, seu coração pulsando pesado. Ela tinha ido. Tinha sido honesta, então? Realmente só queria nadar? Nesse caso, Ceidre realmente confiava nele para poder estar de guarda enquanto ela tomava um banho? O alívio que Rolfe sentiu foi enorme, embora não pudesse apagar todas as suas suspeitas. Voltou seu olhar para ela. Estava comendo com vontade. Seu cabelo preso em uma trança, brilhando pela lavagem recente. Sua respiração se conteve.

Ceidre se atrevia a confiar nele?

No dia seguinte Will o buscou enquanto ele observava seus homens treinarem com as espadas. Durante todo o dia eles tinham estado treinando, com lanças e escudos, com tochas e espadas. Com a aparição de Will, Rolfe se sentiu agitado. Algo tinha acontecido ou ele não ia deixar seu posto.

— O que aconteceu? Rolfe tinha medo que ela tivesse recaído da doença que quase levou sua vida. Uma dúzia de outras possibilidades igualmente fatais cruzou por sua mente.

Will estava ofegando por sua corrida pelo campo de treinamento.

— Ela está no riacho. Você não deu permissão para ir novamente, e eu expliquei isso a ela, mas ela não me escuta. Realmente riu e me perguntou se eu a deteria. O que devo fazer?

— Não deve deixá—la sem vigilância nem por um segundo, Rolfe disse duramente. — Suas ordens permanecem, Will. Vai com ela agora. Rolfe estava furioso porque o rapaz a tinha deixado sozinha. Amanhã lhe daria uma tarefa desagradável por ter falhado em seu dever, talvez dar—lhe tarefas no estábulo, ou tarefas de pajem. Will correu, e Rolfe o

observou em toda sua carreira vendo exatamente onde desaparecia entre as árvores. Memorizou o lugar.

Não podia concentrar—se em seus homens. Manteve—se olhando para o leste, o lugar por onde Will tinha desaparecido, o lugar onde ela estava tomando um banho. Então não era uma armadilha. Ceidre não tinha intenção de cometer uma traição. Inexplicavelmente, ela só queria nadar no riacho. Estava nua? Imaginou—a desse modo. Beltain forçou Guy a soltar sua lança com um ataque furioso, e ele gritou.

— Se não se concentrar, Guy, Rolfe disse, — encontrará sua cabeça na ponta de uma lança de um saxão.

Guy franziu o cenho zangado. Rolfe observou então como dois de seus melhores cavaleiros entravam em uma nova troca de golpes. Olhou novamente para o bosque onde a ninfa nadava. Com um grunhido, levantou sua própria lança. Guy e Beltain acabavam de separar—se.

— Beltain, Rolfe chamou, colocando o elmo. Levantou seu escudo. Beltain se preparou, e Guy ficou ao lado. Rolfe sacudiu a cabeça uma vez e deixou que Beltain começasse. Quando o cavaleiro estava correndo em direção a ele, Rolfe esporeou seu enorme cavalo a galope. Desfrutava sentir o poder do animal debaixo dele. Desfrutava da imagem da velocidade e o terreno movendo—se diante dele. Desfrutava da imagem de Beltain sobre seu enorme cavalo aproximando—se veloz. Rolfe sorriu. Sua lança se chocou com a de Beltain. Rolfe apenas olhou o escudo de Beltain caindo. Com brutalidade, Rolfe freou seu cavalo no extremo do campo, girou—o e estava atacando novamente antes que Beltain pudesse se recuperar. Desta vez, seu ataque foi tão poderoso que Beltain ficou no chão. Seus homens riram e aclamaram. Rolfe ficou sentado ofegando, olhando novamente em direção ao bosque. Logo seu olhar se cravou em Guy.

— Sua vez.

Foi chamando uma dúzia de seus homens, um por um, e conseguiu descer de seus cavalos a metade deles, rompeu a lança de Roger, quebrou o escudo de outro. Charles tinha quebrado um tornozelo com a queda. Os homens já não gritavam nem riam. Não era incomum que Rolfe participasse de seus treinamentos; de fato, isso era esperado. O que era incomum era que ele se dirigisse de um modo tão brutal e que enfrentasse uma dúzia de homens, em vez de dois ou três. Seu mau humor era muito visível.

Rolfe baixou sua lança e tirou o elmo. Estava ofegando violentamente. O suor esmagava seus cabelos contra o couro cabeludo. Observou novamente o bosque, logo esporeou seu cavalo.

Na beira da linha de árvores desmontou e prosseguiu a pé. Já não estava sem fôlego, mas respirando facilmente. Podia ouvir os sons da corrente do riacho e também podia ouvir um canto. Ceidre estava cantando? Viu primeiro Will. O rapaz estava de costas

para o riacho, com seu rosto virado para Rolfe. Ele abriu a boca, Rolfe fez um gesto para que ficasse mudo e outro para que se fosse. E então apareceu.

Ceidre não estava nua. Sentiu—se decepcionado. Estava colocada até a cintura no riacho com uma camisa fina. Seu cabelo estava solto, uma massa gloriosa de bronze e ouro. Estava rindo, cantarolando, e era uma beleza imortalizada. Quase sem se dar conta Rolfe tocou seu membro meio ereto.

Ceidre mergulhou e surgiu salpicando água. Sua camisa moldava seu corpo, sem deixar nada sem revelar. Seus seios cheios, sua cintura esbelta, e quando subiu sobre uma pedra, Rolfe teve uma breve imagem de seus quadris e nádegas. Seus mamilos, ele viu, estavam duros e tensos. Ela se inundou na água novamente.

Sua respiração já era irregular, e Rolfe se amaldiçoou por ter vindo. Recordou—se que ela era a irmã de sua esposa. Recordou—se de seus votos diante de Deus. Estava tão duro que lhe doía. Tocou—se novamente por sobre a túnica e a calça, e quase gemeu.

Nunca tinha estado tão duro, tão perto de estalar. Ela emergiu a superfície. Tirou o cabelo molhado do rosto. Então saltou sobre uma pedra, levantando seu rosto para o sol. Fechou os olhos e ergueu seus seios como se os tivesse oferecendo aos deuses.

Rolfe estava tremendo. Tocou sua calça, agarrou a extensão de seu membro e o apertou. Ceidre tirou várias mechas de cabelo do rosto, sacudindo a cabeça como um cachorrinho molhado. A inocência de sua ação só exaltou sua necessidade. O sangue rugiu em seus ouvidos. Seus olhos se deslizaram para suas pernas separadas oferecidas a sua visão. Deveria partir, Rolfe pensou, e soube que não o faria.

Ceidre girou abruptamente sobre seu estomago, e Rolfe se perdeu. Queria sujeitar suas nádegas luxuriosas, apertá—las, massageá—las, como estava massageando o membro. Gemeu, ouviu—se gemer, e soube pelo modo em que ela ficou rígida que Ceidre tinha ouvido também. Não se importou. Não podia se importar. Sua mão percorria a extensão inchada mais rapidamente agora. Estava muito perto, por Deus, necessitava, necessitava agora...

Ceidre ficou de pé, procurou e o viu. Viu o que ele estava fazendo. Por um momento seus olhares se encontraram. Quando ele fechou os olhos, ainda a via, emocionada, ofegando. Rolfe massageou o membro mais rapidamente, mais rapidamente, e gritou gozando violentamente.

Seu coração não diminuiu sua velocidade quando ele abriu os olhos, seguro de que ela tinha ido. Mas não foi. Ceidre agora estava no lado mais afastado do riacho, seus olhos muito abertos, seus lábios separados, tremendo, seus braços cruzados sobre seus seios. Estava olhando para ele fixamente.

— Ainda confiaria em mim para que vigiasse seu banho? Ele perguntou sério.

Ela sacudiu a cabeça selvagem.

Rolfe secou a mão na árvore mais próxima, nunca tirando seu olhar dela. A próxima vez, ele se perguntou, poderia resistir ao que verdadeiramente desejava? A pergunta não teve que ser respondida. Tinha perdido o controle da situação. Então, a situação tinha que ser mudada.

— O que? Alice ofegou.

— Beth me contou, minha lady, — Mary disse ansiosa, avaliando a surpresa de sua ama com interesse.

— Eles estiveram aqui, Alice gritou ainda perplexa. — Está segura? Se isto for um engano, farei te açoitá-lo e te mandarei aos calabouços!

Mary se encolheu, sua bonita boca tremeu.

— É a verdade. Beth só viu Morcar, mas disse que Edwin também tinha vindo. Ela foi enviada para procurar Ceidre de modo que eles pudessem se encontrar. Mary a observou. — Não está agradada comigo?

— Oh, Alice ofegou, seu coração pulsando com ferocidade. — Estou agradada! Distraidamente ela tirou uma moeda de ouro da bolsa pendurada em seu cinto, e empurrou Mary em direção à porta.

— Deixe—me sozinha, devo pensar!

Quando Mary saiu, Alice se deitou tremendo na cama. Sabia que isso aconteceria! Ceidre estava em uma traição novamente. Só que dessa vez não tinha sido apanhada. Que castigo, Alice se perguntou, Rolfe lhe imporá dessa vez? Certamente não lhe perdoaria isso! Encontrar—se com seus próprios irmãos debaixo de seu nariz! Alice sabia exatamente o que ela obterá disto, e bateu palmas sorrindo. Essa era sua oportunidade de livrar—se de sua irmã, de uma vez e para sempre.

Sabia exatamente como proceder. Rapidamente se levantou e correu para o piso de baixo para achar o lorde. Ele estava justamente entrando, parecia bastante relaxado, sem seu habitual cenho franzido, e Alice pensou que isso era muito oportuno. O olhar que dirigiu a ela, a modo de saudação, não era um olhar irritado.

— Preciso falar com você, Alice disse rouca.

Rolfe sorriu ligeiramente. Realmente, seu humor era bom. Seu gesto foi expansivo.

— Sente—se, minha lady.

— Não deveria haver ninguém nos escutando, ela disse. — podemos ir ao nosso quarto, meu lorde?

Seu olhar era divertido e ele permitiu que ela o precedesse nas escadas. Tentando não ser dramática, Alice fechou a pesada porta atrás deles. Girou para encontrar Rolfe acomodado indolentemente na cama.

— Meu lorde, tenho espiões, meus próprios espiões.

Rolfe a olhou atentamente.

— Sério?

— Sim. E acabo de saber de algo de grande importância que nos afeta a ambos.

— Então, continua.

— Na tarde que estava caçando, Ceidre se encontrou com Edwin e Morcar.

Rolfe a olhou fixamente.

— É verdade. Eles vieram à aldeia quando você partiu. Ela está planejando uma traição novamente, meu lorde!

— Isso é uma acusação séria. Tem provas?

— Sim! A criada, Beth, foi quem enviou a mensagem de Morcar para Ceidre. Ela pode mentir e negar, pois gosta de Morcar, dizem que um de seus bastardos é filho dele. Mas se a golpear ela dirá a verdade.

Rolfe se levantou e caminhou inquieto na escuridão do quarto, dando as costas para Alice. Virou lentamente.

— É muito rápida para desejar o mal a sua irmã, Alice. E desconfio dessa acusação.

Alice foi para ele, e corajosamente lhe tocou o braço.

— Meu lorde, sou a lady de Aelfgar. E pretendo continuar sendo. Uma traição contra você é uma traição contra mim. Tenho pela primeira vez em minha vida o que quero. E não vou perder. Seus interesses são meus, e eu os protejo. Deve saber que sou leal. Pode confiar em mim.

— Um bonito discurso, ele murmurou.

— Sincero.

Rolfe não respondeu.

— O que fará? Alice perguntou corajosamente.

O olhar dele a estudou, mas ela estava muito determinada, e não vacilou. Vendo isso, Rolfe sorriu quase amargamente.

— Vejo que está ávida para comunicar seus pensamentos. Por favor, continua.

Alice sorriu.

— Ela será sua perdição, meu lorde — nossa perdição. Ela está aqui entre nós, mas é uma espiã e é muito perigosa. Tem poucas alternativas. Se ela fosse um homem já estaria pendurada. Como pode ver, o guarda que atribuiu a ela falhou. Então, deveria afastá-la para sempre.



— Ou?

— Ou pode casá—la com um escocês. Ou um francês ou um irlandês. Mas ela devia estar longe daqui, longe, onde não possa te fazer, ou nos fazer mal!

— Meus pensamentos, Rolfe disse, — Exatamente. E sua máscara desapareceu, seus olhos arderam com fúria.



Capítulo 37

Rolfe estava lívido.

Estava enfurecido, e não porque os dois saxões se atreveram a entrar às escondidas em Aelfgar debaixo de seu nariz. Isso demonstrava sua ousadia de fato, e os respeitava por isso. E recordaria bem a imprevisibilidade deles para o futuro, era motivo para preocupação e reflexão, não para sentir ira. Sua raiva estava concentrada em Ceidre.

Ela novamente o tinha traído. Ela estava arriscando seu pescoço. Ela sabia o que fazia. Ela pensava, realmente, que ele seria tão indulgente com ela? Indulgente! Rolfe recordou os dez açoites, e a eternidade pela qual esteve observando seu sofrimento, e soube que não poderia suportar observar um castigo assim novamente. Ela deveria compreender isso! De outra maneira, como se atreveria a continuar sendo uma traidora?

Ceidre não sabia que da última vez ele a tinha protegido diante de seu próprio rei e que fazendo isso, tinha violado seu próprio código de ética. Isso não podia acontecer novamente. Ele não deixaria que isso acontecesse novamente.

Rolfe caminhou inquieto no quarto. Alice tinha sido despachada. Entendia a sua esposa agora, e acreditava nela. Como ele, Alice era ambiciosa. Os dois ansiavam o poder que Aelfgar lhes dava. Não a tinha visto como uma aliada antes. E agora se dava conta que ela era sua aliada, e uma muito valiosa

Ele havia dito a ela que não fizesse nada a respeito do assunto que tinham conversado e que mantivesse seus ouvidos abertos e sua boca fechada. Esse era exatamente o tipo de espião que Rolfe precisava para proteger a si mesmo e sua posição em Aelfgar. Era um benefício inesperado, um presente inesperado de sua esposa.

Que diabos ia fazer com essa bruxa? Queria golpear a parede, mas recordou muito vivamente a dor que tinha sofrido a última vez que ela o tinha provocado, quando tinha golpeado seu punho contra a mesa do salão. Conseguiu conter—se.

Alice tinha avaliado a situação com astúcia – o que o impressionara. Ceidre era perigosa. Era pior que qualquer espião, porque ela o odiava pessoalmente. Sabia isso, sempre tinha sabido disso. Sua vigilância em relação a ela tinha falhado uma vez, e falharia

novamente. Na verdade, havia duas opções, como Alice tinha observado: enviá—la longe, ou casá—la com alguém que vivesse longe.

Rolfe amaldiçoou com raiva. Não podia fazer o último. Negava—se a analisar o porquê, não podia exilá—la com um matrimônio. A primeira opção também era desagradável. Mas não podia manter a situação como estava. Não tinha chegado a essa conclusão essa tarde no riacho? Agora, entendendo que Alice realmente serviria bem como esposa, tinha um incentivo a mais para livrar—se de Ceidre. Ou teria que protegê—la uma e outra vez até que ele, Rolfe de Warenne, deixasse de funcionar como um homem do rei.

Essa vez seria fácil escapar da situação. Podia inventar uma desculpa para Alice, que Ceidre o levaria ao objetivo, talvez até aos seus irmãos, e por essa razão fingiria não saber a respeito desse último ato de traição. Uma mentira. Protegeria uma traidora? Pela segunda vez? Era incompreensível, inaceitável!

Ele era Rolfe de Warenne, o lorde de Aelfgar. Tinha seguido William a Normandia por tudo o que agora possuía. Por culpa de Ceidre, já tinha perdido a metade de seu feudo de York. Alice tinha razão, ela seria sua perdição se não fizesse algo. Ele notou isso há algum tempo, mas agora tinha que enfrentar a situação.

Não podia continuar protegendo—a. Não podia. Isso violava seu código moral. Estava deixando de ser um chefe efetivo, deixando ser um líder, perdendo seus valores, sua coragem, sua determinação. Em sua vida, sempre tinha sabido o que era correto e não correto, e sempre tinha atuado em conformidade. Agora nada era claro.

Não, ele pensou, uma coisa era clara. Se ele não a protegesse, outra pessoa tinha que fazê—lo...

De repente Rolfe sorriu diante da solução que se apresentou. Caminhou para a porta, abriu—a e gritou para chamar Guy.

— Que? Guy ofegou, empalidecendo.

Rolfe sorriu novamente, um sorriso frio.

— Casará com Ceidre, ele disse com calma.

Guy o olhou boquiaberto.

— Os proclamas serão publicados amanhã, ele continuou implacável. — Casará um dia depois. Não se preocupe pela dispensa. Eu lhe concedo isso agora.

Guy de algum jeito se recuperou, mas não havia maneira de não perceber sua aversão.

— Sim, meu lorde.

— Te darei um dote, evidentemente. O sorriso do Rolfe agora era genuíno. — O pacote se completa com Dumstanbrough e sua aldeia, é obvio. Cavalgaremos para a

fronteira amanhã. Necessito de seus serviços agora, Guy, como bem sabe. Este ano me dará trezentos de seus dias. Sabe que isso é justo. Se Aelfgar estiver seguro para no próximo ano, reduziremos essa quantidade de dias.

Guy agora se avermelhou com prazer. Como cavaleiro esse era seu sonho feito realidade. Sem importar que Dumstanbrough fosse um minúsculo conjunto com no máximo doze cabanas. O que importava era que agora tinha seu próprio domínio, embora fosse pequeno. Teria seus próprios homens, quando pudesse dispor deles. No momento, ter Dumstanbrough era suficiente. Seu pajem seria seu braço direito, e seria promovido a cavaleiro.

— Obrigado. Guy ofegou, agachando sobre um joelho e tomando a mão Rolfe. Ele a beijou.

— Levante—se, Rolfe disse satisfeito. — Agora devemos conversar sério.

Guy assentiu com toda sua atenção centrada em seu lorde.

— Ceidre terá uma vigilância, Guy.

— Sei, Guy disse rapidamente. — Não tema, meu lorde, ela não trairá a você, ou a mim, novamente.

Rolfe assentiu. Sabia que Guy não machucaria Ceidre, da mesma maneira que duvidava que pudesse restringir as atividades dela. É obvio que se ele a mantivesse grávida ela poderia ficar muito tranqüila. Odiava pensar nisso, então afastou essa idéia.

Guy partiu pouco depois, e Rolfe ordenou a um servo que lhe trouxesse vinho. Era quase uma celebração. Quase havia resolvido esse problema, quase.... sua prioridade era proteger Ceidre, e conseguiria. Sendo a esposa de Guy, se ela chegasse a cometer uma traição novamente, não seria pendurada apenas confinada indefinidamente. Casá—la com um normando nobre era a coisa mais inteligente que poderia ter feito em vez de prendê—la, ou enviá—la longe a casando com um estrangeiro para não vê—la nunca mais.

Imediatamente se zangou consigo mesmo. Não importava se pudesse vê—la novamente. Ela não podia ser dele. Nunca. Acabava de entregá—la a um de seus melhores homens. Acabava de salvar seu pescoço. E Guy era bom e justo. Não tinha mau caráter e não abusaria dela. Rolfe não podia tolerar homens que machucavam aqueles que eram mais fracos que eles, e não podia tolerar a idéia de Ceidre sendo machucada, por ninguém.

Mas algo duro e amargo se instalou em seu peito. Sabia muito bem o que era. Eram ciúmes. De repente sua mente estava cheia de imagens de Guy tomando sua esposa na noite de núpcias, e ele tinha êxito. Guy era jovem, vigoroso e viril. Rolfe sabia bem, eles tinham tomado muitas moças juntos. Ele satisfaria Ceidre, daria prazer, a faria gemer em êxtase.

Isso já não é teu assunto, ele disse a si mesmo.

Ceidre não sabia por que tinha sido chamada. Não gostou do sorriso e do olhar satisfeito de Alice, que a observava enquanto subia as escadas para o piso superior. O temor a invadiu. A porta do quarto estava aberta. Rolfe estava dentro, de costas para ela. Ao som de seus passos, ele virou.

Ceidre se ruborizou. Não podia evitar; agora não podia olhá—lo sem recordar vivamente o ato íntimo. Tinha se sentido perplexa de encontrá—lo lá, invadindo sua privacidade. E de semelhante maneira. Perplexa e algo mais. A princípio não pôde se mover ficou hipnotizada por ele e pelo que ele estava fazendo. Ela tinha estremecido tensa quando ele gozou. Logo ela tinha subido para o outro lado do riacho, ofegante e ainda emocionada. Sabia o que tinha presenciado. Mas não podia acreditar.

Rolfe a estava contemplando fixamente agora, e seu rubor se intensificou. Ceidre se encontrou olhando sua mão direita e recordando seu membro, agora completamente coberto com roupas.. Rolfe estava quase sorridente, e ela soube que desgraçadamente, ele conhecia seus pensamentos. Preparou—se para algum comentário e uma batalha verbal.

— Se casara com Guy O Chante.

Ela ofegou.

— Os proclamas serão publicados amanhã. O matrimônio será um dia depois. Seu olhar era neutro. — Considere—se afortunada.

Ceidre avançou atônita.

— Não! Quero dizer, não pode ser! Como... o que quer dizer?

— Exatamente o que disse. Casará com Guy, darei a ele um pequeno feudo como dote. Rolfe não sorriu. — Será a lady de Dumstanbrough, Ceidre.

Isso não lhe importava, estava muito perplexa e ofuscada.

— Por favor, não entendo. Isto deve ser uma brincadeira!

Rolfe perdeu a paciência.

— Não é uma brincadeira. Vai casar. Isso é tudo. Deixe—me. Ele se voltou.

Não podia compreendê—lo. Se ele a desejava, por que estava casando—a com outro homem? Ela deveria seduzi—lo, converter—se em sua amante. Mas ia ser a esposa de Guy. Sentiu o calor das lágrimas em seus olhos. Então Rolfe não a desejava.

— Não farei, ela disse balbuciando.

Rolfe virou com um olhar mortal e desgostoso.

— Não pense em me desafiar nisto, ele disse. Então ela tremeu levemente. — Minha resolução é firme.

— Está—me castigando! Ela gritou. — Por quê? Eu te disse que meus irmãos estão no bosque! É tudo o que sei! Por favor, meu lorde, não faça isto!

Suas narinas se inflamaram, seus olhos arderam. O fato que implorasse, à beira das lágrimas, quase desfez sua resolução e aumentou sua ira.

— Não é um castigo, mulher. Não está pensando com lógica. Acabo de te dar sua própria fortaleza. Não seja ingrata. Não ponha a prova minha vontade. Deu—lhe as costas, brusco, despedindo—a.

Ceidre vacilou, sufocando um soluço que nascia do fundo de seu peito. Isso não podia estar acontecendo! Se na verdade ele não a desejava, tudo isso tinha sido um jogo sádico? Todos os seus olhares luxuriosos tinham sido um mero escárnio, uma forma de tortura cruel? E o que tinha acontecido essa tarde? As lágrimas encheram seus olhos.

Em desespero procurou alguma lógica. A luxúria dele não entrava neste esquema. Rolfe tinha tudo o que desejava. Tinha Aelfgar e Alice. Se ele realmente a desejasse, não a daria em matrimônio, a manteria como sua amante. O que ele estava fazendo era prova da profundidade de seu interesse nela – e não era muito lisonjeiro. Ceidre tentou esconder sua contrariedade por não poder ajudar a seus irmãos. O que ela devia fazer? Submeter—se docilmente? Tinha outra opção? Olhou fixamente suas costas rígidas, quase cegamente.

Deu uns passos rápidos para ele e colocou sua mão tremula sobre sua carne.

— Por favor, ela ofegou. Por favor, eu imploro.

Rolfe estremeceu sob seu contato e se preparou para enfrentá—la.

Ceidre não tirou sua mão, e o resultado foi uma carícia enquanto ele se movia, e agora ela tocava seu peito. Podia sentir seu coração, forte e poderoso, os batimentos do coração acelerados. Seus olhares se encontraram.

— Farei algo, ela sussurrou. As lágrimas nublaram sua visão. — Mas não me faça casar com Guy.

— Algo?

— Sim.

— Está se oferecendo para mim, Ceidre?

Ceidre se forçou em manter seu olhar.

— Sim.

Sua mão se elevou e se apoiou em cima da dela, e por um momento ela pensou que tinha alcançado seu objetivo. Então Rolfe apertou sua mão, quase a esmagando, e ela soluçou. Ele estava zangado.



— Não pense em me tentar, bruxa, ele disse com um grunhido. — Não pense em me provocar. E basta com as lágrimas, não funcionarão.

— Eu não estou... , ela disse, tentando liberar sua mão, e quando a pressão aumentou, repentinamente deixou de tentá—lo.

— Casará com Guy, ele disse brusco — Nada me fará mudar de idéia, nem sequer a oferta de seu corpo luxurioso. Agora sai daqui. Não quero te ver novamente até seu matrimônio. Vai—te!

Foi um rugido. Ele a empurrou, e ela tropeçou. Logo fugiu do quarto.



Capítulo 38

Poderia escapar.

Não era muito tarde.

Isso foi o que pensou Ceidre pela última vez na noite seguinte antes que o sono a vencesse, e foi seu primeiro pensamento ao despertar na manhã de seu casamento.

O tempo, desde que o normando a tinha informado de seu casamento, tinha passado como um borrão. Ela estava consciente de seu pânico e seu medo. Ia se casar com um homem que mal conhecia, um normando, seu inimigo, e muito em breve estaria deixando Aelfgar para sempre. O pânico e o medo se fizeram fortes e repugnantes. Tudo estava ocorrendo muito rapidamente. Não podia deixar que seu destino fosse decidido desse modo!

Estava consciente de seu fracasso. Tinha uma missão a cumprir, por Ed e por Morcar. A essa altura provavelmente eles pensassem que estava na cama com o normando, que tinha se convertido em sua amante. Mas nem estava perto dessa meta. Nunca tinha estado mais longe disso. Não estava por se converter em sua amante, estava para casar com um de seus homens.

Doía—lhe a cabeça. Estava ferida, não podia negar. Mas ali estava. Ferida por dentro, como um cachorrinho ferido. Ele não a desejava. Ele a estava rechaçando. Ele se casou com sua irmã. Alice compartilhava sua cama todas as noites. Ela.... ela era apenas uma diversão passageira, um flerte banal. Finalmente estava provado, porque ele tinha rechaçado suas propostas nos dois últimos dias e agora, este rechaço era a coroação final.

Ceidre chorou. Não o quero, ela disse a si mesma furiosa. Odeio—o, sempre o tinha odiado. Mas seu rechaço era sujo e amargo. Ela, que tinha sido rechaçada tantas vezes, era rechaçada novamente. Por que não estava acostumada a isso? Por que não era imune a esses desprezos? Por que ela se sentia tão amargurada como cada vez que seu pai tinha mentido, dizendo que o pretendente não era suficientemente bom para ela, ou que o

homem tinha trocado de idéia, quando na verdade ela sabia que tinha sido rechaçada uma e outra vez?

Disse a si mesma que chorava porque tinha falhado a Ed e Morcar. Não porque um homem a tinha tratado como uma diversão, e agora a despachava para achar um melhor uso dela, enquanto ele se deitava com sua irmã.

Não era muito tarde. Podia escapar. Mas aonde ela iria? Com Ed, levando seu fracasso como uma bandeira pendurada no braço? Devia esconder—se no bosque como um animal selvagem? Seria perseguida, e sabia que eventualmente ia ser achada. Ela não duvidava da superioridade de Rolfe sobre ela. Em última instância, o resultado seria sempre o mesmo: o altar.

Ceidre olhou fixamente o teto do grande salão. Todos, fazia tempo haviam se levantado e partido, mas não se importou. A depressão era muito grande e pesada. O melhor que podia fazer, Ceidre decidiu, era casar—se com Guy e espiá—lo, pois ele também era um normando. Pelo menos, desse modo, ela ainda estaria lutando por Aelfgar.

Não era nenhum consolo.

O melhor vestido de Ceidre era de um brilhante amarelo dourado. Sempre o tinha amado. Hoje o odiava. Alice observou enquanto Ceidre ajudada por Mary e Beth era vestida. Alice de repente gritou para que elas parassem.

— Toma isso, ela disse.

Ceidre apenas a olhou, realmente não prestava atenção ao que propunha. Alice se voltou e correu pelo corredor para seu quarto e de Rolfe. Ceidre estava sendo vestida na fortaleza. A cerimônia teria lugar em breve, na capela. Haveria um banquete pequeno. Rolfe tinha dado a Guy seu antigo quarto no velho solar. Ceidre sentiu náuseas.

Alice voltou trazendo algo.

— Tire essa camisa velha, ordenou a Ceidre. Não é apropriado para uma noiva.

Para Ceidre não importava. Sua camisa era de lã cor marfim, estava gasta em alguns lugares, uma camisa singela. Mary a ajudou a tirar e Alice deu uma camisa nova.

— Deve parecer bem para seu noivo, Ceidre, ela ronronou.

A camisa era branca virginal, quase nova, de muito bom tecido. Ceidre a odiou. Mary a colocou pela cabeça. Alice era menor que ela, então a camisa se ajustou como uma luva.

— É muito pequena, Ceidre comentou neutra.

Com agulha e fio, Mary aumentou a parte do busto e dos quadris. Ainda assim se ajustava como uma segunda pele, mas pelo menos não abriam as costuras. O vestido

amarelo se seguiu, com um cinto violeta. Beth começou a pentear o comprido cabelo de Ceidre, murmurando todo o tempo que bela noiva ela seria.

— E este cabelo! É incrivelmente suave e grosso! Guy estará encantado quando te ver! Como uma deusa, é...

— Basta Beth! Alice estalou.

Mary colocou umas flores amarelas em seu cabelo. Elas formavam uma grinalda em forma de coroa, e o cabelo caía solto. Ceidre se recusou olhar—se no espelho oferecido.

Rolfe estava esperando—as no piso inferior, nos degraus de entrada da fortaleza. Ele a observou sem nenhuma expressão. Ceidre, indo para ele, sentiu uma punhalada, humilhação seguida de dor. Permitiu—se a raiva por um momento, procurando—a, desfrutando—a, e desejou que ele caísse morto no mesmo lugar. Rolfe estava completamente indiferente, fazendo gestos para o cavalo branco que os aguardava, o mesmo animal que Alice tinha cavalgado em seu casamento. Sua sensação de repulsa aumentou.

Guy estava esperando na capela. Rolfe, como seu amo e senhor, a entregaria em matrimônio. Ele sujeitava as rédeas do cavalo e eles cruzaram a ponte e o portão de grade. A capela estava dentro dos muros, e todos de Aelfgar assistiriam ao evento.

Ceidre não olhou para ninguém. Pelo contrário, observava cegamente as orelhas delicadas do cavalo. Seu olhar vagava para os ombros quadrados do homem que levava o cavalo. Ele estava vestido para a ocasião, com sua túnica azul e sua capa vermelha. Cruzou—lhe a imagem de Rolfe cavalgando seu garanhão no dia de seu próprio casamento. Um deus pagão, bonito e frio. As lembranças começaram a amontoar—se, uma após a outra em sua mente. Rolfe acariciando seu próprio sexo, Rolfe carregando—a depois dos açoites. Rolfe bebendo, Rolfe sorrindo, Rolfe lhe dando um beijo, Rolfe sentado sobre seu cavalo, Rolfe ordenando arrasar a aldeia de Kesop.

De repente lançou um olhar a ela. Ceidre esperava que seu ódio fosse evidente.

Guy estava esperando nervoso na frente da capela com o pai Green, que, se estava bêbado, estava dissimulando muito bem. Guy também estava vestido para a ocasião, com uma capa e túnica de veludo verde, e calça roxa. Ele ruborizou, sem olhá—la mais de uma vez.

Rolfe a ajudou a desmontar, seu contato foi impessoal, e a levou para Guy. O pai Green levantou sua voz, tossindo uma vez.

— Aceita esta mulher como sua esposa?

— Sim, senhor.

— Colocará toda sua vontade para amá—la e protegê—la, a ela e a nenhuma outra até o final de sua vida?

— Sim, senhor, Guy disse.

— Então toma sua mão e repete depois de mim. Eu, Guy O Chante, tomo a você, Ceidre, diante da Santa igreja, como minha esposa, abandonando a qualquer outra mulher, me entregando a você, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, na alegria e na tristeza, até que a morte nos separe, e nisso empenho minha palavra.

Guy repetiu as palavras, e o matrimônio aconteceu.

Ceidre tinha se casado com Guy O Chante.

Ceidre caminhou inquieta no quarto. Estudou—o. Realmente era um quarto nupcial, com grinaldas penduradas sobre a cama, vinho e comida servida. Deveria estar preparando—se para receber seu novo lorde, mas não faria. Ainda estava vestida com o vestido amarelo. Pelo menos, ela decidiu, poderia livrar—se das flores. Começou a tirá—las com raiva.

O banquete de bodas durou horas. Ao redor deles havia risadas, bêbados e baile. Sendo recém—casados, foi destinado sentarem—se em um tablado debaixo de uma noqueira. Guy comia e bebia alegremente, sem nenhuma pressa para abandonar as festividades. Ceidre não provou nem um bocado de comida, nem um gole de vinho. A princípio Guy tinha oferecido como um noivo devia fazer, os pedaços mais deliciosos da comida que ele escolhia para si mesmo. Ceidre tinha rechaçado tudo sem a menor graça. Então ele parou de lhe oferecer as coisas. Não tentou conversar, o que era bom para Ceidre. Ficou sentada quieta como uma pedra, ignorando tudo e todos.

Exceto Rolfe. Não podia ignorá—lo, não quando estava tão consciente dele, não quando ele estava sentado a sua direita. Como ela, Rolfe não parecia estar propenso a conversar, mas fazia um esforço para brincar com Guy. E ela via que ele a olhava de vez em quando. Mas se negava a reconhecê—lo. Não o olhava. Estava em um estado estranho, seu matrimônio quase parecia um sonho. E esse estado era imensamente preferível à dor que sentiria ao despertar, a mesma dor que tinha alimentado nos últimos dias.

Houve um golpe na porta.

Ceidre apertou os punhos.

— Entre.

Guy apareceu, fechando a porta atrás dele. Então, notando que ainda estava vestida, pareceu inseguro.

— Sinto muito, vim muito rápido. Voltarei depois. Ele começou a sair.

— Não! Sua ordem repentina o deteve. — Não estou me preparando para você, ela disse, seu era tom duro.

Seus olhos aumentaram.



— Não queria este matrimônio, ela disse furiosa. — E não te quero!

Seu rosto mudou, endureceu, fazendo—o parecer mais velho, fazendo recordar que ele era um normando e um dos melhores homens de Rolfe.

— Mas eu quero este matrimônio, ele declarou.

— Quer Dumstanbrough— não a mim!

Guy avermelhou.

— É verdade. Mas Dumstanbrough vem com você, é seu dote. Não desistirei do dote ou de você.

— Pode ter Dumstanbrough, Ceidre replicou. — Eu não te importo. E não me terá.

Guy a olhou fixamente.

— Me nega os direitos conjugais?

— Se me tocar, Ceidre disse entre dentes, te matarei!

Guy piscou.

— Te amaldiçoarei, não duvide disso. Seu membro secará e cairá. Seus dentes ficarão frouxos. Perderá seu cabelo. Não acredita que posso fazer isso? Ela riu ligeiramente histérica. Tenho poções! Será um homem velho antes do tempo! Estou advertindo!

Guy se benzeu nervosamente.

— Não faça nada precipitado, ele disse. Eu não te machucaria!

Ceidre relaxou ligeiramente.

— Olhe, ela disse, serei sua esposa... sou sua esposa. Você não me queria antes deste matrimônio. Sei disso. Nunca me olhou do modo que um homem olha uma mulher. A amargura afetou seu tom. — Os homens não me olham desse modo, não uma vez que sabem do meu olho. Estou acostumada a isso. Ninguém deve saber o que acontece entre nós. Só porque estamos casados, não precisa vir a minha cama, quando não me deseja, quando, em realidade, tem medo de mim. Pode ter amantes, não me importa. Podemos fazer esse acordo?

— Mas e os meninos? Preciso de herdeiros.

— Então toma uma amante, Ceidre disse francamente. Assegure—se que ela seja virgem e que seja fiel. É bastante simples.

— Na verdade, não te desejo, Guy disse. Suas palavras a apunhalaram. Ridiculamente ela pensou em Rolfe. — Mas não é porque tenho medo de você.

— Claro que não.

— Mas é antinatural não consumir um matrimônio.



— Ninguém saberá. Além disso, você não casou com uma mulher muito natural. Realmente deseja se deitar com uma mulher assim esta noite?

Guy fez uma careta.

— Não, não desejo. Não quando o mundo está cheio de moças comuns. Mas nunca evitei meus deveres antes.

— Guy, e o seu dever para Deus?

De repente Guy sorriu.

— Tem razão. Não você não é natural, é pagã, não religiosa. Meu primeiro dever é com Deus. Por que não pensei nisso? Temos um acordo então. Mas ninguém deve saber a verdade, Ceidre. Ninguém.

— Me acredite, ela disse muito aliviada. — Não direi a ninguém.

Eles se olharam fixamente, então Guy encolheu os ombros. Caminhou para a bandeja sobre o baú e levantou um doce.

— Tem fome?

Ceidre sorriu. De repente estava morta de fome. Abriu a boca para responder, mas suas palavras foram cortadas. Houve um violento golpe na porta.

Ceidre congelou. Guy saltou para frente, sua mão no punho da espada.

— Quem é?!

— É seu lorde, abre, Rolfe exigiu severamente.

Guy abriu a porta ansioso. O que acontece?! Estamos sendo atacados?

Rolfe olhou fixamente para Guy, seus olhos azuis muito brilhantes.

— Vim reclamar meu direito.

Guy ficou surpreso.

— Claro, ele disse imediatamente. — Que direito, meu lorde?

Os olhos duros de Rolfe foram para Ceidre.

— O direito de Primeira Noite².

²“O Direito da Primeira Noite, (*jus primae noctis*), foi uma instituição que vigorou na Idade Média e que, em alguns países, como a França, chegou até à Revolução de 89, havendo notícia de que tenha persistido na Itália até meados do século passado. Era o direito do senhor feudal de desvirginar as noivas na noite de sua boda.



Capítulo 39

Um silêncio de perplexidade se seguiu.

O olhar fixo de Ceidre se encontrou com o de Rolfe. O significado de suas palavras a deixaram atônita. Ele veio tirar a noiva da cama de seu vassalo. Seu coração estava pulsando violento e incontrolável. Seu olhar não se separou do dele. E em seus olhos via raiva e determinação inflexível.

Não estava consciente de Guy, que se recuperou primeiro, olhando a um e a outro.

— É obvio meu lorde, ele murmurou indo para fora, logo a porta pesada se fechou atrás dele, com um estrondo tão alto e detestável como um trovão.

Ceidre se sobressaltou; Rolfe se moveu. Repentinamente desprendeu o broche que segurava sua capa negra e deixou que o objeto pesado caísse ao chão. Os olhos de Ceidre arregalaram, ela deu um passo. Ele estava tirando o cinto da espada. Agora compreendeu totalmente a situação. Ele a tomaria agora. Agora, depois de rechaçá-la, depois de entregá-la a outro homem. Agora, a sua conveniência, não à dela.

— Não pode querer fazer isso! Ela ofegou.

Pela primeira e única vez, ele desviou seu olhar dela, colocou sua espada cuidadosamente ao lado.

— OH, claro que vou fazer isso, ele disse severo.

Rolfe estava tirando a túnica com um movimento rápido e lançando—a a um lado. À luz da vela seu torso nu brilhou como bronze.

Ceidre ainda estava perplexa pelo que estava ocorrendo, pela impossibilidade dessa arrogância.

— Entregou—me a Guy!

Seu olhar foi duro e ardente como seu tom. Havia um rastro de amargura ali?

— Pensa que não sei disso? Sei malditamente bem.

Ceidre se agarrou ao poste da cama.

— E Alice! Ela gritou desesperadamente. — Alice é minha irmã... sua esposa!



— Sou o lorde de Aelfgar! Ele gritou furioso. Era a ira dos deuses. — Sou o lorde aqui!

Ceidre reagiu com terror real. Virou para correr para o outro lado da cama. Rolfe a perseguiu. Inclusive enquanto corria, ela sabia que não havia lugar para onde escapar. Não podia fugir. Sua mão de ferro se fechou ao redor de seu pulso, arrastando—a vigorosamente contra seu corpo.

— Não! Ela gritou, lutando como uma louca.

Com sua perna, ele enganchou as dela habilmente, fazendo—a perder o equilíbrio. Ceidre caiu, como ele pretendia, e esteve sobre ela em um instante. Ele sujeitou suas mãos. Ceidre se retorcia desesperada e inutilmente. Ele a soltou e, com um movimento brusco, rasgou seu vestido e sua camisa da garganta até a cintura.

Com um grito de terror, Ceidre arranhou suas bochechas com as unhas, tirando sangue e pele.

Sua resposta foi imediata; agarrou as duas mãos com uma mão, as prendendo em cima de sua cabeça, pressionando seu corpo contra o piso duro. Ceidre ficou congelada diante dessa amostra de seu poder. Por um momento se olharam fixamente, a expressão de Rolfe, selvagem, a dela aterrorizada.

— Não resista, ele ordenou. — Não pode ganhar.

— Sempre resistirei a você, ela gritou, lutando novamente. — Normando!

Rolfe separou suas coxas com seu joelho, levantando sua saia até a cintura. Houve um momento em que foi consciente da ponta úmida de seu pênis que de repente estava livre e nu contra sua coxa interna. Ceidre lutou para fechar as pernas, mas foi inútil. Ele a empalou.

Ceidre ofegou com o raio lacerante de dor. Girou a cabeça de lado e fechou os olhos. Seu coração estava pulsando furiosamente. Rolfe a penetrou rápida e profundamente. Podia sentir cada centímetro dele, toda sua grossura e poder. Seu ritmo foi severo, rápido e profundo, as investidas foram aumentando e aumentando... E logo ele se desmoronou com um grito em cima dela.

Tudo está terminado, ela pensou, enquanto uma lágrima rolava por sua bochecha. Tinha acontecido. Nenhuma sedução, uma violação. Pelo menos ele tinha sido misericordiosamente rápido. Ceidre ficou muito quieta, seu coração trovejando, esperando que ele se compusesse rapidamente e a deixasse.

Rolfe não fez nenhuma tentativa para sair dela. Ceidre não podia evitar estar consciente de muitas coisas. Seu rosto estava enterrado em seu pescoço. Podia sentir sua barba, ligeiramente áspera, e sua respiração morna contra sua pele. Seu peito duro esmagando seus seios nus, e seu coração pulsando tão feroz como o seu. Suas pernas

estavam entre as suas, estavam tensas, não relaxadas, mantendo suas coxas abertas. Seu membro meio flácido ainda estava dentro dela, recordando—a do calor e da dureza que acabara de experimentar, recordando sua grossura e seu poder... Ele estava pulsando dentro dela, exigindo sua resposta sensual.

Seus braços, rodeando—a, apertaram—se. Ceidre esperava que ele se levantasse agora. Houve uma sensação nova, uma de que não gostou. Seus seios se incharam quando ele se moveu ligeiramente, seus mamilos estavam duros e não podia entender por que a sensação era agradável, e o pior, sua vagina onde ele ainda estava enterrado também começou a ansiar algo mais. Então ela sentiu outra coisa. Sua boca sobre seu pescoço.

Ceidre tentou escapar, mas estava cravada debaixo dele, com seu abraço, não podia se mover. Seus lábios mordiscaram seu pescoço muito brandamente, e uma feroz quebra de onda de prazer a invadiu. Novamente ela se moveu incomoda. Sentiu sua boca em sua garganta. Uma de suas mãos acariciando o lado de seu seio. E dentro dela, sentiu—o endurecer. Seu corpo se apertou ao redor do pênis, assombrada pelo calor, a extensão e a abundância que estava alojando. Rolfe gemeu, enterrando—se mais profundamente nela, e se incorporou sobre seus cotovelos para examinar seus olhos.

Ceidre encontrou seu olhar, mas apenas podia pensar. Certamente não podia respirar. Seu corpo estava pulsando loucamente, fervendo com desejo. Ela arqueou sua pélvis, tentando recebê—lo mais profundamente. Ele sorriu ligeiramente, curvou—se e reivindicou seus lábios.

Ela, mesmo insegura se abriu para ele.

Beijou—a e ela respondeu exigente agora.

Rolfe levantou a cabeça e investiu uma e outra vez. Ceidre levantou os quadris respondendo de forma selvagem. Estava—se agarrando a seus ombros volumosos. Enquanto ele a penetrava, sentiu sua boca sugando seu mamilo, sentiu seus dentes. Foi o fim, pois seu mundo estalou em sensações inimagináveis, e esteve perdida, perdida para a existência enquanto alcançava um clímax.

Ceidre abriu os olhos lentamente, estava perplexa. Rolfe se incorporou sobre seus cotovelos, ainda duro e pulsando dentro dela, não se movendo, observando—a com um olhar feliz. O que tinha acontecido? Ceidre pensou frenética, e uma lembrança chegou flutuando. Este era o normando. O homem que odiava. O homem que a tinha violado, e minutos mais tarde a tinha feito alcançar o mais agonizante êxtase. Ela se ruborizou, com vergonha e fúria. Empurrou seus ombros.

— Mova—se, ela disse entre dentes.

Mas ele já estava esquivando sua cabeça. Ceidre permaneceu rígida por um momento mais, enquanto sua língua lambia seu mamilo, provocando—o e excitando—o, e logo cedeu ao agonizante prazer em que a induziu. Ela apertou sua cabeça contra seu peito.

Rolfe riu com a voz rouca, um definitivo som de triunfo. Começou a beliscar e a lamber seus seios até que Ceidre esteve gemendo em total abandono. E empurrando seus quadris contra ele. E dessa vez seus gritos de prazer se uniram.

Ceidre se conscientizou do ambiente que a rodeava quando Rolfe saiu de seu corpo.

— Não quero te deixar, ele murmurou.

Ela teve que olhar. Ele estava de joelhos ao seu lado. Sua calça estava aberta; seu membro pendurando grosso, flácido e molhado. Seu olhar encontrou seu rosto.

Rolfe a estava estudando abertamente e sua mão acariciava seus peitos cheios até sua cintura estreita e sua virilha sedosa. Seu contato parecia reverente. Ceidre não podia ler sua expressão, mas viu um brilho em seus olhos. Antes que pudesse reagir, Rolfe a estava levantando e carregando para a cama. Então ainda não estava terminado, ela pensou, e percebeu que seu coração pulsava com alegria.

Ele se acomodou perto dela, sua mão novamente acariciando seu ventre. Acariciava languidamente, com prazer óbvio e com clara intenção carnal. Ceidre observou sua mão sobre a pele pálida de seu estomago; observou sua expressão cansada. Podia sentir seu membro engrossar contra sua coxa. Ela ouviu seu próprio suspiro, e soube que seus olhos se fechavam com a sensualidade de seu contato. Sua resposta foi um som gutural. E logo ele enterrou seus dedos nos cachos de sua virilha, e ela ofegou, meio de prazer, meio em protesto.

Rolfe gemeu, colocando um dedo entre as dobras úmidas de seu sexo, e ficou assim. Toda idéia de protesto morreu. Ceidre se empurrou contra seu dedo.

— Por favor, ela acreditou ter dito.

Sua boca foi para seu mamilo, arrastando. E seus dedos se deslizaram na profundidade de seu canal. Ceidre gemeu ruidosamente, perdida no que ele estava fazendo, e com urgência, arqueou—se. Com seu próprio grito, ele prontamente se colocou em cima dela e a penetrou.

Rolfe a tinha em seus braços enquanto ela dormia. Ele não podia dormir; não ia dormir. Tinha—a tomado muitas vezes, mas não estava cansado. Sentia—se vivo, com o tipo de adrenalina que experimentava depois de uma batalha, sentindo cada terminal nervoso, o sangue bombeando rapidamente, sua mente funcionando agilmente.

As velas faziam tempo que tinham ardido totalmente, e ele tinha interrompido o sexo para iluminar o quarto. Queria vê—la, observar cada uma de suas respostas selvagens, enquanto se movia grosseiramente dentro dela. Por que não tinha adivinhado como seria? Que ela o empurraria implacavelmente até transpassar todos os limites e limitações humanas? Por que não tinha acreditado que causaria um prazer como nenhuma outra podia fazer, como alguma vez tinha sonhado que podia existir?

Seu rosto estava apoiado contra seu peito, e Rolfe sorriu. Sem dar—se conta, colocou um beijo no alto de sua cabeça. Distraído por seu magnífico cabelo, começou a acariciá—lo, do alto até a nuca. Sua mão tremeu.

Estava excitado novamente.

Era incrível, mas não questionaria. Já tinha abusado dela, Rolfe pensou, embora ela respondesse tão frenética cada vez que a tinha tomado. Se ela estava dolorida, deixaria que se recuperasse até manhã. Essa noite era sua. Amanhã pertenceria a outro.

A raiva o invadiu.

Mas sendo um homem disciplinado, deixou—a de lado e se concentrou no que tinha à mão. Logo amanheceria e teria que partir. A noite tinha passado muito rapidamente. Tocou sua cintura, acariciando—a, logo tomou um seio branco.

Mamilos grandes, ele pensou, observando—os endurecerem enquanto somente os tocava, mamilos para alimentar um bebê – ou um homem. Abaixou sua cabeça e o lambeu.

Ainda adormecida, Ceidre se moveu aproximando seu peito. Na escuridão do quarto iluminado só com a luz do céu cinzento, Rolfe começou a chupar o mamilo com mais ferocidade. Deslizou sua mão entre suas pernas, e com seu dedo a estimulou. Soube o momento em que ela despertou, inclusive antes que ela ofegasse. Então, languidamente, Ceidre abriu suas longas pernas, arqueando—se contra ele.

O céu lá fora, agora era de um tom cinza rosado. Ele sentiu pânico, como uma punhalada no estômago, enquanto se movia entre suas coxas separadas. Tomou sua boca enquanto se enterrava abruptamente nela. Ceidre gritou; ele apertou suas nádegas e se dirigiu mais profundamente dentro dela. Ela devia ter sentido o que ele estava sentindo, devia ter visto a luz do amanhecer, pois suas unhas se cravaram em suas costas.

— Por favor, ela implorou, — Por favor!

Poderia ter sido o mesmo pedido dele – que a noite continuasse, negando o amanhecer, ou poderia ter sido um pedido de gratificação imediata. Para Rolfe não importava mais. Nos braços de Ceidre, dentro de seu sexo apertado e quente, estava perdido. Sentiu suas unhas enterrarem—se novamente, e isso o deixou mais selvagem.

Ceidre ainda estava esperando que seu coração parasse o trovejar violento quando ela sentiu que ele a deixava. Sabia que estava amanhecendo, tinha visto a luz rosada quando ele a tinha despertado para a paixão. Teve uma sensação de opressão em seu peito, e sentiu que as lágrimas eram iminentes.

Ceidre fechou seus olhos, por medo de abri—los, por medo de enfrentar o amanhecer e o normando. Ouviu—o se vestir. A angústia dentro dela cresceu até que pensou que poderia estrangulá—la. Devia abrir os olhos? Ou fingir dormir? Dizer algo? Rolfe não havia dito uma palavra em toda a noite, não desde que a tinha levado para a



cama. A angústia se fez insuportável. Ouviu o som da bainha da espada e soube que se estava pondo o cinto da espada.

Ceidre abriu os olhos.

Rolfe estava de pé no meio do quarto, colocando a capa, mas seu olhar ainda estava nela. Ceidre se negava a chorar. Não havia nenhuma expressão em seu rosto, mas parecia estar tenso. Seus olhos estavam opacos e sombrios. Rolfe manteve seu olhar, então o deixou deslizar para seu corpo nu. Ela tinha se esquecido de subir as mantas, mas já não havia porque se ruborizar. Rolfe virou. Em três compridas passadas alcançou a porta, abriu—a e desapareceu.

Ceidre se sentou. Olhou fixamente a porta fechada, o quarto vazio, abraçando—se. Lágrimas nublaram sua vista. Não choraria, disse a si mesma. Então segurou seus joelhos, baixou sua cabeça, e começou a soluçar balançando—se.



Capítulo 40

Ceidre se recompôs para o meio—dia.

Não tinha visto ninguém desde que Rolfe a tinha deixado. Guy, é obvio, estaria com os outros normandos, trabalhando no campo, ou executando qualquer tarefa que Rolfe tivesse dado a ele. Ceidre não tinha nenhuma criada que a servisse na mesa. Os criados estavam trabalhando nas cozinhas da fortaleza, preparando comida para a grande quantidade de homens, mas salvo escutar o som de suas vozes, não tinha cruzado com nenhum deles. Estava muito agradecida por esse isolamento.

Não poderia esconder—se para sempre, e sabia disso.

Depois das lágrimas, esteve suficientemente triste para vestir—se e assistir ao almoço. Mais cedo ou mais tarde teria que enfrentar os olhares de todos. . Mais cedo ou mais tarde teria que enfrentar Rolfe.

Mas quando se deu conta que não tinha roupas, apenas o vestido amarelo rasgado, começou a chorar novamente. Não tinha nenhuma opção, então o colocou, segurando—o com as mãos o melhor que pôde, conseguindo esconder sua pele nua. No momento que entrou nas cozinhas, todos os bate—papos dos servos cessaram, e eles a olharam fixamente.

Este era um pessoal diferente do original, Tildie e Teddy, agora estavam trabalhando na nova fortaleza. Seu olhar procurou Lettie.

— Poderia ir à nova fortaleza e me buscar um vestido e uma camisa? Ceidre pediu.

Lettie empurrou mechas úmidas de seu cabelo avermelhado do rosto.

— Arrancou—o, verdade? Seu tom era de empatia. — Estarei de volta em um minuto, ela prometeu amável.

Ceidre estava horrorizada, sentia vontade de chorar novamente. Retornou para a fortaleza, mas não pôde entrar no quarto nupcial. Pelo contrário caminhou inquieta pelo salão de baixo. Lettie fiel a sua palavra, voltou com sua roupa imediatamente. Ceidre lhe agradeceu.

— Estará bem, Lettie disse, sorrindo. — Se não nos unirmos, esses brutos nos destruirão, verdade?

Ceidre estava um pouco surpreendida pela filosofia de Lettie, porque, o fato dela se mostrar disponível para quase qualquer homem não era um segredo. De fato, desde que os normandos tinham chegado ela estava continuamente ao dispor deles. Ceidre começou a se mover.

— Te machucou, verdade? Lettie perguntou, olhando intencionalmente seus pulsos machucados.

Ceidre recordou o modo em que ele os prendeu depois que o arranhou na bochecha.

— Não. Ele não machucou.

Lettie mudou de assunto.

— Por que não ficou deitada hoje? Ninguém se importará.

Ceidre a olhou.

— Vou à fortaleza comer, como sempre.

Lettie encolheu os ombros. Logo sorriu travessa.

— Então me conte, é verdade? Ele é tão grande e tão vigoroso como um touro?

Ceidre se ruborizou. Não responderia, não podia.

Rolfe fez uma pausa antes de se sentar à mesa, inspecionando o salão. Ela ainda não tinha vindo, sentiu—se decepcionado.

Conseguiu manter—se controlado. Tudo tinha acabado. Tinha exorcizado sua luxúria. Tinha tentado não pensar nela desde que a tinha deixado, e tinha tido êxito. Agora não era hora de voltar para os velhos hábitos. Não importava se ela viesse ou não comer, não lhe importava que ela estivesse casada com outro, não lhe importava que essa noite ela estaria na cama nos braços de outro. De repente se sentou em sua cadeira.

Estava consciente de Alice enchendo sua taça. Não a tinha visto desde a noite anterior no banquete de casamento. Seu rosto estava esculpido em pedra branca. Sua mão, servindo o vinho, estava firme. Ela não o olhou.

Não lhe importava. Ele era o lorde aqui, e se escolhesse exercitar o direito de pernada com todas as noivas de seu feudo, faria, e ela não diria uma palavra sobre isso. Rolfe começou a comer rápida e silenciosamente. Ceidre ainda não tinha vindo. Negava—se a pensar nela, mas repentinamente estava preocupado. Ela não tinha a força que ele tinha, e o tinha acompanhado toda a noite. Talvez estivesse doente, ou machucada. Talvez não pudesse sair da cama. Ou talvez ela somente estivesse desafiando—o, ao se recusar a vir a sua mesa.

Não era seu dia.

Ceidre estava atrasada e era consciente disso, mas não se apressou. Caminhou lentamente em direção ao portão de grade, olhando o chão. O medo a invadiu e o nó de angústia tinha subido novamente para sufocá-la. Por que estava à beira das lágrimas? Deveria sentir-se aliviada. Tinha sobrevivido ao pior, e agora tudo estava terminado. Realmente, agora era a esposa de outro homem. Isso só não a protegeria do normando, mas dava sua própria condição, e inclusive tinha feito um acordo para manter Guy fora de sua cama. Deveria estar grata.

— Ceidre, Ceidre!

Surpresa, Ceidre virou para ver Feldric que corria pela colina atrás dela. Foi encontrá-lo, seu corpo tenso com ansiedade.

— O que aconteceu?

Ela sabia que ele havia retornado; tinha—o visto ontem no banquete de casamento. Ele fez uma pausa para normalizar sua respiração e disse:

— Meu rapaz está doente. Pode vir?

— Claro Ceidre disse, enquanto dois cavaleiros passavam ao lado deles. Seguiu—o colina abaixo e mais além da ponte, sabendo bem que seu filho não estava doente, ele tentava lhe contar algo. Teria uma mensagem que ele não tinha podido dar ontem? Sentiu uma faísca de interesse. Uma vez que eles deixaram os muros do castelo e estavam na aldeia, exigiu a verdade.

— É Alvin. Ele quer falar com você.

Ceidre apressou seus passos. Alvin estava esperando no moinho; ninguém estava perto. Ele saiu das sombras, disfarçado como um servo.

— É uma má notícia? Ceidre imediatamente perguntou. — Eles estão bem?

— Sim, eles estão bem, não se preocupe com isso, Alvin a acalmou.

— Obrigado Deus, Ceidre disse aliviada.

— Ed está impaciente. Tem notícias para ele?

Ceidre congelou, logo reagiu.

— Não, não tenho.

Seus olhos se suavizaram.

— Ainda não levou o normando para sua cama, Ceidre?

Então Alvin sabia tudo. Ela avermelhou relutante.



— Ed te mandou porque pensa que eu poderia ter descoberto algo? Muito em breve!

— Não fica muito tempo, Alvin comentou. — Em sete semanas haverá uma rebelião, Ceidre. Não soube nada disso? Não levou o normando a sua cama? Conte—me algo!

Ela estava ardendo de vergonha. E se sentia mais miserável que nunca.

— Alvin, temo que tenha outras notícias sobre a cama. O normando me casou com um de seus homens! Para seu horror, ela sentiu lágrimas escapando de seus olhos.

Alvin a olhou fixamente, então murmurou uma maldição entre dentes.

Ceidre secou seus olhos. Alvin colocou uma mão sobre seu ombro.

— Sinto muito, Ceidre, ele disse.

— Essa não é toda a verdade, ela disse. — Há um velho costume pagão que eles mantêm, e ele me tomou em minha noite de núpcias.

Alvin a olhou surpreso.

— O que? Essas são boas notícias!

Ceidre retrocedeu.

— Mas não descobri nada. Era boa a notícia que ela tinha sido violada? De repente estava furiosa com Alvin e com seus irmãos.

— Não vê? Ainda pode se converter em sua amante, se for cuidadosa e ardilosa. Nem tudo está perdido nesse plano. Deve fazer isso, Ceidre. Precisamos conhecer seus pensamentos íntimos se quisermos recuperar Aelfgar e jogá—los ao mar!

Ceidre queria lhe dizer que não desejava conhecer os pensamentos íntimos do bárbaro, nem desejava compartilhar sua maldita cama. Não tinha contado a ninguém da dor que tinha alimentado todos esses dias e que estava farta de tudo. Tinha sido violada; e tinha experimentado um prazer absoluto nos braços de seu inimigo, o que era pior que uma violação. E Rolfe a tinha deixado de forma tão fria... O normando a tinha usado, seus irmãos a estavam usando. Ceidre se abraçou. Estava absolutamente só. Maldição com todos eles.

— É melhor que vá, Alvin disse. — Pelo menos poderei reportar um pouco de progresso. Deus vá com você, Ceidre.

Ela estava muito zangada para se despedir, muito ferida. Mas sabia de uma coisa. Não ia ser a amante do normando, OH não. Nunca ia compartilhar sua cama novamente. Fortalecida com essa determinação, não se sentiu melhor.

Rolfe soube o momento em que ela entrou no salão.

Ele e seus homens estavam na metade da refeição. Como um ímã, seus olhos foram atraídos para ela enquanto Ceidre caminhava rapidamente e graciosamente para a mesa. Sua cabeça estava alta, e seu queixo no ar. Sua respiração parecia agitada. Não olhou em sua direção e tomou assento.

Rolfe estava consciente de muitas coisas. Alice estava sentada ao seu lado e em silêncio absoluto, igual a seus homens. Todos o estavam olhando. Rolfe voltou a comer. Já não tinha fome, mas comia mecanicamente. A conversa voltou lentamente. Rolfe não olhou para o outro extremo da mesa novamente. Não tinha que olhar. Sua presença enchia seus sentidos.

Ceidre estava tremendo por dentro. No momento em que entrou no salão, a conversa tinha cessado, e todos os olhares se dirigiram a ela. Tentou não mostrar nada, permanecer como uma estátua de mármore. Não tinha sido fácil de fazer com seu coração pulsando frenético e com o olhar de águia de Rolfe sobre ela.

Não podia comer, mas se deu conta, de repente, que tinha cometido um engano. Estava sentada no extremo de uma mesa abaixo do tablado enquanto Guy, seu marido, estava sentado na mesa principal com Rolfe. Um olhar rápido confirmou que Guy se deu conta disso também, pois estava caminhando para ela. Ceidre sentiu se avermelhar. Guy fez uma pausa ao lado dela. Alguém riu. Guy dirigiu um olhar furioso ao culpado.

— Minha lady, por favor, é impróprio que coma em uma mesa de baixo agora que é minha esposa. Sua mão estava em seu cotovelo, persuadindo—a a subir ao tablado. Sua gentileza e seu tom amável fizeram que Ceidre ficasse agradecida.

— Mas ela já é sua esposa, Guy? Beltain riu da outra ponta da mesa. — Possivelmente deveria levá—la à cama e corrigir isso imediatamente!

Uma risada festejou a referência de que Rolfe se deitou com ela em vez do noivo. Ceidre estava fervendo de vergonha. Guy ficou congelado perto dela. O único responsável por todo esse desastre é obvio, não dizia nada, só estava sentado lá escutando indiferente. Ceidre se deu conta que estava olhando com raiva para Rolfe, mas ele não a estava olhando. Nem sequer estava divertido.

— Exijo desculpas por esses comentários grosseiros, Guy disse rígido e se avermelhou. Ele empurrou Ceidre para a outra ponta da mesa, onde ela temia ir. Athelstan correu para providenciar um lugar para ela, e Ceidre rapidamente se sentou no banco, querendo desaparecer, mas Rolfe a ignorava, como se ela fosse invisível, e desejou, desesperadamente estar em qualquer outro lugar menos nesse.

— O melhor cavaleiro está mal—humorado. Beltain riu. — Mas eu sei como seu bom humor pode voltar! Ele riu de forma grosseira, e despertou mais risadas.

Antes que Guy pudesse responder, Rolfe interveio.

— Suficiente.



Pelo menos, ela pensou, ele tinha tido a decência de terminar com as insinuações maldosas de Beltain. Ela olhou fixamente suas mãos, cruzadas sobre o colo, o silêncio continuou. Rolfe se levantou repentinamente da mesa.

— Não haverá nenhuma disputa entre meus homens, ele declarou. — Se a esposa de Guy se sente ofendida — e nem sequer lhe deu um olhar —.... Beltain se desculpará. Com isso, ele saiu do salão.

A esposa do Guy, Ceidre pensou, encolhendo—se. Ele a chamava de ‘a esposa de Guy’.

— Ela está muito ofendida, disse Guy. — Desculpe—se, Beltain. Não me faça desafiar nosso lorde.

— Sinto—o muito, Beltain disse a Ceidre, que finalmente levantou os olhos. — Foi apenas uma brincadeira. Não queria ofender...

Ceidre murmurou uma resposta apropriada. Lamentava muito ter vindo a esta refeição, mas lamentava muito mais ter colocado seus olhos nesse normando tão frio e insensível. Não dava a mínima que eles tivessem compartilhado uma noite. Finalmente tinha obtido o que procurava, e evidentemente tinha esquecido tudo o que tinha acontecido entre eles.

Se ela pudesse esquecer também....



Capítulo 41

Teve êxito; não pensou nela a tarde toda.

Mas seu êxito foi curto. O jantar estava terminado, e seus homens já tinham partido. Rolfe se encontrava em seu quarto, sozinho, caminhando impaciente como um leão enjaulado. Agora não podia deter seus pensamentos; não tinha a força de vontade para fazê-lo. Ceidre estava com Guy.

Agora, nesse mesmo momento, ela estava retorcendo—se debaixo dele com êxtase?

Rolfe gritou sua fúria, golpeou seu punho contra o colchão, o mesmo punho que tinha golpeado a mesa no salão. Mas essa descarga não lhe deu a distração que procurava.

Estava enlouquecendo, ele pensou. De fúria, de ciúmes. E de desejos de machucar, castigar e matar.

Tentou tranquilizar—se e raciocinar com lógica. Ceidre era apenas uma mulher. Havia muitas mulheres no mundo. Por alguma estranha razão, ele ainda estava fascinado por ela, mas passaria. Havia assuntos mais urgentes para pensar do que em uma simples mulher. Assuntos de estado, de traição. Traição. Tinha entregado—a para Guy protegê—la do destino irreversível que aguardava aos traidores da coroa. Deus, ele gemeu, Guy a estava possuindo agora? Ou pior, Ceidre realmente estava dando as agradeceu a ele? Ceidre faria com que qualquer homem fosse insaciável, sabia isso por experiência própria. Não podia conter sua ira. Queria estrangular seu próprio padrinho de casamento e a um bom amigo.

Apenas pôde se conter de deixar sua fortaleza, e ir até a outra fortaleza, arrancar Ceidre dos braços de Guy, e então golpeá—lo contra a parede por tê—la tocado....

Estou verdadeiramente louco, ele pensou. Ela é sua esposa!

Houve um golpe inoportuno na porta. Rolfe caminhou para ela e a abriu. Alice, vendo sua expressão carrancuda, deu um passo atrás. Estava vestida com sua melhor roupa de dormir.

— O que quer? Ele disse com um grunhido.

— Eu... O que podia dizer? Alice pensou com desespero, desejando que ele a recebesse como deveria um marido, rezando para que ele a engravidasse. Nunca o tinha visto tão lívido, e ela estava muito assustada. Mas também estava desesperada. Sua

intuição lhe dizia que sua posição nunca tinha estado tão precária. O fato que ele tivesse deitado com a esposa de Guy confirmava isso. Ia ignorar a humilhação que tinha sofrido o melhor que podia. Alice sabia que devia conceber um filho rapidamente, distraí-lo dessa bruxa.

E ainda por cima estava consciente de uma possibilidade horrível, uma possibilidade que podia causar sua ruína. E se Ceidre estivesse esperando um filho dele?

— Trouxe vinho quente. Talvez isso te tranquilize.

— Não quero, Rolfe disse com os dentes apertados.

Zangada Alice caminhou passando ao lado dele, consciente de sua expressão incrédula e, muito tarde, consciente de sua ira. Tremendo colocou o vinho sobre o baú. Girou para ele, sabendo que estava diretamente na linha da luz do fogo e que ele podia ver através do fino tecido da camisola. Ele a violaria? Ela se perguntou, com uma tensão que quase era excitação. Rasgaria sua roupa como tinha feito com Ceidre? Ela tremeu.

— Não quero vinho, Rolfe disse severo.

— Meu lorde, Alice disse com calma, ofegando de repente pela falta de fôlego, — Possivelmente eu possa aliviar sua necessidade agora em sua solidão.

— Saia daqui! Ele rugiu.

Alice se sobressaltou.

— Saia e não se atreva a entrar aqui até que eu exija sua presença!

Rolfe a observou fugir. Chutou a porta violentamente e gemeu. Então continuou passeando—se inquieto, atormentado com seus próprios pensamentos.

O sol estava alto no céu. Rolfe esporeou a seu cavalo cansado. A túnica, debaixo da cota de malha, estava ensopada e grudada em seu corpo.

— Outra vez, disse as quatro dezenas de homens que esteve treinando todo o dia.

Alguém gemeu, e Rolfe virou sua cabeça, furioso tentando achar o culpado, mas não podia encontrar quem se atreveu a contrariá-lo.

— Guy! Ele gritou. Fica no final da linha.

O rosto de Guy estava vermelho e ensopado pelo esforço físico. Assentiu com a cabeça, sua expressão era interrogativa. Os homens estavam divididos em duas linhas, uma em cada lado do campo. Rolfe encabeçou sua própria linha, colocando o elmo.

Sua adrenalina fluía rapidamente. Olhou fixamente para Guy de sua posição.

Tinha pressionado seus homens sem piedade e implacavelmente durante todo o dia. Mas não mais do que se pressionou a si mesmo. E agora, enquanto enfrentava Guy pela sexta vez, uma imagem repugnante cruzou sua cabeça. Guy empalando Ceidre. Essa noite,

ele pensou sombrio, Guy estaria muito cansado para caminhar, e muito menos para fazer sexo com ela.

Rolfe gritou, e as duas linhas se enfrentaram uma contra a outra.

Rolfe cavalgou para Guy com um sorriso frio. Sua lança golpeou exatamente no centro do escudo de Guy, novamente fazendo com que o jovem perdesse o equilíbrio, mas sem chegar a desmontá-lo. Rolfe tinha conseguido desmontá-lo duas vezes — as primeiras duas vezes que se enfrentaram. Guy rapidamente tinha descoberto que não se tratava de um simples treinamento, e que ia ser empurrado até o limite. Depois, com rigorosa determinação, enfrentava Rolfe com brutalidade.

Guy já tinha se deitado com Ceidre tão agradavelmente como ele tinha feito?

Eles se enfrentaram novamente. A lança de Rolfe deu no escudo de Guy outra vez, quase desmontando o cavaleiro. A própria lança de Guy roçou o escudo de Rolfe. Rolfe retrocedeu seu cavalo para a linha de partida e deu uma nova ordem para começar.

Era quase hora do jantar quando finalmente permitiu que seus homens deixassem o campo. Observou—os montando exaustos para o pátio. Ninguém falava, suas cabeças penduravam, as lanças apontavam para o chão. Eles eram os melhores, Rolfe pensou, com um súbito orgulho feroz. Tinha empurrado sua resistência além do humano, e o tinham vencido. Quando chegasse o momento da batalha, seriam invencíveis.

Viu que Guy estava esperando—o, e franziu o cenho. Sabia que não deveria tê-lo pressionado tanto, que estava descontando sua frustração nele. Claro que Guy podia suportar isso, ou não seria seu segundo no comando em uma idade tão jovem. Mas Rolfe não queria olhar em seus olhos, não queria conversar com ele. Pois vê-lo recordava o que o outro homem tinha, e o que ele ainda procurava. Não obstante, foi para ele, e juntos eles voltaram para fortaleza.

— Foi um dia muito longo, Guy disse olhando—o, — mas os homens provaram ser merecedores de você, meu lorde. Nenhum reclamou.

— Treinaram bem, Rolfe concordou. Fez uma pausa. — Você também.

— Penso que se excedeu comigo, Guy disse. Logo sorriu. — Chegará o dia em que te desmontarei!

Rolfe teve que sorrir.

— Assim espero — mas não perco o sono por isso. Guy riu. O problema era, Rolfe pensou, que gostava de Guy, não podia odiá-lo, apesar de estar tão ciumento.

Ciumento. Realmente estava ciumento?

— Então, Rolfe disse, — Como se sente com a vida de casado? É feliz?

Guy vacilou, e Rolfe percebeu. Como companheiros, eles tinham brincado com mulheres muitas vezes. E Guy alardeou em muitas ocasiões depois de ter bom sexo, tinha comentado abertamente os encantos que desfrutou, como se supunha que os homens não deveriam fazer. Rolfe nunca tinha sido de comentar suas próprias experiências. Mas as descrições gráficas de Guy o divertiam. Pois ele muitas vezes nem recordava a cor do cabelo da moça com quem se deitou! Agora, entretanto, sentiu—se decepcionado, pois Guy não estava ávido por compartilhar o prazer que tinha achado nos braços de Ceidre. Rolfe supôs sombrio que era porque ele sentia respeito pela esposa, o que não sentia por uma simples criada.

— É agradável, Guy disse finalmente, com um pouco de desconforto.

Rolfe se sentiu ruborizar. Sabia pessoalmente quão agradável era Ceidre. Nesse momento esteve seguro que Guy não compartilharia detalhes gráficos da mulher em questão. Porque Guy tinha desfrutado dessa paixão e a protegia. Porque Guy tinha passado a noite anterior desfrutando dessa paixão enquanto ele caminhava em seu quarto como um louco.

Alice estava sentada em frente à lareira no salão depois do jantar ocupada com seu bordado e seus cães mulherengos. Ela sentiu que ele estava se aproximando, e cada fibra de seu ser se esticou. Rolfe fez uma pausa diante dela. Seu olhar era direto, embora sua voz fosse baixa para não ser escutada.

— Prepare—se para mim, ele disse. — Estarei te aguardando em meu quarto.

Os olhos da Alice se abriram amplamente, mas ele já tinha girado e estava subindo as escadas. Ela começou a tremer. Finalmente, essa brincadeira de matrimônio seria consumada. Estava tão nervosa, e com tanto medo que o estomago doía. Estava consciente de seu mau humor nesses últimos dias, desde que tinha deitado com Ceidre na noite de núpcias.

Inesperadamente imagens gráficas se cruzaram por sua cabeça, imagens que a tinham perseguido. Rolfe arrancando o vestido de Ceidre, lançando—se sobre ela enquanto ela chorava, empalando—a com seu enorme membro. Machucando—a.

Alice estremeceu. Não pôde tirar essa fantasia em particular da cabeça, não desde que Mary tinha contado esse boato, e até tinha mostrado o vestido rasgado de Ceidre. Perguntou—se se ele a tomaria desse modo. Estremeceu novamente, ofegando.

Em seu quarto, Rolfe bebeu uma taça de vinho. Seus pensamentos não estavam centrados em sua esposa, que estava para vir a ele virgem, mas na esposa de outro homem, em Ceidre. De noite seus pensamentos ficavam intoleráveis, do mesmo modo que seu humor piorava. Sabia perfeitamente bem que Guy estava com ela agora, tocando—a, fazendo amor com ela. A raiva e os ciúmes o afligiram, faziam pulsar sua cabeça. O sangue

bombeou até encher seu membro. Estava tão frustrado que se sentia a ponto de ficar fora de si.

Um golpe na porta interrompeu seus pensamentos, e sombriamente soube quem era. Pediu a sua esposa que entrasse. Não havia razão para demorar, ele pensou determinado, o que deveria ter sido feito há muito tempo atrás. Em vez de estar metendo—se na vida de outro homem, colocaria em ordem sua própria vida.

Alice viu que Rolfe não estava de bom humor e que estava bebendo, embora aparentemente estivesse sóbrio. Seus olhares se encontraram.

— Está na hora de consumir este matrimônio.

— Não resistirei, disse ela, sua voz delicada. — quero ter seus filhos, sabe isso.

— Então farei o melhor para te dar isso, ele assinalou a cama.

Alice subiu à cama, rígida de medo e de excitação. O quarto estava totalmente escuro, pois ele apagou as lâmpadas de azeite, e ela o ouviu tirando a túnica e a calça. Recordou seu corpo enorme, feio, tão poderoso e forte o suficiente para quebrar uma mulher pequena como ela. Rolfe se acomodou ao seu lado e, por um momento silencioso, não fez nenhum movimento. Alice sentiu um ponto de decepção. De acordo com Mary, ele havia possuído Ceidre no chão — que era onde seu sangue tinha sido achado. Tinha—lhe arrancado a roupa, tinha atirado ela ao chão... Alice se moveu incomoda.

Rolfe fez um som, quase de desgosto, mas certamente ela tinha ouvido mal, e logo virou para ela, levantando sua camisola até os quadris. Suas mãos acariciaram suas coxas, logo se meteram entre suas pernas. Um choque a invadiu, e ela tentou se afastar.

— Fica quieta, ele disse. — Preciso te tocar ou não poderei tomar.

Alice não era idiota, e sabia do que ele estava falando. Podia sentir seu sexo contra o exterior de sua coxa, e ele não estava duro. Não tão duro como esteve quando violou sua irmã. Ele a estava tocando para se excitar, e ser tocada tão intimamente a repugnou. Ele terminou de tocá—la, se incorporou e se colocou em cima dela. Alice continuava imaginando como tinha sido com sua irmã. Não podia acreditar que esse era o mesmo homem. Ele a penetrou.

Uma dor a afligiu e ela gritou.

Rolfe se deteve, não devido ao grito, mas sim porque, apesar do poder de sua investida, ela era tão pequena e estreita que foi detido momentaneamente. Rolfe a empalou novamente; e novamente ela gritou como se a estivesse partindo em dois. Rolfe tinha estado com muitas mulheres, sabia que Alice era anormalmente estreita e que a machucaria inclusive antes de ter terminado, devido ao tamanho de seu próprio membro. Não havia modo de evitar isso.

Alice supôs que ele ia matá—la.



— Para, ela implorou, soluçando pela dor crua. — Para, ou me partirá em dois! Por favor, para!

Rolfe fez uma pausa, ainda dentro dela.

— Sinto muito, ele disse indiferente. — É muito estreita para mim, mas será melhor com o tempo, te asseguro. E ele começou a mover—se ritmicamente, continuamente e severamente.

Alice soluçou com a dor insuportável, tentando empurrá—lo com os punhos. Seus movimentos não cessaram. E então, quando ela pensou que desmaiaria de agonia, foi dominada por uma série de tremores e contrações violentas, ela gritou seu prazer, ofegando contra o pescoço de seu marido.

Seu orgasmo surpreendeu Rolfe. Ele nem sequer tinha estado completamente excitado, mas se sentiu satisfeito por tê—la agradado. O clímax dela curiosamente aumentou sua excitação, e ele começou a investir mais rapidamente, procurando seu próprio orgasmo. Alice gemeu de dor, ele sabia, mas estava quase terminando, e estava determinado a derramar sua semente nela.

Alice gemeu novamente.

Rolfe se sentiu mais excitado, endureceu até mais, e se enterrou tão profundamente como pôde. Ela gritou. Suas unhas se cravaram em seus ombros.

— Mais forte, ela gritou. — OH, sim mais fundo, sim!

Rolfe teve seu orgasmo enquanto ela se agitava debaixo dele.

Saiu dela imediatamente, separando seus corpos enquanto o invadia a neblina posterior ao clímax. Sua mente se esclareceu imediatamente. Quase riu. Sua pequena e maliciosa esposa gostava do prazer misturado com dor. Supôs que deveria ter sido uma surpresa, mas de algum jeito, não o era.



Capítulo 42

— **M**inha lady, deve vir rápido. Mary ofegou.

Ceidre estava no corredor entre as cozinhas e a fortaleza, instruindo dois moços sobre as tarefas para o dia.

— O que acontece?

— É o lorde. Ele está machucado e não permite que ninguém mais que você o toque!

Quase uma semana tinha passado desde sua noite de núpcias. Ceidre não tinha visto Rolfe desde o horrendo almoço do dia posterior. Ela tinha se mantido dentro da fortaleza, vigiando os criados, e tinha se mantido tão longe dele como foi possível. Uma vez, quando estava cortando vegetais na horta atrás da fortaleza, tinha ouvido os sons de seus homens em seus treinamentos, e tinha visto uma breve imagem de Rolfe sobre seu cavalo cinza. Não se deteve para observar e ele não a tinha visto.

Dois dias atrás ele partiu para caçar com uma dúzia de seus homens, incluindo Guy. Ceidre estava muito consciente de que o grupo de caça acabava de voltar, pois tinha ouvido o som do corno do vigia e logo o ruído dos cascos dos cavalos dentro do pátio. Ela esteve substituindo a palha do piso do salão com Lettie, e tinha ignorado esse fato. Mas Lettie não o tinha feito. Ela tinha gritado alegremente e tinha corrido para a entrada para observar e saudar seus favoritos.

Ceidre tinha esquecido sua noite de núpcias o melhor que pôde. A verdade era que se converteu em uma espécie de sonho e, como um sonho a espreitava principalmente depois do entardecer. Tinha tentado não pensar no normando, e quando sua imagem dourada invadia sua mente, ela rapidamente dizia a si mesma que era porque o odiava. A dor por sua indiferença tinha desaparecido, ajudada por sua própria atitude de indiferença. Então, como uma surpresa seu sangue começou a correr grosseiramente com as palavras de Mary.

— Irei procurar minhas poções, ela disse. Ele estava ferido!

Em seus pés cresceram asas inesperadas, e ela voltou em um segundo. Mary estava chorando, retorcendo suas mãos, persuadindo—a a se apressar.

— O que aconteceu? Ceidre perguntou, de algum jeito conseguindo que as palavras passassem através do nó que ameaçava sufocar.

— Foi um javali! Foi atacado, Ceidre. E ela começou a chorar.

Tinha sido atacado por um javali. A criada estava histérica, então Ceidre a ignorou, e saiu correndo. Estava consciente que sua garganta se apertava com essas palavras sinistras, que seu coração agora estava palpitando irregularmente. Estava voando pelo pátio interno para o portão de grade. Não recordava ter subido os degraus da entrada da nova fortaleza, ou ter aberto sua porta enorme. Os homens estavam amontoados e em silêncio no grande salão. OH Deus, era como um enterro! Eles se separaram quando ela se precipitou no meio deles.

Na entrada de seu quarto ela se deteve repentinamente. Nada poderia tê-la preparado para a imagem que viu. Alice e Beth estavam paradas ao seu lado, como estavam Athelstan e Guy. Ela só podia ver seus ombros, sua cabeça e seu pescoço; parecia estar nu. Não estava em agonia, como ela temeu, mas sentado muito direito, seu rosto era a máscara contida que ela conhecia tão bem. Seu coração parou ante a imagem dele. Estava dourado e bonito, esqueceu—se dessa imagem nessa última semana.

Rolfe a viu, e seus olhares se encontraram. Ceidre notou que tinha deixado de respirar, logo tomou uma respiração profunda. Sua raiva cresceu. Rolfe não estava gravemente ferido, podia ver isso claramente, porque ele a estudou cuidadosamente, do modo que só um homem esteve intimamente com ela podia fazer, de um modo que sugeria que estaria na intimidade com ela novamente. Ceidre se ruborizou.

— Vem aqui, ele disse, era uma ordem. — Estou ferido.

Se ele estava ferido, ela era uma bruxa, Ceidre pensou irônica. Ceidre avançou com os lábios apertados. Seu coração pulsava tão forte que era doloroso. Os homens se afastaram para o lado. Ela notou que Alice não se afastou, e que sua mão branca e delicada estava possessivamente apoiada em seu ombro. A imagem quase a deteve. Fez—lhe um gesto para que se adiantasse.

Então Ceidre viu que ele estava ferido, e um grito escapou de seus lábios.

Rolfe estava completamente nu. Sua coxa direita estava cortada do quadril até o joelho, a carne aberta e sangrando.

— Procurem água e tecidos de linhos, Ceidre ordenou e se ajoelhou a seu lado, aos pés de Alice. Estava consciente do olhar implacável sobre ela, enquanto suavemente tocava a carne perto da ferida. Já estava quente.

— Dói quando toco aqui? Ela perguntou com preocupação real.

— Não, ele disse severo. — Não me dói, Ceidre.

Seu tom fez que seu olhar subisse. O olhar de ambos tão audaz e tão íntimo que por um momento ela se esqueceu da ferida e da presença de todos no quarto. Mas Ceidre se recuperou quando Alice se moveu furiosa. Notou a curva apertada de sua boca, e soube que Rolfe sentia dor.

— Quanto dói?

— Sofri dores muito piores.

— Não se faça de herói comigo, ela replicou. Seu tom era baixo, quase um ronrono.

— Só quero ser um herói perante seus olhos, Ceidre.

Uma lembrança fugaz da noite de núpcias a invadiu.

— Então se equivoca gravemente, meu lorde.

— Dou—me conta disso. Sua risada foi amarga.

— Meu lorde, Alice cortou a conversa. — Parece estar incômodo aqui, eu...

— Estou bem, Rolfe disse seco. — Não fique em cima de mim, não sou um menino.

Alice moveu sua mão por suas costas, aceitando dar um passo atrás. Ceidre rapidamente dirigiu seu olhar a carne aberta, mas não sem antes receber um olhar feroz de Alice. Ceidre não disse nada e começou uma inspeção cuidadosa da ferida. Não era profunda, descobriu com alívio. Mas exigiria alguns pontos depois de ser completamente limpa. Beth voltou com os artigos que tinha solicitado, e Ceidre colocou tudo no chão onde estava ajoelhada. Alice se aproximou com uma tigela de água. Ceidre olhou sua irmã e educadamente lhe disse.

— Pode se afastar Alice? Preciso de espaço.

— Não irei, Alice disse.

— Lady Alice, vá até a lareira, Rolfe ordenou e isso foi tudo. Alice obedeceu apertando sua boca.

Ceidre não podia evitar sentir pena de sua irmã, ser ordenada com semelhante antipatia diante de todos. Tinha vontade de perguntar ao normando como se sentia a respeito de sua esposa, e se o repugnava tanto, como podia deitar—se com ela, noite após noite. Recordou a si mesma que gostar ou não, não tinha nada a ver com a luxúria — e ela sabia isso por experiência própria. E é obvio não podia verbalizar essas perguntas, embora eles estivessem a sós no quarto. Isso não era assunto seu. Ceidre tomou um tecido limpo.

— Doerá.

— Sofrerei essa dor com alegria, ele murmurou, mantendo seu olhar.

Ceidre rompeu o contato visual, completamente perturbada agora, e começou a limpar a ferida. Rolfe não emitiu nenhum som, embora ela se percebesse que a perna se movia debaixo de seu contato suave. Ela se concentrou completamente no que devia fazer. Quando a ferida esteve limpa, pegou a agulha e o fio. Não vacilou. Seus pontos eram pequenos. Rolfe se manteve muito quieto. Mas ela estava consciente que sua respiração era mais agitada que o habitual.

Para distraí—lo, conversou.

— A caça foi bem—sucedida, apesar deste incidente?

— Sim, muito bem—sucedida. Trouxemos três cervos. Um lobo, e é obvio, o javali.

— Claro. Devo assumir que foi sua lança que o matou?

— Sim, ele disse.

Ceidre terminou a tarefa com um suspiro e olhou para cima. Pela primeira vez sua nudez a perturbou totalmente, observou brevemente seu membro flácido e avermelhou. Deixou a um lado a agulha, e preparou uma pomada.

— Mas como foi que te atacou?

— Muito fácil, o javali é matreiro e impossível de predizer.

— São muito perigosos para serem caçados, ela respondeu, colocando as ervas sobre a tira de linho sobre sua coxa. — Os homens que fazem esse esporte são tolos. Ela foi cuidadosa e só olhou o que estava fazendo, mas agora ela estava consciente da perna endurecida debaixo de seus dedos.

— É o perigo o que nos atrai, ele disse.

Ceidre podia sentir seu olhar no alto de sua cabeça curvada.

— É uma necessidade infantil de provar a masculinidade, Ceidre replicou.

— A masculinidade não é algo infantil, ele disse com calma.

Seu tom sensual lhe tinha causado um rubor quente e ela rapidamente levantou seu olhar para ele, só para ver de relance que seu membro inchava. Ela vacilou com vergonha. Rolfe sorriu ligeiramente, com um olhar satisfeito e audaz.

— Evidentemente não está sofrendo, ela conseguiu dizer.

Ceidre se levantou e virou, mas ele agarrou sua mão.

— Não me deixe.

— Já acabei. Ela respondeu.

— Não vá, ele repetiu. — Tenho dor.

— É bastante claro onde está sua dor, ela replicou agora zangada.



— Pode aliviar essa dor.

— Sua esposa pode aliviá—la.

— Acredita nisso? Ele arqueou uma sobrancelha. — Ela não pode, só você pode.

— Não diga essas coisas, ela disse entre dentes. — Deixe—me ir.

— Só se me prometer voltar. Não permitirei que ninguém mais me atenda. A bandagem deve ser trocada, certo?

— Sim, mas qualquer um pode...

— Você deve me atender.

— Bem. Ela se rendeu.

— Quando virá novamente?

Ela vacilou.

— Amanhã.

— Esta noite. Virá esta noite. Talvez me de febre. Ele sorriu.

Essa possibilidade existia.

— Virei quando terminar com meus deveres na fortaleza, ela disse.

Seu rosto de repente se obscureceu, os olhos azuis ficaram tempestuosos.

— Sim, é obvio, seus deveres. Para com seu marido? Ele ordena sua presença todas as noites? Seu tom se elevou. — Verdade? Sentiu saudades estas últimas duas noites? Verdade?

Ceidre estava perplexa por sua raiva.

— Esta noite, ele disse com os dentes apertados, — Tem um dever comigo, seu lorde. Não esqueça, ele ronronou, — Não se esqueça quem sou eu. Fui eu quem a entregou a Guy, advertiu, e posso te tirar dele.

Ceidre reprimiu a fúria diante de tanta arrogância. Mas ele tinha razão, em Aelfgar sua palavra era lei, ele podia ordenar um divórcio e Guy de boa vontade o aceitaria, e ele podia dispor dela, apesar de seu marido.

— Acabei aqui. Posso ir?

— Pode ir, ele disse sereno. — Mas não pense que acabou aqui. Ele sorriu. — Não pense que acabamos.



Capítulo 43

A perna pulsava, mas Rolfe se içou da cama para mancar até a lareira e olhar as chamas.

Era noite agora, e seus ouvidos estavam alerta aos sons que vinham de fora de sua porta que — a propósito — estava entreaberta. Escutou atentamente para registrar movimentos, mas não houve sons. Ceidre não vinha.

Estava zangado consigo mesmo. Tinha provocado—a com uma insinuação sexual. Não quis fazê—lo. Na verdade, nunca tinha falado a nenhuma mulher do modo que falava com ela. Seu cabelo cor de bronze e seus olhos violeta pareciam ser sua perdição. Como podia tê—la provocado dessa maneira? Talvez fosse por não tê—la visto em semanas. Talvez fosse porque ela o havia tocado tão suavemente, tão meigamente e apesar da ferida superficial ele se excitou.

Mas chegar a provocá—la sexualmente com sua própria esposa e o marido dela presentes no mesmo quarto?

Não podia controlar sua excitação física, mas certamente podia controlar suas palavras. Não havia desculpa. Eles dois tinham ouvido tudo, e ele tinha visto o rosto pálido de Guy procurando o olhar de Alice. Ficou surpreso, se não confundido, com a resposta. Guy não se zangou, ou, se o tinha feito, tinha escondido muito bem. Rolfe sabia que se Guy fosse outro homem e ele fizesse esses comentários sugestivos a sua esposa, o homem o mataria. É obvio, ele era lorde de Guy, e Guy o adorava.

Rolfe lamentou ter ordenado sua presença essa noite, da mesma maneira que se sentiu decepcionado porque ela não vinha. Ela provavelmente estava nos braços de Guy nesse mesmo momento. E então a ouviu.

Sua cabeça virou, escutando as pisadas leves se aproximando, esperando, observando como a porta se abria. Ceidre apareceu então em toda sua glória. Rolfe se deu conta que ele estava sorrindo de prazer ao vê—la.



— Vejo que não sucumbiu à febre, Ceidre disse seca. — Então, posso partir meu lorde?

Seu sorriso se alargou. Ele mancou até a cama e se sentou

— Vem para examinar minha perna.

Ela bufou com desdém, mas obedeceu. Rolfe estava vestindo apenas uma túnica que chegava a metade da coxa. Ceidre não fez uma pausa nem vacilou, mas sim a levantou para revelar sua coxa e o resto de seu corpo nu. Maldição, ele pensou, verdadeiramente se sentia bem, pois imediatamente se excitou.

— Isto é uma farsa, ela gritou, afastando—se dele.

— Não posso evitar essa resposta com você.

— Recuso—me a enganar a meu marido!

Sua raiva foi imediata.

— Acredita que te chamei aqui para cometer adultério? Para enganar meu padrinho de casamento?

Ela vacilou ligeiramente sob seu olhar glacial.

— Acreditar? OH, Não, meu lorde, sei!

Rolfe agarrou sua mão e a puxou sobre a cama, quase sobre sua coxa ferida. Ela lutou uma vez e logo ficou quieta.

— Elogia a você mesma, Ceidre, lhe disse.

— É uma besta!

— Eu não engano meu padrinho de casamento.

— Então me deixe ir.

Sua outra mão capturou seu queixo, forçando seu olhar a encontrar o seu.

— Está tão pouco disposta. Ama—o?

— O que? Ela lutou novamente agora, mas foi inútil.

— Já o ama tão rapidamente? Seu tom era severo. — Uns poucos tombos na cama e já é tão leal? Responda—me! Ela tremeu, mas não disse nada. Rolfe viu lágrimas em seus olhos.

— Ele te agrada bem, Ceidre? Rolfe disse em um tom perigoso.

— Não é teu assunto, ela disse em voz baixa.

— Me responda!

— Sim, ela gritou, e logo lamentou. Nunca o deixaria saber a verdade, que seu próprio marido a considerava repulsiva e preferia o consolo de Lettie e Beth. Nunca ia compartilhar esse segredo, essa humilhação, com esse homem.

— Não vou te machucar, não vou te tocar, não vou te violar, então para com as lágrimas, ele disse. Empurrou—a violentamente fora da cama. Ceidre tropeçou e quase caiu. Ela o olhou e viu reluzir a fúria.

— Saia daqui, ele disse em voz baixa. — Mudei de idéia, não preciso de você, como pode ver.

Ceidre secou os olhos e endireitou os ombros. Não podia encontrar seu olhar escuro e violento.

— Vá com seu marido, ele disse com calma. — Vá com ele. E mantenha—se longe de mim.

Por alguma razão, o impulso de ir para ele e tirar a arrogância de seu tom de voz a invadiu, e Ceidre não se moveu.

— Por que espera? Agora joga de sedutora? Pensa que vai me seduzir de pé aí tremendo como se eu tivesse te machucado? Ou crê que tem algo que não tenha visto antes? É só uma mulher, como qualquer outra, minha resposta por você é a mesma com todas as outras.

Suas palavras cruéis a alcançaram com a força de um golpe, e ela virou cegamente.

— Diga a Alice que venha, ele gritou quando ela partia. — Diga que venha comigo, necessito—a agora.

Ceidre escapou.



Capítulo 44

Uma semana depois, Rolfe e Guy cavalgavam para inspecionar o feudo de Guy em Dumstanbrough. Rolfe estava ligeiramente rígido pelo tempo de repouso, e julgava que a cavalgada o aliviaria. Levaram com eles uma dúzia de homens, no caso de enfrentassem um ataque de escoceses rebeldes, deixando Aelfgar bem defendido sob a autoridade de Beltain. Cavalgaram um dia e meio, e tinham completado a inspeção ao anoitecer desse segundo dia.

Enquanto seus homens se reuniam ao redor da fogueira no acampamento, preparando—se para dormir, Rolfe estava de pé e se estirava. A perna doía um pouco. A aldeia estava em silêncio agora, depois do alvoroço inicial que sua chegada tinha causado. Aparentemente, estando localizados tão ao norte, os aldeãos viam muito pouco seu Lorde, e aparentemente importava muito pouco se esse lorde era saxão ou não. Comida abundante e cerveja tinham sido providenciadas para seus homens. Guy já tinha escolhido um lugar para sua fortaleza. Logo que Rolfe pudesse dispor dele, Guy voltaria para fiscalizar a construção. Isso o fez sentir que um dia no futuro certamente Ceidre deveria viver ali como a lady de Dumstanbrough.

Não que lhe importasse. Deixaria que ela tivesse Dumstanbrough e o marido que tanto amava! Possivelmente Guy a traria com ele quando voltasse, e a deixaria aqui quando partisse para retomar seus serviços em Aelfgar. Se não fosse por Ceidre, Rolfe estaria completamente satisfeito com esse giro dos eventos. Guy era um cavaleiro valente, e tê-lo a cargo dessa fronteira seria um grande benefício para suas defesas. Rolfe já tinha decidido contratar mais homens, e alguns deles se estabeleceriam aqui.

Ceidre. Ela sentiria saudades de seu marido? Sentiu uma amargura, e afastou—se da fogueira, como se estivesse se distanciando de suas emoções...

Ela amava Guy. Inconstante foi a primeira palavra que lhe ocorreu. Ela era inconstante em seus afetos. Mas, como podia ser? Rolfe bufou, sentindo desprezo dirigido a si mesmo. Uma violação não tinha ganhado seu coração. Mas eles não tinham compartilhado algo mais depois? O conceito de amor era para idiotas, mulheres e adolescentes. Na verdade, entre os adultos o amor era a forma educada para nomear a

luxúria. Ela realmente achou essa paixão e êxtase nos braços de Guy? Repetiu novamente que isso não lhe importava, ele tinha tido muitas mulheres, e na escuridão dificilmente poderia distingui—las.

Rolfe deixou de caminhar, dando—se conta que tinha alcançado a aldeia, e virou para retornar ao acampamento. Sentia uma sensação de energia essa noite. Algo agudo e intenso, como uma espécie de necessidade, mas, necessidade de que? Quando começava a caminhar de volta para o acampamento, umas risadas chamaram sua atenção. Apesar da conotação sexual das risadas, imediatamente reconheceu a risada de Guy, e fazendo uma pausa, seu olhar esquadrinhou os arredores.

Na escuridão, finalmente distinguiu um casal abraçado debaixo de uma árvore. A luz da lua os iluminava. Sua curiosidade foi despertada; tinha que saber se era Guy, e se aproximou até estar seguro. Era Guy. Tinha uma mulher em seu colo, suas saias estavam levantadas, e seus quadris se meneavam ritmicamente enquanto ele investia nela. Rolfe sentiu uma quebra de onda de raiva.

Não se moveu e presenciou como eles terminavam, a mulher ficou de pé sacudindo suas saias e rindo. Guy ajustava a calça e deu umas palmadas de leve em seu traseiro. Guy se sobressaltou quando viu Rolfe. A moça também o viu, e lhe lançou um olhar ardiloso e sedutor, mas Rolfe a ignorou. Ela partiu decepcionada.

— Estava me procurando, meu lorde?

— Não, acabo de te encontrar. Eles começaram a caminhar de volta ao acampamento.

De repente Rolfe olhou para Guy.

— Não é fiel a sua esposa. Era, é obvio, uma declaração, embora também uma pergunta.

Estava escuro, mas pelo tom de Guy Rolfe soube que ele estava se ruborizando.

— Não. Claro que não. É que sou muito jovem para envelhecer com uma só mulher, e ainda por cima uma bruxa.

Rolfe sentiu raiva novamente.

— Ela não é uma bruxa, Guy.

— Sinto muito, me esqueci que não acredita nisso. Guy estava nervoso.

— Surpreende—me, Rolfe disse de passagem, — que depois de estar em seus braços, encontre a energia, ou o desejo, para estar com outra. Seu olhar se cravou com expectativa no homem mais jovem.

Guy ficou mudo, com desconforto. Rolfe percebeu, e se perguntou se era uma referência indireta por ter sido o primeiro a se deitar com sua esposa, ou algo mais. Finalmente Guy encolheu os ombros.

— Sou jovem. Com a cabeça abaixada, ele continuou caminhando.

Rolfe sabia que se ele estivesse casado com Ceidre não teria energia ou desejo por outra. Olhou Guy pensativamente. E se perguntou como se sentiria Ceidre se soubesse que seu marido estava tão ávido por procurar a outras mulheres.

— Prendam—na, Alice disse.

Ceidre ficou congelada no meio do processo de acender duas lâmpadas no salão da fortaleza. Dois normandos avançaram, um deles a tomou pelo braço. Beltain permaneceu com Alice.

— O que está acontecendo? Ceidre chorou.

Alice sorriu fazendo uma careta com intenção maliciosa.

— Cometeu uma traição novamente, Ceidre, e na ausência de meu lorde devo proteger o que é dele! Prendam—na!

— Traição? Ceidre ofegou. — Eu não...

Beltain a interrompeu, sacudindo um pergaminho que estava segurando.

— Uma criada encontrou isto em seu quarto, minha lady.

Ceidre olhou o pergaminho.

— Não sei o que é.

— Está dirigido a você. É de seu irmão Edwin.

Seu coração se deteve, logo renovou seus batimentos.

— É uma mentira! Isso não é meu! Eu nunca o vi! Eu não recebi isso! “

Beltain estava muito sombrio.

— Está dirigido a você, foi achado em seu quarto, e é de seu irmão. Alguém lhe deu isso. Quem?

— Ninguém, já te disse, ela gritou, realmente furiosa com esse engano. — Tudo isto é falso, é uma armadilha!

— Cometeu traições antes, Beltain disse. — Todos sabem. Antes de seu casamento, meu lorde teve que te vigiar noite e dia porque não confiava em você. Eu não confio em você, e a evidência é clara. Ele fez uma pausa.

— Ela é muito ardilosa, Beltain, Alice observou. — E é uma bruxa. Se não a prender nos calabouços poderá fugir—se e meu lorde ficará furioso.

Ceidre congelou.

— Ela não escapará, Beltain disse firmemente. — Ela é esposa de Guy, não posso encerrá—la nos calabouços. Mas a vigiarei pessoalmente.

Ceidre fechou seus olhos com alívio momentâneo.

— Não! Alice gritou. Ela vai te enfeitiçar, como a todos os outros, e estará impotente para resistir a isso! Acredite, sei!

Ceidre não podia acreditar no que estava ocorrendo, e lançou um olhar frio a Alice.

— Você fez isto, você fez isso? Como posso saber que não o escreveu você mesma. Quem escreveu esta nota falsa?

Alice a ignorou.

— Estou te avisando, disse a Beltain. — Estou te avisando! Recorde a fuga do Morcar!

Beltain virou firmemente para Ceidre.

— Sinto muito, mas Lady Alice tem razão. Ponham—na nos calabouços, disse aos dois cavaleiros.

— Esperem! Ceidre gritou frenética agora. — Deixe—me ver essa nota!

Beltain encolheu os ombros e a passou. Ceidre olhou—o, logo deu um olhar desesperado.

— Esta não é a letra de Edwin!

— Não importa se ele o escreveu pessoalmente, Beltain disse. — Provavelmente ele não possa escrever e tenha feito outra pessoa escrever. Levem—na abaixo agora.

— Não, por favor! Ceidre agarrou a manga do Beltain. — Por favor, eu imploro!

Ela foi empurrada para frente, Beltain a contemplou com piedade e desgosto. Ela virou seu olhar para sua irmã.

— Não faça isso, ela rogou. — Alice, o que ganhará? Quando o normando voltar...

— Irá te pendurar! Alice gritou.

Com um golpe seco, a porta se fechou, inundando—a em uma negritude total.

Ceidre não se moveu. Estava completamente quieta, apenas respirando aperto. Seu coração estava pulsando tão forte que ela temeu que pudesse estalar. Tentou respirar profundamente e falhou, sufocando. O ar estava denso e opressivo com o fedor de

excremento humano. Como era verão, ela estava descalça, e agora sentia o barro em seus pés. A cela estava úmida e fria, mas não era por isso que estava tremendo. Seus tremores aumentaram.

Não estava sozinha, e sabia. Podia ouvir o movimento leve dos ratos. Lágrimas vieram a seus olhos. Tanto quanto odiava o normando, ela começou a rezar freneticamente por seu retorno. Estava segura que ele a liberaria no momento em que voltasse, mas embora eles só estivessem a um dia em Dumstanbrough, ainda estavam a dois dias de viagem. Ela não sobreviveria.

Ceidre gemeu. O tremor de seu corpo se tornou violento, sua respiração rápida e superficial. Entretanto não podia colocar ar em seus pulmões.

Ofegando por ar, desesperada por encher seus pulmões oprimidos, Ceidre começou a gritar. Não podia respirar, sentia as paredes desmoronando sobre ela! Sufocaria, estava se sufocando, seria enterrada viva! Com um grito, metade soluço, Ceidre saltou para o alçapão. Estava acima de sua cabeça, muito alta, mas ela soluçou e saltou. As lágrimas rolaram por seu rosto. Tinha que sair, tinha que fazê-lo! De algum jeito achou a parede dura e seca de terra, e começou a arranhá-la frenética e histérica.

— Me deixem sair, ela gritou. — Me deixem... ela soluçou. Arranhou e arranhou, rompendo suas unhas, chorando, tentando saltar e chegar à porta.

Algo morno e vivo tocou seu pé.

Ceidre gritou novamente e saltou. Ela atacou a parede com toda sua força. Suas unhas se partiram e o sangue escorreu por seus dedos, mas ela não estava consciente disso e renovou seus esforços.



Capítulo 45

A chegada do amanhecer trouxe a mesma energia que Rolfe havia sentido a noite anterior, salvo que essa sensação intangível aumentou. Rolfe despertou com seus instintos aguçados, como se estivesse sendo alertado de algum perigo. Era quase como se estivesse pressentindo uma emboscada. A urgência crepitou no ar.

— Não nos demoraremos, disse a Guy, e ordenou que seus homens partissem.

A sensação de urgência cresceu. Rolfe pressionou seus homens para adotar um passo mais rápido, seu olhar estava aguçado para observar tudo o que o rodeava, seus ouvidos alerta a todos os sons. Estava esperando algo detestável. Mas quando eles finalmente armaram o acampamento, pouco depois do crepúsculo, nada chegou para interromper a tranquilidade. Rolfe não podia dormir, tenso por esse pressentimento e essa necessidade urgente de retornar a Aelfgar.

Chegaram antes do meio—dia do dia seguinte. Rolfe quase esperava encontrar Aelfgar sob ataque ou arrasado. A imagem de sua fortaleza e da aldeia intactos o aliviou, mas desgraçadamente, não podia tirar a apreensão que espreitava sua alma. Alice, sempre obediente, saudou—o no pátio, dizendo que já tinha ordenado. Rolfe sacudiu a cabeça e virou para Beltain. Imediatamente observou o semblante sombrio do cavaleiro.

— O que aconteceu em minha ausência?

— Tudo esteve bem. Ele vacilou. — A não ser por uma mensagem que foi achada no quarto de Lady Ceidre.

Guy ficou rígido.

— Que mensagem? Rolfe exigiu.

— De seu irmão, Beltain disse.

Rolfe sentiu a raiva ferver dentro dele.

— Essa moça nunca aprenderá, ele murmurou. Mandem—na para mim e me tragam a mensagem, ele ordenou. Ela tinha cometido uma traição novamente.

— Encerrei—a nos calabouços, Beltain disse.

Rolfe virou bruscamente.

— Colocou—a nos calabouços?

— Como sua esposa disse, era o único modo de nos assegurar que ela não escaparia. Beltain encontrou o olhar de Rolfe. — Eu vacilei, mas decidi que era melhor para me assegurar que ela estaria presa quando você chegasse, em vez de ser uma fugitiva.

Rolfe não questionou suas próprias motivações. Já estava descendo a colina, toda sua raiva suspensa, e a sensação de urgência subjugando-o. Apenas estava consciente de um Guy horrorizado seguindo-o, e um Beltain sombrio em sua carreira ao portão. Quando os calabouços estiveram à vista, gritou ao guarda que abrisse o alçapão. O homem soltou o cadeado e levantou a porta. Rolfe chegou a seu lado e se ajoelhou observando o buraco negro.

Piscou, tentando ajustar-se à escuridão.

— Ceidre? Ceidre?

Não houve nenhum som, nenhum sinal de que alguém vivesse nesse inferno escuro e úmido, e por um momento acreditou que ela de algum jeito tinha escapado. Então ouviu um gemido baixo. Sua cabeça virou em direção ao som, e distinguiu uma forma vaga agachada no chão.

— Ceidre!

Alcançou-a em um momento e foi pego de surpresa por um grito rouco e estridente. Inclinou-se para ela e se encontrou com um ataque débil. Seus dedos roçaram seu rosto quando ela tentou arranhá-lo. Ignorando isso, Rolfe a levantou em seus braços. Ela estava coberta de barro e sujeira. Por um segundo, enquanto se movia para a porta aberta, ela se manteve inerte, e logo se retorceu e o arranhou novamente.

— Sou eu, Rolfe, Ele disse.

Ela não se deteve, com débeis movimentos tentava se retorcer e se afastar, tentando afastar seu rosto. Sua respiração era rouca e irregular.

— Sou eu, Rolfe, ele repetiu em um tom firme.

— Me deixe, ela gemeu, sua voz era um sussurro cru, apenas audível. — Deixa!

— Estou te tirando daqui, ele disse com calma. — Não resista, estou te tirando.

Lançou-a por sobre seu ombro, dando-se conta que ela estava muito fraca para subir a escada de cordas. Rolfe equilibrou um pé no primeiro degrau, logo subiu rapidamente. O guarda tomou rapidamente Ceidre e Rolfe facilmente saiu do calabouço.

Ficou congelado, e logo exclamou com horror.

Ceidre estava coberta de barro e se arqueava e tremia onde o guarda a tinha depositado. Suas mãos e antebraços estavam arranhados e havia sangue em seu rosto. Seu olhar foi para suas mãos, estavam em carne viva e faltavam as unhas. Mas o pior, era seu olhar selvagem, seus olhos como os de um animal encurralado e enlouquecido.



Imediatamente Rolfe se aproximou; Ceidre retrocedeu. Algo incrivelmente terno despertou nele, e muito lentamente, ficou de joelhos ao lado dela.

— Ceidre, sou Rolfe, está livre agora... tudo estará bem.

Ela o olhou, piscando com cautela e com medo, lembrando uma raposa a ponto de morder.

— Ceidre?

Rolfe viu uma faísca de reconhecimento. Ela baixou sua cabeça com um soluço. Estava ofegando agitadamente, com os dedos enterrados na terra. Rolfe tocou seu ombro e sentiu seu tremor. Mas não se encolheu, nem resistiu. Suavemente tomou—a em seus braços.

Ela se agarrou. Sua expressão era uma máscara rígida, escondendo a agonia que estava sentindo. Ceidre enterrou o rosto imundo em seu pescoço, e ele sentiu a umidade de suas lágrimas. Rolfe estava consciente do batimento acelerado de seu coração, e isso o preocupou. Ela o apertava mais e mais e quase o estava estrangulando.

Rolfe recordou a presença de seus homens e lançou um olhar lívido a Beltain. Seu cavaleiro, ele viu, estava dominado pelo horror.

— Sinto muito. Ele ofegou. —Não tinha idéia... Beltain virou para Guy. — Sinto muito. Sinto muito!

Guy assentiu.

— Ela enlouqueceu, ele disse muito concretamente. — Não podia saber que ia acontecer isso. Vi essa reação antes, alguns homens enlouquecem quando são encarcerados embaixo da terra. Ele girou para Rolfe.

— Devo carregá—la, meu lorde?

— Não, Rolfe conseguiu dizer, não confiava em si mesmo para falar serenamente com Beltain, a quem poderia assassinar facilmente a qualquer segundo. Com passos largos, ele carregou Ceidre para a fortaleza, cruzando o salão e subindo as escadas. Suavemente a depositou em sua cama. Ela se agarrou a ele, recusando—se a soltar seu pescoço. Rolfe se encontrou sentado, segurando—a e acariciando seu cabelo embaraçado e sujo. Ela soluçou aferrada a sua túnica, ainda tremendo violentamente. Ele passou a mão por suas costas, acariciando—a e tranquilizando—a.

— Shhh, ele disse. — Silêncio agora, minha querida, silêncio, já estou aqui, e tudo estará bem.

Ceidre começou a murmurar. Começou a contar como quase morreu, como não podia respirar, como o chão tentava tragá—la. Como tinha gritado e implorado ser liberada, mas ninguém respondeu, como havia escalado as paredes, até que suas unhas se

romperam, como tinha tentado cavar um túnel até que desmaiou de cansaço. Sua voz era um sussurro virtualmente inaudível.

— Não fale agora, querida, ele sussurrou em resposta, sua mão grande tomando sua cabeça. — Não fale, deve se curar.

Ela ficou quieta e em silêncio pela primeira vez, seu rosto ainda enterrado contra seu peito.. Sua respiração era mais lenta agora, embora não fosse normal ainda. O alívio o invadiu, e com isso, foi claramente consciente de sua fúria assassina.

Virou sua cabeça, ainda acariciando—a, acalmando—a, e viu sua esposa. Seu rosto era uma máscara de ódio e triunfo malicioso, mas sua expressão imediatamente foi substituída por uma de medo. Alice deu um passo atrás.

Rolfe estava enfurecido quando falou.

— Saia daqui, ele disse. Espere—me na fortaleza, e não se mova de lá até que eu chegue.

Alice não precisa ser ordenada duas vezes. Fugiu do quarto.

Rolfe estava tremendo. Olhou a cabeça de Ceidre coberta com barro e terra, suja como um animal. Tremeu novamente. Então, muito suave, se moveu, porque queria conversar com ela, queria olhá—la, precisava ter certeza de que ela estava sã mentalmente. Mas Ceidre soluçou em protesto e se apertou a ele desesperadamente. Firme mas carinhosamente, Rolfe passou sua mão da nuca até seu queixo, seu dedo polegar acariciando sua mandíbula. Sentiu que ela relaxava novamente e levantou seu rosto para poder examinar seus olhos.

Eles estavam cheios de dor, mas lúcidos. Sabia que não era agonia física, mas afetiva, e isso doeu ainda mais. Rolfe delicadamente tocou sua boca com a dele.

Seus lábios eram suaves e passivos, mas não resistiram. Rolfe sentiu uma quebra de onda de ternura, desespero, piedade e amparo. Sua boca se movia terna, sua língua tocou seus lábios e ele aumentou a pressão separando—os, tocando seus dentes. E logo retrocedeu novamente.

Sua luxúria cresceu tão violentamente que Rolfe pensou que poderia estalar dentro de sua calça.

Ele se levantou, separando—se dela. Dessa vez Ceidre não fez nenhum som de protesto, mas seu olhar estava preso a ele. Felizmente Rolfe notou que ela finalmente estava respirando normalmente.

Caminhou para a porta e gritou pedindo água quente para um banho. Fez uma pausa ali, por medo de aproximar—se dela novamente, procurando se controlar, aterrorizado pela profundidade da necessidade que acabava de experimentar. Havia

apreensão mesclada com confiança no olhar de Ceidre, e ele viu seus pulsos apertados nas mantas.

— Não vou, não se preocupe, ele disse com voz rouca, compreendendo corretamente por que ela estava ansiosa. Notou que suas mãos relaxaram.

Rolfe voltou com ela.

— Está bem agora, Ceidre? Ela não respondeu. — Me fale. Por favor.

Ela olhou o chão.

— Tive tanto medo.

Sua mão tocou seu cabelo.

— Sei.

Ela soluçou.

— Rezei muito, ela sussurrou. — Rezei para que viesse.

— E vim, mas não rápido o suficiente, sinto muito. Ela se agarrou, e ele quase não ouviu o golpe na porta.

Rolfe observou os criados trazendo água quente e enchendo a tina. Quando eles terminaram os despachou. Rolfe voltou a sentar—se perto de Ceidre, erguendo—a. Suas mãos já estavam afrouxando seu cinto. Ela não protestou.

— Se sentirá melhor quando tomar um banho, ele disse.

Colocou—a de pé entre suas coxas. Ceidre estava débil e se agarrou a seus ombros. Rolfe tirou o vestido, logo a camisa. Tentou não olhar seu corpo nu. Levou—a para a tina e delicadamente a colocou dentro dela. Ceidre suspirou, fechando seus olhos.

Rolfe se ajoelhou ao lado dela. Observou—a inundar—se na água. Ela flutuou livremente e virou sua cabeça para olhá—lo.

A água não cobria seus peitos e seus mamilos estavam endurecidos. Rolfe tomou o sabão e o deu a ela. Sua mão tremeu; todo seu corpo tremeu.

— Não, ela disse, fechando os olhos. — Estou muito cansada. Amanhã....

Então lavou seus cabelos. Não teve dúvida de que não deveria chamar uma criada. Logo lavou os pés e as pernas. Quando tomou suas mãos em carne viva e suavemente as ensaboou, ela choramingou. Não tocou o resto de seu corpo— não porque ela não confiasse, mas porque ele não confiava em si mesmo.

Envolveu—a em uma toalha limpa e a levou para a cama. Quando ele a colocou ali, ela disse,

— Não me deixe, sua voz era crua e torturada.



— Não irei, ele prometeu.

— Me abrace.

Rolfe vacilou, então se recostou ao lado dela, e antes que pudesse abraçá—la, ela estava se acomodando em seus braços. Imediatamente adormeceu. Ele não o fez.



Capítulo 46

Rolfe deixou Ceidre dormindo profundamente na cama, enroscada como uma criança.

Seus passos foram firmes e determinados quando cruzou o corredor e abriu a porta do quarto. Fez com tal força que esta golpeou pesadamente contra a parede. Alice, acomodada na cama, observou—o aproximar—se com olhos muito abertos e assustados.

Rolfe não fez uma pausa. Quando se aproximou o suficiente, golpeou—a com força no rosto, o golpe a fez gritar e se atirar sobre os travesseiros. Usou força suficiente na bofetada para deixar uma marca feia, mas não o suficiente para quebrar a mandíbula. Ela soluçou. Ele se colocou sobre ela, ofegando sua ira.

— Sua má vontade para com sua irmã foi longe demais Alice. Estará indefinidamente confinada neste quarto. Não deixará este quarto para nada, entendeu?

Ela o olhou ofegando.

— Entendeu? Ele disse entre dentes.

Sua boca se abriu.

— Meu lorde, ela disse, e seu tom era rouco. Seu olhar estava em sua boca, e logo se moveu para seu membro.

— Meu lorde, ela ofegou, lançando um gemido sexual.

Rolfe recordou seus rogos para que tomasse com mais força na cama, e foi invadido por desgosto e repulsão. De repente se levantou, virou e partiu. Ouvia—a perseguindo—o e se sentiu muito perplexo quando ela se lançou contra suas costas, que chegou a congelar. Alice gemeu, apertando—se contra suas nádegas. Ele virou e a empurrou, dando—se conta muito tarde, que ela ofegava porque ele a estava excitando, não assustando. Rolfe saiu golpeando a porta atrás dele.

Um olhar rápido ao seu próprio quarto mostrou que Ceidre ainda estava adormecida. A imagem dela foi suficiente para fazê—lo demorar, e esse sentimento estranho pareceu renascer novamente em seu coração. Forçou—se a virar e ir ao piso inferior.

O salão estava vazio salvo por Guy, Beltain, e Athelstan. Embora o último foi quem perguntou como estava Ceidre, Rolfe viu o olhar agoniado nos olhos de Beltain e o olhar fixo nos olhos de Guy.

— Ela estará bem, ele disse sério. Seu olhar era absolutamente frio enquanto olhava o marido de Ceidre.

— Não pergunta por sua esposa?

Guy se ruborizou.

— Claro que sim.

— Ela está dormindo, em minha cama.

Guy não disse nada.

Sua raiva era impossível de digerir.

— Quer que desperte sua esposa, depois da odisséia que passou e a faça ir a seu próprio quarto? Ela é bem—vinda a ficar onde está. Eu dormirei em uma manta no salão.

Guy se moveu incomodo.

— Não quero perturbar sua comodidade, meu lorde.

— Você não me perturba, Rolfe disse rapidamente.

— Bem, ela pode ficar.

Seu tom para Guy foi seco, e dirigiu seu olhar a Beltain.

Seu capitão imediatamente se abaixou sobre um joelho, desembainhando sua espada e colocando—a aos pés de Rolfe.

— Estou a sua disposição, ele disse.

— Guarda sua espada, Rolfe disse. — Se não tivesse visto, duas vezes até agora, o arrependimento sincero em seus olhos, tiraria seu posto. O calabouço não é um lugar para uma mulher. Embora você a considerasse muito ardilosa, ela não escapou. Não podia saber sua reação de pânico. Então, pega sua espada, levanta, e começa a aprender de seus enganos.

Beltain permaneceu imóvel.

— Obrigado, meu lorde, por sua clemência.

Rolfe o despachou com um gesto de mão. Beltain não sabia como esteve perto de ser assassinado umas horas atrás. Deu—se conta que estava a sós com Athelstan, e ele franziu o cenho, ansioso por voltar para cima. Seu olhar vagou e Athelstan seguiu—o.

— É melhor que envie lady Ceidre a Dumstanbrough quando ela estiver bem.

Rolfe dirigiu—lhe um olhar.

— Não pode suportar esta situação, meu lorde, e sabe bem disso. Guy não está ciumento e por sorte confia em você, o que é melhor, ou perderia um excelente capitão e uma alma verdadeiramente leal.

— Acredita que não sei? E por que de repente se preocupa por meus problemas?

— É um homem justo, um bom líder, Athelstan disse com calma. — É uma pena que foi a guerra, não a paz, o que te trouxe para nós.

— Pensar nisso deveria ser para tolos e poetas.

— Mande—a com seu marido a Dumstanbrough, Athelstan insistiu. — Se perder seu capitão e amigo, chegará a odiá—la.

— Eu sou Rolfe de Warenne, Rolfe disse com calma. — Sou Rolfe o Implacável, padrinho de casamento do rei. Pensa que não posso controlar um capricho passageiro? Pense bem. Sim, essa bruxa é encantadora, mas eu nunca esquecerei que ela pertence a outro homem. Agora vá para cama, velho.

— Com gosto, Athelstan disse, virando. Logo fez uma pausa. — Capricho passageiro ou obsessão, meu lorde?

— Vá para cama!

— E você para que cama irá?

Rolfe não respondeu, observando—o partir. O velho saxão tinha mais coragem que a maioria dos homens. Obsessão? Não era uma obsessão. Ele não permitiria que fosse.

Ceidre despertou e imediatamente foi consciente da cama em que estava.

Suas lembranças eram duras e ternas.

A terrível odisséia de seu encarceramento por um dia e meio, que tinha parecido uma eternidade, foi dura, mas se desvanecia. Mais potentes pareciam ser os eventos posteriores ao seu salvamento.

As mãos de Rolfe realmente tinham sido tão suaves, como se ela fosse um cachorrinho que poderia ser esmagado por engano. Seu tom de voz tinha sido tão sedativo, como se ela fosse um bebê recém—nascido, órfão de mãe. Não, era impossível! Tinha que ter sido um sonho!

Sentiu—se perplexa ao descobrir que passava do meio—dia, tinha dormido quase um dia inteiro. Ceidre não podia parar de perguntar se ele realmente tinha sido o salvador gentil. Certamente Rolfe a trazendo para sua cama, era verdadeiro. Estava envolta em toalhas de linho, nua debaixo delas, e esse descobrimento trouxe uma lembrança vaga de ser levada a se banhar, mas não estava segura se estava imaginando que foi Rolfe quem fez isso. Muito possivelmente, estando tão dolorida e aterrorizada, tinha delirado, alucinado, e

confundido uma das criadas com o normando. Embora agora se sentisse torturada com a necessidade de saber o que era real e o que não era.

Suas mãos estavam enfaixadas, e enquanto se vestia, sentiu—as rígidas e doloridas. Ceidre estremeceu, recordando suas infinitas tentativas de subir as paredes do calabouço, e logo depois de cavar um túnel. Uma vez vestida, ela retornou à fortaleza onde compartilhava a quarto com Guy, sem cruzar com ninguém.

Seu marido retornou na hora do jantar, e como era seu costume para tomar banho todos os dias, e recentemente, devido ao exigente normando que determinava rendimento físico no campo de treinamento durante todo o dia. Ceidre, como sempre, tinha a água quente e a roupa limpa pronta e esperando, junto com uma taça de vinho e alguns pães—doces.

— Está bem, minha lady? Havia compaixão no tom de Guy.

Ela se ruborizou, sentindo—se uma boba por ter—se comportado como uma louca.

— Sim, obrigado. Vem, me deixe te ajudar. Ela o ajudou a despir—se.

— Deveria ter despertado para jantar, mas Lorde Rolfe pensou que devia dormir até que despertasse sozinha, Guy disse, deixando que tirasse sua túnica pela cabeça.

Por alguma razão, esse comentário aumentou seu rubor.

— Sim, bem, certamente dormi muito hoje. Tudo saiu bem em Dumstanbrough?

— Sim, a terra é fértil embora rochosa, mas os aldeãos apenas a aproveitam. Eles são pastores, mas isso mudara. Mostrarei a eles os benefícios de cultivar. Seu tom estava carregado de excitação quando Ceidre se curvou para desatar sua calça. — E há um lugar perfeito para construir uma fortaleza, uma colina natural. Não há água para fazer um fosso circundante, mas uma vala profunda que deterá os invasores.

Ceidre se endireitou, sorrindo ligeiramente.

— Alegra—me que esteja satisfeito, meu lorde. Realmente era verdade. Guy tinha provado ser um bom marido. Nunca tinha uma palavra severa, nunca levantava a mão. Na verdade, Guy não a amava, ficava de farra até tarde a maioria das noites, e Ceidre sabia que ele se divertia com outras mulheres, mas isso, a aliviava. Agora ele estava nu diante dela, um homem magro e muito bem dotado. Sua nudez não incomodava a nenhum dos dois. Ceidre se encontrou comparando—o com o normando. Embora o normando nunca estivesse nu e sem excitar—se diante dela por um longo tempo.

Guy não notou seu escrutínio.

— Ceidre?

Foi a primeira vez que ele a chamou por seu nome, e ela o olhou.

— Recebeu uma mensagem de seu irmão?

— Não! Isso é uma mentira!

Alívio invadiu o semblante de Guy.

— Acredito em você. Não te conheço há muito tempo, mas começo a entender muitas coisas. Ele a olhou. — Já não tenho medo de você, Ceidre.

Ela sentiu tensão em seus joelhos trementes.

— Não?

— Ainda acredito que é uma bruxa, mas também acredito que é uma bruxa boa. É certo, verdade? Não quer machucar a ninguém, só curar.

Ceidre teve medo. Se Guy já não a temia, ia querer assumir seus direitos conjugais? Não achava Guy desagradável, mas não tinha desejo de compartilhar sua cama. Realmente, sentia uma urgência de manter essa relação pura.

Guy não esperou sua resposta.

— Tampouco acredito que seja uma mentirosa – embora saiba que é leal a seus irmãos. Alegra—me que não tenha cometido um ato tão tolo. Ceidre, não permitirei que minha esposa traia meu lorde. Entende?

— Sim.

Guy suspirou e entrou na tina.

— Lava as minhas costas?

— Claro.

— Depois irei dizer a Rolfe que você não recebeu nenhuma mensagem de seus irmãos. De qualquer maneira, não precisa temer um castigo. Nosso lorde crê que já sofreu o suficiente no calabouço. Ele se recostou na tina.

Não tinha ocorrido a Ceidre que poderia ter outro castigo aguardando—a, não porque já tivesse sofrido suficiente, mas sim porque era inocente. Agora ela se sentia aliviada porque seu marido acreditava nela e porque a defenderia se fosse necessário, embora aparentemente fosse desnecessário.

Enquanto o ajudava a se lavar, seus pensamentos se centraram na situação mais eminente. Queria saber urgentemente se Guy tinha mudado de idéia a respeito de sua relação, mas tinha medo tocar no assunto. Aliviava o fato dele não se excitar com seu contato, e pensou que esse era um sinal de esperança. Mas se encontrou antecipando a noite com preocupação e temor. Se Guy tinha mudado de idéia, ela se deu conta que não havia modo de que pudesse detê—lo para não consumir o matrimônio: OH, poderia atrasá—lo por uma ou duas noites, por causa do recente calvário, mas finalmente teria que capitular.



Ceidre reconhecia que era uma idiota. Guy era um bom homem e, embora fosse normando, não o sentia como um inimigo. Guy era amável. E agora tinha seu próprio feudo. Um dia seria um lorde poderoso por direito próprio, e ela era sua esposa. Devia aceitar isso, deveria ser afetuosa na cama e lhe dar filhos. Eles já eram bons amigos, e essa amizade cresceria. Não fazia muito tempo, cada pretendente que seu pai tinha arranjado a tinha rechaçado, e todas as suas esperanças de se casar desapareceram. Mas o destino interveio. O destino lhe deu um marido agradável que era um guerreiro feroz e uma alma gentil. Que mulher poderia ser mais afortunada? Seria uma estúpida se continuasse mantendo—o a distância.

Sua mente descobriu isto rapidamente e estava segura que era verdade. Embora não pudesse achar determinação em seu coração para mudar a relação com Guy, esperava que a imagem de um corpo masculino dourado não continuasse invadindo seus pensamentos.



Capítulo 4 7

Ceidre ficou surpreendida pelas cortesias que recebeu dos homens normandos durante o jantar. Não só se sentaram perto dela e lhe perguntaram por seu estado, como também Beltain se desculpou publicamente. Ceidre reagiu com pudor.

— Desde que era uma menina, disse, tinha um medo anormal desse calabouço. Não podia sabê—lo.

Ceidre foi acomodada perto de seu marido, que estava à direita do normando. Alice não estava em seu lugar, e Ceidre se perguntou por que. Evitou olhar para Rolfe, embora estivesse muito consciente de sua presença, de cada um de seus gestos, de cada uma de suas palavras e movimentos. As lembranças de sua atenção terna a assaltaram, e se não eram reais, ela sentia como se fossem. Quando ele se dirigiu abertamente a ela, Ceidre não teve outra opção que levantar seu olhar para ele.

— Como está no dia de hoje, Lady Ceidre?

Lady Ceidre, não Ceidre. Ela o olhou. Sua postura era relaxada, embora houvesse tensão em seus olhos azuis. Ele parecia falar casualmente, mas ela podia sentir sua intensidade. Rolfe brincou com sua faca de comer, embora seu olhar estivesse nela.

— Estou bastante bem, obrigado.

Rolfe sacudiu a cabeça e virou para Athelstan, e começou a falar da criação de cães de caça.

Uma vez que o olhou, Ceidre percebeu que seu olhar constantemente ia para ele. Vendo—o se lembrou que seus irmãos estavam aguardando informações. Alvin havia dito que enviasse Feldric novamente quando tivesse notícias importantes. É obvio que não tinha nenhuma notícia; ela não se converteu em sua amante nem em sua confidente. Era difícil recordar agora, por que tinha decidido com tanta determinação nunca se converter em sua amante. Não sentia irritação. Ceidre pressentiu que ele lhe lançava um olhar.

Seu olhar ardia.

Ceidre desviou o olhar e continuou comendo. Agora estava realmente preocupada. Esteve tão metida em seus próprios problemas, tendo se casado com Guy, sendo tomada

em sua noite de núpcias pelo normando, sendo presa no calabouço, que se esqueceu a situação tão grave em que estava. Seus irmãos estavam planejando uma rebelião para o fim de agosto. Planejavam destituir Rolfe, e, ela achava que também tirariam William de Mercia. Eles estavam esperando que ela mandasse informações. Sabia que eles tinham outros espiões, mas nenhum tão bem se localizado aqui em Aelfgar. Tinha prometido que se tornaria amante do normando e que obteria informação. Eles dependiam dela. Eles conheciam sua natureza, e sabiam que ela nunca falharia.

Coisa que não poderia fazer.

Agora que já não estava mais zangada, podia pensar claramente, logicamente, e sabia que a prioridade era cumprir seu dever para com seus irmãos. Ela observou o normando. Ela era uma péssima sedutora, isso estava provado. Tinha tentado seduzi-lo e ele a tinha casado com seu vassalo. Inclusive agora sentia um ponto de dor, mesmo não sendo nada comparado com o que havia sentido antes. Não estava segura se Rolfe ainda a desejava, porque já a tinha usado sua noite de núpcias. E mesmo que ela tentasse uma sedução, Rolfe ia se esquecer de sua lealdade com Guy? Por outro lado, ele era seu lorde, e se realmente a desejasse tanto, era o suficientemente arrogante para tomá-la e justificar isso com sua posição de lorde.

Seu estômago se oprimiu. Agora que seus próprios problemas se debilitaram e eram insignificantes, sentia o grande peso da responsabilidade que seus irmãos tinham colocado nela. Olhando o normando, ela soube que não fazer nada seria a queda de seus irmãos. Devia pelo menos tentar algo.

Rolfe a olhou novamente, seu olhar era agudo.

Por um breve momento, Ceidre ficou hipnotizada por esses olhos azuis. E soube o que devia fazer.

Como não tinha dormido na última noite, perseguido pelas imagens horrorosas de Ceidre nos calabouços, deveria estar cansado. Não, Rolfe pensou, estava cansado, estava exausto, mas duvidava que pudesse dormir essa noite. Por que ela o olhou continuamente durante o jantar?

Rolfe estava no grande salão, com uma taça de vinho na mão, olhando a lareira. Não tinha vontade de ir para cima. A maioria de seus homens já estava dormindo, seus roncos eram curiosamente sedativos. Muito distinto do fogo agonizante, o salão estava ficando em sombras.

Tentou afastar seus pensamentos dela, mas falhou. Ela tinha parecido estar bem no jantar, tão radiante como sempre. Graças a Deus o calvário pelo que passou foi breve. Esperava que Guy não a tomasse essa noite, que lhe permitisse um pouco de descanso. Essa especulação causou uma contração nas costas, uma opressão no intestino. Sim, ele

decidiu, Athelstan tinha razão, mandaria ambos para Dumstanbrough. Seria um idiota se não o fizesse.

Bebeu sua taça, deixou—a sobre a mesa, e partiu para as escadas. Pegou uma lâmpada de azeite de um castiçal da parede e abriu a porta de seu quarto. Dirigiu a luz para o gancho onde pendurava o cinto da espada. Seu olhar foi para a cama, que estava nas sombras. Mas não havia dúvidas de que estava ocupada.

Não estava zangado, sentia repugnância.

— Saia de minha cama, Lady Alice. Não quero me deitar com você esta noite. E se cuide para não desafiar minhas ordens. Ainda está confinada em seu quarto, e de agora em diante pensarei duas vezes antes de tirar o castigo.

Ceidre se sentou, as mantas caíram até sua cintura. Estava magnificamente nua, seus peitos cheios brilhando em um tom de marfim, seu cabelo cor de bronze sobre eles. Rolfe pensou que estava sonhando.

— O que está fazendo aqui? Ele perguntou.

Os seios subiam e desciam muito rapidamente.

— Te desejo, ela disse simplesmente, os olhos violeta fixos nos seus. E Ceidre se deu conta que dizia a verdade.

Rolfe a olhou fixamente e viu tudo o que desejava ver ali. Em um segundo estava ao seu lado, com os braços abertos. Entrou em seu abraço como um navio encontrando um porto seguro. Ela o segurou. Rolfe gemeu novamente e levantou seu rosto para pegar sua boca.

Empurrou—a para baixo, beijando com força, e ela respondeu com ferocidade. Com seu joelho abriu suas coxas, acomodando seu membro, beijou seu pescoço, e logo tomou um mamilo para mordê—lo brandamente. Ela ofegou e se arqueou, envolvendo suas pernas ao redor de seus quadris, apertando seu sexo úmido contra a dureza de seu membro. Rolfe capturou sua boca e sua língua entrou profundamente nela. Ele estava consciente das mãos de Ceidre acariciando suas costas, incitando—o, logo agarrou suas nádegas duras.

— Ceidre, ele gemeu e qualquer palavra adicional foi cortada.

Ceidre baixou sua calça dos quadris.

— Sim, ele gritou quando ela o empurrou para sua entrada, colocando—o profundamente dentro dela.

Moveram—se juntos, feroz e rapidamente, ofegando e gemendo. As unhas dela se cravaram em suas costas, as mãos dele apertando suas nádegas. Rolfe sabia que estava por se derramar dentro dela.



— Ceidre, ele gritou, sacudindo violentamente enquanto fazia uma pausa, tentando se conter.

— Não pare! Ela tomou seu rosto e o beijou, incitando—o com seus quadris. Rolfe estava perdido, e se afundou nela, novamente. Logo ela se arqueou convulsiva. Ele viu seu rosto, varrido pela paixão, e milagrosamente investiu novamente, trazendo—a para outro orgasmo. Com grande prazer, ele estalou dentro dela.



Capítulo 48

A sanidade retornou.

O coração de Rolfe pulsava pesado. Ainda estava sobre Ceidre e dentro dela, estava envolto em seus braços — como se pudesse permanecer assim para sempre. Apenas podia acreditar no que tinha acontecido. Ela tinha vindo a ele. Ela o desejava. Ela tinha respondido a sua paixão tão feroz como ele. Mas era a esposa de Guy.

Rolfe saiu dela, horrorizado agora, e olhou pensativo para o teto. A raiva dentro dele se debilitou sendo substituída por calor. Ceidre estava radiante e magnífica, e seus olhos brilhavam com prazer e alegria.

Rolfe olhou a mão dela sobre seu braço. Naturalmente, ela o acariciava como se desfrutasse sentir sua pele. Incrível, ele podia sentir seu próprio desejo se renovar. Rolfe deteve sua mão repentinamente.

— Onde está Guy?

— Ele está com outras mulheres. Não tema, ele não notará minha falta esta noite.

As palavras terminaram antes que ele pudesse detê-la.

— Ele é um idiota.

Ceidre não disse nada.

Rolfe se moveu mais perto dela.

— Te machuquei, Ceidre? Seu tom era rouco.

— Não. Ela sorriu, com um sorriso de satisfação.

— Depois de ter estado encerrada, talvez isto não seja bom...

— Estou bem. Ela apertou sua mão tranquilizando-o.

O que ia fazer? Era apenas um homem, e muito mais fraco do que tinha pensado. Rolfe gemeu e se recostou nos travesseiros, olhando fixo para o teto.

— Não se torture, ela sussurrou, levantando-se para ele. Seus peitos se esmagaram contra seu braço. Seu rosto estava perto do dele.



— Leu minha mente? Ele perguntou seco.

— Não tenho que lê—la, ela respondeu. — Seus pensamentos estão escritos em seu rosto, e, além disso, conheço—o bastante bem.

Rolfe se recostou de lado, sua mão deslizando por seu quadril...

— Nunca deveria ter te entregue a Guy, ele disse sério.

— Não importa. É nosso lorde. Pode tomar o que quiser.

— Guy provavelmente pensará diferente.

— Não, ele não negaria nada a você.

— Está tão segura?

— Estou muito segura, além disso, ele não precisa saber.

— O que está sugerindo, moça? Seu toque apertou. — Não sou um mentiroso. Nem engano meu padrinho de casamento. E estou fazendo ambas as coisas!

Sua mão aberta acariciou seu rosto.

— Precisamos um do outro, meu lorde, ela disse simplesmente.

Seu contato ia ser sua perdição. Rolfe gemeu, lutando consigo mesmo, dizendo que devia sair da cama e partir nesse momento. Mas sabia, desde o começo, que não faria. Não podia.

— É uma bruxa, ele disse com voz rouca. — Porque estou sob seu feitiço, disso não há dúvida.

Sua mão se deslizou de sua mandíbula até seu pescoço, fez uma pausa, logo a deslizou até seu ombro. Ele ouviu seu sussurro.

— É tão poderoso, meu lorde, tão grande, tão forte...

Rolfe gemeu, Ceidre se acomodou nele, pressionando seus peitos. Um simples contato, algumas palavras, e ele estava perdido. Ele a tocou com o membro já ereto.

— Pode me montar, Ceidre?

— Não sei. Ela ofegou surpreendida, enquanto ele esfregava a ponta de seu membro contra seu traseiro, lambendo um mamilo ao mesmo tempo.

— Me monte, ele ordenou, segurando—a, então ela se colocou rapidamente em cima de seu pênis. Ceidre gritou enquanto ele a enchia. Ele a manteve imóvel.

— Não se mova, tranqüila, se acostumará em um momento. Relaxe.

Ela se estremeceu em cima dele.

— Poderia me machucar.



— Não, Não, o não farei, confia em mim....

Rolfe a observou relaxar, e quando se moveu ligeiramente, ouviu seu gemido de prazer.

— Me monte, ele disse rouco.

Ela não precisou ser persuadida e o cavalgou.

— Quanto tempo esteve com William?

Eles estavam entrelaçados no meio da cama, o rosto de Ceidre apoiado contra seu ombro, sua mão acariciando seu cabelo.

— Doze anos.

— Mas como é possível? É um homem velho?

Rolfe sorriu ligeiramente.

— Tenho quase vinte e nove. Uni-me a William quando tinha 17 anos. Por quê?

— Não sei nada sobre você.

Rolfe sorriu genuinamente agora.

— Sabe mais que todas as outras mulheres. Seus olhos brilharam. — Sabe como me agradar.

Ceidre se ruborizou.

— Imagino que é fácil te agradar.

— O sexo é fácil, sim, ele concordou, — Mas estou falando sobre outro tipo de prazer.

Ela sorriu e aninhou seu rosto contra seu peito.

Rolfe a olhou fixamente. Era a segunda vez que tinham feito amor apaixonadamente. Rolfe se perguntou se Ceidre realmente entendia o que ele queria dizer — que ela o levava a níveis de êxtase tão altos que era quase insuportável, e agora deitada em seus braços, estava causando um prazer similar em intensidade, embora completamente diferente em qualidade. Era uma sensação de saciedade e plenitude. Nunca tinha experimentado esse tipo de prazer antes.

Queria contar tudo isso a ela, mas não sabia como.

— Seu irmão é tão grande como você?

— O que!

Ela olhou para cima com ingenuidade, viu sua expressão e sorriu.

— Não seja lascivo! Não falava de sexo. Ele é tão alto e bonito como você?

— Por que esse interesse em meu irmão? Ele estava absurdamente encantado com seus elogios, e seu tom era áspero para esconder isso.

— Como sabe que tenho um irmão?

— Sou uma bruxa. Ela sorriu; Rolfe sorriu. Ele não está aqui na Inglaterra?

— Sim, está no sul, e se quer saber ele é quase tão alto como eu, mas mais magro. A altura é um traço familiar. Não sei de onde tirei estes ombros largos. Talvez algum antepassado viking.

— Seus ombros são muito belos, ela disse. — Alguma vez voltará para a Normandia?

— Não há nada lá para mim.

— Mas não tem família lá? Seus Pais? Outros irmãos, irmãs, primos?

Ele sorriu.

— Sim, é obvio. Ceidre, ele pacientemente explicou, sou o quarto filho e o mais jovem. Segui William a Normandia com a promessa de ter minhas próprias terras, um patrimônio para meus filhos. Não havia nada para mim na Normandia, e ainda não há nada para mim lá. Minha vida está aqui agora. Aelfgar é minha vida.

Ela o olhou, se levantando.

— Não é justo, ela disse, com os olhos brilhando.

— Não quero brigar.

Ela imediatamente se suavizou.

— Nem eu.

Rolfe olhou seus peitos.

— Tem peitos magníficos, sabe disso?

— Assim dizem.

Ele acariciava um seio e se congelou.

— Quem diabos te disse isso?

Ela riu.

— Queria ver sua reação. Ninguém, meu lorde.

— Guy não te diz que é bonita?

Ceidre vacilou. Pensou frenética, tentando decidir se devia lhe dizer a verdade.

— Ceidre? Havia uma sugestão de advertência em seu tom.

Ela o olhou.



— Guy nunca viu meus peitos, meu lorde.

Rolfe a olhou fixamente.

— Não acredito nisso — ele se deita você na escuridão ou de roupa? Rolfe se sentou. Havia ciúmes em seu tom de voz.

— Ele não se deita comigo.

— O que está dizendo? Ele exigiu.

— Ele nunca me tocou. Ele tem medo de mim porque sou uma bruxa e não deseja se deitar com alguém que tem acordo com o diabo. Ele é meu marido, sim, mas encontra prazer em outros lados. Temos um acordo que satisfaz a ambos.

Rolfe não podia acreditar nisso; agarrou—a pelos ombros.

— Isso é verdade?

— Sim, ela ofegou.

— Ele não se deitou com você, nem uma vez?

— Não.

Rolfe a puxou contra ele, beijando—a com paixão brutal. Ela resistiu instintivamente a tanta pressão. Ele imediatamente diminuiu a pressão e sua boca se moveu suavemente.

— Não resista, ele disse rouco. — É minha, Ceidre, minha.

Ceidre vislumbrou algo mais que paixão em sua resposta. Ela se agarrou a ele, devolvendo seus beijos. Ele já separava suas coxas, e agora entrava rapidamente nela. Ela estava úmida e preparada por sua própria excitação. Momentos mais tarde eles gritavam a agonia do prazer.

Mais tarde ele a segurou firmemente.

— É minha, Ceidre, entende?

Ela o olhou. Viu algo cru e inflexível em seu rosto.

— Entende?

Ela estava assustada por seu tom de voz.

— Continuo sendo a esposa de Guy.

— Ninguém te tocará, ele disse. — Eu me ocuparei de Guy. Seu olhar era firme. Realmente te digo isso, Ceidre; é bom que sinta medo. Se um homem te tocar, o matarei com minhas mãos, entende?

Ela assentiu ofegante e trêmula.

— E se outro se deitar com você, matá—lo—ei diante de ti. Entende?

— Sim.

— Bem. Ele sorriu. — Eu não compartilho o que me pertence, e deste dia em diante é minha.

Ceidre estava intimidada e também divertida. Ela tocou sua bochecha com suavidade.

— Não quero outro, meu lorde, ela disse.

— Diz a verdade?

— Juro.

— Me desarma, Ceidre.

— Mas parece feliz, meu lorde.

— Feliz? O que é a felicidade? Um chefe militar não tem espaço em sua vida para tais emoções.

— Errado meu lorde. Ela tocou sua bochecha novamente. — Um homem tem espaço para todas as emoções.

— Um homem que se deixa levar por suas emoções deixa de ser um homem, Ceidre. Não pode funcionar como deveria.

— Sente muito prazer comigo, e, entretanto funciona bem. Ela sorriu lasciva. — Perfeitamente bem.

Rolfe riu.

— Não falo desse tipo de funcionamento, e sabe isso.

— OH, meu lorde, é bom ouvi—lo rir, Ceidre ofegou, abraçando—o com força.

Seu sorriso morreu enquanto a olhava.

— Nunca antes ri com uma mulher, ele disse.

Ela sorriu impiedosa.

— Não? Sinto—me lisonjeada. Talvez possa te fazer rir novamente?

Sua boca se curvou.

— Há outro tipo de emoções que preferia sentir esta noite.

Ela bufou.

— Claro, há apenas um tipo de emoção que desfruta, a emoção que pendura entre suas pernas.



Capítulo 49

Rolfe fez uma pausa na entrada do estábulo, tentando controlar a escuridão do interior. Levantou uma lâmpada e a viu. Ceidre estava sentada sobre um fardo de feno, seu cabelo solto e caindo até seus quadris. Estava esperando—o. Ele sorriu.

— Ela sorriu em resposta.

Rolfe avançou, consciente da necessidade de se apressar. Urgentemente a envolveu em seus braços; ela protestou.

— Meu lorde, nos prendera no fogo!

Ele riu maliciosamente e pendurou a lâmpada de óleo. Retornou e a esmagou contra seu corpo, procurando sua boca de forma feroz e possessiva. Ela se entregou com igual ardor. Passou muito tempo antes que eles pudessem tomar ar.

— Parece como se não nos víssemos por dias, Ceidre conseguiu dizer, acariciando seu pescoço.

— Do amanhecer até o crepúsculo é bastante tempo, Rolfe disse. — Não posso esperar um minuto mais, Ceidre. Erguendo—a por suas nádegas ele a apertou rudemente contra seu membro.

— Nem eu, ela replicou, percorrendo audaz com sua mão seu membro ereto.

O sexo foi rápido e feroz, sobre a palha, e posteriormente ficaram ofegando e com os corpos entrelaçados. Rolfe começou a despi—la.

— Quero te sentir nua contra mim.

— Sim, ela murmurou, ajudando—o a tirar a roupa. Ela se aconchegou contra ele.

— Guy parte para Dumstanbrough amanhã, Rolfe disse. — Para construir sua fortaleza. Dei uma licença de quinze dias.

— O sim, ele me disse.



— Que mais te disse? Rolfe perguntou.

— Nada.

— Não perguntou por seu paradeiro ontem à noite?

— Não, ela disse indecisa.

— Sinto—me culpada, meu lorde, embora saiba que ele esteve com Lettie.

— Quando ele voltar, Rolfe disse, acariciando seu braço, me ocuparei dessa situação, prometo.

Ceidre queria perguntar como faria, mas tinha medo de saber o que ele planejava. E realmente, o que podia fazer? Poderia pedir a Guy que aceitasse anular o matrimônio, ou poderia pedir que mantivesse as relações tão castas como eram agora.

Certamente Rolfe não ia se divorciar de sua esposa e se casar com ela. Quando Ceidre se deu conta da direção que seus pensamentos tomavam, ficou atônita. Certamente ela nunca aceitaria se casar com o normando, embora ambos fossem livres. Ele era o inimigo! Ele podia despertar suas paixões, mas ela era sua amante apenas para ajudar seus irmãos e não devia esquecer isso nem por um segundo.

— Alice... — ela fez uma pausa —... Alice comentou algo sobre ontem à noite? Ela sabe que estivemos juntos?

— Não sei, Rolfe disse. — Alice está confinada em seu quarto pelo que te fez Ceidre. Estou farto de sua maldade, avisei que parasse com seus complôs. Espero que tenha se dado conta que estou sendo muito indulgente.

— Fez isso por mim? Ceidre ofegou.

— Por quem mais? Ele disse seco. — Ela quase te matou!

— Mas a encerrou antes que eu fosse a sua cama ontem à noite.

— O modo como ela te trata não tem nada a ver com nossa relação, e meu castigo é independente disso também. Ele sorriu. — Agora seria pior, porque te marquei em minha mente e em meu coração, e sou muito possessivo e territorial, Ceidre. Qualquer um que machuque você agora me machuca.

— Não quero que Alice saiba que me transformei em sua amante, ela sussurrou. — Por favor.

— Pensa que sou tão cruel para lançar isso em sua cara? Ele endureceu.

— Ela descobrirá, Ceidre disse com tristeza. — Embora ninguém tenha me visto sair de seu quarto essa manhã, eventualmente ela saberá. Os segredos não podem ser mantidos em uma fortaleza.



— Não importa. Eu sou o lorde aqui, e ninguém se atreverá a falar contra você com medo da minha ira. De repente ele sorriu. — Só você se atreve a me enfrentar, Ceidre.

— As bruxas não têm medo dos meros mortais. Ela murmurou.

Rolfe riu com vontade.

— Silêncio, ela murmurou, colocando sua mão sobre sua boca. Ou nos descobrirão!

— Bruxa, ele disse afetuosamente, ainda rindo. — Todos estão dormindo, ninguém pode nos ouvir, ninguém exceto os ratos e os cavalos.

— Era um rato que se apertou contra minha coxa um momento atrás? Eu pensei que fosse você, mas me pareceu muito pequeno.

Rolfe sorriu novamente, rolando sobre suas costas e colocando—a para que o montasse.

— Se era pequeno, sabe que não podia ser eu. Ele colocou sua mão na base seu membro.

— Arrogante, ela ofegou. Sua lança não é tão grande.

— Suficientemente grande para te fazer implorar por clemência, gemer de prazer, e gritar meu nome!

— Eu fiz todas essas coisas, meu lorde?

— Todas, ele disse com malícia.

— E a que se deve isto? Ela agarrou seu membro.

O tom arrogante desapareceu. Rolfe ofegou.

— Sim, sei, se deve a isso.

— Arrogante também, ela disse, deslizando sua palma pela extensão do membro.

— Não estará falando sobre..., Rolfe conseguiu dizer, seu lorde. Ceidre... não tem nenhum respeito?

Ceidre esfregou seu pênis entre seus peitos e contra seus mamilos. Rolfe ofegou.

— Isto é suficiente respeito, meu lorde? Havia presunção em seu tom ofegante.

— Aprende muito rápido, bruxa, ele disse, movendo—a e empalando—a em um só movimento. — Agora quem tem o controle?

— Você. Ela ofegou enquanto se movia. — Você.

Rolfe estava distraído.

Estava sentado sobre seu cavalo no campo, sabendo que Beltain tinha feito uma pergunta, mas seu olhar seguia Ceidre enquanto ela se movia pelo caminho e ia em direção da horta. Era o dia seguinte, pela tarde. Onde estava indo a moça?

— Meu lorde, devemos começar? Beltain repetiu.

— Sim, sim, Rolfe disse impaciente. Ceidre desapareceu de sua visão entre as árvores e o pasto alto. — Está no comando, disse a Beltain, logo esporeou seu cavalo em direção à horta.

Uma vez na horta, freou o cavalo, procurando—a. Ceidre não estava à vista. O que estaria fazendo? Ele se perguntou, não com suspeita, mas com curiosidade. Não havia sinal dela, mesmo sabendo que ela tinha que estar ali. Esporeou seu cavalo para avançar, seu olhar vagando e procurando.

— Ceidre?

Não houve nenhuma resposta.

Sentiu um ponto de preocupação. Não podia ter desaparecido. Uma terrível idéia lhe ocorreu. Ela se escondeu de propósito, talvez para encontrar—se com um espião? Ou tropeçou e caiu, batendo a cabeça? Seu tom se fez mais agudo.

— Ceidre? Ceidre!

Nenhuma resposta. Cavalgou mais rápido, quase chegando ao final da horta. Podia ver o bosque do outro lado do caminho. A menos que ela tivesse corrido, não podia ter cruzado a horta e desaparecido no bosque tão rapidamente. Talvez Ceidre tivesse começado a correr uma vez que se escapou de sua visão. Sentiu medo. Ela não estava tramando nada bom...

Uma risada soou.

Era suave como a sua, conhecia esse som musical e mágico. O alívio o invadiu. Rolfe virou sua cabeça.

— Ceidre? Por Deus! Moça está brincando comigo? Onde está?

Outra vez a risada, e algo o golpeou na cabeça e se partiu pelo meio. Não o machucou; era uma maçã. Pasmado, Rolfe desviou seu olhar para a copa de uma árvore em cima dele.

Ceidre sorriu de acima.

— Está me seguindo, meu lorde? Ela perguntou serena.



Ceidre era uma imagem impressionante de mel e ouro sobre a árvore, e por um momento ele não pôde responder. Rolfe fingiu irritação.

— O que está fazendo aí em cima, Ceidre?

— Procurando maçãs, é obvio, ela disse docemente. — Você gostaria de outra? Antes que pudesse responder lançou outra maçã. Rolfe a esquivou.

Incrédulo, olhou—a fixamente.

— Que diabos está fazendo?

— Procurando maçãs, ela insistiu, sorrindo. — Por que me seguiu?

— Por que crê, sereia? Ele murmurou. — Você manda, e eu te sigo!

Ela riu, encantada com seu comentário.

— Não deixe que isso te suba a cabeça, e não me lance mais maçãs!

— Bem, ela concordou.

Rolfe viu uma panturrilha nua e exposta porque suas saias estavam erguidas até a cintura.

— Desce! Ele disse.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Mas não acabei.

— Desce! Ele repetiu, seu tom sensual e persuasivo.

— Se me quiser, terá que subir e me buscar, ela gritou, e subiu mais alto na árvore.

— Está louca? Ele disse. Essa árvore não suporta seu peso!

— Se me quiser, ela disse, e deu um olhar provocador, então terá que vir me buscar, meu lorde!

Então, sorrindo subiu na árvore. O ramo rangeu. Sem se assustar, subiu mais alto, agarrando seu fino tornozelo. Ela o evitou habilmente e, com a velocidade de um esquilo, desceu facilmente. Ceidre estava rindo de seu assombro, e fez uma pausa debaixo dele, pondo as mãos nos quadris.

— Parece um tolo nessa árvore, meu lorde, e ela está por se partir em dois!

Ceidre começou a correr no segundo que ele saltou ao chão. Rolfe correu atrás dela. Quase a alcançou, ela o evitou, havia uma árvore entre eles. Rolfe estava sorrindo. Fingiu já não estar interessado em apanhá—la. Então Ceidre se moveu, e ele a agarrou com um grito triunfal.

— Me solte! Ela gritou enquanto ele a levantava em seus braços e a fazia girar no ar.



— Mas você gosta das alturas, ele disse com ingenuidade. Isto não é suficientemente alto para você?

— Me solte! Ela chorou, mas estava rindo.

— Nunca, ele respondeu, e a apertou contra seu peito. Ela enlaçou seus braços ao redor seu pescoço.

— Que tipo de jogo era esse, Ceidre? Ele perguntou com voz rouca.

— Um jogo divertido, ela disse simplesmente. — Não se divertiu?

Rolfe grunhiu, secretamente tinha desfrutado dessa travessura infantil.

— Me diverti, ele disse, e mordeu seu queixo, logo tomou sua boca com paixão.

— Tomará aqui? Ceidre ofegou enquanto ele se ajoelhava, colocando—a sobre o chão.

— Aqui, agora, no chão, ele disse, como queria fazer do momento em que te vi pela primeira vez.

Era noite, e eles se encontraram no estábulo. Rolfe estava completamente relaxado. É muito bonito, ela pensou, e seu coração inchou tanto que doeu. Rolfe a olhou.

— Por que me olha tão fixamente? Ele perguntou, sua mão foi para seu cabelo.

— É lindo de se olhar, meu lorde, ela disse audaz. — É uma visão que corta a respiração de qualquer mulher. É obvio que sabe isso.

Ele sorriu.

— Considera—me bonito, de verdade?

— Sabe que sim, é uma contínua distração.

— Bem, ele disse, acariciando seu cabelo e brincando com sua orelha. — Então estamos empatados, porque eu não posso deixar de pensar em você.

Suas palavras lhe deram prazer e ela roçou seu nariz no pêlo espesso de seu peito. Como podia estar tão encantada? No fundo de sua mente uma voz surgiu. Isto não é real, sua voz interna disse. Está seduzindo—o com um propósito, não se esqueça disso!

Ela queria esquecer. Quando tinha aceitado virar sua amante, nunca tinha sonhado que seria assim. Nunca tinha sonhado que Rolfe seria dessa maneira. OH, sim, era arrogante e autocrático, podia ser severo e exigente, mas também podia ser imensamente gentil. Ela sabia que já não o odiava. De fato, não podia pensar em outra coisa somente nele, seu coração acelerava apenas em pensar nele, e ante a mera a imagem dele. Também tinha descoberto que ela queria estar em sua cama, entre seus braços, e em nenhum outro lugar.

Não pensaria no futuro, Ceidre decidiu, e no momento fingiria que essa coisa entre eles era real, pura e sem ser motivada por questões políticas e deslealdades.

Estava distraída acariciando seu braço.

— Meu lorde? Nunca se aborrece?

Ele sorriu ligeiramente.

— Me aborrecer? Parece que estou aborrecido esta noite? Não está satisfeita? Se for assim isso pode ser imediatamente remediado. Sua mão baixou de sua cabeça até suas nádegas.

Ceidre agarrou sua mão, detendo—a.

— Estou muito satisfeita, meu lorde. Sério.

— Sério? Mas me teve todo o tempo jogando seus jogos, ele disse, e beliscou sua orelha. — Com você.

Ela afastou o rosto.

— Não quero jogar agora. Na verdade te pergunto, não está aborrecido?

Rolfe se sentou, colocando—a em seu colo.

— Do que se trata isto?

— Não quer..., ela disse cautelosamente, com o coração bombeando furiosamente,... procurar a outra mulher? Talvez Lettie, ou Beth? Ela o olhou.

— Quer fazer um trio?

Golpeou seu braço.

— Sabe que não! Por favor... — e seu tom era de ansiedade —... me diga a verdade.

Seu sorriso se desfez.

— Não estou aborrecido, Ceidre, não com você. Não quero estar com Lettie ou Beth, nem com nenhuma outra. Quero você.

Seu coração se sobressaltou. Sentia—se alegre e não podia se conter. Estava radiante.

— Isso te agrada? Ele perguntou, seu dedo polegar localizou seu queixo.

Ela baixou os olhos.

— Sim.

Rolfe a moveu repentinamente e ela estava entre seus joelhos montada em seu colo.



— Eu gosto de te agradar, Ceidre, ele disse em voz baixa. — Eu gosto do modo como me olhou esta noite.

Seu membro estava inchando novamente, e a ponta roçou sua vagina.

— Novamente? Ela ofegou.

— Quer te provar que não estou aborrecido, ele disse.



Capítulo 50

— **M**eu lorde? Imploro, preciso dar uma palavra com você, Alice disse na soleira da porta do quarto, onde estava confinada.

Ainda estava escuro, mas logo o amanhecer iluminaria o céu. Rolfe estava voltando do estábulo, mas não se sentiu alterado por ser apanhado entrando a essa hora.

— Que desejas minha lady? Despertou muito cedo esta manhã. Seu tom era amigável.

Alice o olhou fixamente. Rolfe estava de bom humor porque teve sexo toda a noite com sua irmã bastarda. Ele acreditava que não sabia? Ou nem sequer se importava? Nem se importava que todos os servos estivessem murmurando sobre ele e essa bruxa e — é obvio— sobre ela, sua verdadeira esposa? Eles tinham se deitado como dois animais na horta à luz do dia e Mary tinha visto. Alice sabia que demonstrar seu ódio debilitaria sua causa, mas não sabia como esconder suas fortes emoções. Mas ele, esse filho da puta, estava tão encantado que aparentemente nem se dava conta. Rolfe se inclinou relaxadamente contra a parede, esperando suas palavras com paciência. Alice pensou ver a sugestão de um sorriso satisfeito em sua boca.

— Meu lorde, imploro que me diga quando me livrará de meu castigo?

— Poderia ter matado sua irmã, ele disse, separando—se da parede, todos os sinais de bom humor se desvaneceram. — Uns poucos dias de confinamento não é nada. Tem que entender que me desafiou e me desgostou. Não estou preparado para te livrar da penitência, minha lady, de nenhuma forma. Seu olhar se cravou em Alice.

— Eu não sabia..., Alice disse corajosamente,... que ela era sua amante, se não a teria tratado de outro modo. Ela era apenas uma traidora em meu entender, e a tratei como tal. Estava cuidando de seus interesses, meu lorde, nossos interesses.

— Realmente me considera um idiota? Odeia sua irmã, e seu ciúme é perigoso. Se fosse um homem, faria muito mais que te confinar em seu quarto com os criados a sua disposição. Não ponha a prova minha generosidade, ele advertiu.

— Guy sabe que o está enganando com sua esposa? Alice estalou.

— Seu orgulho está ferido? Sinto muito, mas nunca pretendi manter minha fidelidade quando me casei com você. Eu não dou fidelidade a nenhuma mulher. Se esperava isso, então estava completamente equivocada. Boa noite, minha lady.

— Mas com ela! Com essa bruxa! Com minha própria irmã!

Rolfe se voltou lívido.

— Não te devo nenhuma explicação. Deitarei com quem me der vontade; volta para seu quarto.

Alice obedeceu batendo a porta, então aguardou tremendo, esperando que Rolfe entrasse no quarto cheio de fúria, que a castigasse por sua insolência, que a golpeasse e a violasse.... mas ele não veio.

Tinha perdido todo seu poder. Não era ninguém, uma prisioneira, com uns poucos criados para obedecer as suas ordens. Ceidre a tinha colocado nessa posição, e Ceidre ia usurpar seu lugar se não fizesse algo para acabar com isso.

— Se ela tivesse morrido no calabouço, Alice murmurou, com os punhos apertados.
— Se houvesse um modo de me livrar dela de uma vez por todas!

Ceidre estava consciente de uma nova consideração no momento que entrou no grande salão para o almoço. Foi cuidadosa de não olhar para Rolfe, da mesma maneira que sabia que ele não a olhava. Mas seus homens interromperam sua conversação diante de sua aparição, separando—se para que ela pudesse passar entre eles, e um, a quem ela não conhecia, segurou seu cotovelo enquanto ela se acomodava. Beltain, a sua direita, ofereceu vinho com um sorriso. Ela se avermelhou violentamente, desesperada porque todos se inteiraram que ela estava se deitando com o normando.

Teve prazer ao ver que a cadeira de Alice ainda estava desocupada.

Agora que Guy se foi, ela estava sentada à direita de Rolfe. Era perturbador. Ela manteve seus olhos baixos e concentrados em comer, embora quando pegou o pão, ele fez o mesmo, e suas mãos se encontraram. Seu olhar surpreendido voou para o seu. Por um breve momento eles se olharam um ao outro, e ela rapidamente desviou seu olhar. Rolfe cortou um pedaço de pão e o deu educadamente a ela.

— Depois de você, minha lady, ele disse causal.

— Obrigado, ela conseguiu dizer, da mesma maneira cortês. Suas orelhas estavam ardendo.

Ceidre sabia que se todos no salão sabiam que ela era a amante do normando, sua irmã também sabia.

Sentiu—se culpada. Alice quis se casar com o normando, e Ceidre também sabia que ela adorava ser sua esposa. Estava segura que ela era fiel e que desejava lhe dar filhos. Eles tinham compartilhado relações matrimoniais. Ceidre sabia que Alice as desfrutava, pois o normando era um amante soberbo. Sentia que devia a Alice uma explicação. Mas temia, Alice estaria zangada. Certamente, Ceidre pensou, que se os papéis estivessem invertidos, ela a queria matar! Se Rolfe fosse seu marido, ela não deixaria que outra mulher o tocasse!

Os pensamentos de Ceidre foram distraídos ao longo da refeição. Depois, quando os homens se dispersaram, decidiu que devia ir e tentar explicar as coisas a sua irmã. Ela debateu se devia pedir permissão ao normando, logo decidiu que não. Ele poderia proibir de ver Alice, pelo castigo. Ceidre estava para sair e esperar o momento oportuno para ir furtivamente para cima, quando um mensageiro de William foi anunciado.

Rolfe voltou para a mesa com o mensageiro, ordenando a todos que se retirassem. Ceidre se atrasou enquanto seus homens estavam no processo de partir. Seu coração pulsava violentamente. Sentiu um nó no estomago. Rolfe pediria que lesse a mensagem novamente? Ainda não tinha visto o cilindro de pergaminho.

Rolfe levantou seu olhar e a olhou severo, então vendo que ela permanecia, uma suavidade apareceu em seus olhos e em seu rosto. Ceidre mordeu o lábio, sabendo que seu rubor era intenso. Eles estavam sozinhos no salão, exceto pelo mensageiro.

— Falarei com você mais tarde, ele disse, seu tom mais suave. Era uma despedida. Ceidre saiu.

— O que quer? Alice gritou furiosa.

Várias horas depois, Ceidre achou a oportunidade para subir sem ser vista. Silenciosamente fechou a porta detrás dela.

— Alice, precisamos falar.

— Falar! Não quero nem te ver, muito menos conversar!

— Sei que está se sentindo enganada, e estou aqui para me explicar.

— Explicar? Alice riu. — OH, entendo, Ceidre, acredite que te entendo. Não pôde resistir esse grande membro, verdade? Pensa que não sei por experiência própria quanto prazer dá? Ela zombou. Mas havia lágrimas em seus olhos.

Ceidre não pôde evitar imaginar Alice nos braços do normando, e ficou com dó. Por um momento não pôde falar.

— Ele é realmente insaciável, verdade? Alice continuou, sua voz mais alta. — Sabe que esta manhã, quando ele retornou ao amanhecer, tivemos uma briga e depois ele me tomou no chão?

Ceidre a olhou fixamente.

— Não acredito, ela disse. O problema era, esse era o estilo do normando, fazer exatamente o que Alice descreveu. Mas ele poderia ter tido a energia para fazer novamente depois que esteve com ela toda a noite?

— O que acontece, está zangada? Pensa que ele se deita somente com você? Hah! Sabe que ele não é um homem para ser fiel a nenhuma mulher, e certamente não a uma prostituta!

Alice queria machucá-la, e Ceidre estava consciente disso. Mas isso não evitou que sua irmã tivesse êxito. Alice tinha razão. A verdade doía. Doía tanto que teve que ignorar. Ceidre cruzou os braços firmemente.

— Eu não queria me tornar sua amante, ela disse rígida. — Sabe muito bem, Alice, sabe que eu nunca me entregaria de boa vontade ao normando, a um homem que roubou Aelfgar de Ed.

— Ele te violou? Alice riu com ceticismo, mas seus olhos estavam brilhantes com um interesse agudo.

Não estava na natureza de Ceidre mentir, mas queria diminuir a dor de sua irmã. Em vez de recordar todo o prazer que tinha recebido nos braços do normando, tentou focar na primeira noite, a primeira vez, quando ele a violou em sua noite de núpcias.

— Sim.

— É uma mentirosa! Alice gritou. — O cunhado de Mary os viu na horta e não era uma violação! Você estava quente, ele estava quente! É uma mentirosa!

Ceidre empalideceu. Eles tinham sido vistos? O pudor a ruborizou.

— Não sei o que ele viu, ela murmurou desesperada, se dando conta que sua intenção de se explicar estava falhando miseravelmente. — Deve ter sido o normando com outra.

— Mentirosa, mentirosa, mentirosa! Bruxa mentirosa! Alice gritou com os punhos apertados. — Desfrutou, é uma puta como sua mãe, Ceidre. Como sua mãe, só uma puta, uma maldita puta!

— Não é verdade, Ceidre gritou. Ele me pediu que fosse sua amante! Ed me pediu que o vigiasse! Não foi minha vontade, foi meu dever!

Alice piscou. Por um momento, um silêncio se estabeleceu entre elas, Alice começou a compreender, Ceidre se horrorizou quando sem querer revelou. — Deita com ele para espiar? Alice ofegou.

— Não espio, Ceidre disse rapidamente. — Só quero saber o que faz. Há uma diferença! O normando nunca me contaria seus segredos, ele é demasiado inteligente. Suas palavras foram apressadas, a velocidade do coração aumentou. — Sabe que o normando nunca me diria nada, Alice!

Alice estava perplexa, e tão excitada, mal podia se conter. Como Ceidre podia ser tão estúpida para lhe contar isso... que ela era uma espiã! Ela estava usando o normando!

Ceidre só queria escapar.

— Não peço seu perdão, ela sussurrou, mas tinha que me explicar. Ele realmente me violou, e eu realmente não tive nenhuma opção!

Alice não disse nada. Ceidre se apressou para a porta e partiu. Estava visivelmente agitada.

Sorrindo, Alice bateu palmas, excitada. Não podia esperar para contar a seu marido que sua puta o estava usando para espiar em favor de seus inimigos mortais. Não podia esperar!

— Ceidre, devo ir.

Ceidre estava nua e aconchegada contra Rolfe. Eles estavam no estábulo, e ainda faltavam várias horas para amanhecer.

— O que acontece? Tão logo? Por quê?

Rolfe sorriu e tocou seus seios trementes.

— Na verdade, não estou pronto para te deixar, ele disse, levantando—se. — Mas devo. Vou para York ao amanhecer.

— Para York? Ela repetiu.

— Ao amanhecer!

Rolfe começou a se vestir.

Ceidre se conscientizou de muitas emoções turbulentas, a primeira foi decepção.

— Por quanto tempo? Quando voltará?

Rolfe fez uma pausa, tinha colocado a calça e a túnica, se ajoelhou diante dele, tomando seu rosto.

— Sentirá minha falta?



Ela tremeu. — É muito cedo, ela disse amargamente. — Guy retornará antes que você?

— Talvez, ele disse neutro. Seu dedo polegar secou uma lágrima.

— Não chore querida, quando eu voltar teremos muitos momentos mais como esta noite.

Ela estava chorando? Ela estava triste porque ele a estava deixando? Ficou zangada pela confrontação com Alice essa tarde. E o mensageiro? Por que Rolfe estava indo para York? Maldição! Talvez fosse melhor que Rolfe viajasse agora, por algum tempo, porque ela muito estúpida tinha contado tudo para Alice. Ceidre apertou suas mãos.

— Me leve com você, ela ofegou.

— Não posso. Ele começou a se levantar, mas ela não o soltava, e ele a fez ficar de pé.

Rolfe já estava vestido, ela estava totalmente nua. Uma vela, cuidadosamente colocada para não provocar um incêndio, iluminava—os. Deliberadamente Ceidre se inclinou ligeiramente para frente, então seus mamilos roçaram seu peito.

— Me leve com você, ela implorou. Tivemos tão pouco tempo juntos.

— Ceidre...

Seus mamilos tocavam seu tórax repetidamente. Ela se moveu ligeiramente, então uma coxa tocou o osso de seu quadril, e logo seu membro se apertou contra sua outra perna. Ela o sentiu excitado.

— Guy vai voltar enquanto você não está ela disse sem fôlego. Guy já não tem medo de mim. Ceidre o estava seduzindo sem vergonha. — Disse que sou uma bruxa que não faz mal, que só cura. Agora minhas ameaças de lançar uma maldição já são inúteis. É só uma questão de tempo até que ele queira me fazer verdadeiramente sua esposa, ela mentiu desesperada. — Ele retornará e me levará para cama, tomará pela força, Ceidre soluçou. — Me agrade e me leve com você! Tivemos tão pouco tempo juntos!

Rolfe amaldiçoou e ela estremeceu.

— Descobriu qual é seu poder sobre mim, pequena, ele disse. — Não posso resistir a seu corpo luxurioso quando se aperta contra mim, como sabe muito bem que não posso resistir às suas lágrimas, e principalmente, não posso suportar a idéia de você com outro homem! Rolfe amaldiçoou novamente. Empurrou—a contra a parede, abrindo suas coxas para que o montasse.

— Me levara com você? Ceidre ofegou.

— Sim, ele grunhiu, baixando a calça. — Sim. Ele gemeu. — Por Deus! Sim.



Capítulo 51

Eles chegaram a York dois dias mais tarde. As guarnições de William, Ceidre notou, estavam muito ativas. Conseguiu evitar a ansiedade durante sua viagem, cavalgando ao lado de Rolfe, compartilhando conversa e olhares ternos, fazendo—o rir de vez em quando. Rolfe não deu a seus homens nenhuma explicação de por que ela o estava acompanhando, e é obvio, ninguém se atreveu a questionar sua presença. Depois do pudor inicial, Ceidre se recuperou e logo estava desfrutando da viagem. Como poderia não fazê-lo? Estava montado um bonito puro sangue, estavam no verão, estava perto de seu amante e se estavam divertindo.

Não houve nenhum incidente na viagem. E agora, vendo as idas e vindas dos soldados de William, inclusive seus mensageiros, Ceidre sentiu medo.

Uma pergunta a atormentava: por que Rolfe tinha sido chamado? E agora, vendo os preparativos para uma viagem de um grande número de tropas, ela temeu o pior. Uma força armada estava para partir de York, e isso só podia estar relacionado com os rebeldes.

Rolfe a deixou em sua tenda, mas não a limitou a ficar ali.

Ele foi ver William. O que Ceidre havia sentido como um conto de fadas tinha terminado. Não poderia descansar em York diante do que estava vendo. Tinha que descobrir o que estava acontecendo, e por que. Rezava para que os normandos fossem perseguir rebeldes escoceses e não rebeldes saxões.

Ceidre passou o resto do dia vagando pela aldeia, onde os rumores corriam velozmente e todas as mulheres de aldeia estavam ávidas por compartilhá—los com ela, outra saxã. Os dinamarqueses invadiram novamente, a padeira contou. William ia cavalgar até a costa para encontrá—los. Uma pescadora disse a Ceidre que William estava furioso por uma emboscada ocorrida umas semanas atrás, na qual perdeu um capitão. Ele tinha intenção de rastrear as regiões fronteiriças até achar os rebeldes responsáveis, e pendurá—los. Uma cervejeira lhe disse que se murmurava que Hereward, O Rebelde era o responsável pela emboscada, e que ele era o objetivo de William o Conquistador; outra

mulher disse que o paradeiro de seus irmãos tinha sido descoberto e que William os derrotaria e capturaria de uma vez por todas.

Este último relato encheu Ceidre de medo.

Ela comprou carne e pão—doce de um vendedor, e voltou para os muros do castelo. Eles tinham sido preenchidos com madeira e pedra desde sua destruição durante a última rebelião. Ela tinha obtido permissão para sair ao muro exterior quando, sendo questionada pelo guarda, declarou que tinha chegado com Rolfe de Warene. Ela ignorou alguns comentários lascivos e uma piscada de olho. Depois de ter cruzado a ponte levadiça, ela teve que suportar as mesmas perguntas, e dessa vez teve que esperar até que Beltain pareceu garantir suas palavras. O pesado portão de grade se fechou com um golpe depois que ela foi admitida.

Rolfe não tinha voltado para a tenda. Ceidre pagou um jovem para que trouxesse água, e lavou cada centímetro de seu corpo com uma esponja. Colocou roupa limpa, comeu a comida que tinha comprado, e caminhou inquieta dentro da tenda. As sombras escuras caíram, e a noite ficou negra. Obviamente Rolfe ficou jantando com William, Ceidre pensou. Rolfe tinha esquecido sua presença ou a estava descuidando. Então disse a si mesma que era uma tola por se sentir abandonada. Não queria jantar no salão de William, e se tivesse feito, como Rolfe teria explicado sua presença a seu próprio lorde? Sua aparição ao seu lado ia, pelo menos, ser a causa de um escândalo!

Era meia—noite quando ele entrou. Seu rosto, severo sob a luz da tocha que segurava, suavizou quando fechou a lona atrás dele.

— Sinto muito, querida, ele disse, e ela se derreteu.

Ela o abraçou impetuosamente, procurando seus lábios. Um som surpreso escapou dele, e Rolfe encontrou sua boca com exigente ardor.

— Eu gosto dessa saudação, ele disse rouco.

Lágrimas vieram a seus olhos.

— Me tome agora, ela disse severa. Tomou seu rosto entre as mãos e o beijou, forçando—o a abrir a boca, afundando sua língua agressivamente no interior.

Rolfe a tomou rapidamente sobre a manta. Depois ele a acariciou com prazer e riu.

— Vejo que sentiu saudades, ele provocou.

Ceidre não o olhou, sentia vontade de chorar novamente.

— Eu sempre sinto saudades quando estamos separados, meu lorde, ela disse sem fôlego.

Ele ficou em silêncio, mas ela sentiu seu coração debaixo de sua mão, e este se sobressaltou em resposta as suas palavras. Rolfe acariciou seu cabelo.



— É verdade? Ele perguntou.

— Sim, ela disse.

— Pensei em você todo o dia, ele admitiu. Enlaçou seus braços poderosos ao redor dela e a segurou mais firme contra ele. — Comeu querida? Tem fome? Posso pedir comida e vinho.

— Já comi, Ceidre disse, beijando seu pescoço rapidamente.

Ele acariciou suas costas nuas, explorando a curva de suas nádegas. Ceidre sentiu que ele endurecia novamente. Ela deslizou sobre seu lado, seus peitos provocativos apertando—se sobre seu peito. Rolfe se esticou suspirado com prazer, seus próprios dedos procuraram seus mamilos.

Ceidre o olhou. Seu olhar ardente encontrou o seu. Ceidre observou seu rosto enquanto continuava acariciando seu membro. Ele gemeu, empurrando sua mão.

— Ah, Ceidre...

Ela deslizou sobre seus joelhos e aninhou seu pênis ereto contra seu rosto. Ele ofegou, agarrando sua cabeça. Tirou sua língua para tocar a ponta úmida e saborear as primeiras gotas de seu sêmen.

— Não pare, ele gemeu.

E ela o beijou, lambeu, e o levou a sua boca.

Minutos mais tarde ele a montava novamente.

Abraçaram—se em silêncio por um longo momento. Ceidre acariciou seu peito, logo disse com sua boca contra seu coração:

— Quanto tempo temos meu lorde? Antes que parta?

Rolfe fez uma pausa.

— Está tão segura que partiremos bruxa? Seu tom era leve e provocador.

— Não sou cega. Vi todos os preparativos. Vão à guerra. Ela se sentou de repente, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Por que chora? Ele perguntou sério, sentando também.

Ceidre sacudiu a cabeça.

— Não tenha medo, ele disse, seu tom era ao mesmo tempo áspero e gentil, não vamos perseguir seus irmãos.

Seu alívio foi imenso. Mas ainda se sentia culpada.

— Por que chora? Ele tocou suas bochechas.

O que deveria dizer? Choro porque sou uma espiã, não uma simples amante?



— Tenho medo de tudo isto, ela conseguiu dizer.

— Posso me atrever a esperar... , ele ofegou, capturando seu queixo, que um pouco desse medo é por mim?

Ela o olhou silenciosa e sacudiu a cabeça.

Rolfe sorriu, se inclinou para frente, e beijou sua boca suavemente.

— Não tema por mim. Voltarei para você, Ceidre. Nada pode me deter.

— Vai haver uma batalha? Ela perguntou, tocando em seu queixo.

Rolfe vacilou, procurando seus olhos.

— Espero que sim.

— Espero que não encontre Hereward, O Rebelde! Ceidre gritou.

— Sabemos onde ele está, Ceidre, ele disse.

— Como sabe? Não pode estar seguro!

— Temos muitos espiões e eles estão em todos os lados. Seu olhar nunca a deixou.

— Então vão destruí-lo, ela disse.

— Claro. Ele planeja outra rebelião.

Ceidre se sentiu culpada sob seu olhar fixo, mas ele não conhecia seus pensamentos íntimos. Ceidre se inclinou para frente e o abraçou com força. Por um momento ele não respondeu, mas finalmente, lentamente, seus braços a rodearam. Ela se agarrou.

— Quando parte meu lorde?

— Quando Roger de Shrewsbury chegar em dois dias.

Ela pensou: OH, meu Deus, Roger Montgomery também! Hereward não teria nenhuma possibilidade contra semelhante força! E com uma parte de sua mente Ceidre estava consciente de um vazio estranho em suas carícias, e do modo em que ele esperava sua resposta.

— Pelo menos com um exército tão forte, posso estar tranqüila sabendo que não será prejudicado, ela conseguiu dizer.

Ceidre olhou para cima e viu uma escuridão em seu rosto.

— Se importa? Ele exigiu. — Se importa Ceidre?

— Sim! Ela gritou, e era verdade. Mas havia tantas mentiras, que as lágrimas encheram seus olhos novamente.

Rolfe a apertou contra ele. Deu agradeceu a seu contato brutal.



Capítulo 52

Rolfe não a deixou até o dia seguinte ao meio dia, para comer com seu lorde. Ceidre ficou arrasada pelo medo durante toda a manhã, e tentou sem sucesso não demonstrar. Rolfe parecia de algum jeito, não perceber sua ansiedade. Isso aumentou sua preocupação. Realmente não acreditava que fosse tão boa atriz, e ela sabia que ele era muito inteligente. E, entretanto Rolfe realmente ignorava a agitação de seu espírito.

No momento que ele partiu, Ceidre se apressou a ir à aldeia. Foi mais cautelosa, vigiando que ninguém a seguisse. Os guardas gritaram uma saudação quando deixou o castelo. No dia anterior Rolfe tinha lhe dado umas moedas, e hoje tinha pedido mais. Ele alegremente as deu, sem perguntar em que gastava. Ceidre usou as moedas para pagar ao filho do ferreiro para que levasse uma mensagem para Hereward o rebelde. Na noite anterior tinha conseguido descobrir por Rolfe que Hereward estava nos bosques perto de Welshaldea de Cavlidockk.

— Vão muito longe? Tinha perguntado.

— Não mais longe que Cavlidockk, ele disse... confio em você, Ceidre, ele adicionou de repente, assombrando—a. Ceidre tinha conseguido dar um sorriso, e tinha desviado o rosto antes que visse seu maldito rubor.

Mas não tinha nenhuma opção. Tinha que advertir Hereward do perigo que enfrentava. Caso contrário, haveria uma matança.

Na manhã seguinte ao amanhecer Rolfe a desprende de seus braços, e olhou fixamente seu rosto. Fazia frio, mas essa não era a razão pela qual Ceidre tremia, envolvendo—se apressadamente em uma capa.

— Deus te proteja meu lorde, ela disse com calma...

Um músculo em sua mandíbula se esticou.

— Não pode por uma vez, me chamar por meu nome?

Ela umedeceu os lábios.

— Deus te proteja Rolfe.

Suas fossas nasais inflamaram, seus olhos arderam, e ele a apertou entre os braços. Ceidre se agarrou a ele.

— Deus te proteja Ceidre, ele sussurrou, logo tomou sua boca apaixonadamente.

Ele se separou, deu—lhe um último olhar, e virou sobre seus calcanhares para desaparecer. Ceidre não saiu para vê—lo partir; não podia. Sentindo—se miserável se envolveu na manta e se recusou a sair até que o sol estava alto no céu.

Sentia—se apática. Não havia nada que quisesse fazer. Tomou um banho, vestiu—se e comeu. Supôs que poderia sobreviver os dias até que ele retornasse — Rolfe havia dito que voltaria em umas semanas. Ou ela poderia afundar—se no medo. Medo por ele, por seus irmãos, por Hereward, por todos os rebeldes, por todos eles.

OH, Deus, Ceidre pensou. Eu gosto dele, eu gosto desse normando, e isso não pode ser! Não posso deixar que isto aconteça, ele é o inimigo, ele é o usurpador de Aelfgar, ele é o marido de minha irmã! Eu sou apenas sua amante, e meu dever é para com meus irmãos!

Frenética, Ceidre deixou o terreno do castelo, e caminhou pela aldeia, querendo distanciar—se desse impossível, dessa realidade terrível. Em uma horta, fez uma pausa para chorar. Ela estava se recompondo quando uma moça que ela vagamente reconheceu se aproximou.

A moça era tímida, muito bonita, quase uma mulher. Ruborizou—se intensamente.

— Sinto muito, minha lady, ela disse, agitada. Devo falar com você, mas posso vir em outro momento. Ela virou para partir.

— Não, para, está tudo bem. Ceidre conseguiu dar um sorriso. — Seu nome é Maude, verdade?

— Sim. Ela se ruborizou novamente. Então olhou furtivamente a seu redor. — Seu irmão Morcar quer te ver.

Ceidre ofegou.

— O que?

Maude sorriu com orgulho.

— Sou sua amiga, ela disse, e outro rubor a invadiu. — Estou encantada de ajudá—lo a lutar contra esses porcos normandos! Quando chegou mandei avisá—lo que estava aqui. Ele espera que o mantenha informado de tudo o que vejo aqui em York, ela pacientemente explicou. — Devo usar meu próprio julgamento, ela adicionou orgulhosa. Ele mandou dizer que seu homem Alvin te aguarda dez quilômetros ao norte daqui, perto do rio Wade no cruzamento. Ele te levará com eles.



Ceidre estava extasiada. Ela abraçou Maude.

— É uma boa mulher, ela disse, então a estudou, que idade tem?

— Quatorze no próximo mês, Maude disse na defensiva.

Ceidre tinha intenção de um sermão em Morcar. Tinha cem mulheres para escolher, mas tinha que levar à cama uma menina, embora ela fosse bonita e bem formada!

— Obrigado, Ceidre disse. — Não me esquecerei disto...

Maude sorriu.

— Envie a Morcar meu amor. Ela se ruborizou novamente.

— Por favor, Ed, mude seus planos!

Edwin a olhou triste.

— Não posso Ceidre.

— Desta vez terminará morto! Os normandos têm espiões por todos os lados — ele mesmo me disse! Parece que descobriram o paradeiro de Hereward! Poderiam descobrir o teu!

— Tenho espiões por todos os lados também, Ceidre.

— Ainda é cedo! Não pode pelo menos adiar o plano? Será derrotado, talvez morto! Ed, por favor, reconsidere o que faz!

Morcar a contemplou com os braços cruzados.

— O que é isto, Ceidre? Por que está tão exaltada? Ele te pediu que viesse e nos implorasse para parar?

— Não!

— Se fez, Morcar continuou, é porque não gostaria de nada mais do que entregarmos Aelfgar em uma bandeja de prata!

— Ele não me mandou aqui, ela protestou.

— Ele te machucou? Edwin perguntou, contemplando—a continuamente.

Ceidre se avermelhou.

— Não, não machucou.

— Fez bem seu trabalho, irmã, Edwin disse. Ele deve confiar completamente em você para ter sido tão tolo e te contar sobre seus planos e sobre o paradeiro de Hereward.

— Então, ele não me mentiu? Hereward realmente está perto de Cavlidockk?

— Sim.



Ceidre temeu que o normando tivesse descoberto seu jogo de espionagem. Mas ele não tinha mentido, o que significava que ele confiava nela, e OH, como odiava essa maldita guerra!

Edwin segurou—a pelos ombros.

— Gosta dele? Seu tom era sereno.

Ceidre sacudiu a cabeça para negar.

— Claro que não gosta desse porco normando! Morcar rugiu.

— Na guerra, Edwin disse, ignorando a explosão de seu irmão, todos nós fazemos o que consideramos desagradável. A guerra não é um tempo feliz.

Ceidre sufocou um soluço.

— Sei, ela disse, abraçando—o.

— E amar o inimigo talvez seja o pior de tudo, ele disse fortemente.

Ela o olhou.

— Eu não o amo.

— Viu Isolda?

Ela o empurrou. Isolda era filha de William, aquela que ele tinha prometido para Edwin depois de Hastings, e depois a tinha casado com um de seus próprios vassalos.

— Não, não a vi.

— Ouvi que ela estava em York, com seu marido. Soube que ela está grávida novamente. Era uma pergunta.

Ceidre sabia que Edwin ficou furioso quando William renegou o compromisso de sua filha, mas nunca suspeitou que ele pudesse desejar Isolda por algo mais que uma aliança com o rei. Isolda era bonita, alta, loira e pertencia à realeza.

— Vou averiguar, prometeu.

— Já não importa, ele disse, dando a volta. Uma vez isso importou, mas já era passado. Ele a olhou. — Tudo o que importa é Aelfgar. Não posso desistir até ter o que é meu. Preciso de você Ceidre.

Seu coração estava dividido em dois.

— Não tema. Nunca vou te falhar.

— Sei. Ele vacilou. — Ceidre seja cuidadosa. O normando é ardiloso. Não deixe que te apanhe em seus jogos.

Ceidre de repente se sentiu afogada.

— E se... Ela parou, pouco disposta a verbalizar seus medos. E se Rolfe descobrisse que ela tinha estado envolvida na advertência a Hereward? Não haveria nenhuma prova, mas... Não ia dizer a Edwin esses pensamentos. Tinha medo que ordenasse ficar com ele e seus homens. Ceidre se deu conta que não precisava retornar para York e para o normando a quem tão desesperadamente queria.

Uns cem normandos cavalgavam em fila dupla dez quilômetros ao sul de Cavlidockk. Rolfe cavalgava com seus homens, liderando—os, William ia ao meio da tropa, e Roger, na retaguarda. Não havia nenhum sinal de rebeldes até esse momento. Em uma hora parariam, explorariam o acampamento de Hereward, depois rodeariam e o atacariam. Rolfe sorriu. Logo outro ninho de víboras seria eliminado.

Alguém deu um grito de morte.

Rolfe foi consciente da emboscada no mesmo instante e gritava a seus homens que se distribuíssem para lutar. As flechas voaram das árvores por cima deles, e Beltain, a seu lado, ofegou quando uma lhe perfurou o ombro. Rolfe já estava cavalgando para um arqueiro em uma árvore, com a espada em alto, e com um golpe cortou o ramo que sustentava o homem. O arqueiro caiu e Rolfe facilmente o partiu em dois.

A seguir houve uma batalha. Esgrimindo sua espada incessantemente, Rolfe metodicamente matou meia dúzia de saxões. E logo a clareira do bosque caiu em silêncio.

Rolfe viu que os últimos dois saxões fugiam, e pediu a seus homens que se detivessem.

Com horror, olhou o chão diante dele. Estava pavimentado com corpos de rebeldes, todos mortos ou morrendo. Mas outra dúzia de seus próprios homens estavam mortos.

— Fomos traídos, William gritou, aproximando—se a galope. — Eu mesmo vi Hereward, veio até aqui este traidor! Perdi três homens, Roger perdeu um. Como foi você, Rolfe?

Uma náusea o afogou.

— Muito pior, ele disse. Uma dúzia de seus homens jazia na terra... Viu Beltain com seu ombro e seu torso empapados de sangue, esporeando seu cavalo para ele.

— Como está?

— Sobreviverei, acredito, Beltain disse, embora estivesse branco como um fantasma.

Rolfe saltou de seu garanhão. Ajudou seu capitão, fazendo um torniquete e Beltain misericordiosamente desmaiou pela perda de sangue.

Rolfe estava colocando uma bandagem antes de ele despertar. Rolfe se concentrou completamente em sua tarefa. Mas sua mente, sua mente estava pensando em uma dúzia de seus melhores homens, em uma emboscada... Os feridos foram atendidos e, os mortos enterrados. William fez uma pausa a seu lado.

— Sinto muito suas perdas, ele disse com sinceridade.

— Devemos continuar? Rolfe perguntou sério.

— Queimaremos e destruiremos Cavlidockk, embora os rebeldes faz tempo que se foram dali, William disse. — Depois retornaremos a York, para lamber nossas feridas.

Rolfe não disse nada. Olhou fixamente seus homens mortos, ensangüentados e desmembrados, o jovem William decapitado. Doze de seus melhores homens mortos... traídos....

— Estes malditos saxões têm espiões por todos os lados, William murmurou.

— Por todos os lados, Rolfe repetiu. Traído.

Sentia—se tão chateado que pensou que nesse momento vomitaria como um moço depois de sua primeira batalha. E subitamente, o fez.



Capítulo 53

Ele havia retornado!

A guarnição estava agitada conversando sobre o retorno de William e seus homens, que tinham sido vistos quando entravam na aldeia. Ceidre queria correr para fora do muro exterior e lançar—se em seus braços. É obvio que não podia fazer isso. Então retrocedeu e entrou em sua tenda, ali caminhou impaciente e nervosa. OH, não podia negar que tinha sentido saudades! Ao mesmo tempo, temia seu retorno, segura de que sua culpa se mostraria. O que tinha acontecido? Hereward tinha conseguido evitar seus atacantes? O mais importante, Rolfe estava bem?

A lona da tenda se abriu.

Rolfe estava de pé ali, iluminado pelo sol, e Ceidre só podia distinguir seu tamanho imponente.

— Meu lorde? Ela ofegou, sua ânsia aparente em seu rosto.

Rolfe entrou. Seu rosto era de pedra. Seus olhos eram frios como pedaços de gelo. Ceidre se encolheu por dentro.

— O que aconteceu?

Ele a olhou fixamente, sua boca firme em uma linha dura.

— O que aconteceu? Fomos emboscados ao sul de Cavlidockk.

Seus olhos se aumentaram.

— Emboscados!

Sua mandíbula se apertou.

— Pelo menos, ele disse severo, sei que não sabia isso!

Sua mão cobriu seu coração palpitante. Ela deu um passo.

— O que quer dizer?

Rolfe avançou.

— Não sabe o que quero dizer, Ceidre?

— Não, ela gritou, com medo agora.

— A verdade! Diga—Me a verdade, maldição, Ceidre!

— Não sei... Ela vacilou, com lágrimas enchendo seus olhos.

Rolfe a agarrou e a sacudiu com força.

— Me traiu? Não é assim? Sabia que estávamos indo a Cavlidockk! Eu fui um idiota por confiar em você? Responda—me!

As lágrimas se derramaram. Ceidre sacudiu a cabeça para mentir, para negar isso, mas nenhuma palavra saiu de sua boca. Sentia—se doente pela culpa, e ele deve ter notado, porque de repente a soltou com tal força que ela voou para cair sobre a manta. Ficou ali, ofegando.

— Foi você! Ele rugiu. — Vejo isso em seus olhos! Responda—me! Ele gritou muito furioso, seu rosto avermelhado. Suas mãos se apertaram em punhos, Rolfe tremia. Seus olhos lançavam chamas azuis.

Ceidre cobriu sua boca com uma mão trêmula, e logo chorou.

— Tive que fazer, ela disse, soluçando. — Por favor, entenda, tive que fazer!

Rolfe a olhava com perplexidade.

Ceidre viu então, muito tarde, que ele se recusava a acreditar, que talvez ela pudesse ter alegado inocência, mas agora não havia modo de retirar sua confissão. Levantou seu rosto banhado em lágrimas.

— Mas está são e salvo, ela disse. Não lhe fizeram mal...

— Nenhum dano! Uma dúzia de meus homens morreu por sua causa!

Ceidre ofegou horrorizada.

Rolfe se ajoelhou, sua expressão uma mescla de amargura e repulsão. Sacudiu—a com violência. Ceidre estremeceu, mas deu boas—vindas a dor.

— É uma mentirosa, uma conspiradora e uma espiã. Tomou—me em seus braços, fingiu ser minha amante apaixonada, todo o tempo planejando me trair, só esperando o momento oportuno para fazer!

Ceidre abriu a boca para protestar, mas não podia achar nenhuma palavra, pois a acusação era verdadeira.

Ele a fez colocar—se de pé e a arrastou fora da tenda.

— Onde estamos indo? Ela ofegou.



Rolfe não respondeu. Ceidre viu seu rosto, cheio de fria resolução e fúria incandescente e teve medo.

Quando ela viu que a estava levando a fortaleza, cravou seus pés no chão.

— O que planeja? Ela gritou.

Rolfe a olhou lívido, sua mão levantada para golpeá-la. Ceidre gritou. O golpe não chegou. Seu aperto era tão forte que ela acreditou que poderia desfalecer.

— Pode ir se arrastando ou pode caminhar, para mim tanto faz. E voltou a caminhar.

Continuou andando aos tropeções. Não pode..., ela pensou, não pode estar fazendo o que ela pensava que faria....

O grande salão estava cheio de homens. A maioria deles estava sentado à mesa, três vezes maior que a de Aelfgar e com William na cabeceira. Rolfe não fez uma pausa. Empurrou Ceidre para frente, para o tablado onde William estava sentado, A empurrou abruptamente fazendo-a cair de joelhos no chão. Sua mão segurava seu cabelo, mantendo sua cabeça para baixo e seu nariz contra as pedras do chão.

— Aqui está a espiã, sua majestade.

O silêncio inundou o recinto.

William olhou fixamente para Rolfe.

— É sua amante?

— Sim.

William ficou de pé.

— Todos fora! Seu olhar se encontrou com o de Rolfe, enquanto esperava que seus homens partissem. Quando eles saíram, ele falou.

— Está seguro?

— Ela confessou, Rolfe disse friamente.

William a olhou.

— Levante—se, é minha prisioneira, ele disse.

Rolfe a soltou e ela ficou de pé. Ceidre levantou seu olhar para o rei.

— Enviou um espião para advertir Hereward sobre nossos planos? Embora ela quisesse chorar, levantou seu queixo. Sua voz tremeu.

— Sim.

— E como soube de nossos planos?

Ceidre vacilou. Ela tinha que trair Rolfe, mas agora protegeria seu lorde.

— Estive espiando na guarnição.

— Ela mente, Rolfe declarou. Eu confiei coisas a esta bruxa porque ela compartilha minha cama muito avidamente. Disse aonde íamos para acalmar seus medos sobre seus irmãos. Sou o homem mais imbecil do mundo

William ignorou suas palavras e manteve o olhar fixo em Ceidre.

— Ela é muito bela. Se parece com esse descarado do Morcar. Tem sorte, moça, que Lorde Warenne tenha te casado com Sir Guy. Eu tenho espiões em todos os lados e sei muito bem que esta é a segunda vez que comete uma traição à coroa. Eu soube que foi você quem liberou Morcar. Claramente é obstinada e atrevida. Sua sentença de prisão será por toda a vida. Ele girou e chamou seus guardas.

Ceidre congelou incapaz de se mover, de respirar, de pensar. Os dois homens entraram e se aproximaram. William disse a eles que a prendessem. Ceidre lançou um olhar frenético a Rolfe — ele não deixaria que isso acontecesse! Ele não deixaria que se levasse a cabo essa sentença, não deixaria que a colocassem nos calabouços! Certamente não!

Rolfe a ignorou. Quando os dois homens a agarraram, Ceidre fechou seus olhos. Sabia qual era seu destino. Tudo estava terminado. Ia ser encarcerada de por vida. E viveria nos calabouços. Não choraria, não ia implorar, se abandonaria à morte, pois ser presa nos calabouços certamente a mataria. Com uma respiração profunda, ela conseguiu ficar entre os dois guardas. Seus ombros estavam direitos, rígidos, mas suas mãos aos lados tremiam.

Quando ela se foi, William virou para Rolfe, que se abaixou sobre um joelho, curvando a cabeça.

— Qualquer coisa que decida, é menos do que me mereço.

— Tem razão, William disse, se afastando. Ele levantou uma taça de vinho, bebeu, e virou para olhar Rolfe, que ainda estava de joelhos.

— Levante—se, Rolfe.

Rolfe ficou de pé graciosamente.

— Isso é muito estranho. Primeiro escolheu não me dizer que o servo que ajudou Morcar a escapar de Aelfgar era esta moça, a irmã bastarda de sua esposa.

Rolfe estava muito amargurado para estar surpreso.

— Novamente digo, sou um imbecil.

William o ignorou.



— Mas eu deixei passar, confiando em seu julgamento. Curiosamente a casou com Guy. Mais estranho ainda é que a levou para sua cama. Com isso engana sua esposa e seu melhor amigo. É verdade que ela tem o olho do mal?"

— Sim, tem um defeito no olho, mas não é uma bruxa.

— Possivelmente ela te deu alguma poção, William disse. Porque você não é um homem desse tipo de comportamento, nem é alguém capaz de contar nossos segredos na cama, Deus Santo! Não importa quão bela e ardente seja a moça!

Rolfe não disse nada. Mas seus olhos arderam.

— Vejo que está zangado. Estou feliz de ver isso. Já foi castigado suficientemente, perdeu uma dúzia de homens. Eu não adicionarei um castigo ao que já está sofrendo.

— Obrigado, sua majestade, Rolfe disse sem gratidão. Suas mandíbulas estavam rígidas.

William suspirou.

— Na verdade, apesar da traição, conseguimos debilitar os rebeldes. Apesar de nossas grandes perdas, tivemos êxito em nossos planos de destruir seu acampamento.

— Sim.

— Ponho a moça sob sua custódia, meus calabouços estão cheios de gente. Além disso, penso que é justo. Mas não entenda mal as coisas porque é uma prisioneira do rei.

Rolfe sorriu, cruelmente, friamente.

— Alegrementemente aceito essa tarefa, ele disse.



Capítulo 54

— **S**eu castigo terminou, Rolfe disse com frieza na porta para quarto.

Alice se levantou da cama, olhando fixamente. Então ela correu, ficou de joelhos, e tomou sua mão.

— Obrigado, meu lorde, ela disse humilde. — Imploro seu perdão. Ela levantou seu rosto, sua boca tremendo.

Rolfe a ignorou, gesticulando para que ela ficasse de pé, e severo girou para examinar a porta e a trava interna. Um homem o seguia.

— Isto deve ser tirado, disse ao carpinteiro. — Quero que o coloque do lado de fora. Além disso, deve ser inquebrável. Entende?

— Sim, meu lorde, o carpinteiro disse, inspecionando a porta.

Rolfe cruzou o quarto com passos largos, olhou por uma pequena janela. Nem sequer um menino poderia deslizar por essa janela, ele notou com satisfação. Só havia uma maneira de sair desse quarto, e era pela porta.

— A tranca pode ser de madeira no momento, mas terá que fazer uma de ferro imediatamente. Informe ao ferreiro, ele declarou.

Alice arregalou os olhos, umedecendo seus lábios nervosamente.

— O que acontece, meu lorde?

Rolfe se surpreendeu que ela ainda estivesse ali.

— Você voltará para meu quarto, disse brevemente. — Sua irmã será confinada aqui.

— Ceidre!

Rolfe começou a deixar o quarto, e Alice se apressou indo atrás dele, tomando sua manga.

— Meu lorde, que aconteceu?!

Ele desprende seu braço.

— Preciso de um banho agora.

Alice se apressou a pedir um.

— Sua irmã cometeu traição novamente, Rolfe disse, com tanta frieza que Alice tremeu. Ele tirou o protetor de couro. Ela é uma prisioneira do rei, e sua sentença é perpétua. William a colocou sob minha custódia. Ela nunca deixará o quarto até o dia que morra.

Alice mordeu o lábio para evitar sorrir, incapaz de acreditar em sua boa sorte. Queria saber os detalhes, mas os descobriria logo.

— Eu quis te advertir, ela disse cuidadosamente, antes que partiu para York.

Rolfe lhe lançou um olhar frio, só vestia sua calça agora.

— Sim? Seu tom era zombador.

Alice respondeu.

— Ela veio para me ver na noite que partiram meu lorde.

— Se há algo que quer que eu saiba, diga de uma vez.

Ele era rude e ela o odiou. Mas ainda recordava a sensação de sentir de seu membro enorme dentro dela, a dor e o prazer, e imaginou ele a tomando novamente. Os golpes do carpinteiro enquanto colocava a nova tranca na porta do quarto começaram a soar. Alice levantou seu queixo.

— Ela veio para se desculpar por deitar com você, meu lorde. Ela queria me explicar que esse era seu dever para com seus irmãos.

Rolfe a olhou inexpressivo.

— Eles pediram que ela o seduzisse e ganhasse sua confiança, ela era uma espiã. É a única razão pela qual compartilhou sua cama, ela disse. Ela pensou que isso aliviaria minha mente. Alice sorriu ligeiramente. Mas ela o estava observando, e se alegrou secretamente quando viu a raiva quente alagando seu rosto e o ódio frio enchendo seus olhos. Ele se afastou dela, e Alice sorriu rapidamente, incapaz de conter—se.

Quando a tina estava cheia, Rolfe entrou. Seu coração estava pulsando pesado e continuava recordando quando tinha chegado a esse quarto e tinha achado à bruxa nua em sua cama. Tinha sido um plano, um complô de seus irmãos — e ela era a sedutora e a espiã.

E ele se deixou levar por seu membro ávido. Bem, pensou Rolfe, uma risada fria escapou por seus lábios, nunca acontecerá novamente.

A raiva o invadiu. Esteve sufocando—a desde que ela tinha confessado tudo.

Ela era uma traidora, e agora era sua prisioneira, e apodreceria nesse quarto até o dia de sua morte.

Ceidre foi levada por um guarda da fortaleza. Ele a lançou dentro do quarto e partiu, golpeando a porta de madeira atrás dele. Ouviu a tranca caindo, o som detestável e final.

Abraçou seu próprio corpo.

Aí era onde Alice ficou confinada, embora o aposento já não parecesse mais um quarto. A cama foi tirada – uma cama de palha e uma manta ocupavam seu lugar. Uma vela tinha sido fornecida, com uma taça de água e um urinol. Estando tão nu, o quarto parecia grande.

Ceidre caminhou para a estreita janela e olhou, lágrimas encheram seus olhos. Esteve encarcerada no calabouço em York por meio—dia. Aquele calabouço não parecia em nada como o de Aelfgar, afortunadamente. Ela podia respirar, apesar do medo que lhe fechava o peito. Ela teve sua própria cela, a metade do tamanho desse quarto. Acomodou—se em um canto, ignorando os outros prisioneiros, suando e ofegando, mas não teve um ataque de histeria.

Ceidre chorou.

A dor em seu coração obscurecia tudo mais. Ela chorou, desesperadamente, eternamente e dolorosamente. Tinha—o traído, e Ceidre sabia que tipo de homem era ele. Sabia que ele nunca a perdoaria. Chorou até que não teve mais lágrimas para derramar, chorava porque o amava.

Dar—se conta disso chegou muito tarde.

E embora soubesse antes, que diferença faria? Ela amava seus irmãos também. Esteve dividida entre duas posições inconciliáveis. Poderia ter negado ser uma espiã, mas não teria mudado nada. Ele nunca a perdoaria.

A viagem de volta a Aelfgar levou dois dias. Ceidre só tinha visto Rolfe ocasionalmente. Ele a tinha apagado de sua existência com um golpe brutal. Sabia isso, não estava surpreendida por isso, da mesma maneira que sabia que nunca voltariam a ter o que alguma vez tinham compartilhado. Felizmente, já não ficavam lágrimas. Seu coração estava doído pelo amor perdido. E cada vez que viu seus ombros largos, ou ouviu sua voz, não pôde desviar seu olhar dele. Mas ele nem uma vez a olhou.

Nem uma vez.

Estava ficando escuro. Ceidre se perguntou se trariam outra vela quando aquela se acabasse. Decidiu não acendê-la. Não estava segura de como seria sua prisão. Agora mesmo, temia ser submetida a uma privação extrema. Na verdade, ficou surpreendida por não ter sido enviada às covas escuras debaixo de Aelfgar.

Ouviu a tranca sendo tirada e assumiu que traziam pão e cerveja, a comida com a qual subsistia desde sua prisão. Apoiou a bochecha contra a parede, sem se dar ao trabalho de olhar. Entretanto quando a porta foi aberta, ela soube o que vinha. Podia sentir sua presença.

Rolfe parou na entrada obscurecendo a última luz da tarde.

Ceidre não disse nada, mas seu coração estava saltando feroz – com esperança. Por que ele vinha? OH, Deus, por favor, deixe que ele me perdoe, é tudo o que quero.

Rolfe olhou o quarto, logo sorriu com satisfação cruel. Seu olhar se cravou nela. Ceidre viu seu desprezo sem dissimular, e todas suas esperanças morreram. Afundou-se, abatida. Ele a odiava.

— Não tive nenhuma opção, ela sussurrou, suas palavras escaparam, precisa acreditar!

Rolfe sorriu, outra cruel careta de seus lábios.

— Pensa que me importo com suas alternativas, Ceidre?

— Nunca foi forçado pelas circunstâncias a atuar contra sua vontade?

— Bonitas palavras. Ele riu. Bonitas palavras de uma bonita prostituta..

Ela tragou uma baforada de ar.

— Por favor, me escute, por favor! Ela se ouviu rogar. Não tive nenhuma opção! Só procurava proteger Hereward, não machucar você! Nunca te machucaria! Eu...

Ele a alcançou em três longos passos, retorcendo seu braço para as costas e forçando-a contra a parede.

— Para! Ele gritou. Para com suas mentiras! Derrama palavras de seus lábios como mel, mas é um mel envenenado que derrama!

Ela soluçou.

— Eu te amo.

Rolfe a soltou e riu.

— Mais palavras!

— É a verdade.

Seu rosto estava cheio de repulsa. Seus olhos brilhavam.



— Me ama Ceidre?

— Sim.

— Me demonstre ele disse. Demonstre, me prove. Quero feitos não palavras.

Ceidre se congelou, seu coração pulsando inseguro sobre o que fazer. Como convencê-lo? Realmente estava recebendo esta oportunidade? Como suavizar seu coração, como curá-lo?

Rolfe riu com um som amargo, e girou para partir.

Ela saltou contra ele, sua bochecha colada a suas costas, todo seu corpo apertando—se contra ele. Rolfe congelou.

— Não vá, ela gritou, sufocando suas lágrimas. Deixe—me demonstrar, deixe—me fazê—lo!

Rolfe não se moveu.

Suas mãos tremiam quando ela acariciou freneticamente seus ombros. Beijou sua omoplata e as costas. Enlaçou seus braços ao redor de sua cintura e se aninhou a seu lado.

— Te amo, ela sussurrou, e deslizou sua palma até seu coração, sentindo seus rápidos batimentos do coração. Deslizou seus dedos, sobre sua calça para tocar a pele sedosa perto de seu umbigo. Imediatamente foi recompensada com a ponta de seu sexo saltando contra sua mão, e sentiu alívio porque ele ainda a desejava! — Me deixe te amar, meu lorde. Ela ofegou, seu coração pulsando frenético. — Eu te mostrarei isso.

De repente Ceidre foi separada violentamente dele e lançada para trás, contra a parede. Tropeçou mas não caiu. Ele estava enfurecido.

— Guarda seus truques de prostituta para os granjeiros, ele disse rouco e então se foi.



Capítulo 55

A prostituta tinha tentado seduzi—lo novamente.

O que ela pensava, que ele era um imbecil?

Rolfe, cheio de fúria, caminhou inquieto em seu quarto. Esteve enfurecido desde o jantar, nada apagava as chamas dentro dele. Odiava como seu corpo tinha respondido a essa mulher relaxada. Disse a si mesmo que tinha respondido como qualquer homem responderia a qualquer mulher, feia ou bela. Talvez devesse ter deixado que ela executasse seus truques e ver até onde chegava com sua idéia de provar que "o amava"! Talvez devesse tomá—la e penetrá—la até que ela não pudesse caminhar!

— Virá à cama, meu lorde? Alice ofegou.

Ele olhou sua esposa com desdém. Entendeu seu tom rouco. Ela queria sexo. Bem, não seria nenhum problema, porque seu membro estava ereto por sua raiva. Rolfe se despiu metodicamente. Subiu à cama e a colocou debaixo dele, empalando—a imediatamente.

Alice ofegou com sua penetração.

Rolfe investiu continuamente, fechando os olhos, imaginando que era Ceidre debaixo dele, gritando como sua esposa estava fazendo. Afundou mais profundamente, com mais força, querendo machucá—la! Alice soluçou e se debateu, arranhando seu peito. Ele agarrou suas mãos e se enterrou até mais nela. A mulher debaixo dele estremeceu grosseiramente em seu orgasmo.

Ceidre não viu Rolfe novamente, e dois dias depois de sua visita cheia de ódio, ele partiu com seus homens. Ela o observou partir pela estreita janela, a dor em seu coração tão vívida e agonizante como sempre. Ele era tão bonito sentado em seu grande cavalo cinza, seu rosto tenso como o primeiro dia que o tinha visto em Kesop. Era difícil de acreditar que esse homem era o mesmo amante que a tinha tomado na horta, que jogava com ela na escuridão do estábulo. Ele tinha aprendido a rir e a amar, ela pensou com tristeza, e agora tinha aprendido a odiar com o mesmo ardor.

Mary era a única vinha ao seu quarto, trazendo pão, queijo, e cerveja, uma vez pela manhã e uma vez ao entardecer. Davam mínimas quantidades de água, e ainda não tinha usado a vela para pôr à prova a generosidade de seu captor — como ela suspeitou, não trariam outra vela. Seu urinol era trocado a cada dois dias. Era—lhe negado um banho, dizendo que se ela queria se lavar deveria usar a água que recebia para beber. Então Ceidre estava suja, e não se importava.

Mary tinha uma boa relação com Alice, e Ceidre sabia disso. Aparentemente o normando sabia disso também, e por essa razão a tinha escolhido para que a atendesse. Mary era uma fofoqueira, não era maliciosa, só faladora, embora Ceidre suspeitasse que Alice a provia com as informações que dava.

Mary estava contente ao lhe contar como o normando mantinha Alice acordada todas as noites fazendo amor, até que rogava — cheia de alegria — por clemência. Deus! Ele a odiava, e Ceidre sabia que ia com outras mulheres. Ela escondia sua dor cuidadosamente segura de que Mary seria questionada por Alice a respeito de sua reação.

Ceidre se inteirou que o normando partiu para fortalecer uma posição na fronteira com Gales. Ele estaria fora pelo menos uma semana, talvez duas, construindo uma fortaleza no meio do deserto estéril. Quando Beltain se recuperasse, ela foi informada, receberia essa pequena fortaleza. Também lhe contaram que seu esposo, Guy, havia voltado pouco depois que o normando se foi.

Os dias passavam. A monotonia a princípio era aliviada revivendo cada momento desde que Rolfe entrou em sua vida, aquele dia de junho em Kesop. Isso se mostrou muito doloroso, e Ceidre tentou deter essas lembranças, mas era impossível. Não havia nada mais que fazer exceto olhar as quatro paredes. Preocupava—se também por seus irmãos, sabendo que cada dia que passava a rebelião que eles estavam planejando se aproximava. Rezava para que eles sobrevivessem uma vez mais. Sabia que não devia se dar ao trabalho de contar os dias, embora o fizesse, dizendo a si mesma que não estava marcando o tempo para seu retorno.

Uma semana depois que o normando partiu, ela se deu conta que sua menstruação estava atrasada. Não era só isso, seus peitos estavam doloridos e amanhecia incômoda pelas manhãs. Existia uma boa possibilidade de que estivesse grávida, pois Ceidre era regular desde que tinha treze anos. Sabia que estava esperando um filho do normando.

Era um presente de Deus.

Abraçou seu ventre e chorou com agradecimento, nesse momento ela tinha uma parte dele onde derrubar seu amor, uma parte dele que cresceria para ser forte e orgulhoso como seu pai era, ou, uma mulher benta com as melhores características de ambos os pais. Amava a esse ser minúsculo crescendo dentro de seu corpo, amava—o com toda a paixão que tinha dado a Rolfe, e ainda mais, porque tinha sido concebido com amor. Todas as suas emoções se concentraram nesse novo bebê, e alimentada por essa notícia,

Ceidre serenou. Estava segura que o bebê tinha sido concebido em sua noite de núpcias, seis semanas atrás. O fato que foi concebido na primeira noite mágica em que esteve com Rolfe a enchia de prazer.

A comida, embora monótona, era suficiente mantê—los. Rogou a Mary que lhe trouxesse mais, mas a criada lhe tinha medo a sua ama.

— Não posso Ceidre, ela lamentou. Serei açoitada se o fizer!

Ceidre sabia que tinha que conseguir mais comida pelo bebê.

— Mary, por favor!

Mary sentia pânico.

— Não posso! Conhece Lady Alice! Ela virou para partir.

— Espera! Ceidre a chamou desesperada. Mary reticente fez uma pausa. — Mary. Ceidre vacilou. Então de repente ela decidiu que mais comida era a prioridade, o bebê era a prioridade. Alice, eventualmente saberia de sua gravidez quando fosse visível, então que diferença faria se ela descobrisse agora?

— Mary, estou grávida, precisa me trazer mais comida!

Os olhos de Mary arregalaram, sua boca caiu aberta, e logo exclamou que não era nenhuma surpresa que Ceidre estivesse florescendo como uma rosa apesar da prisão. A criada concordou com os desejos de Ceidre, e prometeu que ela receberia pão e queijo extra e suficiente água para tomar banho duas vezes por semana.

Não foi uma surpresa quando um dia depois dessa confissão, Alice aparecesse. Estava lívida. O quarto estava às escuras porque a única luz do sol entrava pela janela estreita. Ceidre se sentou, esteve dormindo a sesta e embora estivesse preparada, seu corpo ficou rígido pela tensão.

Alice a olhou fixamente.

— Mary diz que fica mais bonita a cada dia, e eu não acreditei! Disse—lhe que não é possível, ela assegura que é verdade! Então essa cadela me disse que está grávida. É certo? Ela exigiu.

Ceidre foi invadida por uma onda de piedade por Alice, pois seus ciúmes e sua malícia eram tão evidentes, fazendo—a parecer vingativa e infeliz.

— Estou grávida Alice, ela disse com calma e sorrindo.

— O bebê é do Guy! Alice gritou, avermelhando completamente.

Ceidre sorriu novamente.

— É filho do normando.

— Não! Está mentindo novamente! Quer me enganar, e enganar a ele?

Ceidre estava incrivelmente tranqüila, pois a verdade era a verdade, e Alice não poderia mudar isso.

— Não, Guy nunca me tocou. Rolfe é o pai. OH, teremos um menino loiro e belo!

Alice estava respirando rapidamente, olhando—a incrédula. A fúria deformou suas feições.

— Bruxa! Ela gritou. Eu deveria ter sua semente, maldição, não pode ter seu bebê! Não pode!

Alice se moveu muito rapidamente, Ceidre, letárgica como todas as tardes, não pôde reagir. As mãos de Alice se fecharam ao redor de seu pescoço. Instintivamente Ceidre lutou para se livrar, Alice tinha a força de uma mulher enlouquecida, mas Ceidre que era maior e mais forte se soltou do aperto de Alice, tossindo. Viu o golpe vindo, Alice a golpeou na cabeça com a fonte de barro com água. Milhares de estrelas estalaram, mas Ceidre lutou por seu bebê, em meio à escuridão. Uma vertigem a assaltou. Alice estava arrastando—a pelo braço através do quarto, para fora. Ceidre sacudiu a cabeça, tentando recuperar a visão enquanto Alice a arrastava até o quarto principal. Ouviu que Mary exclamava com surpresa.

Sua visão clareou e Alice a forçou a se sentar. Ceidre estava no parapeito da janela aberta, e Alice a empurrou com força.

As mãos de Ceidre sustentando seu peso se escorregaram, e ela viu os três andares até o chão, cairia se Alice tivesse êxito em jogá—la pela janela. Ouviu Mary gritando. Ainda estava vendo algumas estrelas. Alice a empurrou pelas nádegas com toda a força de sua loucura.

Sua mandíbula golpeava com o parapeito de pedra enquanto era empurrada. Suas mãos arranhavam as paredes dentro da janela, lutando para manter—se firme. Não havia nada para agarrar que não fosse a pedra lisa, e seu peito passou pela beirada, o chão se revelava abaixo. Alice gritou.

Grandes mãos puxaram seu cabelo, empurrando—a para dentro do quarto.

— Não! Alice gritava. — Não! Não! Não! Deixe—me matar a bruxa! Deixe—me! Ela uivou.

Houve gritos e golpes. Alice parou de gritar. Ceidre viu que Beltain a golpeou na bochecha. Athelstan sustentava Alice enquanto ela se arqueava e se retorcia. Ceidre virou seu olhar para seu marido.

— Obrigado, ela sussurrou. OH, obrigado!

— Está segura agora, Guy disse, acalmando—a e abraçando—a.

Ceidre começou a tremer, seu rosto enterrado em seu pescoço.



— Ela... ela tentou... jogar—me pela janela! Contou com um soluço desenfreado.

— Estará bem agora, Ceidre. Ainda a segurando, Guy falou com Beltain.

— Ela enlouqueceu. Deveria ser trancada acima até que Lorde Rolfe retorne e diga o que fazer.

— Trarei o carpinteiro para vedar a janela. Acho que deveríamos trancá—la aqui. Colocarei um guarda dentro para ter certeza que não se machuque.

— Não estou louca, Alice disse entre dentes. Estou perfeitamente sã! Odeio tudo isto!

Beltain e Guy se olharam incômodos. Athelstan a observou com piedade.

— Ela estará bem? Beltain perguntou para Guy.

— Sim. Com seu braço ao redor de seus ombros, Guy caminhou pelo quarto.

— Vem, Ceidre, deve se deitar. Mary, traga vinho agora.

A criada, cujos gritos alertaram aos homens, correu para obedecer.

Ceidre se inclinou contra Guy, tremendo. Alice tinha tentado matá—la. Seu bebê quase tinha morrido. Afundou—se sobre a manta, agarrando a mão de seu marido.

Guy se ajoelhou ao lado dela.

— Está bem agora, ele a acalmou. Lamento muito ter que te trazer aqui depois de semelhante sofrimento, mas nada mudou.

— OH, Guy. Ceidre ofegou. Ela quase matou meu bebê!

Guy ficou congelado.

Ceidre começou a chorar.

Guy se sentou a seu lado e suavemente a abraçou.

— Está grávida, Ceidre?

Ela sacudiu a cabeça, seus olhos violeta úmidos, incapaz de falar.

— Ele sabe disso?

Ela negou com a cabeça, logo agarrou seu braço.

— Prometa—me que não dirá!

— Ceidre, ele protestou.

— Promete! Guy, eu o amo! Ela implorou. Eu o amo e ele me odeia. Direi tudo quando for o momento certo, por favor! Não posso manter escondido para sempre, você sabe!

— Ele poderia pensar que é meu, Guy disse pensativo.

— Não, eu contei como eram as coisas entre nós, ela disse com calma. Ele estava muito orgulhoso, e, por um tempo, penso que ele queria... um pouco. Ele não é um homem que goste de compartilhar.

— Não, não é. Guy disse. Tem suficiente para comer? Ceidre! Deveria lhe dizer isto imediatamente para melhorar suas condições!

— Tenho mais que suficiente por agora. Mary me está trazendo rações extras.

Guy subitamente a estudou.

— Possivelmente, ele disse, ganhou um pouco de peso, seu cabelo tem um brilho incomum, assim como sua pele. Seus peitos estão mais cheios. Vou me certificar que a cozinheira saiba que deve mandar porções extras.

— Não diga a ele, Ceidre insistiu novamente. Ela se ruborizou. Sei que me odeia, mas não quero sua gratidão por isso. Não sei o que quero, mas isso não.

— É tola, Ceidre. Rolfe não é um homem para amar a uma mulher, e é um homem duro com idéias rígidas sobre o dever e a lealdade. Ele não te perdoará por sua traição. Sei bem.

— Também sei, ela disse, embora no fundo de seu coração esperasse seu perdão.

— É duplamente tolo não dizer que será pai. Claro que... —Guy ficou de pé. Não quero ser cruel, mas ele já tem muitos bastardos.

— Não me surpreende, Ceidre disse com uma tranquilidade que não sentia. Não tinha considerado isso.

— Onde... onde estão eles?

— Três na Normandia, um em Anjou, e dois em Sussex, acredito. Eles estão com suas mães, é obvio. No total seis filhos, Guy adicionou.

Seis filhos. Ceidre quase riu histérica. Então lhe daria um sétimo! Deus Santo! Ela sufocou em um soluço.

— Sinto muito, Guy disse, mas esses são os fatos. Ele te tratará com cortesia por lhe dar outro bastardo, mas não espere nada mais.



Capítulo 56

— Iremos no último dia de setembro.

Ambos, Morcar e Hereward protestaram essa declaração serena de Edwin.

— É muito cedo, Morcar disse. Duas semanas.

— Meus homens ainda estão se recuperando do ataque de Cavlidockk, Hereward concordou. Ele era baixo e magro, alguns anos mais velho que ambos os irmãos.

Eles estavam afastados do acampamento, quase fora do círculo da luz do fogo, falando em voz baixa por medo dos espiões.

— Quantos homens pode reunir? Edwin perguntou.

— Duas dúzias.

— Bem, Edwin disse, sorrindo pela primeira vez. Porque eu tenho três dúzias. Vamos superar em número Warenne. Ele perdeu uma dúzia de seus melhores homens em Cavlidockk, graças a Ceidre.

— Deseja pegá-lo de surpresa? Hereward perguntou.

— Sim. Temo esperar mais tempo por causa dos espiões. Ninguém pode ser confiante nestes dias. E ele ainda tem que substituir os homens perdidos. Nós somos mais fortes agora, e é momento de atacar.

— Atacaremos Aelfgar, então, meu lorde, não York? Alvin falou pela primeira vez. Ele estava ligeiramente afastado, muito mais enfiado nas sombras.

— Aelfgar. O tom de Edwin era duro. É tão forte como York agora que ele reconstruiu as fortificações. Tomaremos Aelfgar, de lá poderemos repelir os ataques de William e eventualmente ele terá concordar com a paz.

— Mas se estiver tão bem fortalecido, como tomará? Hereward perguntou.

— De surpresa e com a ajuda da traição. Uma das criadas abrirá uma porta secreta, localizada no muro para a fuga dos habitantes da fortaleza em caso de um assédio. Edwin olhou Morcar, e sorriu ligeiramente. Sua sedução com as moças tem provado ser muito útil. Podemos contar com Beth?

Morcar sorriu.

— Absolutamente.

— No dia trinta então, Ed declarou, e com isso, deu a volta para observar a noite sem estrelas.

Morcar se aproximou quando Alvejar e Hereward voltaram com os outros ao acampamento.

— Ed? Estou preocupado com as notícias que Hereward trouxe de Ceidre. Que ela foi presa por espionagem em York, e que foi enviada a Aelfgar sob a custódia de Warene. Preocupa—me sua segurança.

— Ela está segura, Edwin disse. Ela não foi condenada a morte, mas a prisão perpétua. Se não fosse esposa de Guy O Chante, teria sido pendurada, não tenho dúvida.

— Tenho medo por ela devido à ira do normando.

— Tomaremos Aelfgar e não precisará se preocupar mais, Edwin disse.

Rolfe se inteirou da tentativa de assassinato de Ceidre no momento em que retornou, antes de pôr um pé dentro do grande salão.

— Ela está ferida? Ele exigiu saber.

— Não, Guy disse.

— O que fizeram com Alice? Seu coração estava pulsando violento. Alice quase tinha conseguido lançar Ceidre pela janela para matá—la!

— A encerramos em seu quarto com um guarda, meu lorde, respondeu Guy. Ela está calma agora, mas realmente, apenas uma mulher louca pode fazer tal coisa. Eu a vi. Estava uivando como uma demente, gritando que queria matar Ceidre. Beltain e Athelstan viram isso também.

Rolfe deixou Guy e caminhou para as escadas, controlando seu temperamento com grande dificuldade. Alice tinha chegado muito longe. Não toleraria mais isso. No alto das escadas fez uma pausa e olhou para a porta atrás da qual Ceidre estava encarcerada. Passou—se um mês desde que a tinha visto, e desejava tirar a tranca e entrar, para se assegurar de que Guy havia dito a verdade, que ela estava sã e salva. Que ela estava viva. Lutou consigo mesmo e triunfou. Virou para seu próprio quarto, entrou, e despediu o guarda.

Alice estava de pé, com as mãos apertadas, e os olhos muito abertos.



— É tudo mentira, ela disse com voz rouca. Foi uma mera briga. Não pretendia empurrá—la para matá—la. Juro.

— Está deixando Aelfgar amanhã, Rolfe disse implacável. Leve tudo o que deseja, com você.

— Onde me está mandando? Alice gritou.

— Está indo para a França, minha lady, Rolfe disse frio. Ao Convento das irmãs de Saint John.

— E... por quanto tempo? Ela ofegou.

— Ficaré no convento para que possa se arrepender de suas ações, se assim o desejar. —Se não... ele encolheu os ombros. Lá, pelo menos, não poderá machucar sua irmã, ou a qualquer outra pessoa.

— Por quanto tempo?

— Até que seja velha e grisalha, minha lady, Rolfe disse.

— Não pode falar sério! Alice gritou. Não pode fazer isso!

— Não? Posso fazê—lo. Não será a primeira esposa a ser exilada em um convento religioso. Foi advertida, mas falhou em tomar seriamente minhas palavras. Se fosse um de meus homens já teria despedido faz tempo. Prepara o que necessitar Alice, para uma longa estadia.

Rolfe caminhava em seu quarto. Tinha despachado Alice, sob vigilância a outro quarto, pois não queria vê—la novamente. Ainda estava zangado, furioso com ela por tentar assassinar Ceidre. Essa realidade o fez enfurecer—se consigo mesmo. Ainda tinha algum tipo de sentimento por essa prostituta traidora.

Ela estava tão perto, atrás da porta do outro lado do corredor. Ele fez uma pausa em sua caminhada e a imaginou adormecida na manta. A odiava com cada fibra de seu ser. Não importava que Alice quase a assassinasse, disse a si mesmo, só importava que Alice o tivesse desafiado e quase tinha matado uma prisioneira do rei, que estava sob sua responsabilidade. Sua frustração e sua ira aumentaram.

Precisava de uma mulher. Não tinha tido uma no último mês, apenas sua própria esposa, com quem se deitou antes de partir para as fronteiras. Todos os seus homens tinham sofrido o celibato, pois não havia na aldeia nenhuma moça acessível. Pensou em Ceidre, só do outro lado do corredor. Poderia deitar—se com ela facilmente.

A odiava e não iria. Mas, por que não?

Ela era uma puta. Ele a desejava. Ela tinha sido sua amante. Ela agora era sua prisioneira. Não poderia se negar, e se fizesse, ele a tomaria de qualquer maneira.

Excitou—se mais pensando nisso e acreditou que poderia estalar. Caminhou com longos passos até sua porta, soltou a tranca, e a abriu.

Ceidre estava dormindo. A imagem dela deteve seus passos. Por um momento sua resolução vacilou, e então, com fúria renovada, Rolfe foi para seu lado. Alcançou—a e a sacudiu.

— Acorda, disse com um grunhido.

Ela piscou despertando com confusão. Rolfe se agachou, tomando seu queixo na mão, empurrando seu rosto perto do dele.

— Está acordada, bruxa?

Ela ofegou em reconhecimento.

— Bem. Ele sorriu e ficou de pé, suas mãos já baixavam sua calça para liberar seu membro erguido. Ceidre ofegou novamente, seus olhos aumentaram. — Preciso de uma prostituta, Rolfe disse friamente. —Abra—se para mim.

Ceidre não se moveu.

Ele a empurrou e agarrou suas coxas para separá—las. Desprevenida ela enlaçou seus braços ferozmente ao redor seu pescoço.

— Tome, meu lorde, ela ofegou. Nunca negarei a você.

Suas palavras, sua aceitação, seu choro o inflamaram.

— Não pode se negar, puta, ele replicou, já ficando em cima dela. Ele a penetrou e ela gemeu. Diferente da noite que ele a tinha violado no dia de seu casamento, Ceidre estava seca e apertada e ele sabia que a machucava. Disse a si mesmo que não se importava. Mas ficou congelado, incapaz de continuar tomando—a cruelmente.

Ceidre acariciou os cachos de sua nuca meigamente, beijando sua mandíbula.

— Seus truques de prostituta não funcionarão, ele gritou, penetrando—a selvagem. Ceidre encontrou sua investida fervorosa, ofegando agora com prazer — ele conhecia esse som muito bem. Não queria que ela tivesse prazer. Só queria usá—la. Rolfe tinha a intenção de derramar sua semente rapidamente, tão rapidamente como fosse possível. No passado, ele tinha tido que lutar consigo mesmo para não terminar, querendo lhe dar êxtase; agora agradeceu sua excitação insuportável, e a respirou. Recordou a si mesmo todas as mentiras que ela havia dito, todos os esforços de sua traição, e a emboscada que resultou na perda de uma dúzia homens. Ela provavelmente tinha mentido a respeito de Guy também, provavelmente tinha compartilhado sua cama muitas vezes. Depois de tudo por que não ia ser espiã em outras camas? Rolfe alcançou o orgasmo violentamente.

Ficou de pé, sorrindo friamente, ajustando sua calça. Podia ver que tinha negado o prazer a ela.

— De agora em diante não será apenas minha prisioneira, ele disse, seu olhar se atrasou em seu sexo úmido e exposto. Ela não tentou se cobrir. Será minha puta, quando sentir necessidade, tomarei.

Em seus olhos violeta ele viu lágrimas.

— Nunca terei ódio de você meu lorde, ela sussurrou.

— Então eu te odiarei o suficiente pelos dois, ele declarou, virou abruptamente e saiu.

Quatro dias mais tarde.

Rolfe estudou cautelosamente o bosque. Estava a seis quilômetros da aldeia, perto de uma grande árvore caída que servia para cruzar o riacho como ponte. Esse era definitivamente o lugar para o encontro.

Estava montado em seu cavalo cinza, e estava sozinho. Pelo menos, parecia estar sozinho. Na verdade, seus homens estavam escondidos no bosque, não muito longe, no caso que isso fosse uma armadilha. Sua mão apoiada ligeiramente sobre o punho de sua espada.

Ouviu—o antes de vê—lo. Olhando através do rio, Rolfe observou o cavaleiro aparecer entre as árvores até que freou seu cavalo na beira rochosa do riacho. Rolfe e o cavaleiro desmontaram, movendo—se para a árvore caída. Rolfe saltou sobre o tronco e caminhou cuidadosamente até o meio, como fez o outro homem. Ao redor deles o riacho soava suficientemente alto para impedir que suas palavras fossem ouvidas se alguém tentasse escutar.

— Aelfgar será atacado. Haverá cinco dúzias de homens. A criada Beth os deixará passar pela porta secreta no muro. Edwin, Morcar e Hereward entrarão.

— Quando?

— No dia trinta.

— Fez bem, Rolfe disse. Se disse a verdade, como William te prometeu, sua recompensa será o feudo de Lindley em Sussex.

— OH, digo a verdade, Alvin disse.



Capítulo 57

O acampamento saxão estava localizado em um vale escondido, a vinte quilômetros de Aelfgar.

Era 29 de setembro. A noite estava negra e sem lua, prometendo uma manhã cinza e nublada. O acampamento estava completamente em silêncio. Não havia conversações sussurradas. Nenhum fogo aceso. Poucos estavam dormindo na noite anterior à batalha.

— Até o tempo nos favorece, Morcar disse em voz baixa.

Edwin não disse nada. Os irmãos estavam sentados sobre um tronco.

— Ganharemos, Morcar disse, logo suprimindo de sua voz a excitação. Teremos em devolução o que é nosso! Posso sentir isso em meu corpo!

Ed sorriu ligeiramente.

— Beth sabe o que deve fazer, Morcar sussurrou. Pouco antes do amanhecer ela abrirá a porta. Comigo à frente, ninguém saberá o que está acontecendo! Penso que estaremos dentro da fortaleza antes que alguém de o alarme.

O ombro de Edwin tocou o de seu irmão, logo o apertou firmemente.

— Desta vez, ele disse, parece que os deuses nos favorecerão.

Ceidre estava esperando.

Rolfe não veio a ela novamente, não desde a noite em que ele a tinha usado cruel e friamente, mas cada noite Ceidre esperava. Se ele ainda a desejava, existia uma oportunidade para eles, uma oportunidade muito escassa, na verdade, mas ela alegremente se aferraria a ela. Em seus braços demonstraria o que sentia por ele, demonstraria que estava arrependida de sua traição, demonstraria quanto o amava.

Ser tratada como uma prostituta era uma dor insuportável, mas de algum modo agradeceu o castigo, pois merecia. Na verdade, embora ele a odiasse, ela ainda o amava, e estando em seus braços não podia ser um castigo, sem importar quão cruel Rolfe tentasse ser.

Sabia que deveria odiá-lo. Pois amar a alguém que a odiava era algo completamente desesperador. Mas não podia achar nenhuma maneira de negar o que sentia. Se somente ele viesse a ela outra vez.

Algo andava mal essa noite. Já era muito tarde. Ceidre estava tensa em sua vigília, pois a fortaleza estava em silêncio, e ela pressentiu que algo mal iria acontecer, algo estava ocorrendo. Ceidre abraçou seus joelhos, olhando fixamente a porta. Rolfe, onde está? Vem para mim!

Quando Rolfe entrou de repente, aproximando-se dela com passos largos e rápidos, Ceidre sentiu medo e alegria ao mesmo tempo. Seu rosto estava fechado, seus olhos como gelo. E se ela falhasse? E se ele viesse buscar alívio sexual e a machucasse e ela não pudesse derreter o gelo de seu coração? Ela já estava ficando de pé e tremendo.

— Meu lorde, ela conseguiu dizer. Estou encantada que tenha vindo.

Algo brilhava em seu olhar.

— Pensa que me importa? Ele riu, puxando-a contra ele. Estou aborrecido, puta. Mostre-me alguns novos truques.

As lágrimas vieram a seus olhos.

— Que tipo prefere?

— Qualquer tipo, ele replicou.

Ceidre baixou suas pestanas para conter as lágrimas, sabendo que era uma idiota, que nunca penetraria seu ódio para dispersá-lo. Nunca. Mas, como desistir de sonhar?

Rolfe fez um som, de desgosto, e retorceu sua mão levando-a para baixo até que sua palma cobriu seu membro. Já estava ereto. Ela o acariciou cegamente, desesperadamente. Não podia continuar assim, mas não tinha rezado para ter a oportunidade de estar juntos? Por que seu coração tinha que se sentir como se estivesse quebrado? Deveria ser forte e determinada. E então, sentiu como ele estava caindo sob seu poder, sob seu feitiço, ouviu-o articular um pequeno som e olhou para cima. Seus olhos estavam fechados, seu rosto tenso pela estimulação.

— Rolfe — ela sussurrou.

Ele a ouviu, ela viu algo indefinível cruzar a expressão de seu rosto, mas ele não abriu os olhos. Ela se inclinou contra a parede e levantou uma coxa para enlaçá-lo ao redor da cintura. Ele não necessitou nenhum fôlego, logo estava se afundando nela. Para

sua surpresa, ele a beijou ferozmente, era a primeira vez que fazia desde o descobrimento de sua deslealdade. Com um grito Ceidre o beijou em resposta, reivindicando sua boca enquanto ele possuía a sua. Amava—o. Amava—o tanto.

— Rolfe — ela gritou quando seu orgasmo chegou. — Rolfe, Rolfe!

Ele se afastou um pouco e a olhou, e ela viu algo em seus olhos, algo que não tinha nada a ver com o ódio e a raiva. Ele de repente a levantou em seus braços e a deitou na cama. O coração de Ceidre se apertou.

— Quero ver seu corpo, bruxa — ele disse.

— O que acontece? Ela disse preocupada, sua intuição entrou em jogo. Algo estava acontecendo, algo estava ocorrendo! Rolfe a ignorou, tirando o vestido. Por um momento ele só olhou seus peitos e seu ventre. — O que acontece? Havia medo em seu tom.

Rolfe não respondeu, seus olhos estavam em seus seios inchados. Ceidre congelou. Ele pode adivinhar, ela pensou, que estou grávida. Ele não a tinha despido nem visto seu corpo nu em seis semanas, desde Cavlidockk.

Rolfe gemeu e procurou seu mamilo com a ânsia de um bebê. Ceidre relaxou. Logo ele a estava penetrando, lentamente dessa vez.

A paixão ardente a envolveu em um clímax.

Ele já não era seu guardião, seu torturante, mas seu amante. Ele não tinha terminado e se movia continuamente dentro dela. Novamente o clímax, e finalmente, com um gemido rouco, ele se derramou dentro dela.

Ceidre o segurou, acariciando suas costas.

Havia lágrimas em seus olhos. Ele a amava como se Cavlidockk nunca tivesse acontecido.

Rolfe rolou de cima dela e se deitou de costas, uma mão cobrindo seus olhos enquanto ofegava.

Ceidre o estudou abertamente, seu coração estava perto de estalar com esperança e alegria. Suas esperanças começaram a se desintegrar quando ele se levantou sem olhá-la. No curso de sua paixão ele tirou a roupa. Agora se vestia rapidamente, sem lhe lançar um olhar.

— Meu lorde? Ceidre tentou.

Quando ele virou para ela, tinha uma expressão dura e cínica, uma expressão que ela nunca mais esperava ver. Seus olhos estavam estreitos com desdém. Ceidre sentiu sua esperança desmoronar.

— Meu lorde? Seu tom balbuciante.



— Se tiver algo para dizer, ele disse frio, fala de uma vez.

Ele ainda a odiava. Nunca a perdoaria, as palavras de Guy ecoaram em sua mente — — “Ele tem idéias rígidas sobre o dever e a lealdade. Nunca te perdoará a traição, Ceidre”. E Guy não havia dito que ele não era o tipo de homem capaz de amar a uma mulher? Era uma idiota por amá-lo, uma idiota ingênua! Ceidre engoliu em seco.

— Algo está acontecendo? Por que tudo está tão silencioso?

Seu sorriso foi feio.

— Pensa em me trair novamente? — e riu — Acredita que porque compartilho a cama também compartilho segredos militares? Pode pensar isso novamente?!

Lágrimas nublaram sua vista quando ele partiu pela porta. Seu coração pulsou pesado, doloroso. Ela apenas o ouviu quando ele fez uma pausa.

— Não pense em deixar este quarto, sem importar o que acontecer, ele disse.

Ceidre estava chorando, seu rosto virado, e não entendeu o que ele dizia. E não captou o resto de suas palavras, quando ele adicionou em voz baixa.

— Estará segura, Ceidre.

Ceidre só estava consciente da agonia de seu coração, e o irônico de ter seu coração quebrado pela segunda vez.



Capítulo 58

Na margem do bosque, os saxões fizeram uma pausa. Tinham que circundar o fosso e chegar ao muro com a porta escondida. Embora fossem mais de cinquenta homens, misturavam—se com facilidade nas sombras do bosque, movendo—se sem fazer ruído. Era o momento da noite antes de amanhecer. Morcar agachou perto de Edwin.

— É momento de proceder, Edwin afirmou.

Morcar sorriu com excitação. Ele virou para seu irmão e lhe deu um abraço forte e comprido. Quando Edwin o soltou, Morcar sorriu.

— Vamos, ele sussurrou. Onde está Alvin?

— Aqui, veio uma voz, e Alvin saiu de entre os arbustos.

Edwin bateu nas costas de ambos.

— Deus os acompanhe, ele sussurrou.

Morcar agarrou sua mão.

— Pela vitória, ele disse, e se foi, correndo com Alvin seguindo—o na negritude da noite.

No fosso Alvin esperou, dando a Morcar a ponta da ponte de corda. Morcar entrou na água, sorriu e se afundou no frio glacial, então nadou até a outra borda. Quando a alcançou Morcar amarrou a ponta da corda no muro. Em minutos vinte homens cruzaram, enquanto o resto esperava sua vez.

Quando a metade dos homens se reuniu no muro da fortaleza, o céu estava se iluminando. Morcar juntou seus homens ao redor dele.

— Onde está Alvin? Ele perguntou, procurando seu segundo em comando.

Ninguém sabia onde ele estava, e Morcar sentiu duas coisas: preocupação que algo lhe tivesse acontecido e um medo indefinível. Não podia esperar. Deviam estar dentro dos muros antes do amanhecer.

— Vamos, ele disse, levantando sua espada.

A porta estava aberta, e Morcar sorriu brevemente, planejando agradecer a Beth... na cama. Atravessou a porta com seus homens o seguindo. Deu quatro passos quando viu um reflexo de aço, mas já era muito tarde.

Virou para encontrar o ataque com sua espada levantada, quando sentiu uma lâmina perfurando seu lado. Houve um rugido ensurdecido ao redor dele, os normandos se materializaram das sombras, rodeando seus homens. Sentiu sua própria espada cortando carne enquanto sua mente pensava. Fomos traídos.

Edwin estava no meio da batalha no pátio interno. Seu coração estava doente pelo desastre que o rodeava. Os saxões estavam mortos por todos os lados, uma dúzia ainda lutava, como ele fazia. Sabia que tinham sido traídos.

Enterrou sua espada no coração de seu oponente, só para sentir uma espada entrar por seu quadril. Girando, enfrentou esse novo ataque. Imediatamente reconheceu seu inimigo, que também o reconheceu. Era o marido de Ceidre, Guy O Chante.

Edwin o enfrentou furiosamente, com determinação e habilidade. Guy — como ele — estava coberto de sangue. Suas espadas se chocaram. Guy estava cansado, Edwin o viu ferido e sangrando no ombro. Outra espada interveio e o forçou a trocar o lado da briga. Edwin não vacilou e cravou sua espada.

Fez uma pausa, ofegando, observando como Guy se afundava para o chão com um gemido. Edwin soube que tinham perdido. Choraria mais tarde. Não via nenhum sinal de seu irmão. Sabia que devia escapar — enquanto permanecia vivo, existiria a esperança de outra rebelião, a esperança de vitória. Embora também estivesse a passos da fortaleza e de sua irmã, que estava dentro.

Seria um idiota se tentasse liberá—la. Seu dever era com Aelfgar.

Rolfe fez uma pausa, ofegando, com a espada em sua mão. Gotejava sangue. Ele estava são e salvo. A batalha não estava terminada, ele pensou, inspecionando o pátio severamente. Seus homens estavam no controle da situação, empurrando os últimos saxões contra o muro. Os rebeldes estavam mortos, alguns de seus próprios homens estavam entre os cadáveres. Mas a primeira vista viu que tinha sofrido muito poucas perdas. Não havia alegria. Estava muito metido na batalha, ainda muito alerta e tenso.

Onde estavam os líderes, Edwin e Morcar?

Incapaz de se deter, seu olhar vagou para cima, em direção ao quarto da torre onde Ceidre estava. Ela, é obvio, estava segura, pois nenhum saxão tinha penetrado na fortaleza. Ele pensou que podia discernir sua forma na estreita janela, e determinado desviou seu olhar. Então começou uma busca exaustiva dos líderes rebeldes.

Seu olhar esquadrinhando todos os cantos, ignorando os mortos e os poucos soldados ainda em combate. Então, como um pêndulo, seu olhar foi para onde estava Guy.

Rolfe gritou.

Guy estava imóvel, e sua cota de malha estava vermelha pelo sangue.

Rolfe correu para ele e se ajoelhou.

— Guy! Guy! E antes que suas mãos tomassem seu rosto, soube que estava morto.

Segurou o rosto de seu melhor amigo, piscando as lágrimas quentes em seus olhos.

— Guy, ele repetiu. Aahhh. Rolfe vacilou, e repentinamente o empurrou contra seu peito. Mas resistiu a maldita necessidade de chorar.

— Amigo, ele disse com voz rouca. Deus te tenha na glória agora.

Ceidre ficou perto de estreita janela, observando horrorizada. Os que seguiam lutando estavam do outro lado da torre, e ela apenas podia ver o final da batalha e alguns corpos mortos no chão. Mas tinha visto Rolfe antes, esgrimindo sua espada fatalmente. Ele decapitou um saxão com um só golpe, e então girou para encontrar outro saxão e facilmente derrubou esse novo oponente para finalmente cravar a espada em seu coração. Ceidre observava porque tinha medo, medo por seus irmãos, que estavam lá fora em algum lugar, e medo por Rolfe.

Quando ela viu saxões surgindo atrás dele quando ele estava combatendo, ela gritou em advertência. Duvidou que ele a ouvisse. Quando Rolfe matou seu atacante, Ceidre chorou de alívio.

Rolfe já não estava à vista, abaixo alguns homens seguiam lutando.

Sua porta foi aberta; Ceidre girou.

— Edwin!

Ele estava sangrando e mancando, a espada banhada em sangue em sua mão, mas estava vivo.

— Devemos ir, vem comigo! Ele gritou.

Ela, que sempre tinha obedecido seu irmão sem questioná-lo, vacilou. Sua mente estava carregada com um só pensamento: Rolfe.

— Vem, ele gritou, agarrando seu braço.

Edwin era a autoridade, o normando a odiava, e ela não podia decidir. Então foi com seu irmão. Juntos se detiveram nas escadas. O salão estava vazio, mas lá fora se ouviam os gritos dos homens, os gemidos de dor, e os choques de espadas.

Edwin segurava sua mão. Não havia tempo para conversar, nem sequer perguntar se estava muito ferido. Ele a apressou para o pátio interno. Os homens estavam mortos ou morrendo ao redor deles. De repente ficou congelada diante de uma porta aberta, uma porta que Ceidre não sabia que existia. Ela estava assustada e seu sangue se acelerou com a primitiva necessidade de escapar. Não entendeu por que Edwin se detinha.

— Vai, ele de repente gritou, empurrando—a. Eu te seguirei. Vai, foge com os homens para o bosque. Vai!

— Por que espera? Ela gritou do outro lado.

— Vai! Merda! Ed gritou. VAI!

Ela tentou olhar por cima de seu ombro, mas Edwin já tinha desaparecido.

Edwin caiu de joelhos ao lado do corpo imóvel de seu irmão. Seu coração se deteve, assim como sua mente. Não havia outro pensamento mais que rogar a Deus. Carinhosamente o rolou de costas.

Morcar gemeu.

— Deus! Ed gritou com alívio. E então ele viu uma corrente de sangue saindo do tórax de seu irmão, e, como um louco, agarrou ambas as bordas da ferida para reprimir o fluxo.

— Ed. Morcar disse fraco.

— Não fale, Ed gritou. Guarde suas forças!

— Não pode. Morcar ofegou.

Furioso, Ed pôs toda força em suas mãos enquanto apertava com elas o tórax de Morcar.

— Estará bem, ele disse, ofegando. Não morrerá!

Morcar abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu. Sufocou—se com a corrente de seu próprio sangue.

Colocou mais esforço em deter o fluxo.

— Traídos, Morcar disse, e por um momento, seus olhos azuis brilharam. Fomos traídos, Ed, ele sussurrou rouco.

Edwin começou a protestar, a dizer para seu irmão que não falasse, quando encontrou seu olhar fixo e cego. Vazio quando um momento atrás ardia com intensidade. Morto.



— Deus, não! Edwin gritou ao céu e logo levantou seu irmão em seus braços soluçando.

Sabia que devia fugir ou seria capturado. Apesar de sua dor insuportável não podia achar a vontade de deixar Morcar. Tentou olhar o rosto amado através de suas lágrimas quentes. Morcar verdadeiramente era tão belo. OH, Deus, Edwin pensou, uma dor insuportável machucando seu coração... Morcar tinha sido ferido momentos depois de que corajosamente tinha levado seus homens a um lugar onde os esperava o inimigo.

Traição.

As lágrimas de Edwin se detiveram com essa compreensão e com o conhecimento que o resto de sua vida estaria dedicado a achar o homem responsável pela morte de seu irmão.

Levantou—se com Morcar em seus braços. Não podia deixá—lo, da mesma maneira que não poderia ter deixado Ceidre. Deu um passo, quando a fria voz de Rolfe de Warenne o deteve em seco.

— Quietos, o normando ordenou com sua espada levantada. É meu prisioneiro.

Edwin olhou fixamente o frio olhar azul de seu pior inimigo.

Então olhou os normandos rodeando—o enquanto empurrava seu irmão morto contra seu peito. Seus braços se apertaram protetores ao redor de Morcar, e lutou com o renovado desejo de chorar. Estava terminado. Perdido. Aelfgar estava perdido. Tudo tinha terminado.



Capítulo 59

— **P**ode vir minha lady? A mulher anciã pediu ansiosamente.

Ceidre fechou sua capa mais firmemente ao redor de seu corpo. Era o princípio de janeiro, e ali em Gales, na pequena aldeia de Llefewellyn, tinha nevado a noite anterior. Ceidre apenas entendia a língua nativa dos aldeãos, mas com essa frase estava familiarizada. Uma vez que suas habilidades com o manejo de ervas e para curar, tinham sido reveladas, ela tinha recebido muitos pedidos como esse.

— Claro, ela disse com calma.

A mulher, grisalha e magra, olhou a bela saxã e se perguntou, por que essa tristeza nunca deixava seus olhos. Era uma lástima, todos eles concordavam que, alguém tão linda sofresse eternamente. Eles sabiam pouco de sua história, só que Hereward a havia trazido aqui e a tinha deixado na cabana de seu primo, um primo falecido há muito tempo, então tinha partido novamente para lutar suas guerras intermináveis.

Ela estava grávida, seu ventre e seus peitos claramente avultados. Olhava a todos eles de forma temerosa e cautelosa, mas com o tempo tinha demonstrado ser boa e gentil. Hereward era uma espécie de herói para os aldeãos, então sua mulher, esperando seu bebê, foi bem recebida, apesar do defeito em seu olho. Talvez, os aldeãos pensassem que se seu homem voltasse para casa em algum tempo a tristeza dela cessaria.

Ceidre caminhou com a mulher para sua cabana e atendeu seu marido, aflito por uma tosse crônica. Ela aceitou pão fresco e um pouco de carne defumada em troca de seus serviços, logo começou a marcha para sua casa.

Casa. Um nó se formou em sua garganta quando tinha visto a cabana minúscula que agora ela chamava de lar. Fechou sua capa mais firmemente sobre seus peitos doloridos pelo sétimo mês de gravidez. Algum dia voltaria a ver sua casa novamente?

Sabia que não.

Ela tinha descoberto através de Hereward na noite posterior a batalha o que tinha acontecido: Morcar estava morto. E Edwin tinha sido capturado. Alvin era o traidor. Tinha chorado a morte de Morcar, seu belo irmão de olhos azuis, Morcar, o valente. A vida era

tão injusta, levando o melhor que oferecia. Mais tarde, mais notícias chegaram, que Edwin tinha sido levado para York, sua sentença era de prisão perpétua. Seria transferido para Londres quando William e suas tropas deixassem Westminster depois do Natal. Pelo menos ainda estava vivo.

Rolfe tinha recebido de volta o feudo de York.

Ceidre se perguntou se o veria novamente.

Ela sabia que nunca poderia voltar. Pois voltar significava desistir de sua liberdade, compartilhar o mesmo destino que o encarceramento do irmão por toda a vida. Só um idiota aceitaria isso, mas havia momentos em que sentia saudades de Rolfe e estava pronta para partir e retornar a Aelfgar, e aceitar seu confinamento só para estar com ele.

Rolfe a odiava. Se a amasse, nada o teria mantido afastado. Nunca a tinha amado. Como Guy havia dito, ele não era um homem que podia amar uma mulher, e nunca a amaria depois de sua deslealdade. Então ela não ia voltar, nunca ia voltar para sua casa.

Um dia, quando ela fosse velha, e seu filho fosse adulto, ela o mandaria com Rolfe, como um presente, como a prova de seu amor perpétuo.

Rolfe freou o cavalo na colina que dava para Llefewellyn, olhando para as cabanas dispersas. Fumaça se elevava de seus tetos, o céu estava cinza, prometendo chuva ou neve. Seu coração estava pulsando muito pesado e mal podia respirar.

Tinha procurado Ceidre por meses.

E agora, finalmente, a tinha achado.

Pouco depois que Aelfgar esteve seguro, ele foi ao seu quarto. Sua prioridade era ter certeza que ela estava sã e salva. Mas acima de tudo, ele precisava estar com ela. Nunca a tinha necessitado tanto como nesse momento. Só Ceidre poderia ajudar a aliviar a dor da perda de Guy.

A surpresa de ver que ela se foi o esmagou.

Tinha saído da fortaleza, gritando por ela, mas Ceidre já não estava à vista. Finalmente o prisioneiro friamente tinha informado de sua fuga. Rolfe e Edwin se olharam fixamente, Rolfe estava tão enfurecido que não podia falar. Então pensou em como a tinha tratado, como uma prostituta, e soube que não podia culpá-la por ir. Seus ombros afundaram. Ela se foi. Ela provavelmente o odiava.

Suas palavras voltaram para ele, atormentando—o. "Te amo" ela havia dito. Era verdade? Havia alguma possibilidade que pudesse ser verdade, depois do modo em que ele a tinha maltratado? Soube nesse momento, que necessitava desesperadamente não só seu

corpo, mas também seu amor, que não poderia viver sem isso. Então se perguntou se a amava.

Era uma pergunta chocante. A resposta era evasiva.

Nunca tinha pensado no amor como outra coisa que um eufemismo para nomear a luxúria, uma palavra para os fracos e os tolos. Ele não era débil, não era idiota, entretanto não podia viver sem ela. Se isso era amor, que assim fosse.

Sua determinação se converteu em obsessão. Ela era dele. Ele a queria de volta, e a acharia, e nunca a deixaria partir novamente. Não a manteria como prisioneira, embora — de fato ela seria isso. A manteria tão feliz e satisfeita que ela não pensaria em deixá-lo. Sabia que podia fazer isso e ele era um homem que fazia o que se determinava a fazer. Mas primeiro, tinha que achá-la e convencê-la a voltar, pois ele não a forçaria. Imploraria perdão. Ele, que nunca tinha implorado diante de ninguém.

A acharia como tinha achado os rebeldes, paciente e metodicamente, tinha instalado uma rede de espiões até que obteve uma mensagem para Hereward O Rebelde, compreensivelmente ele estava reticente em ter uma reunião, mas Rolfe ofereceu paz nas fronteiras do norte. Hereward aceitou. Então estava o problema de conseguir que ele revelasse o paradeiro de Ceidre.

— Quer que volte como uma prisioneira, normando, ou como sua amante? Hereward perguntou de repente.

— Ela é minha, Rolfe disse. Será bem tratada, não tema por isso. Sim, ela ainda é prisioneira de William, mas eu me ocuparei de que não falte a ela nenhuma comodidade. Seu olhar brilhou. Nada me deterá para encontrá-la.

Eles tinham feito um pacto. Rolfe liberou um dos melhores homens de Hereward, a quem tinha capturado durante a batalha por Aelfgar, e Hereward havia dito onde estava Ceidre.

Rolfe indicou a seus homens que esperassem por ele ali na colina, e esporeou seu cavalo cinza até o caminho sinuoso. Viu-a imediatamente quando ela cruzava o caminho diante dele. Ceidre estava indo na mesma direção que ele cavalgava, de costas para ele, seu cabelo preso em uma trança grossa, brilhava como fogo. Rolfe apenas podia se controlar; ele queria elevá-la em seus braços e beijá-la. Mas somente moveu seu cavalo em um passo mais rápido e surgiu por detrás dela.

Ceidre olhou distraidamente por sobre o ombro para ver quem estava passando e ficou rígida. Não podia ser!

— Minha lady, Rolfe disse educadamente, poderia falar uma palavra com você? Era uma pergunta, não uma demanda.

Ceidre o olhou fixamente, sua mão foi ao seu coração, perguntando se ia desmaiar. OH, ele estava aqui, sentado como um rei em seu garanhão, devastadoramente bonito, dourado e pagão. Piscou suas súbitas lágrimas.

— Minha lady? Ele perguntou agitado. Seu olhar deslizando para seu ventre e seus peitos inchados, depois de volta a seus olhos.

— Você... ela engoliu em seco, veio me levar como prisioneira, meu lorde? As lágrimas nublaram sua vista.

Rolfe desceu de seu cavalo, segurando as rédeas desajeitadamente. Eu sou o prisioneiro, ele disse sério. Seu olhar encontrando o dela. Você capturou meu coração, Ceidre.

Ceidre o olhou fixamente com as mãos apertadas firmemente.

— O que diz?

— Te quero de volta, ele disse rouco. Rolfe olhou seu ventre novamente.

— Ceidre... espera meu filho!

— De quem mais? Ela balbuciou, meio sorrindo, meio chorando.

— Meu filho. Ele engoliu em seco. Tomou uma respiração profunda. A emoção e a alegria competiam com a ansiedade, o medo e a necessidade. Não te forcerei a voltar. Ceidre... pode me perdoar? Pode me perdoar e retornar a Aelfgar comigo?

— Está—me pedindo perdão? Ela ofegou.

Rolfe deslizou sobre um joelho.

— Sim.

Ceidre não podia acreditar nisso, era um sonho. Ele estava aqui, ajoelhado diante dela, pedindo perdão.

— Não há nada que perdoar, meu lorde, ela disse com calma, lágrimas de alegria caindo por suas bochechas.

Rolfe se levantou.

— Sua generosidade sempre me subjugou, ele disse com a voz rouca.

Ela tocou seu rosto.

— Eu te amo.

Rolfe fechou seus olhos, um som escapou de sua boca, e lentamente a abraçou. A segurou firme por um longo tempo.

— Não posso viver sem você, ele disse finalmente contra seu ouvido. Não posso. Se isto é amor, então fui alcançado gravemente.

Ela se afastou de seu abraço para olhá—lo e viu lágrimas brilhando em seus olhos. Sabia que não devia falar delas, mas sorriu, pois sua própria vista estava nublada com lágrimas.

— Se souber amar, eu posso te ensinar, ela sussurrou.

Ele sorriu trêmulo.

— É uma boa professora, poderia me ensinar. Ceidre —seu tom era baixo — me ensina a amar. Ensina—me agora.

Ela tomou seu rosto em suas mãos e o beijou, com todo o amor que sentia. O beijo se tornou profundo e frenético. Quando ele a empurrou contra sua ereção ela riu.

— Esse é um sinal de meu amor, ele disse, beijando—a novamente.

Caminharam de mãos dadas até a cabana. Dentro, Rolfe imediatamente a abraçou, procurando sua boca com seus lábios quentes. Ceidre se agarrou a ele Não podia agüentar estar separada dele um minuto mais.

Ele a deitou sobre a cama e a despiu, passando sua mão reverentemente por seu rosto, seu pescoço, seus peitos, e seus quadris. Acariciou seu ventre volumoso.

— É tão bonita, Ceidre, disse. Uma beleza não só na carne. Ele a olhou. Também na alma.

— Que coisa mais maravilhosa para dizer, ela sussurrou.

— Leva meu filho, ele murmurou, sua mão explorando os contornos de seu estomago. Então ele se corrigiu, nosso filho.

Ceidre riu.

Rolfe se inclinou e beijou um peito, logo seu umbigo e seu ventre. Ceidre ofegou quando ele beijou o triângulo de pêlo entre suas coxas.

— O que está fazendo, meu lorde?

— Rolfe, ele corrigiu. Abriu suas coxas e a beijou novamente, essa vez sua língua enterrando—se profundamente nela. Ceidre ofegou. Amo—te, ele disse.

Ceidre sorriu ligeiramente. Ele aprenderia, já estava aprendendo. Então seu sorriso de repente se debilitou, porque abaixou sua cabeça para lambar seu sexo. Ceidre entrou em um violento clímax, e quando ela esteve satisfeita, Rolfe a olhou.

— Nunca querará me deixar, ele sussurrou em seu ouvido, acariciando—a continuamente.

— Nunca quis te deixar, disse francamente, e então não houve mais palavras, só carícias, beijos, e seus corpos fundidos e investindo ritmicamente até que o mundo estalou em êxtase.

— Voltará comigo? Ele perguntou, muitas horas mais tarde.

Ceidre estava preparando um guisado, e se voltou. Viu a ansiedade em seu olhar, e seu coração saltou por esse homem forte e orgulhoso que estava aprendendo a pedir.

— Sim. Eu o amo, Rolfe.

Ele sorriu com prazer genuíno e foi para ela, envolvendo—a em um abraço.

— Preciso do seu amor, querida, Rolfe disse. Não posso viver sem isso.

Ceidre girou para enfrentá—lo.

— Isto significa que me perdoa por Cavlidockk?

— Sim, ele disse. É uma patriota, como eu.

— Devemos falar, Rolfe disse firme tomando sua mão, guiou—a para a mesa. Sinto muito, ele disse lentamente, que eu seja normando e você seja saxã. Ainda assim, me ama?

Ela ouviu a pergunta. O tranquilizaria para sempre.

— Sim.

Rolfe sorriu ligeiramente, logo continuou.

— Sinto muito que Morcar esteja morto, verdadeiramente sinto. Seu outro irmão está preso. Pelo menos está vivo. Pode me aceitar como o legítimo lorde de Aelfgar, Ceidre?

— Sim. Seu tom era triste e jovial ao mesmo tempo.

— Há coisas que nós não podemos controlar, que eu não posso controlar. Lamentarei eternamente a morte de Morcar, e lamento por Ed. Mas eu te amo Rolfe, e nunca te trairei novamente.

—Sei. Ele vacilou. Ceidre há algo que deve saber. Quando voltar, ainda será prisioneira do rei. Não posso mudar isso. Posso tentar conversar com William, e farei, mas ele não perdoa uma traição muito rapidamente, e a verdade é que duvido que ele vá anular sua sentença. Se voltar... — ele tomou uma respiração —... estará de volta sob minha custódia.

— Entendo, ela disse neutra.

— Nunca te machucarei, ele disse impetuoso. Te protegerei com minha vida. Ninguém vai te separar de mim, juro. Nunca permitirei isso. Tem meu amparo até que eu morra. Entende isso?

— Sim. Ceidre tomou uma respiração. Vou voltar para casa com você Rolfe. E embora não tivesse dito isto, faria. Não posso viver sem você.



Rolfe sorriu, tomando sua mão.

— Eu gostaria de poder me casar você, de repente Rolfe disse.

Essas palavras simples significavam mais para ela que algo que ele pudesse dizer. Ela olhou o chão, não queria chorar. Alice ainda estava em um convento na França.

— Sinto—me elogiada, ela disse com calma.

— Sabe que não pode ser, ele disse, levantando seu queixo para que ela pudesse olhá—lo aos olhos.

— Sei.

— Mas em meu coração, ele disse, é minha esposa.

Nenhuma palavra poderia fazê—la se sentir mais feliz.

— Alice nunca foi minha esposa em meu coração, ele disse. Sabe o homem que sou. E agora é minha esposa em meu coração: sempre terá meu amparo, minha lealdade, minha fidelidade, e... ele vacilou, e então avermelhou.

Ceidre estava chorando de felicidade. Ela agarrou sua mão.

— É só uma palavra, ela respirou suavemente. São só palavras. Um homem como você não pode ter medo de umas poucas palavras? Ela provocou suas lágrimas.

Rolfe sorriu ligeiramente.

— Também tem meu amor. Estamos casados em nossos corações e, espero, ante os olhos de Deus.

Ceidre deixou sua cadeira para sentar—se em seu colo, abraçando—o. Ele encostou sua cabeça sobre o peito. Beijou—a, acariciando seu cabelo.

— Alegrementemente aceito suas palavras, meu lorde, ela sussurrou, e ele a apertou contra seu peito novamente.



Epílogo

Em 24 de dezembro de 1072, Alice se enfocou em seu quarto no Convento das irmãs de St. John.

Em 24 de dezembro de 1073, Ceidre se casou com Rolfe de Warenne. O matrimônio teve lugar em York. Edwin foi liberado temporariamente para entregar a noiva. Seus três filhos, dois meninos e uma menina, assistiram à cerimônia, como fez o rei William. A noiva estava radiante, e o noivo sorridente e orgulhoso. Todos concordaram que nunca tinha existido um casal mais apaixonado. O presente de casamento do rei foi a suspensão da sentença da prisão perpétua de Ceidre; e ele foi designado padrinho da menina.

O rei William entregou Edwin sob a custódia de Rolfe. Também aceitou o compromisso de sua filha viúva, Isolda, com Edwin. Eles se casariam na primavera seguinte, e Edwin imediatamente reconheceu a filha de dois anos de idade de Isolda como sua. Havia rumores que ela o tinha visitado em sua prisão de Westminster em 1070.

FIM



Sobre a autora

Brenda Joyce é autora de trinta e quatro bestsellers. Aos dezesseis anos escreveu sua primeira história curta e tinha vinte e cinco quando acabou sua primeira novela, que publicou pouco depois.

É autora da série Deadly, muito aclamada pela crítica, que se situa a finais de século em Nova Iorque e recria o personagem da detetive amadora Francesca Cahill. Existem mais de doze milhões de cópias impressas de suas novelas e foram publicadas em mais de uma dúzia de países estrangeiros. Natural de Nova Iorque, vive atualmente no sul do Arizona com seu marido, filho, cães, gato e numerosos cavalos árabes. Brenda divide seu tempo entre suas duas grandes paixões: escrever histórias de amor e mostrar seus adoráveis cavalos.





Dinastia Warenne

- 1-The Conqueror - O Conquistador*
- 2- Promise of the Rose - A Promessa da Rosa*
- 3 -The Game - O Jogo*
- 4- The Prize - O Prêmio*
- 5- The Masquerade*
- 6- The Stolen Bride - A Noiva Roubada*
- 7 - A Lady at Last*
- 8- The Perfect Bride - A Noiva Perfeita*
- 9- A Dangerous Love - Um Amor Perigoso*
- 10 -The Promise - A Promessa*
- 11- An Impossible Attraction - Uma atração impossível*
- 12- House of Dreams - Casa dos Sonhos*

GRH

Grupo de Romances Históricos

